De Orbe Novo, Volume 1 (de 2) - As Oito Décadas de Pedro Mártir D'Anghera

Trans. por Francis Augustus MacNutt

Título: De Orbe Novo, Volume 1 (de 2)
As Oito Décadas de Pedro Mártir D'Anghera

Autor: Trans. por Francis Augustus MacNutt

Data de lançamento: 24 de maio de 2004 [Ebook nº 12425]

Língua inglesa

Codificação do conjunto de caracteres: ASCII

Produzido por Ted Garvin, Lesley Halamek e PG Distributed Proofreaders

DE ORBE NOVO

As Oito Décadas de Pedro Mártir D'Anghera

Traduzido do latim com notas e introdução

Por Francis Augustus MacNutt

Em Dois Volumes

Volume um

1912

CONTEÚDO

ILUSTRAÇÕES

DE ORBE NOVO

INTRODUÇÃO

EU

Distantes a poucos quilômetros da extremidade sul do Lago Maggiore, as alturas coroadas por castelos de Anghera e Arona se confrontam em lados opostos do lago, separadas por um estreito trecho de água azul. Embora com o nome do antigo burgo, foi em Arona[1], onde também a sua família possuía uma propriedade, que Pietro Martire d'Anghera viu a luz pela primeira vez, no ano de 1457[2]. Ele não hesitava em lembrar a seus amigos a nobreza de sua família, cuja origem ele traçava com confiança até os Condes de Anghera, uma dinastia um tanto fabulosa, cujas glórias de dominação mítica no norte da Itália são preservadas em lendas locais e não permaneceram inteiramente despercebido pela história sóbria. O nome que sua família tinha é desconhecido; a afirmação de que era um ramo do Sereni, originalmente feita por Celso Rosini e repetida por escritores posteriores, é desprovida de fundamento. Laços de parentesco, que parecem ter unido seus antepassados imediatos com a ilustre família de Trivulzio e possivelmente também com a de Borromeo, forneceram-lhe uma justificativa mais sólida para algum orgulho de ancestralidade do que os gestos mais remotos dos apócrifos Condes de Anghera.]

[Nota 1: Ranke, em seu _Zur Kritik neuerer Geschichtsschreiber_, e Rawdon Brown, em seu _Calendário de Documentos do Estado relativos à Inglaterra, preservados nos Arquivos de Veneza_, mencionam Anghera, ou Anghiera, como o nome também está escrito, como seu local de nascimento . Mais cedo

Escritores italianos como Piccinelli (_Ateneo de' Letterati Milanesi_) e Giammatteo Toscano (_Peplus Ital_) talvez sejam os responsáveis por esse erro, cujas passagens do _Opus Epistolarum_, que inexplicavelmente escaparam de sua atenção, expõem. Em carta endereçada a Fajardo ocorre a seguinte declaração explícita: "...cum me utero mater gestaret sic volente patre, Aronam, ubi plaeraque illis erant praedia domusque ... ibi me mater dederat orbi_." As cartas 388, 630 e 794 contêm afirmações igualmente positivas.]

[Nota 2: Mazzuchelli (_Gli Scrittori d'Italia_, p. 773) afirma que Pedro Mártir nasceu em 1455 e foi seguido pelo florentino Tiraboschi (_Storia della Letteratura Italiana_, vol. vii.) e historiadores posteriores, incluindo até Hermann Schumacher em sua obra magistral, _Petrus Martyr der Geschichtsschreiber des Weltmeeres_. Nicolai Antonio (_Bibliotheca Hispana nova_, app. to vol. ii) é o único a dar a data como 1559. Ciampi, entre as autoridades italianas modernas (_Le Fonti Storiche del Rinascimento_) e Heidenheimer (_Petrus Martyr Anglerius und sein Opus Epistolarum_) depois de investigar cuidadosamente os dados conflitantes, mostram pelos próprios escritos de Peter Martyr que ele nasceu em 2 de fevereiro de 1457. Três passagens diferentes estão de acordo neste ponto . Em Ep. 627, escrito em 1518 e referindo-se à sua embaixada ao sultão do Egito sobre a qual partiu no outono de 1501, ocorre o seguinte: ..._quatuor et quadraginta tunc annos agebam, octo decem superadditi vires illas hebetarunt_. Novamente no ep. 1497: _Ego extra annum ad habitis tuis litteris quadragesimum_; e finalmente na dedicação da Oitava Década a Clemente VII.: _Septuagesimus quippe annus aetatis, cui nonae quartae Februarii anni millesimi quingentesimi vigesimi sexti proxima ruentis dabunt initium, sua mihi spongea memoriam ita confrigando delevit, ut vix e calamo sit lapsa periodus, quando quid egerimsi quis interrogaverit, nescire me profitebor. De Orbe Novo_., p. 567. Ed. Paris, 1587. Apesar da elucidação deste ponto, é digno de nota que o Prof. Paul Gaffarel tanto em sua admirável tradução francesa do _Opus Epistolarum_ (1897) quanto em suas _Lettres de Pierre Martyr d'Anghiera_ (1885) ainda deve citar a cronologia de Mazzuchelli e Tiraboschi.]

[Nota 3: Os Visconti, e depois deles os Sforza, receberam o título de Conte d'Anghera, ou Anghiera, como o nome também é escrito. Lodovico il Moro restaurou ao local o posto de cidade, que havia perdido e do qual foi novamente privado quando Lodovico foi para o cativeiro.]

O culto do dominicano de Verona, assassinado pelos valdenses em 1252 e posteriormente canonizado com o título de São Pedro Mártir, era fervoroso e difundido na Lombardia no século XV. Milan possuía seus ossos, sepultados em uma capela de Sant'Eustorgio decorada por Michelozzi. Sob o patrocínio e nome de Pedro Mártir, o filho de Anghera foi batizado e, desde que seu nome de família caiu no esquecimento, _Mártir_ o substituiu. A menção de seus parentes é rara em seus volumosos escritos, embora haja evidências de que ele promoveu a carreira de dois irmãos mais novos quando a oportunidade se ofereceu. Para Giorgio solicitou e obteve de Lodovico Sforza, em 1487, o importante cargo de governador de Monza. Para Giambattista, obteve dos soberanos espanhóis uma recomendação que lhe permitiu entrar ao serviço da República de Veneza, sob cujo estandarte fez campanha com Nicola Orsini, Conde de Pitigliano. Giambattista morreu em Brescia em 1516, deixando uma esposa e quatro

filhas. Um sobrinho, Gian Antonio, cujo nome aparece em várias cartas do tio, é descrito por este como _licet ex transverso natus_; serviu sob o comando de Gian Giacomo Trivulzio e, finalmente, apesar de seu bar sinistro, casou-se com uma filha de Francesco, da ilustre família milanesa de Pepoli.[4]

[Nota 4: O testamento de Pedro Mártir deu a seu único irmão sobrevivente, Giorgio, sua parte nos bens da família, mas com a condição de que ele recebesse a filha de Giambattista, Laura, em sua família e a sustentasse: _emponiendola en todas las buenas costumbres y crianza que hija de tal padre merece_ (_Coll. de Documentos ineditos para la Hist, de Espana_, tom. xxxix., pp. 397). Outra das filhas de Giambattista, Lucrezia, que era freira, recebeu cem ducados por testamento do tio.]

Sobre seus primeiros anos e sua educação, Peter Martyr é silencioso, nem menciona em qualquer lugar sob a direção de quem iniciou seus estudos. Na educação considerada necessária a jovens da sua qualidade, encontravam igual lugar os exercícios de cavalaria e as recreações do trovador, e tal foi sem dúvida a formação que recebeu. Ele passou alguns anos na corte ducal de Milão, mas não há indicação de que frequentou as escolas de helenistas famosos como Francesco Filelfo que, em 1471, estava lá dando palestras sobre a Política de Aristóteles, e de Constantino Lascaris, a quem o duque reinante , Galeazzo Maria Sforza, encarregado de compilar uma gramática grega para uso de sua filha. Anos mais tarde, quando encontrou seu principal deleite e maior distinção nas relações com homens de letras, Peter Martyr dificilmente teria negligenciado a menção de tais preciosas associações iniciais, se elas tivessem existido.

A fortuna da família de Anghera era o inverso da opulência naquele período de sua história, e os filhos obtiveram carreiras sob o patrocínio do conde Giovanni Borromeo. Os tempos eram difíceis na Lombardia. O assassinato, em 1476, de Gian Galeazzo foi seguido de comoções e inquietações pouco propícias ao cultivo das humanidades, e que provocaram um êxodo de humanistas e seus discípulos. Muitos buscaram refúgio da turbulência que reinava no norte, na atmosfera mais pacífica de Roma, onde se formou uma numerosa colônia de lombardos. No ano seguinte, Pedro Mártir, então com vinte anos de idade, juntou-se a seus compatriotas em seu agradável exílio. Sua posição e qualidades pessoais, bem como a proteção que lhe foi concedida por Giovanni Arcimboldo, arcebispo de Milão, e Ascanio Sforza, irmão do duque Lodovico il Moro, garantiram-lhe uma recepção cordial. Para um jovem desprovido de pretensões de cultura humanística, penetrou com singular facilidade e rapidez no mais íntimo círculo acadêmico, sobre o qual reinava o mais amável dos pagãos modernos, Pomponius Laetus.

Era a era das Academias. Durante o Concílio Ecumênico de Florença, Giovanni de' Medici, entusiasmado com o estudo da filosofia platônica, brilhantemente exposta pelo erudito grego Gemisto, concebeu o plano de promover o renascimento do aprendizado clássico pela formação de uma academia, em imitação daquela fundada pelo imortal Platão. Sob tão elevado patrocínio, esta genial concepção, tão inteiramente em consonância com as tendências intelectuais da época, atraiu para seu apoio todos os florentinos que aspiravam a uma reputação de cultura, numa época em que a cultura estava na moda. O cardeal grego, Bessarion, a quem Eugene IV. elevado à púrpura no encerramento do Concílio, levou a novidade mediciana a Roma, onde formou um círculo notável, no qual estava representada a flor da cultura helênica e latina.

Além desse grupo, caracterizado por uma tintura teológica alheia ao espírito neopagão em revolta levianamente disfarçada contra o dogma e a moral cristã, Pomponius Laetus e Platina fundaram a Academia Romana - instituição destinada à celebridade mundial. Pomponius Laetus, um bastardo não reconhecido da nobre casa de Sanseverini, era professor de eloqüência em Roma. Grande entre os humanistas, nele o próprio espírito da antiga Hellas parecia revivido. O que para muitos era apenas a moda passageira ou a moda da hora, era para ele o mais importante e absorvente propósito de viver. Ele viveu distante na pobreza; evitando as antecâmaras e mesas dos grandes, ele e almas afins comungavam com seus discípulos nas sombras de seu bosque de louros clássicos. Ele era indiferente tanto ao favor principesco quanto ao popular, consagrando apaixonadamente seus esforços para o renascimento e preservação dos clássicos que haviam sobrevivido à era destrutiva conhecida como Idade das Trevas. Negado um nome próprio, ele adotou um latino ao seu gosto, assim, por necessidade, estabelecendo uma moda, seus imitadores seguiram a afetação. Quando abordado nos dias de sua fama pelos Sanseverini com propostas de reconhecê-lo como parente, ele respondeu com uma recusa orgulhosa e lacônica.[5] A Academia, formada por super-homens infectados com ideais pagãos, desdenhosos do aprendizado escolástico e impacientes com as restrições da moralidade cristã, não escapou por muito tempo das suspeitas dos ortodoxos; suspeitas muito bem justificadas e inevitavelmente produtivas de antagonismo que terminam em condenação.[6]

[Nota 5: Sua recusa foi na seguinte forma curta: _Pomponius Laetus cognatis et propinquis suis, salutem. Quod petitis fieri non potest.--Valete_. Consultar Tiraboschi, _Storia della Letteratura Italiana_, vol. vii., cap. v.; Gregorovius, _Geschichte der Stadt Rom em Mittelalter_; Burkhardt, _Die Kultur der Renaissance in Italien_, e Voigt em seu _Wiederlebung des Klassischen Alterthums_.]

[Nota 6: Sabellicus, em uma carta a Antonio Morosini (_Liber Epistolarum_, xi., p. 459) escreveu assim sobre Pomponius Laetus: ..._fuit ab initio contemptor religionis, sed ingravesciente aetate coepit res ipsa, ut mibi dicitur curae esse . In Crispo et Livio reposint quaedam; et si nemo religiosius timidiusques tractavit veterum scripta ... Graeca ... vix attingit_. Enquanto para um número restrito, o humanismo representava a emancipação intelectual, para muitos significava a rejeição das restrições morais à conduta impostas pela lei da Igreja,
e um renascimento dos vícios que floresceram nas épocas decadentes da Grécia e Roma.]

Das ninharias, como nos podem parecer a esta distância do tempo, o engenho hostil teceu a teia destinada a enredar os incautos Acadêmicos. A adoção de denominações latinas fantasiosas - em si uma presunção suficientemente inocente - foi interpretada como uma demonstração de revolta contra o uso cristão estabelecido, quase cheirando a desprezo pelos santos canonizados da Igreja.

Pomponius Laetus não tinha nome e, portanto, era livre para adotar qualquer nome que escolhesse; seus companheiros e discípulos admiradores prestavam-lhe a homenagem da imitação, orgulhosos de se associarem, por meio dessa fantasia pedante, a ele que chamavam de mestre. O florentino, Buonacorsi, adotou o nome de Callimachus Experiens; o romano, Marco, disfarçado de

Asclepíades; dois irmãos venezianos trocaram alegremente a honesta e vulgar Piscina pela assinatura de Marso, enquanto outro, Marino, adotou a de Glauco.

Se os neopagãos eram apenas inofensivos e brincalhões, seus oponentes eram perigosamente sérios. Em 1468, uma grave acusação de conspiração contra a vida do Papa e de organização de um cisma levou à prisão de Pomponius e Platina, alguns dos membros mais cautelosos da fraternidade comprometida salvando-se por fuga oportuna.

A prisão em Castel Sant 'Angelo e mesmo o uso de tortura - leve, sem dúvida - falhando em extrair confissões incriminatórias do acusado, ambos os prisioneiros foram libertados incondicionalmente. Se o papa sentiu um sério alarme, seus temores parecem ter sido facilmente dissipados, pois Pomponius teve permissão para retomar suas palestras públicas sem ser perturbado, mas a Academia Romana havia recebido um cheque, do qual não se recuperou durante o restante do pontificado de Paulo. II. Com a ascensão de Sixtus IV., A nuvem de desfavor que ainda pairava obscuramente sobre suas glórias foi levantada. Incentivada pelo Papa e frequentada por ilustres membros da Cúria, a sua época de grandeza amanheceu esplendorosa.

O ataque à Igreja pelos humanistas, que resultou na captura parcial do cristianismo latino, foi habilmente dirigido. Embora o renascimento do saber não tenha surgido em Roma, onde o movimento intelectual e o entusiasmo importados de Florença floresceram, mas de forma intermitente, de acordo com os vários humores dos sucessivos pontífices, a capital papal atraiu para dentro de suas paredes eminentes estudiosos de todos os estados da a península italiana. Roma era a cidade-mundo, um centro do qual irradiavam honras, distinções e fortuna. Dons de oratória, facilidade no debate, habilidade na condução de negociações diplomáticas, um estilo magistral na composição latina e até perfeição na caligrafia, eram todas realizações comercializáveis, pelas quais Roma era o maior lance. Se o aprendizado clássico e as graças da literatura receberam encorajamento intermitente dos soberanos pontífices, tanto os interesses seculares de seu governo quanto a defesa do ensino dogmático da Igreja proporcionaram o exercício mais proveitoso para os talentos que os céticos humanistas vendiam, tão prontamente quanto os condottieri. suas espadas – para o melhor pagador, independentemente de suas convicções pessoais. Conseqüentemente, surgiu em Roma um novo _ceto_ ou classe, igualmente distante dos nobres das tradições feudais e dos eclesiásticos da Cúria, mas misturando-se com ambos. O estilo literário e a arte da composição latina, diligentemente cultivados por esses brilhantes nômades intelectuais, deram um brilho indubitável à chancelaria romana, dando-lhe uma marca que nunca perdeu inteiramente. Eles travaram batalhas e obtiveram vitórias por uma ortodoxia que eles ridicularizaram. Eles defenderam as temporalidades da Igreja das invasões de príncipes gananciosos. Sua influência na moral era francamente pagã. Expatriados e emancipados de todas as leis, exceto aquelas ditadas por seus próprios gostos e inclinações, esses homens eram genialmente rebeldes contra as restrições e disciplinas impostas pela lei evangélica. Das virtudes franciscanas de castidade, pobreza e obediência, pregadas pelo Pobrezinho de Assis, voltaram-se com aversão para louvar a trindade antípoda de luxúria, licenciosidade e luxo. O misticismo do cristianismo medieval repugnava ao seu materialismo, e o simbolismo de sua arte, expresso sob formas rígidas e sem graça, ofendia os olhos que ansiavam pela beleza das

linhas e pela beleza das cores. Eles ignoraram ou condenaram qualquer propósito ulterior da arte como meio de ensino de verdades espirituais. Para tais homens, uma sátira de Juvenal era mais preciosa do que uma epístola de São Paulo; dogma, eles demoliam com epigramas, a filosofia dos escolásticos era uma piada permanente e uma passagem de Platão ou Horácio superava as definições de um Concílio Ecumênico.

A tolerância estendida a esses estudiosos heterodoxos parece ter sido ilimitada - talvez em alguns casos não fosse isenta de desprezo, pois, embora eles satirizassem o clero de todos os graus, não poupando nem mesmo o próprio papa, seus escritos, mesmo quando não livre de grosseria positiva, foi permitida a circulação mais livre. Em tudo o que dizia respeito à conduta pessoal e moralidade, eles direcionaram seus esforços exclusivamente para assimilar os padrões clássicos dos períodos decadentes, ignorando as virtudes austeras de probidade cívica, autocontrole e frugalidade, que caracterizavam a melhor sociedade de
Grego e Roma em seu florescimento. Esses mesmos homens viviam em estreita intimidade com os príncipes da Igreja, de cuja generosidade eles prosperavam, e gradualmente muitos deles até entraram nas fileiras do clero, alguns com ordens menores e outros com ordens sagradas. Ao seu trabalho, o mundo deve a recuperação da literatura clássica da Grécia e de Roma do esquecimento, enquanto a invenção e a rápida adoção da imprensa tornaram esses preciosos textos para sempre indestrutíveis e acessíveis.

Neste mundo brilhante e dissoluto de atividade intelectual, Peter Mártir entrou, e por ela passou ileso, saindo com sua fé cristã intacta e sua ortodoxia imaculada. Ele reuniu o ouro do aprendizado clássico, rejeitando sua escória; sua moral era irrepreensível e a calúnia nunca afetou sua reputação. Respeitados, apreciados e, acima de tudo, amados por seus contemporâneos, seus escritos enriqueceram a herança intelectual da posteridade com tesouros inesgotáveis de informações originais sobre os grandes acontecimentos da época memorável que teve o privilégio de ilustrar.

Difundindo-se amplamente a cultura geral, as imitações pedantes da antiguidade aplaudidas pela geração precedente deixaram de conferir distinção. O latim ainda mantinha sua supremacia, mas a língua italiana, não mais considerada vulgar, estava ganhando cada vez mais espaço como veículo para a expressão do pensamento original. Se ele tivesse permanecido na Itália, o Mártir poderia muito bem tê-lo usado, mas sua mudança para a Espanha impôs o latim como a língua de suas volumosas composições.

Quatro anos depois de sua chegada a Roma, um nobre milanês, Bartolomeo Scandiano, que depois foi núncio na Espanha, convidou Pedro Mártir para passar os meses de verão em sua vila de Rieti, em companhia do bispo de Viterbo. Na décima quinta carta do _Opus Epistolarum_ recorda as impressões e recordações daquela memorável visita, nos seguintes termos: "Lembra-te, Scandiano, com que entusiasmo dedicávamos os nossos dias à composição poética? associação com os eruditos e em que grau a mente dos jovens é elevada na amável sociedade de
homens sérios: então, pela primeira vez, me aventurei a me considerar um homem e esperar que pudesse me tornar alguém." O verão de 1481 pode, portanto, ser considerado o marco de seu despertar intelectual e o nascimento de suas ambições definidas. Dotado pela natureza das

qualidades necessárias ao sucesso, a convivência íntima com homens de cultura eminente inspirou-o na determinação de imitá-los, e desse ideal ele nunca se desviou. Os seis anos restantes de sua vida em Roma foram dedicados à busca do conhecimento , e na arte de decifrar inscrições e a geografia dos antigos ele adquiriu proficiência singular.

Durante o pontificado de Inocêncio VIII, Francesco Negro, milanês

por nascimento, foi governador de Roma e dele Pedro Mártir serviu como secretário; um serviço que, por algum motivo, exigia vários meses de residência em Perugia. Suas relações com Ascanio Sforza, feito cardeal em 1484, continuaram estreitas, e em um período ele pode ter ocupado algum cargo na casa do cardeal ou na do cardeal Giovanni Arcimboldo, arcebispo de Milão, embora em nenhum lugar fique claro exatamente o que , enquanto algumas autoridades se inclinam a enumerá-lo apenas entre os cortesãos assíduos desses dignitários de sua nativa Lombardia.

A fama de sua erudição, entretanto, o elevara da posição de discípulo a um lugar entre os mestres do saber, e por sua vez ele viu reunir em torno de si um grupo de admiradores e aduladores. Além de Pomponius Laetus, seus íntimos desse período foram Teodoro de Pavia e Pedro Marso, o menos célebre dos irmãos venezianos.
Manteve-se na relação de preceptor ou mentor de Alonso Carillo, bispo de Pamplona, e de Jorge da Costa, arcebispo de Braga, duas personalidades de alto escalão, que não fizeram senão seguir a moda vigente que decretava a presença de um erudito humanista como apêndice indispensável nas casas dos grandes. Ele lia e comentava os clássicos para seus exaltados patronos, era o árbitro do gosto, seu amigo, o companheiro de seu lazer culto e seu confidente. Respondendo aos elogios de seus discípulos, expressos em linguagem extravagante, administrou uma repreensão branda, chamando-os à moderação na expressão de seus sentimentos: "Estas não são as lições que vocês receberam de mim quando lhes expliquei a sátira do divino Juvenal; ao contrário, você aprendeu que nada envergonha mais um homem livre do que a adulação."[7]

[Nota 7: Epist. x. _Non haec a me profecto, quam ambobus Juvenalis aliguando divinam illam, quae proxima est a secunda, satiram aperirem, sed adulatione nihil esse ingenuo foedius dedicistis_.]

O ano de 1486 foi marcado em Roma pela chegada de uma embaixada de Fernando e Isabel para fazer o habitual juramento de obediência em nome dos soberanos católicos de Castela e Leão ao seu senhor espiritual, o Papa. Inigo Lopez de Mendoza, Conde de Tendilla, filho da nobre casa de Mendoza, cujo cardeal foi denominado em toda a Europa _tertius rex_, foi o embaixador encarregado desta missão.[8] Tendilla brilhou em uma família em que o brilho intelectual era uma herança, as realizações de seus membros acrescentando distinção a uma casa de origem e descendência excepcionalmente ilustre. Quer na casa do seu compatriota, o Bispo de Pamplona, quer noutro local, o embaixador conheceu Pedro Mártir e evidentemente caiu no encanto do seu nobre carácter e dos seus talentos invulgares. Os deveres de sua embaixada, e possivelmente seu próprio prazer, detiveram Tendilla em Roma de 13 de setembro de 1486 até 29 de agosto do ano seguinte e, quando sua estada se aproximava do fim, ele convidou insistentemente o estudioso italiano a retornar com para a Espanha, um convite que nem os protestos nem as súplicas de seus amigos em Roma conseguiram persuadi-lo a recusar. Ninguém poderia introduzir um estrangeiro de

maneira mais vantajosa na Corte da Espanha do que Tendilla. Que perspectivas ele ofereceu ou que argumentos usou para induzir Mártir a deixar Roma e a Itália, não sabemos; aparentemente, pouca persuasão foi necessária. Um verdadeiro filho de seu tempo, Peter Martyr estava preparado para aceitar sua herança intelectual onde quer que a encontrasse. Da obscura vila parental de Arona, seus passos o levaram primeiro à corte ducal de Milão, que serviu como um trampolim a partir do qual ele avançou para o mundo mais amplo de Roma. A capital papal o conheceu primeiro como discípulo, depois como mestre, mas a dúvida se ele estava satisfeito em esperar favores pontifícios retardatários é certamente permissível. Ele fez amizades calorosas, desfrutou da intimidade dos grandes e da companhia agradável de espíritos afins, mas seus talentos não garantiram nenhum reconhecimento permanente ou lucrativo do Soberano Pontífice. O anúncio de sua resolução de acompanhar o embaixador na Espanha causou consternação entre seus amigos que se opuseram, com todos os argumentos que puderam reunir, a uma decisão que consideravam tanto ingratidão quanto julgamento indiferente. Nada adiantou para mudar a decisão que havia tomado e, como a cada uma respondia como julgava conveniente, e como cada resposta diferia da outra, não é fácil fixar o motivo particular que o levou a buscar fortuna na Espanha. .

[Nota 8: Do _Diarium_ de Burchard, 1483-1506, e do _Crônica_ de Pulgar ficamos sabendo que Antonio Geraldini e Juan de Medina, este depois Bispo de Astorga, acompanharam a embaixada.]

A Ascanio Sforza, que não poupou súplicas nem repreensões para detê-lo, assegurando-lhe que durante sua vida seus méritos não seriam reconhecidos, Mártir respondeu que o estado conturbado da Itália, que ele apreendeu iria piorar, o desencorajava; acrescentando que foi impelido por um desejo ardente de ver o mundo e conhecer outras terras. Para Peter Marsus, ele declarou que se sentia impelido a se juntar à cruzada contra os mouros. A Espanha foi a sede dessa guerra santa, e os soberanos católicos, que haviam realizado a unidade dos estados cristãos da Península Ibérica, foram liberais em suas ofertas de honras e recompensas a estrangeiros de distinção que procuravam atrair para sua corte e acampamento. A Espanha pode muito bem ter parecido um campo virgem e promissor, no qual seus talentos poderiam encontrar um reconhecimento mais generoso do que Roma lhes havia concedido. Ao chegar lá, ele não se mostrou um cortesão medíocre quando declarou à rainha que sua única razão para vir era contemplar a mulher mais célebre do mundo - ela mesma. Talvez a expressão mais sincera de seus sentimentos esteja contida em uma carta a Carillo. (Ep. 86. 1490): _Formosum est cuique, quod maxime placet: id si cum patria minime quis se sperat habiturum, tanta est hujusce rei vis, ut extra patriam quaeritet patria ipsius oblitus. Ego quam vos deservistis adivi quia quod mihi pulchrum suaveque videbatur in ea invenire speravi_. A inquietação divina, o _Wanderlust_ o havia dominado, e ao seu fascínio ele cedeu. A oportunidade oferecida por Tendilla era muito tentadora para ser resistida. Resumindo as advertências e censuras de seus vários amigos, ele declarou que se considerava merecedor mais da inveja do que da comiseração, pois entre os muitos eruditos da Itália ele se sentia obscuro e inútil, considerando-se de fato como _passerunculus inter accipitres, pygmeolus inter gigantes_.

Falhando em desviar seu amigo de seu propósito, o cardeal Ascanio Sforza exigiu dele a promessa de enviar-lhe informações regulares e frequentes de tudo o que acontecia na corte espanhola. É a este pacto entre os dois amigos que a posteridade deve as

Décadas e o _Opus Epistolarum_, em que os eventos daqueles anos singularmente emocionantes são narrados em um estilo que retrata com absoluta fidelidade o temperamento de uma época prolífica em homens de extraordinária genialidade e ousadia inigualáveis, riqueza incomparável em realizações que mudaram a face do mundo e deram um novo rumo à tendência do desenvolvimento humano.

Em 29 de agosto, o embaixador espanhol, depois de se despedir de Inocêncio VIII, [9] partiu de Roma em sua viagem de volta à Espanha, e com ele foi Pedro Mártir d'Anghera.

[Nota 9: _Dixi ante sacros pedes prostratus lacrymosum vale quarto calendi Septembris 1487_. (Ep. i.)]

II

A Espanha do ano de 1487 apresentava um contraste marcante com a Itália onde, desde os dias de Dante até os de Maquiavel, a terra ecoava o grito vão: _Pax, pax et non erat pax_. Peter Martyr ficou impressionado com o espetáculo incomum de um país unido dentro de cujos limites a paz reinava. Essa condição feliz seguiu-se à repressão implacável dos chefes feudais, cujos atos de banditismo, pilhagem e ilegalidade geral aterrorizaram o povo e enfraqueceram o Estado durante o reinado anterior.

Os mesmos nobres que lutaram sob o estandarte de Isabella contra Henrique IV. não tiveram escrúpulos em virar as armas contra sua jovem soberana, uma vez que ela estava sentada no trono. Lucio Marineo Siculo traçou um quadro sombrio da vida na Espanha antes do estabelecimento da ordem sob Fernando e Isabel. Para realizar a reforma necessária, era necessário quebrar o poder e humilhar as pretensões dos nobres feudais. O duque de Villahermosa, no comando de um exército mantido por contribuições das cidades, empreendeu uma campanha impiedosa, queimando castelos e administrando justiça em flagrante, mas salutar, aos rebeldes contra a autoridade real e a todos os perturbadores da ordem pública em todo o reino.

Este drástico trabalho de pacificação interna foi concluído antes da chegada de nosso estudioso lombardo à corte espanhola. Castela e Aragão unidos, conflitos internos superados, o empreendimento remanescente mais digno de atrair a atenção dos monarcas foi a conquista das províncias meridionais não redimidas. Dez anos de guerra intermitente levaram as tropas cristãs às próprias muralhas de Granada, mas Granada ainda resistiu. Almeria e Guadiz estavam em posse do inimigo e sobre as torres de Baza a bandeira infiel flutuava orgulhosamente.

A recepção concedida ao protegido de Tendilla pelo rei e pela rainha em

Zaragoza era benigna e encorajadora. Isabella já acariciava a idéia de estimular o cultivo das artes e da literatura entre os espanhóis, e seu primeiro pensamento foi confiar ao recém-chegado a educação dos jovens nobres e pajens da Corte - jovens destinados a lugares de influência na Igreja e Estado. Ela não ficou nem um pouco surpresa

quando o renomado sábio rejeitou modestamente suas qualificações para um empreendimento tão responsável e declarou que seu desejo era juntar-se à cruzada contra os infiéis na Andaluzia. Alguma alegria foi até provocada pela ideia do estudioso estrangeiro disfarçado de soldado.

Em 1489, o rei Fernando, que havia reunido uma força poderosa em Jaen, marchou para o assalto a Baza, um lugar forte, habilmente defendido na época por Abdullah, conhecido sob o orgulhoso título de El Zagal - o Vitorioso - por causa de suas muitas vitórias sobre os exércitos cristãos que ele havia encontrado. Durante o cerco memorável que terminou na queda de Baza, Pedro Mártir desempenhou seu duplo papel de soldado e historiador. Os mouros defenderam a cidade com bravura característica, pois lutavam por suas propriedades, sua liberdade e suas vidas. De Jaen, onde Isabella se estabeleceu perto do centro de guerra, mensagens de encorajamento chegavam diariamente ao rei e seus comandantes, incitando-os à vitória, pela qual a rainha e suas damas ofereciam orações diariamente. A inexpugnável Baza caiu em 4 de dezembro e, com sua queda, o poder mouro na Espanha foi quebrado para sempre. Cidades menores e numerosas fortalezas no país vizinho apressaram-se a oferecer sua submissão e, após a rendição humilhante de El Zagal no acampamento espanhol em Tabernas, Almeria abriu suas portas para os cristãos triunfantes que cantaram _Te Deum_ dentro de suas paredes no dia de Natal. A descrição de Pedro Mártir dessa campanha vitoriosa provou ser uma fonte rica da qual escritores posteriores generosamente se valeram, nem sempre com reconhecimento adequado. De Jaén a Corte retirou-se para Sevilha, onde se celebrou o casamento da princesa real com o príncipe herdeiro de Portugal.

Boabdilla ainda controlava Granada, alheio ao seu compromisso de render aquela cidade quando seu rival, El Zagal, fosse conquistado.[1] Não precisamos aqui divagar para ensaiar a história frequentemente contada do cerco de Granada, durante o qual os muçulmanos rivalizaram com os cristãos em atos de cavalaria.
As cartas de Pedro Mártir no _Opus Epistolarum_ relatam esses eventos. Ele compartilhou ao máximo a exultação dos vencedores, mas não esqueceu a dor e a humilhação dos vencidos, que ele descreve como chorando e lamentando sobre os túmulos de seus antepassados, com uma escolha entre o cativeiro e o exílio diante de seus olhos desesperados. Ele retrata suas impressões ao entrar com a vitoriosa hoste cristã na imponente cidade. _Alhambrum, proh dii imortais! Qualem regiam, romane purpurate, unicam in orbe terrarum, crede_, exclama em sua carta ao Cardeal Arcimboldo de Milão.

[Nota 1: O poder mouro estava nessa época enfraquecido por uma dissensão interna. El Zagal havia sucedido seu irmão, Muley Abdul Hassan, que, na época de sua morte, governava Baza, Guadiz, Almeria e outras fortalezas no sudeste, enquanto seu filho Boabdil foi proclamado em Granada, dividindo assim o reino contra si mesmo, no momento em que a união era mais essencial para sua preservação. Boabdil aceitou a proteção do rei Fernando e chegou a estipular a rendição de Granada como recompensa pela derrota de seu tio. Consulte _Ferdinand and Isabella_ de Prescott.]

Mergulhadores são as apreciações do papel preciso desempenhado por Peter Martyr no decorrer desta guerra. Ele passou tanto tempo com a corte da rainha quanto na frente de batalha, e ele mesmo faz

reivindicações modestas aos louros da guerra, escrevendo mais como alguém que perdeu sua vocação entre os homens cuja profissão era lutar. A carreira que ele buscava não ia nessa direção. Anos depois, escrevendo a seu amigo Marliano, observou: _De bello autem si consilium amici vis, bella gerant bellatores. Philosophis inhaereat lectionis et contemplationis studium_.

Por mais gloriosa que tenha sido a data da captura de Granada na história espanhola, ela adquiriu importância mundial a partir da decisão dada a favor do projeto de Cristóvão Colombo, que se seguiu à vitória cristã. Embora ele não declare o fato em nenhum lugar, o mártir deve ter conhecido o suplicante genovês pelo patrocínio real. Talavera, confessor da Rainha, era amigo e protetor de ambos os italianos.

[Nota 2: Navarrete afirma que os dois italianos se conheciam intimamente antes do cerco de Granada. _Coleção de documentos inéditos_, tom. i., pág. 68.]

Fascinado pelas novidades e encantos de Granada, Mártir permaneceu na cidade conquistada quando a Corte se retirou. Seu amigo Tendilla foi nomeado primeiro governador da província e Talavera se tornou seu primeiro arcebispo. Comparando a cidade com outras famosas e belas da Itália, declarou que Granada era a mais bela de todas; pois Veneza era desprovida de paisagem e cercada apenas pelo mar; Milão ficava em um trecho plano de planície monótona; Florença podia se gabar de suas colinas, mas elas tornavam seu clima de inverno gelado, enquanto Roma era afligida por ventos nocivos da África e exalações tão venenosas dos pântanos circundantes que poucos de seus cidadãos viviam até a velhice. Tal, para olhos sensíveis aos encantos da Natureza e para uma mente consciente do significado histórico, foi o prêmio que coube aos soberanos católicos.[3]

[Nota 3: No mês de junho de 1492.]

Que influências trabalharam para preparar a mudança que ocorreu na vida de Pedro Mártir nos próximos meses não são conhecidas. Após a mais breve preparação, ele recebeu ordens menores e ocupou a baia de um cônego na catedral de Granada. De vocação religiosa, entendida em sentido teológico, parece não ter havido pretensão, mas dez anos depois o encontramos sacerdote, com grau de protonotário apostólico. Escrevendo em 28 de março de 1492, a Muro, o decano de Compostello, ele observou: _Ad Saturnum, cessante Marte, sub hujus sancti viri archiepiscopi umbra tento transfugere; um anúncio de geleia de tórax togam me transtuli_. Na organização coerente da sociedade, como era então ordenada, os homens eram classificados em categorias distintas e reconhecíveis, cada uma das quais abria caminhos para os ambiciosos alcançarem seus prêmios especiais. A Espanha ainda mal foi tocada pela cultura do Renascimento. Fora da Igreja havia pouco aprendizado ou desejo de conhecimento, nem existia outro meio de recompensar os estudiosos além da concessão de benefícios eclesiásticos. Uma prebenda, um canonismo, uma cátedra nas escolas ou na universidade eram as únicas fontes de renda para um homem de letras. Pedro Mártir era assim, e nenhum outro caminho para a distinção que ele francamente desejava se abriu diante dele. Talvez o arcebispo Talavera tenha esclarecido esse ponto para ele. Desiludido, se é que alguma vez tivera sérias esperanças de sucesso como soldado, não lhe custou nenhum esforço mudar da casta militar para a casta sacerdotal mais agradável.

Granada, apesar de todos os seus encantos, empalideceu rapidamente e seu primeiro entusiasmo diminuiu, dando lugar a uma sensação de confinamento, isolamento e inquietação. Nem a companhia de seus dois amigos próximos poderia tornar a vida em uma cidade provinciana, distante da Corte, tolerável para alguém que passou dez anos de sua vida no mundo culto de Roma. A rotina monótona dos deveres de um cônego significava estagnação para seu temperamento agudo e curioso, sedento de movimento e novidade. Seu lugar era entre os homens, no meio dos acontecimentos onde ele podia observar, estudar e comentar filosoficamente. Escrevendo ao cardeal Mendoza, ele confessou francamente sua inquietação, declarando que as delícias e belezas da Natureza, elogiadas pelos escritores clássicos, acabaram por enojá-lo e que ele jamais poderia conhecer o contentamento a não ser na companhia dos grandes homens.

Sua natureza ansiava pela vida no topo das montanhas da distinção, em vez da existência no vale do contentamento. Ele não ansiava por Tusculum.

Conseguir uma reentrada elegante na Corte não foi fácil. Ao arcebispo Talavera, genial e humano, sucedeu o austero Ximenes como confessor de Isabel. O cargo era importante, pois a ascendência de seu ocupante sobre a Rainha era incontestável, mas, enquanto a perspicácia de Pedro Mártir foi rápida em captar a conveniência de conciliar o novo confessor, ela também adivinhou as barreiras que proibiam o acesso ao remoto e distante franciscano. . Em uma de suas cartas, ele comparou a penetração de Ximenes à de Santo Agostinho, sua austeridade à de São Jerônimo e seu zelo pela fé ao de Santo Ambrósio. O cardeal Ximenes tinha admiradores e detratores, mas não tinha amigos.

Nesse dilema, Mártir sentiu-se sozinho, abandonado, e não estava nem um pouco preocupado com suas perspectivas futuras, pois estava sem um advogado perto da Rainha. Ele escreveu a vários personagens, até mesmo ao jovem príncipe Don Juan, e evidentemente sem resultado, pois observou com um toque de amargura: "Vejo que os favores do rei, o principal objetivo dos esforços dos homens, são mais inconstantes e vazios do que vento." A fortuna foi mais gentil com ele do que muitas vezes se mostra para outros que não menos assiduamente cultivam seu favor, nem sua paciência foi sobrecarregada pela longa espera. Com o retorno da paz, o interesse da rainha Isabella em seu plano para encorajar um renascimento do aprendizado entre seus cortesãos voltou a despertar. Era seu desejo que os nobres espanhóis cultivassem as artes e a literatura, à moda que prevalecia na Itália. Lucio Marineo Siculo, também discípulo de Pomponius Laetus, havia precedido o mártir na Espanha por quase dois anos e era professor de poesia e gramática em Salamanca. Ele foi o primeiro dos italianos que vieram como portadores da tocha da Renascença na Espanha, seguido por Pedro Mártir, Colombo, os Cabots, Gattinara, Geraldini e Marliano. O Cardeal Mendoza aproveitou o momento propício, para propor o nome de Mártir para o cargo de preceptor para dirigir os estudos dos jovens nobres. Em resposta a uma convocação de boas-vindas, o cônego impaciente deixou Granada e se dirigiu a Valladolid, onde então residia a Corte.[4] O caráter ingrato e os resultados duvidosos da tarefa diante dele eram óbvios, as principais dificuldades a serem apreendidas ameaçando vir de seus nobres alunos, cujas mentes e maneiras ele esperava formar. Inquietos sob qualquer disciplina exceto militar, avessos por temperamento e costume a estudos de qualquer tipo, dificilmente seria

de se esperar que eles trocassem facilmente seus hábitos alegres e ociosos por tarefas de sala de aula sob um pedagogo estrangeiro. No entanto, este milagre fez Pedro Mártir operar. Muito contaram o encanto da sua personalidade, o entusiasmo da Rainha e a presença na escola do Infante D. Juan, cujo exemplo os jovens cortesãos não ousaram desdenhar, por mais ainda, e a casa do preceptor italiano tornou-se o ponto de encontro da moda. de jovens galantes que, alguns meses antes, teriam zombado da ideia de trapacear nas aulas de gramática e poesia e ouvir palestras sobre moral e conduta de um estrangeiro. Sobre seus aposentos em Saragoça no primeiro ano de suas aulas, ele escreveu: _Domum habeo tota die ebullientibus Procerum juvenibus repletam_.

[Nota 4: No mês de junho de 1492.]

Durante os próximos nove anos de sua vida, Peter Martyr dedicou-se à sua tarefa e com resultados que gratificaram a rainha e refletiram o crédito em sua escolha. Em Outubro de 1492 tinha sido nomeado pela Rainha, _Contino de su casa_,[5] com uma receita de trinta mil maravedis. Pouco depois, foi nomeado capelão na casa real, nomeação que aumentou tanto a sua dignidade como os seus rendimentos. Sua posição agora estava assegurada, sua popularidade e influência se expandiam diariamente.

[Nota 5: Um cargo na casa da Rainha, cujos deveres e privilégios não são muito claros. Mariejol sugere que o _contini_ correspondia aos _gentilshommes de la chambre_ na corte francesa. Lúcio Marineo Siculo mencionou estes dignitários palatinos logo a seguir aos dois capitães e aos duzentos cavalheiros que compunham a guarda real. Consultar Mariejol, _Pierre Martyr d'Anghera, sa vie et ses oeuvres_, Paris, 1887.]

Seria interessante saber algo de seu sistema de ensino no que provou ser uma academia peripatética, já que ele e seus alunos aristocráticos sempre seguiram a Corte em seu progresso de cidade em cidade; mas em nenhum lugar de sua correspondência, repleta de fatos e comentários sobre os mais variados assuntos, algo definitivo pode ser obtido. A poesia e a prosa latinas, os discursos de Cícero, a retórica e a história da igreja eram assuntos importantes em seu currículo. Embora ele freqüentemente mencione Aristóteles em termos de grande admiração, pode-se duvidar que ele tenha ensinado grego. Não há evidências de que ele conhecesse essa língua. Além do Infante Don Juan, o Duque de Bragança, Don Juan de Portugal, Villahermosa, primo do Rei, Don Inigo de Mendoza, e o Marquês de Priego foram contados entre seus alunos. Tampouco sua influência pessoal cessou quando eles deixaram suas aulas. O renascimento do aprendizado não se moveu com o vigor espontâneo, quase revolucionário, que caracterizou o renascimento na Itália, nem Pedro foi o mártir dos estudiosos paganizados em quem o culto à antiguidade havia minado a fé cristã - caso contrário, ele não teria sido aceito pela rainha Isabella.

Alguns autores, incluindo Ranke, o descreveram como ocupando o cargo de secretário de letras latinas. Oficialmente, ele nunca o fez. Seu conhecimento de latim, em uma terra onde poucos eram mestres da língua de relações diplomáticas e literárias, foi colocado em serviço frequente, e não era incomum para ele transformar o rascunho de um papel ou despacho do estado em espanhol.[6] Ele recusou uma cátedra na Universidade de Salamanca, mas consentiu em uma ocasião em proferir uma palestra diante de sua galáxia de

ilustres professores e quatro mil alunos. Escolheu para tema a segunda sátira de Juvenal, e por mais de uma hora manteve seus ouvintes enfeitiçados pelo encanto de sua eloqüência. Assim descreveu seu triunfo: _Domum tanquam ex Olympo victorem primarii me comitantur_.[7]

[Nota 6: _Talvolta era incaricato di voltare in latino le correspondentenze diplomatahe pin importanti. Eu ministri oi lor segretari ne faceano la minuta in ispagnuolo, ed egli le recava nella lingua che era allora adoperata come lingua internazionale_. Ciampi, _Nuova Antologia_, tom, iii., p. 69.]

[Nota 7: _Opus Epistolarum_. Ep. lvii.]

Durante esses anos prósperos na Espanha, a promessa feita ao cardeal Ascanio Sforza foi fielmente mantida, embora a queda precoce deste último de sua alta posição em Roma tenha desviado as cartas do mártir a outros personagens. Com interesse fervoroso e incansável, ele acompanhou a rápida marcha dos eventos desastrosos em sua Itália natal. O assassinato covarde

de Gian Galeazzo por seu sobrinho pérfido e ambicioso, Lodovico il Moro; a morte do magnífico Lorenzo em Florença; a ascensão ao poder da inescrupulosa família Bórgia, com Alexandre VI. no trono papal; a invasão francesa de Nápoles - todas essas e outras calamidades semelhantes trazendo em seu rastro a destruição da Itália, ocuparam sua atenção e encheram sua correspondência com lamentações e presságios sombrios para o futuro.

Ele foi o primeiro a anunciar a descoberta do novo mundo e a publicar a glória de seu desconhecido compatriota para seus compatriotas. Ao conde Giovanni Borromeo, ele escreveu sobre o retorno de Colombo de sua primeira viagem: ..._rediit ab Antipodibus occiduis Christophorus quidam Colonus, vir ligur, qui a meis regibus ad hanc provinciam tri vix impetraverat navigia, quia fabuloso, que dicebat, arbitrabantur; rediit preciosum multarum rerum sed auri precipue, qua suapte natura regiones generant tulit_. Significativa é a introdução do grande navegador: _Christophorus quidam Colonus, vir ligur_. Não havia mais nada a saber ou dizer sobre o marinheiro de origem humilde e origens obscuras, cuja grande façanha derramou glória em sua pátria inconsciente e mudou a face do mundo.

III

No ano de 1497, Pedro Mártir foi designado para uma missão diplomática que satisfez sua ambição e lhe prometeu uma oportunidade de revisitar Roma e Milão.

Ladislau II., Rei da Boêmia, procurou repudiar sua esposa Beatrice, filha do rei Fernando de Nápoles, e viúva de Matthias Corvinus, rei da Hungria. Sendo uma princesa de Aragão, o apelo da indignada dama em sua angústia a seu poderoso parente na Espanha encontrou Fernando de Aragão disposto a intervir em seu nome. Foi para defender sua causa que Pedro Mártir foi escolhido para ir como embaixador dos soberanos católicos para a Boêmia, parando em seu caminho em Roma para apresentar o caso ao Papa. Em meio aos

preparativos da viagem, a indesejável e desconcertante informação que o Papa
Alexandre VI. inclinou-se bastante para o lado do rei Ladislau chegou à Espanha. Isso deu ao caso uma aparência nova e inesperada. Os soberanos espanhóis primeiro hesitaram e depois reverteram sua decisão. A embaixada foi cancelada e o desapontado embaixador roubou a distinção e o prazer que já saboreava por antecipação.

Quatro anos depois, as circunstâncias tornaram imperativa uma embaixada ao sultão do Egito. Desde a queda de Granada, à qual se seguiu a expulsão de mouros e judeus da Espanha ou sua conversão forçada ao cristianismo se permanecessem no país, o mundo muçulmano em todo o norte da África foi mantido em ebulição pelas lamentações e reclamações de os exilados que chegam. O Islã pulsava com simpatia pelos vencidos e sedento de vingança contra os opressores. O sultão mameluco do Egito, levado à ação pelos relatos da perseguição de seus irmãos de sangue e fé, ameaçou represálias, que ele estava em condições de realizar contra as pessoas e propriedades de numerosos mercadores cristãos no Levante, como assim como nos peregrinos que visitam anualmente a Terra Santa. Os frades franciscanos, guardiões dos lugares sagrados da Palestina, estavam especialmente à sua mercê. Representações foram feitas em Roma e enviadas pelo Papa à Espanha. D. Fernando contemporizou, negando a veracidade dos relatos das perseguições e alegando que não foram tomadas medidas opressivas contra os mouros, descrevendo as agruras por eles sofridas como inevitavelmente acessórias à reorganização das províncias recém-adquiridas. Suas garantias tranquilizantes não foram aceitas com total credibilidade pelo sultão. No ano de 1501, a situação tornou-se tão tensa, devido ao conhecimento espalhado pelo mundo muçulmano de que um edito de expulsão geral estava em preparação, que foi decidido enviar uma embaixada para acalmar o alarme irado do sultão e proteger, se possível, os cristãos dentro de seus domínios da ameaça de vingança. Para esta delicada e inovadora negociação, Pedro Mártir foi escolhido. O objetivo declarado de sua missão foi suspeito de mascarar algum propósito não declarado, embora o que isso possa ter sido seja puramente uma questão de conjectura. Ele também recebeu uma mensagem secreta para o Doge e o Senado de Veneza, onde as influências francesas estavam trabalhando contra os interesses da Espanha. Viajando por Narbonne e Avignon, o embaixador chegou a Veneza poucos dias depois da morte do Doge Barbarigo, e antes que um sucessor fosse eleito. Por mais breve que tenha sido sua estada na cidade das lagoas, cada hora dela foi aproveitada com proveito. Ele visitou igrejas, palácios e conventos, inspecionando suas bibliotecas e tesouros artísticos; ele ficou extasiado com a beleza e o esplendor de tudo o que viu. Nada escapou de suas investigações sobre a forma de governo, o sistema de eleições, a construção de navios ativamente realizada no grande arsenal e a extensão e variedade de relações comerciais com nações estrangeiras. A menção de sua visita é feita no famoso diário do jovem Marino Sanuto.[1]

[Nota 1: _A di 30 Setembris giunse qui uno orator dei reali di Espanha; va al Soldano al Cairo; qual monto su le Gallie nostre di Alexandria; si dice per prepare il Soliano relaxi i frati di Monte Syon e li tratti bene, e che 30 mila. Mori di Granata si sono batizati di sua volonta, e non coacti_.]

Encantador e absorvente como ele sem dúvida achava que era permanecer em meio às glórias de Veneza, o embaixador não esqueceu que o importante objetivo de sua missão estava em outro lugar. Entregando sua mensagem ao Senado, ele cruzou para Pola (Pula), onde estavam oito navios venezianos, prontos para navegar para vários portos do Levante. A viagem ao Egito provou ser tempestuosa, e era 23 de dezembro quando o navio castigado pela tempestade entrou com segurança no porto de Alexandria, depois de escapar por um triz de naufragar nas fundações rochosas do famoso Farol da antiguidade. Os mercadores cristãos que negociavam no Levante estavam naquele período divididos em dois grupos, um dos quais estava sob a proteção de Veneza, o outro, no qual estavam incluídos todos os súditos espanhóis, estava sob a proteção da França. O cônsul francês, Felipe de Paredes, catalão de nascimento, ofereceu a hospitalidade de sua casa até a chegada do indispensável salvo-conduto e escolta do sultão. No _Legatio Babylonica_, Peter Martyr descreve, com lamentações, a miséria da outrora esplêndida cidade de Alexandria, famosa por seus belos jardins, magníficos palácios e ricas bibliotecas. A antiga capital dos Ptolomeus foi reduzida a um mero remanescente de seu antigo tamanho, e de suas antigas glórias nenhum vestígio era perceptível.[2] Cansu Alguri[3] reinou no Cairo. Homem pessoalmente inclinado à tolerância, sua liberdade de ação era limitada pelo fanatismo de seus cortesãos e do clero muçulmano. O momento não era propício para uma embaixada solicitar favores aos cristãos. Os portugueses haviam recentemente afundado um navio egípcio ao largo de Calecute, as rivalidades comerciais eram amargas e o tratamento severo dos mouros conquistados na Espanha havia despertado o antagonismo religioso ao ponto de febre e gerado sentimentos de exasperação universal contra os inimigos do Islã.

[Nota 2: Escrevendo a Pedro Fajardo ele assim se expressou: _Alexandriam sepe perambulavi: lacrymosum est ejus ruinas intueri; centum millium atque eo amplius domorum uti per ejus vestigere licet colligere meo judicio quondam fuit Alexandria; nunc quatuor vix millibus contenta est focis; turturibus nunc et columbis pro habitationibus nidos prestat, etc_.]

[Nota 3: Também escrito Quansou Ghoury e Cansa Gouri; Peter Martyr escreve _Campsoo Gauro_.]

De Rosetta Peter Martyr começou em 26 de janeiro em sua jornada para a Babilônia egípcia, [4] como ele teve o prazer de chamar o Cairo, viajando de barco no Nilo e desembarcando em Boulaq à noite. Na manhã seguinte, um renegado cristão, de nome Tangriberdy, que ocupou o importante cargo de Grande Dragoman para o sultão, apresentou-se para organizar o cerimonial a ser observado na audiência com seu mestre. Este homem singular, um marinheiro espanhol de Valência, anos antes naufragara na costa egípcia e fora levado cativo. Ao abandonar sua fé, ele salvou sua vida e gradualmente ascendeu de um estado de servidão a seu posto de confiança próximo à pessoa do sultão. Tangriberdy aproveitou a oportunidade oferecida por seus deveres para relatar ao embaixador a história de sua vida e sua conversão forçada, declarando que, em seu coração, ele se apegava à fé cristã e desejava retornar à sua Espanha natal. Quer seus sentimentos fossem sinceros ou fingidos, sua presença como influente na corte do sultão foi uma circunstância fortuita da qual o embaixador aproveitou de bom grado. A audiência foi marcada para a manhã seguinte ao amanhecer, e naquela noite Tangriberdy alojou a embaixada em seu próprio palácio.

[Nota 4: Cairo era assim chamado na Idade Média, nome que
pertencia especialmente a um dos subúrbios da cidade. Veja
Quatremere Memoires geographiques te historiques sur l'Egypt.
Paris, 1811.]

Atravessando as ruas do Cairo, cercado por uma multidão hostil e curiosa para ver o _giaour_, Peter Martyr, acompanhado pelo Grande Dragoman e sua escolta mameluca, subiu na cidadela, onde ficava o majestoso palácio construído por Salah-Eddin. Depois de cruzar dois pátios, ele se encontrou em um terceiro, onde o sultão estava sentado em um estrado de mármore ricamente coberto e acolchoado. As prostrações exigidas pela etiqueta oriental foram dispensadas, sendo o enviado até mesmo convidado a sentar-se na augusta presença. Três vezes o sultão assegurou-lhe sua disposição amigável; nenhum negócio foi tratado e, após essas formalidades, o embaixador retirou-se como havia chegado, marcando uma segunda audiência para o domingo seguinte.

Enquanto isso, os enviados dos Estados berberes, que estavam presentes com o propósito de derrotar as negociações, excitaram a população com apelos ao seu fanatismo, lembrando-os das crueldades suportadas por seus irmãos da verdadeira fé nas mãos dos espanhóis. Eles até declararam que se Cansu Alguri consentisse em negociar com os infiéis, ele não era um verdadeiro filho do Islã. Convocou-se um conselho de chefes militares que rapidamente decidiu exigir a demissão imediata do embaixador cristão. Tangriberdy, que procurou alterar essa determinação, foi até ameaçado de morte se persistisse em sua oposição. Lembrando que devia seu trono aos mamelucos, que exaltaram e destruíram nada menos que quatro sultões em tantos anos, Cansu Alguri cedeu diante da explosão de fúria popular. Ele ordenou que Tangriberdy conduzisse o desagradável visitante da capital sem demora. Peter Martyr, no entanto, recebeu essa intimação com calma imperturbável e, para estupefação de Tangriberdy, recusou-se a partir até que cumprisse sua missão. Tamanha audácia em um eclesiástico de boas maneiras era tão impressionante quanto inesperado. O Grand Dragoman não teve escolha a não ser relatar a recusa ao sultão. Por quais argumentos ele prevaleceu sobre Cansu Alguri para rescindir seu comando, não sabemos, mas uma audiência secreta foi organizada na qual o Mártir se descreve como falando com franqueza ousada e persuasiva ao sultão. Ele se valeu da mais ampla licença diplomática para lidar com os fatos e conseguiu convencer seu ouvinte de que nenhum mouro havia sido forçado a mudar de religião, que a conquista de Granada era apenas o restabelecimento da soberania espanhola sobre o que havia sido tomada pela conquista e, finalmente, que ninguém havia sido expulso do país, exceto saqueadores sem lei, que se recusaram a cumprir os termos do justo tratado de paz concluído entre Boabdil e os soberanos católicos. Ele encerrou seu apelo introduzindo habilmente um bode expiatório na pessoa do judeu universalmente execrado, contra quem era a parte mais fácil de sua missão despertar o ódio adormecido e o desprezo do sultão. Aos ouvidos muçulmanos dispostos, ele derramou um discurso de abuso, típico da época e da nação que ele representava: ..._proh si scires quam morbosum, quam pestiferum; quamque contagiosum pecus istud de quo loqueris sit, tactu omnia fedant, visu corrumpunt sermone destruunt, divina et humana preturbant, inficiunt, prostrant miseros vicinos circumveniunt, radicitus expellant, funestant; ubicumque pecunias esse presentiunt, tamquam odori canes insequunt; detegunt, effundiunt, per mendacia, perjuria, dolos insidias per litas, si catera non seppelunt, extorquere illas laborant: aliena miseria, dolore, gemitu, mestitia gaudent_. Com cada palavra desta diatribe, o representante do Profeta estava em perfeito acordo. Unidos

pelos laços de um ódio comum, do qual nenhuma união é mais estreita, um tratado entre as duas potências foi facilmente concluído. Os chefes militares foram convertidos às vantagens das relações amistosas com a Espanha, e meios foram inventados para acalmar a agitação popular.

Auxiliado por alguns monges da comunidade do Monte Sion, o bem-sucedido embaixador redigiu as concessões que solicitou, todas graciosamente concedidas pelos apaziguados egípcios. A partir de então, os cristãos tiveram permissão para reconstruir e consertar os santuários em ruínas em toda a Terra Santa; o tributo cobrado aos peregrinos foi aliviado e foram dadas garantias para a sua segurança pessoal. É digno de nota que apenas interesses religiosos receberam atenção, não sendo feita menção a privilégios comerciais. Mais notável ainda é a ausência de qualquer coisa tangível dada pelo hábil enviado em troca do que recebeu. O sultão foi tranqüilizado quanto ao status dos mouros que poderiam permanecer sob o domínio espanhol e foi encorajado a contar com vantagens futuras não especificadas da amizade do rei Fernando. Um resultado verdadeiramente singular de negociações iniciadas sob auspícios tão desfavoráveis, embora o valor das concessões, a cuja observância nada constrangeu o sultão, pareça problemático, e foi certamente menor do que o embaixador, em sua ingênua vaidade, se apressou em assumir e proclamar.

Enquanto o texto do tratado estava sendo preparado, Pedro Mártir ocupou-se em coletar informações sobre a misteriosa terra onde se encontrava. O Egito era praticamente desconhecido de seus contemporâneos, cujas informações mais recentes sobre o país foram derivadas dos escritos dos antigos. A _Legatio Babylonica_, consistindo em três relatórios aos soberanos espanhóis, aos quais foram posteriormente feitos adendos, contém uma massa de fatos históricos e geográficos, dos quais os europeus eram ignorantes; nada escapou à curiosidade onívora e ao escrutínio perspicaz do embaixador, numa verdadeira viagem de descoberta. Ele trata da flora e fauna do país; ele estudou e observou as características do grande doador de vida do Egito - o Nilo. Os mamelucos atraíram sua atenção particular, embora muitas das informações fornecidas a ele sobre eles fossem errôneas. Ele mergulhou na antiguidade, visitou, mediu e descreveu a Esfinge e as Pirâmides - também com muitos erros. A tradição cristã e as lendas piedosas têm seu lugar em sua narrativa, especialmente a de Matarieh - _ubi Christus latuerat_ quando levado por seus pais ao Egito para escapar do massacre herodiano dos inocentes.

No dia 21 de fevereiro, Pedro Mártir, escoltado por uma guarda de honra composta por altos funcionários da corte e respeitosamente saudado por uma vasta multidão de pessoas, dirigiu-se ao palácio para sua audiência de despedida. Ao despedir-se afetuosamente dele, o sultão presenteou -o com um lindo manto, carregado de bordados engenhosamente trabalhados. Cristão e muçulmano eram amigos. Seis dias depois deixou a capital rumo a Alexandria, onde embarcou no dia 22 de abril para Veneza.

4

Leonardo Loredano havia entretanto sido eleito Doge em sucessão ao falecido Agostino Barbarigo. Os interesses espanhóis no reino de

Nápoles foram seriamente comprometidos, e a diligência dos enviados franceses ameaçou ganhar Veneza da política neutra que a República havia adotado e convertê-la em aliada de Luís XII.

Em 30 de junho, Pedro Mártir desembarcou em Veneza e imediatamente pediu audiência ao novo Doge, a quem repetiu a mensagem que havia entregue alguns meses antes ao Senado. Percebendo o progresso feito pela influência francesa, ele escreveu para a Espanha, explicando a situação e instando os soberanos a enviar imediatamente uma embaixada para neutralizar a atividade maliciosa dos franceses. Ele ofereceu, como alternativa, assumir ele mesmo as negociações se lhe fossem enviadas as instruções necessárias. O rei Fernando ignorou a oferta de serviço, mas, seguindo as informações que lhe foram enviadas, confiou o negócio a Lorenzo Suarez de Figueroa, que havia sido seu embaixador em Veneza em 1495. Zeloso por seu país adotivo e, possivelmente, excessivamente confiante em consequência de sua sucesso fácil no Egito, Pedro Mártir não esperou pelas credenciais que havia solicitado, mas cometeu o erro de tratar de assuntos para os quais não havia recebido mandato. Os enviados franceses foram rápidos em detectar sua oposição, e tão rápidos em tirar vantagem da falsa posição em que o novato diplomático se colocara inadvertidamente. Sua presença não credenciada e oficiosidade na capital dos Doges foram feitas para parecer ofensiva e ridícula. Os partidários do partido francês o denunciaram como um intrigante e espalharam a notícia de que ele era um espião a soldo da Espanha. Sua posição rapidamente se tornou intolerável, insegura até,

e ele foi forçado a escapar secretamente da cidade; nem parou até chegar à sua nativa Lombardia, onde poderia contar com a proteção de seus parentes, o marechal Trivulzio e os Borromeos, para protegê-lo das consequências de sua indiscrição.

Ele escreve com emoção sobre a visita que fez à sua cidade natal de Arona e as cenas de sua infância, onde reencontrou os encantos de uma das mais belas paisagens da Itália. Ele cedeu às primeiras lembranças, e o doce sonho de um dia retornar às margens do Maggiore, para lá passar seus anos de declínio, tomou forma em sua imaginação. Quando a paz entre a França e a Espanha foi posteriormente restaurada, após o casamento do rei Fernando com a princesa Germaine de Foix, ele obteve a intercessão do rei para obter para ele a abadia de São Graciano em Arona. Ele mesmo solicitou a proteção do Cardeal d'Amboise para obter este favor, declarando que as receitas do abadia eram indiferentes para ele, pois ele só as usaria para restaurar ao seu esplendor primitivo a igreja em ruínas na qual repousavam as sagradas relíquias de SS. Graciano, Fidelius e Carpóforo. A paz entre os dois países era muito efêmera para permitir a realização de sua piedosa esperança.

O marechal Trivulzio acompanhou seu parente a Asti e de lá a Carmagnola, onde obtiveram uma audiência com o cardeal d'Amboise, legado da França. Apesar de sua indisfarçável hostilidade aos espanhóis, o legado forneceu ao embaixador um salvo-conduto na fronteira da Espanha.

Se os monarcas católicos sentiram alguma irritação com o excesso de zelo que seu enviado havia demonstrado em Veneza, eles não traíram nada. A recepção de Pedro Mártir não faltou em cordialidade, especialmente a Rainha, expressando sua gratidão pelo importante serviço que ele prestou à religião cristã, e ele recebeu outra nomeação

[1] que aumentou sua renda em trinta mil maravedis anuais. Tendo recebido as ordens sagradas nessa época e a dignidade de prior do capítulo da catedral de Granada vagando, este benefício também foi dado a ele, _regis et reginae beneficentia_.

[Nota 1: _Maestro de los cabelleros de su corte en las artes liberates_. Ele exerceu por muito tempo as funções deste cargo, como foi descrito: a nomeação formal foi, sem dúvida, apenas um meio inventado para conceder-lhe um aumento de receita.]

Em 26 de novembro de 1504, a morte de Isabel de Castela deixou a Corte e o povo de luto e produziu uma crise no governo que ameaçava de ruptura a união da península, arduamente realizada. Ninguém lamentou a morte da rainha com mais sinceridade do que seu capelão italiano. Ele acompanhou o cortejo fúnebre em sua longa jornada até Granada, onde o corpo foi colocado na catedral da cidade que seus braços vitoriosos restauraram ao seio da cristandade. Durante vários meses, Mártir permaneceu em Granada, hesitando antes de retornar sem ser convidado à corte do rei Fernando. A uma carta do Secretário de Estado, Perez Almazen, convocando-o para se juntar ao Rei sem demora, ele respondeu um tanto timidamente, depreciando sua capacidade de ser mais útil a Sua Majestade, acrescentando, no entanto, que nada mais pedia do que obedecer. a convocação. Em outro lugar, em uma de suas epístolas, ele afirma que voltou à corte de Segóvia, como representante de seu capítulo, para garantir a continuação de certas receitas pagas pelo tesouro real ao clero de Granada.

A situação política criada pela morte da Rainha era ao mesmo tempo desconcertante e ameaçadora.[2] Dona Juana, esposa do arquiduque Filipe, herdou da mãe a coroa de Castela à revelia de herdeiros homens, mas seu estado mental excluía a possibilidade de assumir funções de governo. Já durante a vida de sua mãe, a saúde dessa infeliz princesa, que passou para a história sob o título de Juana, a Louca, causava sérias preocupações. Abandonada pelo belo e frívolo Philip no momento em que ela mais precisava de sua presença, ela mergulhou em um estado de profunda melancolia. Ela esperou, em vão, pelo retorno do marido que seu ciúme irracional e importunações amorosas haviam afastado dela.

[Nota 2: O infante Don Juan morreu em outubro de 1497, logo após seu casamento precoce com a arquiduquesa Margarida da Áustria, e sem descendência. Isabella, Rainha de Portugal, morreu depois de dar à luz um filho, no qual as três coroas de Portugal, Castela e Aragão teriam se unido se o príncipe não tivesse falecido em 1500, quando ainda era uma criança. Dona Juana, segunda filha de Fernando e Isabel e herdeira seguinte, casou-se, em 1496, com o arquiduque Filipe da Áustria, duque da Borgonha, e tornou-se mãe de Carlos I de Espanha, vulgarmente conhecido pelo seu título imperial de Carlos V.]

Em conformidade com os desejos da falecida rainha, Fernando apressou-se em proclamar sua filha e Filipe soberanos de Castela, reservando para si os poderes de regente. Ele estava disposto a gratificar a vaidade do arquiduque concedendo-lhe o título real, enquanto mantinha o governo em suas próprias mãos, e se não houvesse ninguém além de seu genro ausente com quem contar, sua política teria sido justa. chance de sucesso. Foi frustrado pelas intrigas de uma poderosa facção da aristocracia, que considerou a

oportunidade promissora para recuperar alguns dos privilégios dos quais haviam sido privados.

Fernando de Aragão havia conquistado pouco o afeto das pessoas dos domínios de sua esposa, portanto sua posição tornou-se de extrema dificuldade. Seus oponentes instaram o arquiduque a apressar sua chegada à Espanha e a assumir a regência em nome de sua esposa inválida. Rumores de que Luís XII. concedera ao genro permissão para atravessar a França à frente de um pequeno exército que tornava a regência insegura e para evitar a complicação de uma possível aliança entre Filipe e o rei Luís, Fernando, apesar de sua idade avançada e da morte recente de sua esposa, pediu a mão de uma princesa francesa, Germaine de Foix, em casamento, oferecendo-se para colocar a coroa de Nápoles sobre seus descendentes. Para conciliar Philip, ele propôs compartilhar com ele a regência. Com a chegada destes à Corunha no mês de maio, Mártir foi escolhido pelo Rei para aí se dirigir e obter a adesão do arquiduque a esta proposta. O fato de este último ter distinguido o sábio italiano ao admiti-lo em sua intimidade durante sua estada anterior na Espanha não salvou a missão do fracasso, e onde Pedro Mártir falhou, o cardeal Ximenes foi posteriormente igualmente malsucedido. Fernando acabou cedendo e, após uma última entrevista com o genro em Remesal, na qual Pedro Mártir estava presente, deixou a Espanha a caminho de Nápoles, ficando este último com a rainha louca para observar e relatar o andamento da eventos.

A morte repentina do rei Filipe aumentou a agitação em todo o país, pois o desaparecimento desse soberano ineficaz deixou o estado sem sequer um chefe nominal. Fernando, que chegara a Porto Fino quando lhe foi trazida a notícia, não fez menção de voltar, confiante de que os castelhanos logo seriam obrigados a convidá-lo a reassumir o governo; pelo contrário, ele continuou tranquilamente sua jornada para Nápoles. Rivais, ele não tinha, pois seu neto, Charles, era ainda uma criança, enquanto a infeliz Juana passava o tempo celebrando os ritos fúnebres de seu falecido marido, cujo caixão ela carregava consigo, abrindo-o para contemplar o corpo, do qual ela continuou a ser tão ciumenta que todas as mulheres eram mantidas rigorosamente à distância. Um governo provisório, formado para agir por ela, consistia no cardeal Ximenes, no condestável de Castela e no duque de Najera, mas inspirava pouca confiança. Peter Martyr percebeu que, além de Ferdinand, não havia ninguém capaz de restaurar a ordem e governar o estado. Ele escreveu várias vezes ao secretário, Perez Almazen, e ao próprio rei, pedindo o rápido retorno deste último como a única salvação do país da anarquia. Os acontecimentos provaram a solidez de seu julgamento, pois a mera notícia do desembarque do rei em Valência bastou para restaurar a confiança; ele retomou a regência sem oposição e continuou a governar Castela, em nome de sua filha, até sua própria morte.

Dona Juana cessou as suas lúgubres peregrinações e fixou residência no mosteiro de Santa Clara em Tordesilhas, onde consentiu que o corpo do marido fosse sepultado em local visível das suas janelas. Peter Martyr foi uma das poucas pessoas que viram a infeliz senhora e até ganharam alguma influência sobre sua mente débil. Mazzuchelli afirma que, em um período, havia apenas dois bispos e Pedro Mártir a quem a Rainha consentiu até mesmo em ouvir. De vez em quando, a figura da rainha insana aparece como um espectro pálido nas páginas de Mártir. Seus caprichos e caprichos são anotados de tempos em tempos no _Opus Epistolarum_; na verdade, a história de seus sofrimentos está toda lá. A insanidade de Dona Juana não foi

seriamente posta em dúvida por seus contemporâneos - certamente não por Mártir, cujo retrato de sua personagem é talvez o contemporâneo mais preciso que possuímos. Ele traça sua doença desde o início, através das sucessivas manifestações inquietantes de histeria, melancolia e fúria, interrompidas por períodos de lucidez mental parcial e até completa. Esses intervalos tornaram-se mais raros e breves com o passar do tempo.[3]

[Nota 3: Os esforços do historiador Bergenroth para estabelecer a sanidade de Dona Juana e descrevê-la como vítima de perseguição religiosa por causa de sua suspeita de ortodoxia foram conclusivamente refutados por Maurenbrecher, Gachard e outros escritores, que demoliram seus argumentos e censuraram seus métodos de pesquisa e interpretação. A última menção de Dona Juana no _Opus Epistolarum_ ocorre na Epístola DCCCII. Pedro Mártir descreve a visita que lhe fez sua filha Isabella, que estava prestes a se casar com o Infante de Portugal. A insanidade da rainha foi usada como um peão político tanto por seu marido quanto por seu pai, cada um afirmando ou negando conforme convinha a seu propósito no momento. O marido, porém, era mais forte que o pai, pois a infeliz Juana teria entregado sua coroa a seu pedido em troca de uma carícia. Consulte Hoefler, _Dona Juana_; Gachard, _Jeanne la Folle_; Maurenbrecher, _Studien und Skizzen zur Geschichte der Reformationszeit_; Pedro de Alcocer, _Relacion de algunas Cosas_; e _Calendar of Letters, Despatches, and State Papers_ de Bergenroth, etc. (1869).]

Com a morte do rei Fernando em 1516, a regência passou para o cardeal Ximenes, enquanto se aguardava a chegada do jovem rei Carlos da Holanda. O caráter do cardeal Ximenes e seus métodos de governo foram exaltados por seus admiradores e condenados por seus adversários. O julgamento de Pedro Mártir é talvez o menos tendencioso de todos os expressos pelos contemporâneos desse estadista. Sua antipatia pessoal pelo cardeal não o cegou para suas qualidades, nem embotou sua apreciação dos obstáculos com os quais este último teve de lidar. Na _Opus Epistolarum_ procura, nem sempre com pleno êxito, fazer justiça ao grande regente. Por meio de seus esforços laboriosos para ser justo com o estadista, transparece sua antipatia pessoal pelo homem. Não faltam piadas triviais e pequenas críticas às custas do cardeal. O escritor compartilhava do sentimento dos nobres espanhóis de que era "odioso ser governado por um frade". Ele também ridicularizou o espírito militar do cardeal. Uma das primeiras medidas do regente suprimiu todas as pensões, mas embora ele excetuasse o nome de Mártir, aguardando a decisão do rei, nenhuma resposta veio da Holanda; o italiano passou como outros aposentados e nunca perdoou o cardeal. Muitas de suas cartas desse período eram endereçadas ao compatriota Marliano, médico do jovem rei, e evidentemente destinadas aos olhos do monarca. Nessas epístolas, julgamentos adversos e censuras do cardeal Ximenes freqüentemente se repetem, e o escritor usou a maior franqueza ao descrever homens e eventos na Espanha, e até mesmo em oferecer sugestões quanto à política do rei em sua chegada.

Cedendo às repetidas instâncias do regente, Charles finalmente partiu para tomar posse de seu reino desconhecido. Ele desembarcou, após uma viagem tempestuosa, perto de Gijon, trazendo consigo uma numerosa comitiva de cortesãos e oficiais flamengos, cujo interesse principal era impedir um encontro entre ele e o regente, e cuja presença estava destinada a causar um sério distanciamento entre o monarca . e seus súditos castelhanos. Seu

primeiro objetivo foi facilmente alcançado. Enquanto o Cardeal o
esperava perto de Roa, o Rei evitou-o, dirigindo-se directamente a
Tordesilhas para visitar a mãe. Este desprezo indelicado e imerecido
foi aplaudido por Mártir, que rejeitou o incidente com uma menção
quase irreverente; nem tocou posteriormente na morte do velho
cardeal, que ocorreu simultaneamente com a recepção da
mensagem insensível enviada por Carlos ao maior, o mais fiel e o
mais desinteressado de seus servos.[4]

[Nota 4: Consultar Hefele, _Vie de Ximenez; cartas de los
Secretários del Cardinal_; Ferrer del Rio, _Comunidades de Castilla_;
Ranke, _Spanien sob Karl V_.]

Durante os primeiros anos de seu reinado, o menino-rei provou ser um
aluno dócil sob o controle de seus ministros.[5] Peter Martyr escreveu
sobre ele: "Ele não dirige nada, mas é ele mesmo dirigido. Ele tem uma
disposição feliz, é magnânimo, liberal, generoso - mas e daí, já que
essas qualidades contribuem para a ruína de seu país?" Tão reservado
era o jovem real em suas maneiras, tão lento de fala, que começaram a
suspeitar de sua capacidade mental. As pessoas se lembravam de sua
mãe. A história do início conturbado daquele que provou ser um dos
reinados mais notáveis da história moderna, é relatada no _Opus
Epistolarum_. O escritor observou de uma posição vantajosa o conflito
de interesses, a luta das partes; zeloso pelo bem-estar de seu país
adotivo, ele ainda era um estrangeiro, identificado com nenhum partido.
Dotado de rara perspicácia, moderação e julgamento aguçado, manteve
sua atitude de observação imparcial. Por temperamento e hábito ele era
um aristrocrata - _placet Hispana nobilitas_ - ele confessou, admitindo
também que _de populo nil mihi curae_, mas ele se aliou aos
comuneros contra a Coroa. Deplorando os seus excessos,
simpatizava com a causa que defendiam, e castigava a insolência e a
ganância dos favoritos flamengos com todos os recursos de invectiva e
sarcasmo de que era mestre. Em uma de suas cartas (Ep. 709), ele
descreve os distúrbios que prevalecem em todo o país. "As estradas
mais seguras não estão mais protegidas de bandidos e você enriquece
bandidos e criminosos e oprime pessoas honestas. O poder governante
está agora nas mãos de assassinos." Apesar de sua indisfarçável
hostilidade aos flamengos e de suas críticas francas aos abusos que
eles fomentavam, Carlos V. concedeu novas honras e emolumentos ao
conselheiro favorito de seus avós. Em setembro de 1518, o Conselho
Real propôs seu nome ao rei como embaixador em Constantinopla,
para tratar com o vitorioso sultão, cujos triunfos sanguinários na Pérsia
e no Egito eram temidos como prenúncio de uma invasão otomana da
Europa. Alegando sua idade avançada e enfermidades, o candidato
cauteloso recusou a honra, preferindo, sem dúvida, ater-se aos louros
diplomáticos conquistados no Cairo. Havia motivos para prever que o
formidável Selim seria considerado menos flexível do que Cansu Alguri.
O evento provou sua sabedoria, pois Garcia Loaysa, que foi em seu
lugar, aprendeu à sua custa.

[Nota 5: Guillaume de Croy, Sieur de Chievres, que havia sido o
governador do jovem príncipe durante sua menoridade, tornou-se
todo poderoso na Espanha, onde ele e seus associados flamengos
saquearam o tesouro, traficaram benefícios e cargos e provocaram o
ódio universal dos espanhóis. Peter Martyr compartilhou a indignação
de seus compatriotas adotivos contra os parasitas flamengos do rei.
Suas simpatias pelos _Comuneros_ foram francamente declaradas
em muitas de suas cartas.

Consulte Hoefler, _Der Aufstand der Castillanischen Staedte_; Robertson, _Charles V_.]

Em 1520, Pedro Mártir foi nomeado historiógrafo, cargo que rendeu uma receita de oitenta mil maravedis. O cumprimento consciencioso dos deveres deste cargo agradável, para o qual foi notavelmente qualificado, ganhou a aprovação de Mercurino Gattinara, chanceler italiano de Carlos V. Lucio Marineo Siculo fala de mártir já em dezembro de 1510, como _Consiliarius regius_, embora esse título pudesse, na época, ser dado a ele apenas em sua qualidade de cronista do Conselho da Índia, sua filiação efetiva datando realmente do ano de 1518. Mais tarde, ele foi nomeado secretário desse importante órgão, que tinha controle sobre todas as questões relacionadas à expansão colonial no novo mundo. Em 1521, ele renovou seus esforços para obter a abadia de São Graciano em Arona, que lhe havia sido recusada dez anos antes. Ao seu amigo, Giovanni di Forli, arcebispo de Cosenza, ele escreveu, protestando contra seu desinteresse, acrescentando: "Não se surpreenda por eu cobiçar esta abadia: você sabe que sou atraído por ela pelo amor à minha terra natal." Não era para ser, e sua falha em obter esse benefício foi uma das maiores decepções de sua vida. As ambições de Pedro Mártir nunca foram excessivas, pois ele era em todas as coisas um homem moderado; as honras que obteve, embora muitas, foram suficientemente modestas para protegê-lo da competição e do ciúme de aspirantes a rivais, mas ele certamente não teria recusado um bispado. Depois de ver quatro confessores reais elevados à categoria episcopal, ele observou maliciosamente que, "entre tantos confessores, teria sido bom ter um mártir".

[Nota 6: "Tra tanti confessori, sarebbe stato ancora bene un Martire," _Chevroeana_, p. 39. Ed. 1697.]

Chegando à Espanha um estudioso estrangeiro de modesta reputação, e dependente da proteção de seu patrono, o Conde de Tendilla, Pedro Mártir havia ascendido nas graças régias, até chegar a ocupar cargos honrosos no Estado e numerosos benefícios na Igreja. Seus serviços a seus protetores foram valorizados e valiosos. Sua casa, onde quer que ele estivesse, era o ponto de encontro hospitaleiro onde estadistas, nobres, enviados estrangeiros, grandes eclesiásticos e legados papais se reuniam com navegadores e conquistadores, cosmógrafos, funcionários coloniais e exploradores que retornavam de regiões antípodas. --Os construtores do império da Espanha. Foi nessa sociedade que ele coletou a massa de informações de primeira mão que ele pesquisou e registrou nas Décadas e no _Opus Epistolarum_, que se mostraram uma mina inesgotável para estudantes de história espanhola e hispano-americana. Verdadeiramente dele pode-se dizer que nada humano era estranho ao seu espírito. As relações sexuais com ele eram consideradas um privilégio pelos grandes homens de seu tempo, enquanto ele convertia sua associação com eles em benefício próprio e da posteridade.

Entre os conselheiros flamengos de Carlos V., Adriano de Utrecht, preceptor do jovem príncipe antes de sua ascensão, chegara a Espanha no ano de 1515 como representante de seus interesses na corte do rei Fernando. Com a morte daquele monarca, Adriano, entretanto feito Bispo de Tortosa e criado Cardeal, partilhou a regência com o Cardeal Ximenes. Homem de modos gentis e formação escolar, sua participação na regência foi pouco mais que nominal. Ignorante tanto da língua espanhola quanto dos meandros da vida política, ele se apagou voluntariamente à sombra de seu colega imperioso e magistral.

Pedro Mártir colocou seus serviços inteiramente à disposição de Adriano, pilotando-o entre os baixios e recifes que tornavam perigoso o misterioso mar da política espanhola. Quando Adriano foi eleito Papa em 1522, seu antigo mentor escreveu parabenizando-o por sua elevação e lembrando-o dos serviços que anteriormente lhe prestara: _Fuistis a me de rebus quae gerebantur moniti; nec parum commodi ad emergentia tunc negotia significationes meas Caesaris rebus attulisse vestra Beatitudo fatetur_. Embora o pontífice recém-eleito expressasse um desejo amável de ver seu velho amigo em Roma, ele não lhe ofereceu nenhum cargo definido na Cúria. A correspondência que se seguiu entre eles foi inconclusiva; Mártir, sempre declarando que não buscava nenhum favor, ainda persistia em solicitar um encontro que o Papa desencorajava. Adriano aceitou seus protestos de desinteresse literalmente, e seu último encontro em Logroño foi improdutivo de qualquer coisa do Papa, exceto expressões de estima e consideração pessoal. Pedro Mártir desculpou-se de seguir Sua Santidade a Roma, alegando sua idade avançada e saúde debilitada. Se desapontado por não receber nenhuma nomeação definitiva, ele escondeu seu desgosto e, embora evidentemente não desejasse seus serviços na Cúria, um dos primeiros atos de Adriano ao chegar a Roma foi investi-lo com o benefício do arcipreste de Ocana na Espanha. O sempre generoso Rei foi menos mesquinho e, em 1523, conferiu ao Mártir o título alemão de Pfalzgraf, com o privilégio de nomear notários imperiais e legitimar filhos naturais.

Em 15 de agosto de 1524, o rei apresentou seu nome a Clemente VII. para confirmação como abade mitrado de Santiago na ilha da Jamaica, benefício tornado vago pela tradução de Don Luis Figueroa para o bispado de San Domingo e La Concepcion.[7] Um título maior certamente o teria agradado menos, pois este ligava seu nome à Igreja do Novo Mundo, da qual ele foi o primeiro historiador. Ele renunciou ao seu priorado de Granada para aceitar a dignidade jamaicana, cujas receitas dedicou à construção da primeira igreja de pedra construída em Sevilla del 'Oro naquela ilha. Acima de seu portal uma inscrição atestava sua generosidade: _Petrus Martyr

ab Angleria, italus civis mediolanensis, protonotarius apostolicus hujus insulae, abbas, senatus indici consiliarius, ligneam priusaedem hanc bis igne consumptam, latericio et quadrato lapide primus a fundamentis extruxit_.[8]

[Nota 7: O rei instruiu seu embaixador em Roma a propor Luis Figueroa sucederá Alessandro Geraldino como bispo de Santo Domingo e Concepcion, e para o vago abadia da Jamaica _presentareis de nuestra parte al protonotario Pedro Martir de nuestro Consejo. Dejando tambien Martir el priorado de Granada que posee_, etc. Coleccion de Indias. vii., 449.]

[Nota 8: Cantu, _Storia Universale_, tom, i., p. 900.]

No mês de junho de 1526, a Corte passou a residir em Granada com a presença de Pedro Mártir, como de costume. Antes das muralhas da Granada mourisca, ele havia começado sua carreira na Espanha; dentro das paredes de Christian Granada, ele estava destinado a fechá-lo e ser colocado em seu descanso final. Sofrendo durante muitos anos de uma doença do fígado, ele estava ciente de seu fim próximo e fez seu testamento em 23 de setembro,[9] legando a maior parte da propriedade que havia acumulado para seus sobrinhos e sobrinhas na Lombardia, embora nenhum de seus amigos e servos na Espanha foi

esquecido. Ele dedicou muita atenção aos preparativos de seu funeral; eminentemente amigo da ordem e do decoro, não deixou nada ao acaso, mas providenciou o número preciso de missas a serem ditas, a quantidade exata de cera a ser consumida e o tipo de libré de luto a ser usado por seus servos. Pediu que o seu corpo fosse levado à sepultura pelo deão e pelos cónegos da catedral, honra a que lhe dava direito a sua dignidade de prior daquele capítulo; mas para garantir a participação do capítulo, como ele expressou curiosamente, "com mais boa vontade", ele reservou um legado de três mil maravedis como compensação. Não apenas seus desejos foram atendidos neste e em todos os aspectos, mas o capítulo da catedral erigiu uma placa em sua memória, sobre a qual estava inscrito um epitáfio que ele não teria desdenhado: _Rerum AEtate Nostra Gestarum - Et
Novi Orbis Ignoti Hactenus - Illustratori Petro Martyri
Mediolanensi--Caesareo Senatori--Qui, Patria Relicta--Bella Granatensi
Miles Interfuit--Mox Urbe Capta, Primum Canonico--Deinde Priori
Hujus Ecclesiae--Decanus Et Capitulum--Carissimo Collegae Posuere
Sepulchrum--Anno MDXXVI_.[10]

[Nota 9: O seu último testamento foi publicado nos _Documentos Ineditos_, tom, xxxix., pp. 400-414.]

[Nota 10: Harrisse, em seu _Christoph Colomb_, fixa em 23 ou 24 de setembro a data da morte do mártir, acreditando que sua última vontade foi executada em seu leito de morte. Não há, no entanto, nada que prove absolutamente que tal foi o fato. O epitáfio dá apenas o ano. Nos _Documentos Ineditos_ o mês de setembro é dado em um lugar, o de outubro em outro.]

V

Pedro Mártir foi talvez o primeiro homem na Espanha a perceber a importância da descoberta feita por Colombo. Onde outros viram apenas um incidente novo e emocionante na história da navegação, ele,

com quase previsão profética, adivinhou um evento de importância única e de longo alcance. Assumiu prontamente as funções de historiador da nova época cujo alvorecer pressagiava, e no mês de outubro de 1494 iniciou a série de cartas que ficou conhecida como as _Décadas do Oceano_, continuando seus trabalhos, com interrupções, até 1526, o ano de sua morte. O valor de seus manuscritos obteve reconhecimento imediato; eram a única fonte de informação autêntica sobre o Novo Mundo, acessível a homens de letras e políticos fora da Espanha.

Seu material era novo e original; cada caravela que chegava trazia-lhe novas notícias; capitães de navios, cosmógrafos, conquistadores de reinos fabulosos no misterioso oeste, todos reportados a ele; até mesmo os marinheiros comuns e seguidores do acampamento derramaram suas histórias em seus ouvidos perspicazes. Las Casas afirmou que Pedro Mártir era mais digno de crédito do que qualquer outro escritor latino.[1]

[Nota 1: Las Casas, _Histo. de las Indias_., tom, ii, p. 272: _A Pedro Martyr se le debe was credito que a otro ninguno de los que

escribieran en latin, porque se hallo entonces en Castilla par aquellos tiempos y hablaba con todos, y todos holgaban de le dar conta de lo que vian y hallaban, como a hombre de autioridad y el que tenia cuidado de preguntarlo_.]

Assim que Colombo voltou de sua primeira viagem, o Mártir apressou-se em anunciar seu sucesso a seus amigos, o conde Tendilla e o arcebispo Talavera. _Meministis Colonum Ligurem institisse in Castris apud reges de percurrendo per occiduos antípodas novo terrarum haemisphaerio; meminisse oportet_. Ele esteve presente em Barcelona e testemunhou a recepção concedida ao descobridor de sucesso pelos soberanos católicos. Ele, que havia saído como um obscuro aventureiro sobre cujos propósitos, e até mesmo sobre a sanidade, havia dúvidas, voltou, um Grande da Espanha, Almirante do Oceano e Vice-Rei das Índias. Na presença do tribunal, em pé, ele, sozinho, a convite dos soberanos, sentou-se. Os embaixadores da República de Gênova, sua terra natal, Marchisio e Grimaldi, testemunharam a exaltação de seu compatriota com olhos que dificilmente confiavam em sua própria visão.

Estrangeiro entre os mais exclusivos e ciumentos dos povos ocidentais, as habilidades e a fidelidade de Mártir conquistaram um reconhecimento dos sucessivos monarcas que serviu, só igualado pelas homenagens voluntárias de respeito e carinho que lhe prestaram a geração de nobres espanhóis de quem era personagem. tão influente na formação. De todos os italianos que invadiram a Espanha em busca de fortuna e glória, ele era o mais querido porque era o de maior confiança. Funcionários do governo buscaram sua proteção, missionários franciscanos e dominicanos lhe deram sua confiança e, depois que ele foi nomeado para um assento no Conselho da Índia, ele teve conhecimento oficial de toda a correspondência relacionada a assuntos americanos. Antes do aparecimento na Espanha das célebres Cartas de Cortés, a narrativa de Pedro Mártir permanecia isolada. Heidenheimer o descreve corretamente: _Als echter Kind seiner Zeit, war Peter Martyr Lehrer und Gelehrter, Soldat und Priester, Schriftsteller und Diplomat_. Era característico da época do Renascimento que um homem de cultura abarcasse todos os ramos do conhecimento, assim a observação de Mártir estendeu-se ao mais amplo campo do conhecimento humano. Diligente, perspicaz e consciencioso, ele era perspicaz, inteligente e diplomático, não sem toques de humor seco, mas raramente brilhante. Questões científicas, as variações do pólo magnético, cálculos de latitude e longitude, a recém-descoberta Corrente do Golfo e o _mare sargassum_, e o paradeiro de um possível estreito unindo o Atlântico ao Pacífico, ocuparam suas especulações. Da mesma forma, a flora e a fauna do Novo Mundo são descritas para seus leitores, como foram descritas a ele pelos exploradores que voltaram para casa. Páginas de seus escritos são dedicadas aos habitantes das ilhas e do continente, seus costumes e superstições, suas religiões e formas de governo. Ele tem contos de gigantes, harpias, sereias e serpentes marinhas. Homens selvagens vivendo em árvores, amazonas morando em ilhas solitárias, canibais vasculhando mares e florestas em busca de presas humanas, figuram em sua narrativa. Fatos errôneos, julgamentos equivocados por uma credulidade que nos pode parecer ingênua, são frequentes, mas é preciso ter em mente que ele trabalhava sem um plano pré-estabelecido, sua crônica se desenvolvendo à medida que chegavam novas matérias; também que ele escreveu numa época em que o mundo parecia a cada dia se expandir diante dos olhos atônitos dos homens, revelando ilhas mágicas flutuando em mares

desconhecidos, horizontes mais vastos em cujos céus brilhavam novas constelações; misteriosas correntes oceânicas, fluindo de onde nenhum homem sabia, para romper nas costas de imensos continentes habitados por raças estranhas, vivendo em condições de fabulosa riqueza e incrível barbárie. Os limites do possível recuaram, a discriminação entre verdade e ficção tornou-se puramente especulativa, pois novos dados, fornecidos ininterruptamente, contradiziam a experiência anterior e invalidavam as teorias aceitas. As Décadas foram compiladas a partir de relatórios verbais e escritos de fontes em que o escritor tinha garantia de confiança.

Uma vez que as surpresas geográficas estão agora esgotadas, e a divisão de terra e água na superfície da terra passou da esfera da navegação para a da política, nenhum escritor jamais terá tal material à sua disposição. A chegada de suas cartas à Itália era aguardada com grande expectativa e constituiu um acontecimento literário de primeira grandeza. Os papas enviaram-lhe mensagens instando-o a continuar, o rei de Nápoles pediu cópias emprestadas do cardeal Sforza, e o conteúdo dessas crônicas românticas fornecia o mais bem-vindo material de conversação em palácios e universidades. Leão X. mandou lê-los em voz alta durante o jantar, na presença de sua irmã e de um grupo escolhido de cardeais. Deve-se notar que a forma das Décadas não escapou às críticas da corte pontifícia, nem as censuras, repassadas às liberdades que ele tomou com a língua de Cícero, deixaram de atingir e picar seus ouvidos. Em várias passagens, ele defende o uso de palavras retiradas das línguas italiana e espanhola. Ele lidou com o latim como uma língua viva, não como uma língua morta, e seu estilo é vigoroso, conciso, vitalizado. Ele cultivava a brevidade e evitava longas incursões pelos clássicos em busca de comparações e sanções. Suas cartas freqüentemente mostram sinais da pressa com que foram escritas: às vezes o mensageiro que deveria levá-las a Roma esperava, com botas e esporas, na antecâmara. Juan Vergara, secretário do cardeal Ximenes, declarou sua opinião de que não existia registro mais exato e lúcido dos acontecimentos contemporâneos do que as cartas de Pedro Mártir, acrescentando que ele próprio esteve muitas vezes presente e testemunhou com que pressa foram escritas, sem nenhum cuidado. para corrigir e polir seu estilo.

Os ouvidos cultivados dos latinistas ciceronianos - como o cardeal Bembo, que se recusou a ler a Vulgata por medo de estragar seu estilo - ficaram naturalmente ofendidos com a fraseologia das Décadas. Medido por padrões tão preciosos, o latim de Pedro Mártir é defeituoso e grosseiro, assemelhando-se mais a um dialeto moderno do que à língua clássica da Roma antiga.[2]

[Nota 2: O comentário de Ciampi é preciso e justo: _Non si, puo dire che sia un latino bellisimo. E quale lo parlavano e scriveano gli uomini d'affari. A noi e, pero, men discaro che non sia ai forestieri, in quanta che noi troviamo dentro il movimento, il frassegiare proprio della nostra lingua, e sotto la frase incolta latina, indoviniamo il pensiero nato in italiano che, spogliato da noi della veste imbarazzanta ci ritorna ignudo si, ma schietto ed efficace_.]

É sua substância, não sua forma, que dá valor aos escritos de Mártir, embora seu estilo fácil não seja desprovido de elegância, se medido por outros que não os padrões estritamente clássicos. Não como homem de letras, mas como historiador, ele goza da honra perene a que aspirou em vida. A observação é o fundamento da história, e Mártir foi um

observador perspicaz e perspicaz, um cronista diligente e consciencioso dos eventos que observou; portanto, os louros do historiador são igualmente dele. À semelhança das anotações apressadas de um diário, escritas diariamente, as suas cartas possuem uma frescura não estudada, uma atualidade convincente, que sem dúvida teria sido maculada pelos retoques necessários ao aperfeiçoamento do seu estilo literário. A censura de descuido em negligenciar a sistematização de seus manuscritos aplica-se mais à coleção no _Opus Epistolarum_ do que às cartas que compõem as Décadas que estamos considerando especialmente, e também na obra anterior são encontradas aquelas qualidades de leveza e frivolidade, justificando Sir Arthur A descrição de Helps dele como um homem de letras fofoqueiro, lembrando os leitores ingleses ocasionalmente de Horace Walpole e do Sr. Pepys. Hakluyt elogiou suas descrições de fenômenos naturais como superando aquelas escritas por Aristóteles, Plínio, Teofrasto e Columela.[3]

[Nota 3: Lebrija elogiou os versos de Mártir, declarando-o o melhor poeta entre os italianos na Espanha. Um de seus poemas, Plutão Furens, foi dedicado a Alexandre VI, a quem ele detestava cordialmente e cuja eleição para a cadeira papal ele deplorava. Infelizmente nenhum de seus poemas foi preservado.]

Após um período de esquecimento parcial, Alexander von Humboldt, nos primeiros anos do século XIX, redescobriu os méritos negligenciados de nosso autor e, por sua crítica e comentários esclarecidos, restaurou a seus escritos a consideração de que originalmente gozavam. Ratificado por Prescott, o julgamento de Humboldt foi confirmado por todos os historiadores subsequentes.

Nenhuma outra reivindicação é feita para esta presente tradução das Décadas além de fidelidade e lucidez. Seu objetivo é tornar mais facilmente acessível aos leitores ingleses, não familiarizados com o latim original, o mais antigo trabalho histórico sobre o Novo Mundo.

BIBLIOGRAFIA

EDIÇÕES DAS OBRAS DE PEDRO MÁRTIRO

P. Martyris Angli [sic] _mediolanensis opera. Legado Babilônico, Oceani Decas, Poemata, Epigrammata_. Com privilégio. Impressum Hispali cum summa diligentia per Jacobum Corumberger Alemanum, anno millesimo quingentessimo XI, mense vero Aprili, in fol.

Esta edição gótica contém apenas a Primeira Década.

Dois livros italianos compilados dos escritos de Pedro Mártir são anteriores à edição acima de 1511. Angelo Trevisan, secretário do embaixador veneziano na Espanha, encaminhou a Domenico Malipiero certo material que ele admitiu ter obtido de um amigo pessoal de Colombo, que foi como enviado ao sultão do Egito. A referência a Pedro Mártir é bastante clara. A obra de Trevisan apareceu em 1504 sob o título, _Libretto di tutta la navigazione del re di Spagna de le isole et terreni novamente trovati_. Editado por Albertino Vercellese da Lisbona. Três anos depois, em 1507, uma compilação contendo partes dessa mesma

obra foi impressa em Vicenza por Fracanzio, em Milão por Arcangelo Madrignano em 1508, e em Basiléia e Paris por Simon Gryneo. O volume intitulava-se _Paesi novamente ritrovati et Novo Mondo_, etc. Pedro Mártir atribuiu a pirataria a Aloisio da Cadamosto, que consequentemente denuncia mordazmente no sétimo livro da Segunda Década.

No ano de 1516, a primeira edição das Décadas, _De rebus oceanis et Orbe Novo Decades tres_, etc., foi impressa em Alcala de Henares sob a supervisão do amigo de Pedro Mártir, o eminente latinista Antonio de Nebrija, que até polir o latim do autor onde a composição ficou aquém de seu próprio padrão de exigência. _Cura et diligentia Antonii Nebrissensis fuerent hae tres protonotari Petri Martyris décadas impressas no contubernio Arnaldi Guillelmi in illustri oppido Carpetanae provinciae, compluto quod vulgariter dicitur Alcala_. Factum est nonis Novembris, anno 1516 in fol. O surgimento desta edição teve o caráter de um verdadeiro acontecimento literário e o sucesso da obra foi imediato e generalizado. A narrativa cobriu um período de pouco mais de vinte anos, começando com a primeira expedição de Colombo.

Quatro anos depois, uma Quarta Década foi publicada por seu autor, sendo esta a última obra que entregou à imprensa em vida. A cópia mais antiga conhecida foi impressa em Basileia em 1521, com o título _De insulis nuper repertis simultaque incolarum moribus_. Uma edição italiana e uma alemã do mesmo em 1520 são anotadas por Harrisse. (Consulte _Bibliotheca Americana Vetustissima_, p. 77, Acréscimos, p. 80.)

De Insulis nuper inventis Ferdinandi Cortesii ad Carolum V. Rom. Imperatorem Narrationes, cum alio quodam Petri Martyris ad Clementem VII. Pontificem Maximum consimilis argumenti libello. Coloniae ex officina Melchioris Novesiani, anno MDXXXII. Decimo Kalendar Septembris.

A Quarta Década sob o título _De Insulis nuper inventis_, etc., foi republicada em Basileia em 1533 e novamente em Antuérpia em 1536.

De Legatione Babylonica, Parisiis, 1532, contém também as primeiras três décadas. Mazzuchelli menciona uma edição das oito Décadas publicada em Paris em 1536.

De Orbe Novo Petri Martyris ab Angleria, mediolanensis protonotarii Caesaris senatoris Decades. Cum privilegio imperiali. Compluti apud Michaelem d'Eguia, anno MDXXX, in fol.

De rebus Oceanicis et Novo Orbe Decades tres Petri Martyres ab Angheria Mediolanensis, item ejusdem de Babylonica Legationis libri ires. Et item, De Rebus AEthiopicis, etc. Coloniae, apud Gervinum Caleniumet haeredes Quentelios. MDLXXIII.

De Orbe Novo Petri Martyris Anglerii mediolanensis, protonotarii et Caroli quinti Senatoris, decades octo, diligente temporum observee et utilissimis annotationibus illusstratae, suoque nitore restitae labore et industria Richardi Hakluyti Oxoniensis, Arngli. Parisiis apud Guillelmum Auvray, 1587.

Esta edição é dedicada a Sir Walter Raleigh: "_illustri et magannimo viro Gualtero Ralegho_."

Um livro extremamente raro e precioso publicado em Veneza em 1534 contém extratos dos escritos de Pedro Mártir. Tem o título: _Libro primo della historia dell' Indie Occidentali. Summario de la generate historia dell' Indie Occidentali cavato da libri scritti dal Signer Don Pietro Martyre_, etc., Venezia, 1534. Com o mesmo título, este sumário foi publicado no terceiro volume de Ramusio, _Delle Navigationi et Viaggi_.

Uma tradução italiana de _De Legatione Babylonica_ intitulada _Pietro Martyre Milanese, delle cose notabile dell' Egitto, tradotto dalla Lingue Latina in Lingua Italiana da Carlo Passi_. Em Veneza 1564.

Novus Orbis, navegações idest primae in Americam. Roterodami per Jo. Leonardum Berevout, 1616. Uma tradução francesa desta obra foi impressa em Paris por Simon de Colimar, _Extrait ou Recueil des Iles nouvellement trouvees en la grande Mer Oceane au temps du Roy d'Espagne Ferdinand et Elizabeth_, etc.

A história de Travayle nas Índias Ocidentais e Orientais, e outros países que se estendem em direção às frutíferas e ricas Molucas. Com um discurso sobre a passagem noroeste. Feito para o inglês por Richarde Eden. Recém colocado em ordem, aumentado e finalizado por Richarde Willes. Londres, 1577. Richarde Jugge.

Republicado na obra de Edward Arber, _The First Three English Books on America_, Birmingham, 1885.

De Orbe Novo ou a História das Índias Ocidentais, etc., compreendida em oito décadas. Dos quais três foram anteriormente traduzidos para o inglês por R. Eden, ao qual os outros cinco foram adicionados recentemente pelas indústrias e dolorosas tribulações de M. Lok. Londres. Impresso para Thomas Adams, 1612.

A História das Índias Ocidentais, contendo os atos e aventuras dos espanhóis que conquistaram e colonizaram esses países, etc. Publicado em latim pelo Sr. Hakluyt e traduzido para o inglês pelo Sr. Lok, Londres. Impresso para Andrew Hebb. O livro não tem data, mas foi impresso em 1625.

Opus Epistolarum Petri Martyris Anglerii Mediolanensia. Amstelodami Typis Elzivirianis, Veneunt Parisiis apud Fredericum Leonard. 1670.

De Orbe Novo Petri Martyris Anglerii, regio rerum indicarum senatu, Decades octo, quas scripsit ab anno 1493 ad 1526. Edição publicada em Madri por Don Joaquin Torres Asensio, prelado doméstico e cônego da catedral, em 1892. Dois vols. oitava.

De Orbe Novo de Pierre Martyr Anghiera. Les huit Decades traduites du latin avec notes et commentaires, por Paul Gaffarel, Paris. MDCCCVII.

OBRAS RELACIONADAS A PEDRO MÁRTIRO E SEUS ESCRITOS

PHILIPPI ARGELATI: Bononiensis, _Bibliotheca Scriptorum Mediolanensium_. Mediolani, MDCCXLV.

PICCINELLI: _Ateneo di Letterati Milanesi_. Milão, 1670.

GIAMMATTEO TOSCANO: _Peplus Italiae_.

GIROLAMO TIRABOSCHI: _Storia della Letteratura Italiana_. Módena, 1772.

RP NICERON: _Memoires pour servir a l'histoire des hommes illustres dans la Republique des Lettres_, Paris, 1745.

GIOVANNI MAZZUCHELLI: _Gli Scrittori d'Italia_. Bréscia, 1753-1763.

NICOLAI ANTONII: _Bibliotheca Hispana nova sive Hispanorum Scriptorum_. Madri, 1783.

FABRICII: _Bibliotheca Latina mediae et infimae latinitatis_. Pádua, 1754. _Coleccion de Documentos ineditos para la historia de Espana_, tom, xxxix.

JUAN B. MUNOZ: _História, de nuevo mundo_. 1793.

L. VON RANKE: _Zur Kritik neuerer Geschichtsschreiber_. 1824.

A. DE HUMBOLDT: _Examen critique de l'histoire de la geographie du nouveau continent_. 1837.

WASHINGTON IRVING: _Vida e viagens de Cristóvão Colombo_. H.

HALLAM: _Introdução à Literatura da Europa_. 1839.

WM. PRESCOTT: _Conquista do México; História de Ferdinand e Isabella_.

SIR A. AJUDA: _A conquista espanhola na América_. 1867.

M. PASCAL D'AVEZAC: _Les Decades de Pierre Martyr_, etc. (Bulletin de la Societe de Geographie, tom. xiv. Paris 1857-)

OSCAR PESCHEL: _Geschichte des Zeitalters der Entdeckung_. 1858.

MARTIN FERNANDEZ DE NAVARRETE: _Coleccion de los viajes y descubrimientos que hicieron par mar los espanoles_, etc. Madrid, 1858-59. _Coleccion de Documentos ineditos ... sacados en su mayor parte del R. Archivo de Indias_. Madri, 1864.

IGNAZIO CIAMPI: _Pietro Martire d'Anghiera_, no volume xxx do

Nova Antologia, 1875.

HERMANN SCHUMACHER: _Petrus Martyrus der Geschichtsschreiber des Weltmeeres_. 1879.

H. HEIDENHEIMER: _Petrus Martyrus Anglerius und sein Opus Epistolarum_.

J. GERIGK: _Das Opus Epistolarum des Petrus Martyrus_. 1881.

P. GAFFAREL ET L'ABBE SOUROT: _Lettres de Pierre Martyr Anghiera_. 1885.

JH MARIEJOL: _Un lettre italien a la cour d'Espagne_. (1488-1526.) _Pierre Martyr d'Anghera, sa vie et ses oeuvres_, 1887.

H. HARRISSE: _Bibliotheca Americana Vetustissima_. Nova York, 1866. _Acréscimos_. Paris, 1872.

J. BERNAYS: _Petrus Martyrus und sein Opus Epistolarum_. 1891.

GIUSEPPE PENNESI: _Pietro Martire d'Anghiera e le sue Relazione sulle scoperte oceaniche_. 1894.

A primeira década

[Ilustração: Cardeal Ascanio Sforza. Do Medalhão de Luini, no Museu de Milão. Foto de Anderson, Roma.]

LIVRO I

PEDRO MÁRTIRO, PROTONOTÁRIO APOSTÓLICO E CONSELHEIRO REAL DA VISCONDE ASCANIO SFORZA, CARDEAL VICE-CHANCELER

Era um gentil costume dos antigos contar entre os deuses aqueles heróis por cujo gênio e grandeza de alma foram descobertas terras desconhecidas. Como nós, porém, só prestamos homenagem a um Deus em Três Pessoas e, conseqüentemente, não podemos adorar os descobridores de novas terras, resta-nos oferecer-lhes nossa admiração. Da mesma forma devemos admirar os soberanos sob cuja inspiração e auspícios as intenções dos descobridores foram realizadas; louvemos uns e outros e exaltemos-nos segundo os seus méritos.

Preste atenção agora ao que é dito sobre as ilhas recentemente descobertas no oceano ocidental. Já que você expressou em suas cartas um desejo de informação, eu irei, para evitar fazer injustiça a qualquer um, recontar os eventos desde o início.

Um certo Cristóvão Colombo, um genovês, propôs ao rei e à rainha católicos, Fernando e Isabel, descobrir as ilhas que tocam as Índias, navegando desde a extremidade ocidental deste

país. Pediu navios e tudo o que fosse necessário à navegação, prometendo não só propagar a religião cristã, mas certamente trazer de volta pérolas, especiarias e ouro além do que jamais se imaginou. Ele conseguiu persuadi-los e, em resposta às suas exigências, eles lhe forneceram três navios às custas do tesouro real; o primeiro tendo um convés coberto, os outros dois sendo navios mercantes sem convés, do tipo que os espanhóis chamavam de caravelas. Quando tudo estava pronto, Colombo partiu da costa da Espanha, por volta das calendas de setembro do ano de 1492, levando consigo cerca de 220 espanhóis.[2]

[Nota 1: Esta declaração não é absolutamente exata, pois os fundos vieram de várias fontes. Colombo, auxiliado pelos irmãos Pinzon de Palos, forneceu um oitavo do valor, ou o custo de um navio. Duas embarcações foram fornecidas pela cidade de Palos, em resposta a uma ordem real; a cidade deve tal serviço à coroa. O dinheiro à vista exigido foi adiantado por Santangel, recebedor das receitas eclesiásticas de Aragão.]

[Nota 2: De Palos em 3 de agosto de 1492. A inscrição no chão da Catedral de Sevilha diz: _con tres galeras y 90 personas_. Segue-se que os números de Pedro Mártir são exagerados, pois apenas Oviedo entre as primeiras autoridades excede o número noventa, e ele conta as tripulações unidas em 120 homens.]

As Ilhas Afortunadas, ou, como os espanhóis as chamam, as Canárias, há muito foram descobertas no meio do oceano. Eles estão distantes de Cádiz cerca de trezentas léguas; pois, de acordo com os mestres da arte da navegação, cada légua marítima é igual a quatro mil passos.[3] Antigamente, essas ilhas eram chamadas de Afortunadas, por causa da temperatura amena que desfrutavam. Os ilhéus não sofreram nem com o calor do verão nem com os rigores do inverno: alguns autores consideram que as verdadeiras Ilhas Afortunadas correspondem ao arquipélago a que os portugueses deram o nome de Cabo Verde. Se atualmente são chamadas de Canárias, é porque são habitadas por homens nus e sem religião. Eles ficam ao sul e estão fora dos climas europeus. Colombo parou ali para reabastecer seu suprimento de provisões e água e para descansar sua tripulação antes de iniciar a parte difícil de sua empresa.

[Nota 3: De acordo com os cálculos de Colombo, quatro milhas eram iguais a uma légua marítima; a milha italiana, supostamente usada por ele, era igual a 1842 pés ingleses. Cinqüenta e seis milhas e dois terços eram iguais a um grau.]

Já que estamos falando das Canárias, não pode ser considerado desinteressante relembrar como elas foram descobertas e civilizadas. Durante muitos séculos foram desconhecidos ou melhor, esquecidos. Foi por volta do ano de 1405 que um francês chamado Bethencourt[4] redescobriu as sete Canárias. Eles foram concedidos a ele como presente pela rainha Catarina, que foi regente durante a menoridade de seu filho João. Bethencourt viveu vários anos no arquipélago, onde tomou posse das duas ilhas de Lancerote e Fuerteventura, e civilizou os seus habitantes. Após sua morte, seu herdeiro vendeu essas duas ilhas aos espanhóis. Depois Ferdinando Pedraria e sua esposa desembarcaram em outras duas das Canárias, Ferro e Gomera. Nos nossos tempos a Grande Canária foi conquistada por Pedro de Vera, fidalgo espanhol de Xeres; Palma e Tenerife foram conquistadas por Alonzo de Lugo, mas à custa do tesouro real. As ilhas de Gomera e Ferro foram conquistadas pelo mesmo Lugo, mas não sem dificuldade; pois os nativos, embora vivessem nus na mata e não tivessem outras armas além de paus e pedras, um dia surpreenderam seus soldados e mataram cerca de quatrocentos deles. Ele finalmente conseguiu subjugá-los e hoje todo o arquipélago reconhece a autoridade espanhola.

[Nota 4: Maciot de Bethencourt. Consulte Bergeron, _Histoire de la premiere decouverte et conquete des iles Canaries_; Pascal d'Avezac, _Notice des decouvertes ... dans l'ocean Atlantique_, etc., Paris,

1845; Viera y Clavigo, _Historia general de las islas de Canaria_, 1773; também as obras de Major, Barker-Webb, Sabin Berthelot e Bory de St. Vincent.]

Ao sair destas ilhas e dirigir-se directamente para o oeste, com um ligeiro desvio para o sudoeste, Colombo navegou trinta e três dias consecutivos sem ver senão mar e céu. Seus companheiros começaram a murmurar em segredo, pois a princípio esconderam seu descontentamento, mas logo, abertamente, desejando livrar-se de seu líder, a quem pretendiam até lançar ao mar. Eles consideraram que haviam sido enganados por esse genovês, que os estava conduzindo para algum lugar de onde jamais poderiam voltar. Após o trigésimo dia, eles exigiram com raiva que ele voltasse e não fosse mais longe; Colombo, usando palavras gentis, fazendo promessas e lisonjeando suas esperanças, procurou ganhar tempo e conseguiu acalmar seus medos; por fim, lembrando-lhes também que, se recusassem sua obediência ou tentassem violência contra ele, seriam acusados de traição por seus soberanos. Para sua grande alegria, a tão desejada terra foi finalmente descoberta.[5] Durante esta primeira viagem, Colombo visitou seis ilhas, duas das quais eram de extraordinária magnitude; a uma delas chamou Hispaniola e à outra Juana,[6] embora não tivesse certeza de que a última fosse uma ilha. Navegando ao longo das costas dessas ilhas, no mês de novembro, os espanhóis ouviram rouxinóis cantando nas densas florestas e descobriram grandes rios de água doce e portos naturais suficientes para as maiores frotas. Colombo reconheceu a costa de Juana em linha reta em direção ao noroeste por não menos de oitocentos mil passos ou oitenta léguas, o que o levou a crer que se tratava de um continente, pois até onde a vista alcançava, não havia sinais de quaisquer limites para a ilha eram perceptíveis. Ele decidiu voltar,[7] também por causa do mar agitado, pois a costa de Juana ao norte é muito quebrada, e naquela época de inverno, os ventos do norte eram perigosos para seus navios. Seguindo seu curso para o leste, ele se dirigiu para uma ilha que ele acreditava ser a ilha de Ophir; o exame dos mapas, no entanto, mostra que foram as Antilhas e as ilhas vizinhas. Ele chamou esta ilha de Hispaniola. Tendo decidido desembarcar, Colombo dirigiu-se para a costa, quando o maior de seus navios atingiu uma rocha escondida e naufragou. Felizmente, o recife estava alto na água, o que salvou a tripulação do afogamento; os outros dois barcos se aproximaram rapidamente e todos os marinheiros foram levados a bordo com segurança.

[Nota 5: A terra foi descoberta na manhã de 12 de outubro, calendário juliano. Os esforços para identificar a ilha em que Colombo desembarcou pela primeira vez foram numerosos. Os nativos a chamavam de Guanahani e Colombo de San Salvador. Munoz acreditava ser a atual Ilha de Watling; Humboldt e Washington Irving acharam Cat Island mais provável, enquanto Navarrete a identificou como Grand Turk. O capitão GV Fox, USN, publicou no Apêndice 18 do Relatório de 1880 as conclusões a que chegara após exaustivos exames realizados nas Bahamas, com as quais as ilhas e seus longos serviços marítimos o haviam tornado familiarizado. Ele selecionou Samana ou Atwood Cay como a primeira terra descoberta.]

[Nota 6: Em homenagem ao Infante Don Juan, herdeiro da coroa castelhana. No entanto, sempre teve seu nome nativo de Cuba.]

[Nota 7: Exceto por esta infeliz mudança de curso, Colombo deve ter descoberto a costa do México.]

Foi neste local que os espanhóis, ao desembarcar, avistaram pela primeira vez os ilhéus. Ao ver estranhos se aproximando, os nativos se reuniram e fugiram para as profundezas das florestas como lebres tímidas perseguidas por cães. Os espanhóis os seguiram, mas só conseguiram capturar uma mulher, que levaram a bordo de seus navios, onde lhe deram muita comida, vinho e roupas (pois ambos os sexos viviam absolutamente nus e em estado natural); depois esta mulher, que sabia onde se escondiam os fugitivos, voltou para o seu povo, a quem mostrou os seus ornamentos, elogiando a liberalidade dos espanhóis; após o que todos voltaram para a costa, convencidos de que os recém-chegados haviam descido do céu. Eles nadavam até os navios, trazendo ouro, do qual tinham uma pequena quantidade, que trocavam alegremente por ninharias de vidro ou cerâmica. Por uma agulha, um sino, um fragmento de espelho, ou qualquer outra coisa, eles alegremente davam em troca qualquer ouro que lhes fosse pedido, ou tudo o que tivessem sobre eles. Assim que se estabeleceram relações mais íntimas e os espanhóis passaram a compreender os costumes locais, deduziram por sinais e por conjecturas que os ilhéus eram governados por reis. Quando desembarcaram de seus navios, foram recebidos com grande honra por esses reis e por todos os nativos, fazendo todas as demonstrações de homenagem de que eram capazes. Ao pôr do sol, hora do Angelus, os espanhóis ajoelhavam-se segundo o costume cristão, e seu exemplo foi imediatamente seguido pelos nativos. Estes também adoravam a Cruz como viam os cristãos fazerem.[8]

[Nota 8: O primeiro relatório que Colombo fez aos soberanos católicos foi muito lisonjeiro para os aborígenes americanos. _Certifico a vuestras altezas que en el mundo creo que no hay mejor gente ni mejor tierra: ellos aman a sus projimos como a si mismo_. Como a maioria das generalizações, estas foram consideradas, após um conhecimento mais próximo do caráter e dos costumes nativos, muito abrangentes e imprecisas.]

Essas pessoas também retiraram os homens do navio naufragado, assim como tudo o que continha, transportando tudo em barcas a que chamavam de canoas. Eles fizeram isso com tanto entusiasmo e alegria como se estivessem salvando seus próprios parentes; e certamente entre nós maior caridade não poderia ter sido demonstrada.

Suas canoas são construídas com troncos de árvores simples, que eles escavam com ferramentas de pedra afiada. Eles são muito longos e estreitos e são feitos de uma única peça de madeira. Alega-se que alguns foram vistos capazes de carregar oitenta remadores. Em nenhum lugar foi descoberto que o ferro é usado pelos nativos de Hispaniola. Suas casas são engenhosamente construídas, e todos os objetos que fabricam para uso próprio despertam a admiração dos espanhóis. É positivo que eles façam suas ferramentas com pedras muito duras encontradas nos riachos e que polim.

Os espanhóis souberam que havia outras ilhas não muito distantes, habitadas por povos ferozes que vivem de carne humana; isso explicava por que os nativos de Hispaniola fugiram tão prontamente ao chegar. Eles disseram aos espanhóis mais tarde que os haviam tomado pelos canibais, que é o nome que eles dão a esses bárbaros. Eles também os chamam de _Caraibes_. As ilhas habitadas por esses monstros ficam ao sul e a meio caminho das outras ilhas. Os habitantes de Hispaniola, que são um povo brando, queixavam-se de estarem expostos a frequentes ataques de canibais que

desembarcavam entre eles e os perseguiam pelas florestas como caçadores perseguem animais selvagens. Os canibais capturavam crianças, castravam-nas, assim como nós fazemos galinhas e porcos que queremos engordar para a mesa, e quando cresciam e engordavam, eles os comiam.[9] Pessoas mais velhas, que caíram em seu poder, foram mortas e cortadas em pedaços para servir de alimento; eles também comiam os intestinos e as extremidades, que salgavam, assim como fazemos com os presuntos. Não comiam mulheres, pois isso seria considerado crime e infâmia. Se eles capturavam alguma mulher, eles a mantinham e cuidavam dela, para que pudessem ter filhos; assim como fazemos com galinhas, ovelhas, éguas e outros animais. As velhas, quando capturadas, eram escravizadas. Os habitantes destas ilhas (que doravante podemos considerar nossas), mulheres e homens, não têm outro meio de escapar à captura dos canibais, senão a fuga. Embora usem flechas de madeira com pontas afiadas, eles sabem que essas armas são de pouca utilidade contra a fúria e a violência de seus inimigos, e todos admitem que dez canibais poderiam facilmente derrotar cem de seus próprios homens em uma batalha campal.

[Nota 9: Veja Henry Harrisse, _Christophe Colombe_, ii., p. 72. Carta de Simone Verde a Nicoli.]

Embora essas pessoas adorem os céus e as estrelas, sua religião ainda não é suficientemente compreendida; quanto aos seus outros costumes, o pouco tempo que os espanhóis pararam ali e a falta de intérpretes não permitiram obter informações completas. Eles comem raízes que em tamanho e forma se assemelham aos nossos nabos, mas que no sabor são semelhantes às nossas tenras castanhas. Eles chamam de _idades_. Outra raiz que eles comem eles chamam de _yucca_; e disso eles fazem pão. Eles comem as idades assadas ou cozidas, ou transformadas em pão. Eles cortam a mandioca, que é muito suculenta, em pedaços, amassam e amassam e depois assam em forma de bolos. É uma coisa singular que eles considerem o suco da iúca mais venenoso do que o do acônito e, ao bebê-lo, a morte ocorre imediatamente. Por outro lado, o pão feito com esta pasta é muito apetitoso e saudável: todos os espanhóis o provaram. Os ilhéus também facilmente fazem pão com uma espécie de painço, semelhante ao que existe em abundância entre os milaneses e andaluzes. Este painço tem pouco mais de um palmo de comprimento, terminando em uma ponta, e tem aproximadamente a espessura da parte superior do braço de um homem. Os grãos têm a forma e o tamanho de ervilhas. Enquanto crescem, são brancos, mas tornam-se pretos quando maduros. Quando moídos, eles são mais brancos que a neve. Este tipo de grão é chamado _maiz_.

Os ilhéus dão algum valor ao ouro e o usam na forma de folhas finas, fixadas nos lóbulos das orelhas e das narinas. Assim que nossos compatriotas se certificaram de que não tinham relações comerciais com outros povos e nenhuma outra costa além das de suas próprias ilhas, perguntaram-lhes por meio de sinais de onde haviam obtido o ouro. Tanto quanto se pode imaginar, os nativos obtêm ouro das areias dos rios que descem das altas montanhas. Este processo não foi difícil. Antes de transformá-lo em folhas, eles o transformam em lingotes; mas nenhum foi encontrado naquela parte da ilha onde os espanhóis haviam desembarcado. Pouco tempo depois foi descoberto, pois quando os espanhóis deixaram aquela localidade e desembarcaram em outro ponto para obter água doce e pescar, descobriram um rio cujas pedras continham lascas de ouro.

Com exceção de três tipos de coelhos, nenhum quadrúpede é encontrado nessas ilhas. Existem serpentes, mas não são perigosas. Existem gansos selvagens, rolas, patos de tamanho maior que o nosso, com plumagem branca como a de um cisne e cabeças vermelhas. Os espanhóis trouxeram consigo cerca de quarenta papagaios, alguns verdes, outros amarelos e alguns com coleiras vermelhas como os papagaios da Índia, conforme descrito por Plínio; e todos eles têm a plumagem mais brilhante. Suas asas são verdes ou amarelas, mas misturadas com penas azuladas ou roxas, apresentando uma variedade que encanta os olhos. Eu desejei, ilustre príncipe, dar-lhe esses detalhes sobre os papagaios; e embora a opinião de Colombo[10] pareça contraditória com as teorias dos antigos sobre o tamanho do globo e sua circunavegação, os pássaros e muitos outros objetos trazidos dali parecem indicar que essas ilhas pertencem, seja por proximidade ou por seus produtos, para a Índia; particularmente quando se lembra o que Aristóteles, no final de seu tratado _De Caelo et Mundo_, e Sêneca, e outros cosmógrafos eruditos sempre afirmaram, que a Índia estava separada da costa oeste da Espanha apenas por uma extensão muito pequena de mar.

[Nota 10: Colombo morreu acreditando que os países que havia descoberto faziam parte das Índias. Eles foram assim descritos oficialmente pelos soberanos espanhóis.]

Mástique, aloés, algodão e produtos similares florescem em abundância. Tipos sedosos de algodão crescem em árvores como na China; também bagas de revestimento áspero de cores diferentes, mais picantes ao paladar do que a pimenta do Cáucaso; e galhos cortados das árvores, que em sua forma se assemelham a canela, mas em sabor, odor e casca externa se assemelham a gengibre.

Feliz por ter descoberto esta terra desconhecida, e por ter encontrado indícios de um continente até então desconhecido, Colombo resolveu aproveitar os ventos favoráveis e a aproximação da primavera para voltar à Europa; mas ele deixou trinta e oito de seus companheiros sob a proteção do rei de quem falei, para que eles pudessem, durante sua ausência, se familiarizar com o país e sua condição. Depois de assinar um tratado de amizade com este rei que foi chamado por seus inimigos de Guaccanarillo,[11] Colombo tomou todas as precauções para garantir a saúde, a vida e a segurança dos homens que ele deixou para trás. O rei, tocado de pena por esses exilados voluntários, derramou lágrimas abundantes e prometeu prestar-lhes toda a assistência ao seu alcance. Após abraços mútuos, Colombo deu a ordem de partir para a Espanha. Ele levou consigo seis ilhéus,[12] graças aos quais todas as palavras de sua língua foram escritas com caracteres latinos. Assim eles chamam os céus _tueri_, uma casa _boa_, ouro _cauni_, um homem virtuoso _taino_, nada _nagani_. Eles pronunciam todos esses nomes tão distintamente quanto nós pronunciamos o latim.

[Nota 11: Caso contrário Guacanagari.]

[Nota 12: Um desses índios morreu no mar durante a viagem, e três outros desembarcaram muito doentes em Palos; os seis restantes foram apresentados a Fernando e Isabel em Barcelona, e depois foram batizados.]

Agora você está familiarizado com os detalhes relativos a esta primeira viagem que me pareceu conveniente registrar. O Rei e a Rainha, que acima de tudo e até durante o sono, pensavam na propagação da fé cristã, esperando que estes numerosos e gentis povos se convertessem facilmente à nossa religião, experimentaram as mais vivas emoções ao ouvir estas notícias. Colombo foi recebido em seu retorno com a grande honra que merecia pelo que havia realizado.[13] Eles o convidaram a sentar-se em sua presença, o que para os soberanos espanhóis é considerado uma prova da maior amizade e a mais alta marca de gratidão. Eles ordenaram que, doravante, Colombo fosse chamado de "_Praefectus Marinus_" ou, na língua espanhola, _Amiral_. Seu irmão Bartolomeu, também muito hábil na arte da navegação, foi por eles agraciado com o título de Prefeito da Ilha de Hispaniola, que na língua vulgar se chama _Adelantado_.[14] Para deixar claro o que quero dizer, empregarei daqui em diante essas palavras usuais de Almirante e Adelantado, bem como os termos que agora são comumente usados na navegação. Mas voltemos à nossa narrativa.

[Nota 13: O historiador Oviedo, que esteve presente, descreve a recepção de Colombo em Barcelona. _Hist. Nat. de las Indias_, tom. ii., pág. 7.]

[Nota 14: Esta afirmação é prematura; A nomeação de Bartholomew foi feita consideravelmente mais tarde.]

Pensava-se, como Colombo havia declarado no início, que nessas ilhas seriam encontradas riquezas que todos lutam para obter. Dois motivos levaram a dupla real a planejar uma segunda expedição, para a qual mandaram equipar dezessete navios; três delas eram embarcações com convés coberto, doze eram do tipo que os espanhóis chamavam de caravelas, que não tinham, e duas eram caravelas maiores, cuja altura dos mastros permitia adaptar os conveses. O equipamento desta frota foi confiado a Juan de Fonseca, Deão de Sevilha, homem de ilustre nascimento, de gênio e iniciativa.[15] Em obediência às suas ordens, mais de mil e duzentos soldados de infantaria, entre os quais havia todos os tipos de trabalhadores e numerosos artesãos, receberam ordem de embarcar. Alguns nobres foram encontrados entre a empresa. O Almirante embarcou éguas, ovelhas, vacas e respectivos machos para a propagação de suas espécies; nem se esqueceu de vegetais, grãos, cevada e sementes semelhantes, não apenas para provisões, mas também para semear; videiras e plantas jovens, como faltavam naquele país, foram cuidadosamente colhidas. De fato, os espanhóis não encontraram naquela ilha nenhuma árvore que lhes fosse conhecida, exceto pinheiros e palmeiras; e até as palmeiras eram extraordinariamente altas, muito duras, delgadas e retas, devido, sem dúvida, à fertilidade do solo. Até os frutos que produzem em abundância eram desconhecidos.

[Nota 15: O mal que foi atribuído a Juan Fonseca, Bispo de Burgos, pode exceder seus devidos, mas o elogio aqui e em outros lugares dado a ele por Pedro Mártir é excessivo e quase único. Que ele odiou cordialmente Colombo e depois dele Cortés, Las Casas e a maioria dos homens de ação do Novo Mundo, é inegável.]

Os espanhóis declaram que não há em todo o universo região mais fértil. O almirante ordenou a seus trabalhadores que levassem consigo as ferramentas de seus ofícios e, em geral, tudo o que era necessário para construir uma nova cidade. Conquistados pelas contas do Almirante e atraídos pelo amor à novidade, alguns dos

cortesãos mais íntimos também resolveram participar desta segunda viagem. Eles partiram de Cádiz com vento favorável, no sétimo dia das calendas de outubro do ano da graça de 1493.[16] Nas calendas, eles tocaram as Canárias. A última das Canárias é chamada de Ferro pelos espanhóis. Não há água potável nela, exceto uma espécie de orvalho produzido por uma única árvore plantada no ponto mais alto de toda a ilha; e de onde cai gota a gota em uma calha artificial. Desta ilha, Colombo embarcou no mar no terceiro dia dos idos de outubro. Soubemos desta notícia alguns dias depois de sua partida. Você ouvirá o resto mais tarde. Passe bem.

[Nota 16: A data da partida foi 25 de setembro de 1493.]

Da Corte da Espanha, nos idos de novembro de 1493.

LIVRO II

AO VISCONDE ASCANIO SFORZA, CARDEAL VICE-CHANCELER

Renovas-me, Ilustre Príncipe, o teu desejo de saber tudo o que se refere às descobertas espanholas no Novo Mundo. Você me disse que os detalhes que lhe dei sobre a primeira viagem lhe agradaram; ouça agora a continuação dos acontecimentos.

Medina del Campo é uma cidade da Espanha Ulterior, como é chamada na Itália, ou de Castela Velha, como é chamada aqui. Dista cerca de quatrocentas milhas de Cádiz. Enquanto a Corte permanecia ali no nono dia das calendas de abril, mensageiros enviados ao rei e à rainha os informaram que doze navios voltando das ilhas chegaram a Cádiz, após uma viagem feliz. O comandante da esquadra não quis dizer mais nada pelos mensageiros ao Rei e à Rainha senão que o Almirante tinha parado com cinco navios e novecentos homens em Hispaniola, que desejava explorar. Ele escreveu que daria mais detalhes de boca em boca. Na véspera das nonas de abril, este comandante da esquadra, que era irmão da babá dos príncipes reais mais velhos, chegou a Medina, enviado por Colombo. Eu questionei ele e outras testemunhas confiáveis, e agora devo repetir o que eles me disseram, esperando ao fazê-lo tornar-me agradável para você. O que aprendi de suas bocas, você agora aprenderá de mim.

No terceiro dia dos idos de outubro, os espanhóis deixaram a ilha de Ferro, [1] que é a mais distante das Canárias da Europa, e zarparam em alto mar em dezessete navios. Vinte e um dias inteiros se passaram antes que eles avistassem qualquer terra; impulsionados pelo vento norte, foram levados muito mais para o sudoeste do que na primeira viagem, e assim chegaram ao arquipélago dos canibais, ou caribes, que só conhecemos pelas descrições dadas pelos ilhéus. A primeira ilha que descobriram era tão densamente arborizada que não havia um centímetro de terra nua ou pedregosa. Como a descoberta ocorreu num domingo, o Almirante quis chamar a ilha de Domingo.[2] Era para estar deserto, e ele não parou por aí. Ele calculou que eles haviam percorrido 820 léguas nesses vinte e um dias. Os navios sempre foram impulsionados pelo vento sudoeste. A pouca distância de Domingo avistavam-se outras ilhas, cobertas de árvores, cujos troncos, raízes e folhas exalavam doces odores. Os que desembarcaram para visitar a ilha não encontraram nem homens nem

animais, exceto lagartos de tamanho extraordinariamente grande. Esta ilha eles chamaram de Galana. Do cume de um promontório, avistava-se uma montanha no horizonte e a trinta milhas distante dessa montanha um rio de importante largura descia para a planície. Esta foi a primeira terra habitada[3] encontrada desde a saída das Canárias, mas era habitada por aqueles canibais odiosos, dos quais só tinham ouvido falar, mas agora aprenderam a saber, graças aos intérpretes que o Almirante levou para Espanha em sua primeira viagem.

[Nota 1: toda a cronologia é errônea. Colombo partiu de Cádiz em 25 de setembro, chegando a Gomera em 5 de outubro.]

[Nota 2: A primeira ilha foi descoberta em 3 de novembro e recebeu o nome de La Deseada, ou O Desejado; cinco outros, incluindo Domingo e Maria Galante, foram descobertos na mesma data.]

[Nota 3: A ilha de Guadalupe, chamada pelos nativos de Caracueira.]

Ao explorar a ilha, foram descobertas numerosas aldeias, compostas por vinte ou trinta casas cada; no centro está uma praça pública, em torno da qual as casas são colocadas em círculo. E já que estou falando dessas casas, parece apropriado que eu as descreva para você. Parece que eles são construídos inteiramente de madeira em uma forma circular. A construção do edifício é iniciada plantando na terra troncos de árvores muito altos; por meio deles, vigas mais curtas são colocadas no interior e sustentam os postes externos. As extremidades das superiores são reunidas em ponta, à maneira de uma tenda militar. Essas molduras são então cobertas com palmeiras e outras folhas, engenhosamente entrelaçadas, como proteção contra a chuva. Das vigas mais curtas do interior suspendem cordas com nós feitas de algodão ou de certas raízes semelhantes a juncos, e sobre estas colocam coberturas.[4]

[Nota 4: Hamacs, que ainda são comumente usados na _tierra caliente_ das Índias Ocidentais, México e América Central.]

A ilha produz algodão como os espanhóis chamam _algodon_ e os italianos _bombasio_. As pessoas dormem nessas camas suspensas ou em palhas espalhadas pelo chão. Há uma espécie de pátio rodeado de casas onde se reúnem para os jogos. Eles chamam suas casas de _boios_. Os espanhóis notaram duas estátuas de madeira, quase sem forma, apoiadas em duas serpentes entrelaçadas, que a princípio pensaram ser os deuses dos ilhéus; mas que eles aprenderam mais tarde foram colocados lá apenas para ornamento. Já observamos acima que se acredita que eles adoram os céus; no entanto, eles fazem certas máscaras de tecido de algodão, que se assemelham a goblins imaginários que eles pensam ter visto durante a noite.

Mas voltemos à nossa narrativa. Com a chegada dos espanhóis, os ilhéus, homens e mulheres, abandonaram suas casas e fugiram. Cerca de trinta mulheres e crianças que haviam capturado nas ilhas vizinhas e mantidas como escravas ou para serem comidas, refugiaram-se com os espanhóis. Nas casas foram encontrados potes de todos os tipos, jarras e grandes vasilhas de barro, caixas e utensílios semelhantes aos nossos. Pássaros ferviam em suas panelas, também gansos misturados com pedaços de carne humana, enquanto outras partes de corpos humanos eram fixadas em espetos, prontas para assar. Ao revistar outra casa, os espanhóis encontraram ossos de braços e pernas, que os canibais preservam

cuidadosamente para apontar suas flechas; porque não têm ferro. Todos os outros ossos, depois que a carne é comida, eles jogam de lado. Os espanhóis descobriram a cabeça recentemente decapitada de um jovem ainda molhada de sangue. Explorando o interior da ilha descobriram sete rios,[5] sem falar de um curso de água muito maior, semelhante ao Guadalquivir de Córdoba e maior que o nosso Ticino, cujas margens eram deliciosamente umbrosas. Deram o nome de Guadalupe a esta ilha pela semelhança de uma das suas montanhas com o monte Guadalupe, célebre pela sua estátua milagrosa da Virgem Imaculada. Os nativos chamam sua ilha de Caracueira, e é a principal habitada pelos caribes. Os espanhóis pegaram de Guadalupe sete papagaios maiores que os faisões e totalmente diferentes de qualquer outro papagaio em cores. Todo o peito e as costas são cobertos de plumas roxas, e de seus ombros caem longas penas da mesma cor, como muitas vezes observei na Europa, é o caso dos capões que os camponeses cultivam. As outras penas são de várias cores - verdes, azuladas, roxas ou amarelas. Os papagaios são tão numerosos em todas essas ilhas quanto os pardais ou outros pequenos pássaros estão conosco; e assim como mantemos pegas, tordos e pássaros semelhantes para engordá-los, esses ilhéus também criam pássaros para comer, embora suas florestas estejam cheias de papagaios.

[Nota 5: Na realidade, esses chamados rios eram torrentes de montanha sem importância.]

As mulheres cativas que se refugiaram com nosso povo receberam por ordem do Almirante alguns presentes insignificantes e foram imploradas por sinais para irem caçar os canibais, pois eles conheciam seu esconderijo. Na verdade, eles voltaram para os homens durante a noite, e na manhã seguinte voltaram com vários canibais que foram atraídos pela esperança de receber presentes; mas quando eles viram nossos homens, esses selvagens, seja porque eles estavam com medo ou porque eles estavam conscientes de seus crimes, entreolharam-se, fazendo um murmúrio baixo, e então, de repente formando um grupo em forma de cunha, eles fugiram rapidamente, como um bando de pássaros, para os vales sombrios.

Tendo reunido seus homens que haviam passado alguns dias explorando o interior da ilha, Colombo deu o sinal de partida. Ele não levou nenhum canibal consigo, mas ordenou que seus barcos, escavados em troncos de árvores, fossem destruídos e, na véspera dos idos de novembro, levantou âncora e deixou Guadalupe.

Desejando ver os homens de sua tripulação que havia deixado no ano anterior em Hispaniola para explorar aquele país, Colombo passava diariamente por outras ilhas que descobriu à direita e à esquerda. Bem à frente, ao norte, apareceu uma grande ilha. Os nativos que foram trazidos para a Espanha em sua primeira viagem, e aqueles que foram libertados do cativeiro, declararam que se chamava Madanina, e que era habitada exclusivamente por mulheres.[6] Os espanhóis, de fato, ouviram falar dessa ilha durante sua primeira viagem. Parecia que os canibais iam em certas épocas do ano visitar essas mulheres, pois na história antiga os trácios cruzavam para a ilha de Lesbos habitada pelas amazonas. Quando os filhos eram desmamados, mandavam os meninos para os pais, mas ficavam com as meninas, exatamente como faziam as amazonas. Afirma-se que essas mulheres conhecem vastas cavernas onde se escondem se algum homem tentar visitá-las fora do horário estabelecido. Se alguém tentar forçar a entrada nessas

cavernas por meio de violência ou trapaça, eles se defendem com flechas, que disparam com grande precisão. Pelo menos, esta é a história contada, e eu a repito para você. O vento norte torna esta ilha inacessível, e só pode ser alcançada quando o vento sopra do sudoeste.

[Nota 6: Esta é a ilha da Martinica; a lenda de suas amazonas é puramente fantástica.]

Ainda à vista de Madanina, a uma distância de cerca de quarenta milhas, os espanhóis passaram por outra ilha que, segundo relatos dos nativos, era muito populosa e rica em alimentos de todos os tipos. Como esta ilha era muito montanhosa, eles a batizaram de Montserrat. Entre outros pormenores fornecidos pelos ilhéus a bordo, e tanto quanto se pode apurar pelos seus sinais e gestos, os canibais de Montserrat partem frequentemente em caçadas para capturar cativos para alimentação, e para isso percorrem uma distância de mais de um metro. mil milhas de suas costas. No dia seguinte, os espanhóis descobriram outra ilha e, como era de forma esférica, Colombo a chamou de Santa Maria Rotunda. Em menos tempo passou por outra ilha descoberta no dia seguinte, e que, sem parar, dedicou a São Martinho, e no dia seguinte ainda apareceu uma terceira ilha. Os espanhóis estimaram sua largura de leste a oeste em oitenta milhas.

Mais tarde soube-se que estas ilhas eram da mais extraordinária beleza e fertilidade, e a esta última foi dado o nome de Santíssima Virgem de Antígua. Navegando por numerosas ilhas que seguiam Antígua, Colombo chegou, quarenta milhas adiante, a uma ilha que superava todas as outras em tamanho e que os nativos chamavam de Agay. O Almirante deu-lhe o nome de Santa Cruz. Aqui ele ordenou que a âncora fosse baixada, a fim de reabastecer seu suprimento de água, e enviou trinta homens de seu navio para pousar e explorar. Esses homens encontraram quatro cachorros na praia, e o mesmo número de jovens e mulheres se aproximaram com as mãos estendidas, como suplicantes. Supunha-se que imploravam por socorro ou para serem resgatados das mãos daquela gente abominável. Qualquer decisão que os espanhóis pudessem tomar em relação a eles, parecia-lhes melhor do que sua condição real. Os canibais fugiram como haviam feito em Guadalupe e desapareceram nas florestas.

Passaram-se dois dias em Santa Cruz, onde trinta dos nossos espanhóis colocados em emboscada viram, do lugar onde vigiavam, vindo ao longe uma canoa, na qual vinham oito homens e outras tantas mulheres. A um dado sinal, eles caíram sobre a canoa; ao se aproximarem, os homens e mulheres dispararam uma saraivada de flechas com grande rapidez e precisão. Antes que os espanhóis tivessem tempo de se proteger com seus escudos, um dos nossos homens, um galego, foi morto por uma mulher, e outro foi gravemente ferido por uma flecha disparada por essa mesma mulher. Descobriu-se que suas flechas envenenadas continham uma espécie de líquido que escorria quando a ponta quebrava. Havia uma mulher entre esses selvagens a quem, tanto quanto se poderia conjeturar, todos os outros pareciam obedecer, como se ela fosse sua rainha. Com ela estava seu filho, um jovem feroz e robusto, com olhos ferozes e rosto de leão. Em vez de se expor ainda mais às suas flechas, nossos homens escolheram envolvê-los em um combate corpo a corpo. Remando vigorosamente, empurraram a barca contra a canoa dos selvagens, que virou com o choque; a canoa afundou, mas os selvagens, jogando-se na água, continuaram nadando a atirar suas flechas com a

mesma rapidez. Escalando uma rocha nivelada com a água, eles ainda lutaram com grande bravura, embora fossem

finalmente capturado, depois que um foi morto e o filho da rainha recebeu dois ferimentos. Quando eles foram trazidos a bordo do navio do Almirante, eles não mudaram mais seu humor feroz e selvagem do que os leões da África, quando se encontram presos em redes. Não havia quem os visse que não estremecesse de horror, tão infernal e repugnante era o aspecto que a natureza e seu próprio caráter cruel lhes haviam dado. Afirmo isso depois do que eu mesmo vi, assim como todos aqueles que foram comigo a Madri para examiná-los.

Volto à minha narrativa. A cada dia os espanhóis avançavam mais. Eles haviam percorrido uma distância de quinhentas milhas. Impulsionados primeiro pelo vento sul, depois pelo vento oeste e finalmente pelo vento noroeste, eles se encontraram em um mar pontilhado de inúmeras ilhas, estranhamente diferentes umas das outras; algumas eram cobertas por florestas e pradarias e ofereciam uma sombra deliciosa, enquanto outras, que eram secas e estéreis, tinham montanhas muito altas e rochosas. As rochas destes últimos eram de várias cores, algumas roxas, outras violetas e algumas totalmente brancas. Acredita-se que contenham metais e pedras preciosas.

Os navios não tocaram, porque o tempo estava desfavorável e também porque a navegação entre essas ilhas é perigosa. Adiando para outro momento a exploração dessas ilhas que, por seu agrupamento confuso, não podiam ser contadas, os espanhóis continuaram sua viagem. Alguns navios mais leves da frota, no entanto, cruzaram entre eles, reconhecendo quarenta e seis deles, enquanto os navios mais pesados, temendo os recifes, mantiveram-se em alto mar. Este conjunto de ilhas é chamado de arquipélago. Fora do arquipélago e do outro lado do curso ergue-se a ilha chamada pelos nativos Burichena, que Colombo colocou sob o patrocínio de San Juan.[7] Vários cativos resgatados das mãos dos canibais declararam-se naturais daquela ilha, que diziam ser populosa e bem cultivada; eles explicaram que tinha excelentes portos, era coberto de florestas e que seus habitantes odiavam os canibais e estavam constantemente em guerra com eles. Os habitantes não possuíam barcos pelos quais pudessem chegar às costas dos canibais de sua ilha; mas sempre que tiveram sorte em repelir uma invasão canibal com o objetivo de saquear, eles cortaram seus prisioneiros em pequenos pedaços, os assaram e os comeram avidamente; pois na guerra há alternativas entre boa e má sorte.

[Nota 7: Porto Rico.]

Tudo isso foi contado pelos intérpretes nativos que foram levados de volta à Espanha na primeira viagem. Para não perder tempo, os espanhóis passaram por Burichena; no entanto, alguns marinheiros, que desembarcaram no extremo oeste da ilha para se abastecer de água doce, encontraram ali uma bela casa construída à moda do país e cercada por uma dúzia ou mais de estruturas comuns, todas abandonadas. por seus donos. Se os habitantes se dirigem para as montanhas nessa época do ano para escapar do calor e depois voltam para as terras baixas quando a temperatura é mais fresca, ou se fugiram por medo dos canibais, não se sabe com precisão. Há apenas um rei para toda a ilha, e ele é obedecido com reverência. A costa sul desta ilha, que os espanhóis seguiram, tem duzentas milhas de extensão.

Durante a noite, duas mulheres e um jovem, que haviam sido resgatados dos canibais, pularam no mar e nadaram até sua ilha natal.

Alguns dias depois, os espanhóis finalmente chegaram à tão desejada Hispaniola, que fica a quinhentas léguas da mais próxima das ilhas canibais. O destino cruel havia decretado a morte de todos os espanhóis que ali ficaram.

Há uma região costeira da Hispaniola que os nativos chamam de Xarama, e foi de Xarama que Colombo partiu em sua primeira viagem, quando estava para retornar à Espanha, levando consigo os dez intérpretes de que falei acima, de dos quais apenas três sobreviveram; os outros sucumbiram à mudança de clima, país e comida.

Mal as naus avistaram a costa de Xarama, que Colombo chamou de Santa Reina,[8] o Almirante ordenou que um desses intérpretes fosse posto em liberdade, e outros dois conseguiram pular no mar e nadar até a praia. Como Colombo ainda não conhecia o triste destino dos trinta e oito homens que deixara na ilha no ano anterior, não se preocupou com esta fuga. Quando os espanhóis estavam perto da costa, uma longa canoa com vários remadores saiu ao seu encontro. Nela estava o irmão de Guaccanarillo, aquele rei com quem o almirante havia assinado um tratado quando deixou Hispaniola, e a cujos cuidados havia confiado com urgência os marinheiros que deixara para trás. O irmão trouxe ao Almirante, em nome do rei, um presente de duas estátuas de ouro; ele também falou em sua própria língua - como mais tarde foi entendido - da morte de nossos compatriotas; mas como não havia intérprete, ninguém na época entendeu suas palavras.

[Nota 8: Xarama também é escrito nas edições latinas _Xamana_, e Santa Reina, _Sancteremus_.]

Ao chegarem, porém, à fortificação e às casas, cercadas por uma trincheira, encontravam-se todas reduzidas a cinzas, enquanto sobre o local reinava um profundo silêncio. O Almirante e seus companheiros ficaram profundamente comovidos com esta descoberta. Pensando e esperando que alguns dos homens ainda estivessem vivos, ordenou que disparassem canhões e metralhadoras, para que o barulho dessas formidáveis detonações ecoando entre as montanhas e ao longo das costas servisse de sinal de sua chegada a qualquer um de nossos homens . que podem estar escondidos entre os ilhéus ou entre as feras. Foi em vão; pois todos estavam mortos.

O Almirante depois enviou mensageiros a Guaccanarillo, que, tanto quanto puderam entender, relataram o seguinte: há na ilha, que é muito grande, vários reis, que são mais poderosos do que ele; dois deles, perturbados com a notícia da chegada dos espanhóis, reuniram forças consideráveis, atacaram e mataram nossos homens e queimaram suas trincheiras, casas e posses; Guaccanarillo se esforçou para salvar nossos homens e na luta foi ferido por uma flecha, com a perna ainda enfaixada com algodão; e por essa razão, apesar de seu grande desejo, ele não pôde ir ao encontro do almirante.

Existem vários soberanos na ilha, alguns mais poderosos que os outros; assim como lemos que o fabuloso Enéias encontrou Lácio dividido entre vários reis, Latinus, Mezentius, Turnus e Tarchon, todos vizinhos próximos que lutaram pelo território. Os ilhéus de Hispaniola, na minha opinião, podem ser considerados mais afortunados do que

os latinos, sobretudo se eles se converterem à verdadeira religião. Andam nus, não conhecem pesos nem medidas, nem aquela fonte de todos os infortúnios, o dinheiro; vivendo em uma idade de ouro, sem leis, sem juízes mentirosos, sem livros, satisfeitos com

sua vida, e de forma alguma solícitos para o futuro. No entanto, a ambição e o desejo de governar perturbam até mesmo eles, e eles lutam entre si, de modo que, mesmo na idade de ouro, nunca há um momento sem guerra; a máxima _Cede, non cedam_ sempre prevaleceu entre os homens mortais.

No dia seguinte, o almirante enviou a Guaccanarillo um sevilhano chamado Melchior, que outrora fora enviado pelo rei e pela rainha ao soberano pontífice quando capturaram Málaga. Melchior o encontrou na cama, fingindo doença, e rodeado pelas camas de suas sete concubinas. Ao tirar o curativo [da perna] Melchior não descobriu nenhum vestígio de ferida, e isso o levou a suspeitar que Guaccanarillo era o assassino de nossos compatriotas. Ele ocultou suas suspeitas, no entanto, e obteve a garantia do rei de que viria no dia seguinte para ver o almirante a bordo de seu navio, o que ele fez. Assim que subiu a bordo, e depois de saudar os espanhóis e distribuir algum ouro entre os oficiais, voltou-se para as mulheres que havíamos resgatado dos canibais e, olhando com os olhos entreabertos para uma delas a quem chamávamos Catarina, ele falou com ela muito suavemente; depois disso, com a permissão do Almirante, que ele pediu com muita polidez e urbanidade, inspecionou os cavalos e outras coisas que nunca tinha visto antes, e então partiu.

Algumas pessoas aconselharam Colombo a manter Guaccanarillo prisioneiro, para fazê-lo expiar caso se provasse que nossos compatriotas haviam sido assassinados por suas ordens; mas o almirante, julgando inoportuno irritar os ilhéus, permitiu que ele partisse.

No dia seguinte, o irmão do rei, agindo em seu próprio nome ou no de Guaccanarillo, subiu a bordo e conquistou as mulheres, para a noite seguinte, Catarina, a fim de recuperar sua própria liberdade e a de todos os seus. companheiros, cedeu à solicitação de Guaccanarillo ou de seu irmão, e realizou uma façanha mais heróica que a da romana Clélia, quando libertou as outras virgens que haviam servido com ela como reféns, atravessou o Tibre a nado e assim escapou do poder de Lars Porsena. Clélia atravessou o rio a cavalo, enquanto Catarina e várias outras mulheres confiavam apenas em seus braços e nadaram uma distância de três milhas em um mar nada calmo; pois essa, segundo a opinião de todos, era a distância entre os navios e a costa. Os marinheiros os perseguiram em barcos leves, guiados pela mesma luz da praia que serviu para as mulheres, das quais capturaram três. Acredita-se que Catarina e quatro outros escaparam para Guaccanarillo, pois ao amanhecer, homens enviados pelo almirante anunciaram que ele e as mulheres haviam fugido juntos, levando consigo todos os seus bens; e esse fato confirmou a suspeita de que ele havia consentido no assassinato de nossos homens.

Melchior, a quem mencionei, foi então enviado com trezentos homens para procurá-lo. No curso de sua marcha, ele chegou a um desfiladeiro sinuoso, dominado por cinco altas colinas de maneira a sugerir o estuário de um grande rio. Lá foi encontrado um porto grande, seguro e espaçoso, que eles chamaram de Port Royal. A entrada deste porto é em forma de meia-lua e é formada de forma tão regular que é difícil

detectar se os navios entraram pela direita ou pela esquerda; isso só pode ser verificado quando eles retornam à entrada. Três grandes navios podem entrar lado a lado. As colinas circundantes formam as costas e fornecem abrigo contra os ventos. No meio do porto ergue-se um promontório coberto de bosques, cheios de papagaios e muitas outras aves que ali constroem os seus ninhos e enchem

o ar com doces melodias. Dois rios consideráveis desaguam neste porto.

No decorrer de suas explorações por este país, os espanhóis perceberam ao longe uma grande casa, da qual se aproximaram, persuadidos de que era o retiro de Guaccanarillo. Eles foram recebidos por um homem com testa enrugada e sobrancelhas franzidas, escoltado por cerca de cem guerreiros armados com arcos e flechas, lanças pontiagudas e porretes. Ele avançou ameaçadoramente em direção a eles. "_Tainos_", gritavam os nativos, ou seja, bons homens e não canibais. Em resposta aos nossos sinais amigáveis, eles baixaram os braços e modificaram sua atitude feroz. A cada um foi presenteado com um sino de falcão, e eles se tornaram tão amigos que embarcaram sem medo nos navios, deslizando pelas margens íngremes do rio, e inundaram nossos compatriotas de presentes. Ao medir a grande casa que era de forma esférica, descobriu-se que ela tinha um diâmetro de trinta e cinco passos de comprimento; ao seu redor havia trinta outras casas comuns. Os tetos eram enfeitados com galhos de várias cores entrelaçados com muita arte. Em resposta às nossas perguntas sobre Guaccanarillo, os nativos responderam, tanto quanto pudemos entender, que não eram súditos dele, mas de um chefe que estava presente; eles também declararam que entenderam que Guaccanarillo havia deixado a costa para se refugiar nas montanhas. Após concluírem um tratado de amizade com aquele cacique, tal era o nome dado aos seus reis, os espanhóis voltaram a relatar o que souberam ao almirante.

Colombo, entretanto, enviou alguns oficiais com uma escolta de homens para efetuar um reconhecimento mais no interior; dois dos mais conspícuos foram Hojeda e Corvalano, ambos nobres jovens e corajosos. Um deles descobriu três rios, o outro quatro, todos com suas nascentes nessas mesmas montanhas. Nas areias desses rios foi encontrado ouro, que os índios, que agiam como sua escolta, procederam na presença deles para coletar da seguinte maneira: eles cavaram um buraco na areia com a profundidade de um braço, apenas escavando a areia para fora. desta calha com as mãos direita e esquerda. Eles extraíram os grãos de ouro, que depois apresentaram aos espanhóis. Alguns declararam ter visto grãos do tamanho de ervilhas. Eu vi com meus próprios olhos um lingote informe semelhante a uma pedra redonda de rio, que foi encontrada por Hojeda e depois trazida para a Espanha; pesava nove onças. Satisfeitos com este primeiro exame, voltaram a relatar ao Almirante.

Colombo, como me disseram, proibiu-os de fazer mais do que examinar e reconhecer o país. Correu a notícia de que o rei da serra, onde nascem todos estes rios, chamava-se Cacique Caunaboa, isto é, o Senhor da Casa Dourada; pois em sua língua _boa_ é a palavra para casa, _cauna_ para ouro e _cacique_ para rei, como escrevi acima. Em nenhum lugar se encontram peixes de água doce melhores, nem mais bonitos, nem de melhor sabor, e menos perigosos. As águas de todos esses rios também são muito saudáveis.

Melchior me disse que entre os canibais os dias do mês de dezembro são iguais às noites, mas o conhecimento contradiz essa observação. Bem sei que neste mesmo mês de dezembro, alguns pássaros fizeram seus ninhos e outros já chocaram seus filhotes; o calor também era considerável. Quando perguntei particularmente sobre a elevação da estrela do norte acima do horizonte, ele me respondeu que na terra dos canibais a Grande Ursa desaparecia inteiramente sob o pólo ártico. Não há ninguém que voltou desta segunda viagem cujo testemunho se possa aceitar com mais segurança do que o dele; mas se ele tivesse conhecimento de astronomia, teria se limitado a dizer que o dia é tão longo quanto a noite. Pois em nenhum lugar do mundo a noite durante o solstício é exatamente igual ao dia; e é certo que nesta viagem os espanhóis nunca chegaram ao equador, pois avistavam constantemente no horizonte a estrela polar, que lhes servia de guia. Quanto aos companheiros de Melchior, não tinham conhecimento nem experiência, por isso ofereço-vos alguns pormenores, e apenas casualmente, conforme os pude recolher. Espero contar a vocês o que posso aprender com os outros. Além disso, Colombo, de quem sou amigo particular, escreveu-me dizendo que me contaria detalhadamente tudo o que teve a sorte de descobrir.[9]

[Nota 9: A carta de Colombo aqui mencionada não é conhecida.]

O almirante selecionou uma elevação perto do porto como local para uma cidade[10]; e, em poucos dias, algumas casas e uma igreja foram construídas, como poderia ser feito em tão pouco tempo. E ali, na festa dos Reis Magos (pois quando se trata deste país, deve-se falar de um mundo novo, tão distante está e tão desprovido de civilização e religião), o Santo Sacrifício foi celebrado por treze sacerdotes.[11]

[Nota 10: O primeiro assentamento espanhol foi nomeado Isabella, assim como o cabo sobre o qual se erguia. Muito depois de ter sido abandonado e ter caído em ruínas, o local tinha a reputação de ser assombrado. Ver Las Casas, _Historia de las Indias_, vol. i., pág. 72.]

[Nota 11: Certamente não havia treze padres com Colombo. O texto diz ...._divina nostro ritu sacra sunt decantata tredecim sacerdotibus ministrantibus_. O número sem dúvida inclui todos os leigos que participaram, como acólitos, etc., nas cerimônias.]

Aproximando-se o tempo em que prometera enviar notícias ao rei e à rainha, e como a estação era aliás favorável [para a navegação], Colombo decidiu não prolongar a sua estada. Mandou, pois, zarpar as doze caravelas, cuja chegada anunciamos, embora muito aflito com o assassinato dos seus camaradas; porque, não fosse sua morte, teríamos informações muito mais completas sobre o clima e os produtos da Hispaniola.

Para que você possa informar seus boticários, farmacêuticos e perfumistas sobre os produtos deste país e sua alta temperatura, envio-lhe algumas sementes de todos os tipos, bem como a casca e o miolo dessas árvores que se acredita serem canelas. Se quiseres provar as sementes, ou o caroço, ou a casca, cuidado, Ilustre Príncipe, só o faças com cautela; não que sejam prejudiciais, mas são muito apimentados e, se você os deixar muito tempo na boca, eles arderão na língua. Caso você queime um pouco a língua ao prová-los, tome um pouco de água e a sensação de queimação será aliviada. O meu mensageiro também entregará a Vossa Eminência algumas dessas

sementes pretas e brancas com as quais fazem o pão. Se você cortar pedaços da madeira chamada aloés, que ele traz, sentirá os perfumes delicados que exala.

Passe bem.

Da Corte da Espanha, no terceiro dia das calendas de maio de 1494.

LIVRO III

AO CARDEAL LUDOVICO D'ARAGON

Você deseja que outro Phaeton habilidoso dirija o carro do Sol. Você procura tirar uma poção doce de uma pedra seca. Um novo mundo, se
Assim posso me expressar, foi descoberto sob os auspícios dos soberanos católicos, seu tio Ferdinand e sua tia Isabella, e você me ordena que descreva para você este mundo até então desconhecido; e nesse sentido você me enviou uma carta de seu tio, o ilustre rei Frederico.[1] Vocês dois receberão esta pedra preciosa, mal montada e engastada em chumbo. Mas quando você observar mais tarde que minhas belas nereidas do oceano estão expostas aos ataques furiosos de amigos eruditos e às calúnias dos detratores, você deve confessar francamente a eles que me obrigou a enviar-lhe esta notícia, apesar de minhas ocupações urgentes e a minha saúde. Você não ignora que tirei esses relatos dos primeiros relatórios do almirante tão rapidamente quanto sua secretária poderia escrever sob meu ditado. Você me apressa anunciando diariamente sua partida para Nápoles em companhia da Rainha, irmã de nosso Rei e sua tia paterna, a quem você acompanhou à Espanha. Assim você me forçou a completar meus escritos. Você observará que os dois primeiros capítulos são dedicados a outro, pois eu realmente comecei a escrevê-los com uma dedicatória ao seu infeliz parente Ascanio Sforza, cardeal e vice-chanceler. Quando ele caiu em desgraça,[2] senti meu interesse em escrever também diminuir. É devido a você e às cartas que me enviou seu ilustre tio, o rei Frederico, que meu ardor renasceu. Desfrute, portanto, desta narrativa, que não é coisa da imaginação.

Passe bem. De Granada, nono das calendas de maio do ano 1500.

[Nota 1: Frederico III., de Aragão, sucedeu a seu sobrinho Frederico II., como rei de Nápoles em 1496. Cinco anos depois, ao ser despojado por Fernando, o Católico, refugiou-se na França, onde Luís XII. concedeu-lhe o ducado de Anjou e uma pensão adequada. Ele morreu em 1504.]

[Nota 2: Após a morte de Inocêncio VIII., Quatro membros da Sagrado Colégio foram _papabili_ conspícuos: Raffaele Riario e Giuliano della Rovere, sobrinhos de Sisto IV., e Roderigo Borgia e Ascanio Sforza. Bórgia foi eleito e assumiu o título de Alexandre VI. Ele recompensou o cardeal Sforza por sua assistência oportuna para garantir sua elevação, dando-lhe o cargo de vice-chanceler que ele próprio ocupou como cardeal, a cidade de Nepi e o palácio Borgia em Roma. As dissensões entre Alexandre e a família Sforza logo se tornaram agudas;

Giovanni Sforza, senhor de Pesaro e por vezes marido de Lucrezia
Borgia, foi expulso, e seu irmão, o cardeal Ascanio, foi incluído no
desfavor papal. Refugiou-se na Lombardia, onde foi feito prisioneiro
por Luís XII, da França. Pedro Mártir havia previsto, em certa
medida, os turbulentos acontecimentos do pontificado de Alexandre;
os soberanos espanhóis o incumbiram de expressar ao Cardeal
Sforza sua desaprovação de sua ação de apoiar o partido Bórgia,
que
Cardeal, embora espanhol, sendo _persona non grata_ para eles; e
em

fazendo isso, ele escreveu a seu amigo o duvidoso augúrio: "Deus
conceda que ele seja grato a você". Ep. 119.]

Eu narrei em um livro anterior como o almirante Colombo, depois de
ter visitado as ilhas canibais, desembarcou em Hispaniola no quarto
dia das nonas de fevereiro de 1493, sem ter perdido um único navio.
Vou agora contar o que ele descobriu enquanto explorava aquela
ilha e outra vizinha, que ele acreditava ser um continente.

Segundo Colombo, Hispaniola é a ilha de Ophir mencionada no terceiro
livro dos Reis.[3] Sua largura cobre cinco graus de latitude sul, pois sua
costa norte se estende até o vigésimo sétimo grau e a costa sul até o
vigésimo segundo; seu comprimento se estende por 780 milhas, embora
alguns dos companheiros de Colombo dêem dimensões maiores.[4]
Alguns declaram que se estende até quarenta e nove graus de Cádiz, e
outros até uma distância ainda maior. O cálculo referente a isso não foi
feito com precisão.

[Nota 3: Ortelius, em sua _Geographia Sacra_, dá o nome de Ophir a
Hayti; e era opinião comum que as minas de Ophir de Salomão
estavam situadas na América. Colombo compartilhava dessa crença
e mais tarde escreveu sobre Veragua, quando descobriu as costas
de
Darien, que ele tinha certeza de que as minas de ouro eram de
Ophir.]

[Nota 4: Hayti tem 600 quilômetros de comprimento de leste a oeste
e 230 de largura, de norte a sul, com uma área superficial de 74.000
quilômetros quadrados.]

A ilha tem a forma de uma folha de castanheira. Colombo decidiu
fundar uma cidade[5] sobre uma colina elevada na costa norte, pois
naquela vizinhança havia uma montanha com pedreiras para
construção e giz para fazer cal. No sopé dessa montanha, uma vasta
planície[6] estende-se por uma distância de sessenta milhas de
comprimento e uma média de doze léguas de largura, variando de
seis na parte mais estreita a vinte na mais larga. Esta planície é
fecundada por vários rios de águas salutares, dos quais o maior é
navegável e desagua numa baía situada a meio estádio da vila. À
medida que a narrativa avança, você aprenderá quão frutífero é este
vale e quão fértil é seu solo. Os espanhóis estenderam terrenos na
margem do rio, que pretendiam transformar em hortas, e onde
plantaram todo tipo de hortaliças, raízes, alfaces, couves, saladas e
outras coisas. Dezesseis dias após a semeadura, as plantas
cresceram por toda parte; melões, abóboras, pepinos e outros
produtos semelhantes estavam maduros para colheita trinta e seis
dias depois de plantados, e em nenhum lugar nosso povo havia
provado algo de sabor mais fino. Durante todo o ano pode-se assim

ter legumes frescos. As raízes da cana, de cujo caldo se extrai o açúcar (mas não o açúcar cristalizado), cresceram até a altura de um côvado quinze dias após o plantio, e o mesmo aconteceu com os enxertos de vinhas. Excelentes uvas podem ser consumidas dessas videiras no segundo ano após o plantio, mas devido ao seu tamanho exagerado, os cachos não eram numerosos. Um certo camponês plantou um pé de trigo por volta das calendas de fevereiro, e maravilhoso dizer, à vista de todos ele trouxe para a cidade um cacho de grãos maduros no terceiro dia das calendas de abril, que caiu naquele ano em a véspera da Páscoa. Pode-se contar com duas colheitas de hortaliças durante o ano. Repeti o que me foi dito sobre a fertilidade do país por

todos aqueles, sem exceção, que voltaram de lá. Eu notaria, no entanto, que de acordo com algumas observações, o trigo não cresce igualmente bem em todo o país.

[Nota 5: A cidade de Santo Domingo, situada na foz do rio Ozama.]

[Nota 6: Este vale é o verdadeiro Vega Real.]

Durante esse tempo, o Almirante despachou cerca de trinta de seus homens em diferentes direções para explorar o distrito de Cipangu, que ainda se chama Cibao. Trata-se de uma região montanhosa coberta de rochas e que ocupa o centro da ilha, onde, explicam os nativos por sinais, se obtém ouro em abundância. Os exploradores do almirante trouxeram relatos maravilhosos sobre as riquezas do país. Quatro grandes rios nascem nestas montanhas, para os quais desaguam outras ribeiras, dividindo assim a ilha por um extraordinário arranjo natural em quatro partes quase iguais. A primeira, que os nativos chamam de Junua, fica a leste; o segundo, que confina com ele e se estende a oeste, chama-se Attibinico; o terceiro fica ao norte e é chamado Iachi, enquanto o quarto, Naiba, fica ao sul.

Mas vamos considerar como a cidade foi fundada. Depois de ter cercado o local com fossos e trincheiras para defesa contra possíveis ataques dos indígenas à guarnição que ali deixou, durante sua ausência, o Almirante partiu na véspera dos idos de março acompanhado de todos os senhores e cerca de quatrocentos pés soldados para a região sul onde o ouro foi encontrado. Atravessando um rio, ele atravessou a planície e escalou a montanha além dela. Chegou a outro vale regado por um rio ainda maior que o anterior e por outros de menor importância. Acompanhado de sua força, ele atravessou este vale, que em nenhum lugar era mais elevado que o primeiro, e assim alcançou a terceira montanha que nunca havia subido. Ele subiu e desceu do outro lado em um vale onde começa a província de Cibao. Este vale é banhado por rios e ribeiros que descem das serras, encontrando-se também ouro nas suas areias. Depois de penetrar no interior da região do ouro a uma distância de cerca de setenta e duas milhas da cidade, Colombo resolveu estabelecer um posto fortificado em uma eminência dominando as margens do rio, de onde poderia estudar mais de perto os mistérios desta região. Ele chamou este lugar de San Tomas.

Enquanto ele estava ocupado na construção desta fortificação, foi atrasado pelos nativos, que vieram visitá-lo na esperança de conseguir alguns sinos ou outras ninharias. Colombo deu-lhes a entender que estava muito disposto a dar-lhes o que pediam, se lhe trouxessem ouro. Ao ouvir essa promessa os nativos viraram as costas e correram

para o rio vizinho, voltando logo em seguida com as mãos cheias de ouro. Um velho pediu apenas um sininho em troca de dois grãos de ouro pesando uma onça. Vendo que os espanhóis admiravam o tamanho desses grãos e muito surpresos com seu espanto, ele explicou a eles por sinais que eles não tinham valor; depois disso, tomando em suas mãos quatro pedras, das quais a menor era do tamanho de uma noz e a maior do tamanho de uma laranja, disse-lhes que em seu país, distante meio dia de viagem, uma encontrada aqui e ali lingotes de ouro do mesmo tamanho. Ele acrescentou que seus vizinhos nem se deram ao trabalho de buscá-los. Agora se sabe que os ilhéus não valorizam o ouro como tal; eles apenas o valorizam quando foi trabalhado por um artesão em alguma forma que os agrade. Quem de nós presta atenção ao mármore bruto ou ao ébano bruto? Certamente ninguém; mas se este mármore for transformado pela mão de um Fídias ou de um Praxíteles, e se então apresentar aos nossos olhos a forma de uma Nereida com cabelos esvoaçantes, ou uma hamadríade com corpo gracioso, não faltarão compradores. Além desse velho, vários nativos trouxeram lingotes, pesando dez ou doze dracmas,[7] e tiveram o descaramento de dizer que na região onde os encontraram, às vezes descobriram lingotes do tamanho da cabeça de uma criança quem indicaram. [Nota 7: A dracma grega pesava um oitavo de onça.]

Durante os dias que passou em San Tomas, o Almirante enviou um jovem fidalgo chamado Luxan, acompanhado de uma escolta, para explorar outra região. Luxan contou coisas ainda mais extraordinárias, que ouvira dos nativos, mas não trouxe nada; é provável que tenha feito isso em obediência às ordens do almirante. Especiarias, mas não aquelas que usamos, abundam em suas florestas, e elas são colhidas da mesma forma que o ouro; isto é, sempre que desejam negociar com os habitantes das ilhas vizinhas por algo que os agrade; por exemplo, pratos longos, assentos ou outros artigos fabricados com madeira preta que não cresce em Hispaniola. Na viagem de volta, nos idos de março, Luxan encontrou uvas bravas de excelente sabor, já maduras na floresta, mas os ilhéus não as levam em consideração. O país, embora muito pedregoso (pois a palavra Cibao significa em sua língua _rochoso_) é, no entanto, coberto de árvores e gramíneas. Diz-se até que o crescimento nas montanhas, que estritamente falando é apenas grama, cresce mais alto que o trigo quatro dias depois de ter sido ceifado. As chuvas são frequentes, os rios e riachos estão cheios de água e, como o ouro é encontrado em toda parte misturado com a areia dos leitos dos rios, conjectura-se que esse metal é levado das montanhas pelos riachos. É certo que os nativos são extremamente preguiçosos, pois tremem de frio entre suas montanhas no inverno, sem nunca pensar em fazer roupas para si, embora o algodão seja encontrado em abundância. Nos vales e planícies, eles não têm nada a temer do frio.

Tendo examinado cuidadosamente a região de Cibao, Colombo voltou nas calendas de abril, um dia depois da Páscoa, para Isabella; sendo este o nome que ele deu à nova cidade. Confiando o governo de Isabella e toda a ilha a seu irmão [8] e a um certo Pedro Margarita, um velho cortesão real, Colombo fez os preparativos para explorar a ilha que fica a apenas setenta milhas de Hispaniola e que ele acreditava ser um continente. Ele não havia esquecido as instruções reais, que o exortavam a visitar as novas costas, sem demora, para que algum outro soberano pudesse tomar posse delas. Pois o rei de Portugal não fazia segredo da sua intenção de descobrir também ilhas desconhecidas. É verdade que o Soberano Pontífice, Alexandre VI, havia enviado ao Rei e

à Rainha da Espanha sua bula, selada com chumbo, pela qual era proibido a qualquer outro soberano visitar aquelas regiões desconhecidas.[9] Para evitar qualquer conflito, uma linha reta de norte a sul foi traçada, primeiro a cem léguas e depois de comum acordo a trezentas léguas a oeste do paralelo das ilhas de Cabo Verde. Acreditamos que essas ilhas sejam aquelas anteriormente chamadas de Hespérides. Pertencem ao Rei de Portugal. Os marinheiros portugueses continuaram suas explorações a leste dessa linha; seguindo a costa da África à sua esquerda, eles dirigiram seu curso para o leste, atravessando os mares da Etiópia, e até agora nenhum deles navegou para o oeste das Hespérides, ou para o sul.

[Nota 8: Segundo o julgamento de Las Casas, Bartolomeu Colombo era um homem de caráter superior e bem qualificado para governar, se não tivesse sido eclipsado por seu famoso irmão. _Hist. Ind_., ii., p. 8.]

[Nota 9: Bula concedida em 4 de maio de 1493: _Ac quibuscumque personis . . . districtius inhibemus, ne ad insulas et terras firmas inventas, et inveniendas detectas et detegendas, versus occidentem et meridiem, fabricando et construendo lineam a Polo Arctico ad Polum antarcticum, sive terrae firmae, Insulae inventae et inveniendae sint versus aliam quamcumque partem quae linea distet a qualibet insularum quae vulgariter appellantur de los Azores el Capo Verde, centum leucis versus occidentem et meridiem ut praefertur pro mercibus habendis, vel quavis alia de causa accedere praesumant, absque vestra et haeredum et subcesorum vestrorum praedictorum licentia spetiali_.... Pelo acordo assinado em Tordesilhas, a distância foi aumentada de comum acordo entre Espanha e Portugal, não como diz o Mártir, para 300, mas para 370 léguas.]

Saindo de Hispaniola,[10] o Almirante navegou com três embarcações em direção à terra que tomara por ilha em sua primeira viagem, e dera o nome de Juana. Ele chegou, depois de uma breve viagem, e nomeou a primeira costa que tocou Alfa e Ômega, porque pensou que ali nosso Leste terminava quando o sol se punha naquela ilha, e nosso Oeste começava quando o sol nascia. Está realmente provado que no lado oeste a Índia começa além do Ganges e termina no lado leste. Não é sem motivo que os cosmógrafos deixaram indeterminados os limites do Ganges na Índia.[11] Não faltam entre eles aqueles que pensam que as costas da Espanha não ficam muito distantes das costas da Índia.

[Nota 10: Ele deixou Hispaniola em 24 de abril.]

[Nota 11: Esta era a opinião geral dos cosmógrafos e navegadores da época; mapas e globos contemporâneos mostram o continente asiático no lugar atualmente ocupado pela Flórida e pelo México. Veja o mapa de Ptolemeus de Ruysch, _Universalior coquiti orbis tabula ex recentebus confecta observationibus_, Roma, 1508.]

Os nativos chamavam este país de Cuba.[12] À vista dela, o Almirante descobriu na extremidade da Hispaniola um porto muito espaçoso formado por uma curva da ilha. Ele chamou esse porto, que fica a apenas vinte léguas de Cuba, San Nicholas.

[Nota 12: Sempre considerando Cuba uma extensão da Ásia, Colombo estava ansioso para completar seu reconhecimento e depois prosseguir para a Índia e Catai.]

Colombo percorreu essa distância e, desejando contornar a costa sul de Cuba, dirigiu-se para o oeste; quanto mais avançava, mais extensa se tornava a costa, mas curvando-se para o sul, descobriu pela primeira vez, à esquerda de Cuba, uma ilha chamada pelos nativos de Jamaica,[13] da qual ele relata que é mais longa e mais larga do que Sicília. Compõe-se de uma única montanha, que se ergue em gradações imperceptíveis desde a costa até ao centro, com um declive tão suave que, ao subi-la, a subida é quase imperceptível. Tanto o litoral quanto o interior da Jamaica são extremamente férteis e populosos. Segundo relatos de vizinhos,

os nativos desta ilha têm uma inteligência mais aguçada e são mais hábeis nas artes mecânicas, bem como mais guerreiros do que outros. E, de fato, cada vez que o Almirante tentava desembarcar em qualquer lugar, eles se reuniam em bandos armados, ameaçando-o e não hesitando em oferecer batalha. Como sempre foram conquistados, acabaram fazendo as pazes com ele. Deixando a Jamaica de lado, o Almirante navegou para o oeste por setenta dias com ventos favoráveis. Ele esperava chegar à parte do mundo abaixo de nós, perto de Golden Chersonese, que fica a leste da Pérsia. Ele pensou, de fato, que das doze horas do curso do sol que ignoramos, ele teria perdido apenas duas.

[Nota 13: A ilha fica a cerca de oitenta e cinco milhas de Cuba. O nome Jamaica, que sobreviveu, significava na língua nativa "terra de madeira e água". Foi realmente descoberto em 13 de maio, mas não foi colonizado até 1509.]

Sabe-se que os antigos só seguiram o sol durante a metade de seu curso, pois só conheciam aquela parte do globo que fica entre Cádiz e o Ganges, ou mesmo até o Quersonese Dourado.

Durante esta viagem, o Almirante encontrou correntes marítimas impetuosas como torrentes, com grandes ondas e subcorrentes, para não falar dos perigos apresentados pelo imenso número de ilhas vizinhas; mas ele não se preocupou com esses perigos e estava determinado a avançar até ter verificado se Cuba era uma ilha ou um continente. Ele continuou, portanto, costeando as costas da ilha, e sempre em direção ao oeste, a uma distância, segundo seu relato, de duzentas e vinte e duas léguas, o que equivale a cerca de mil e trezentas milhas. Ele deu nomes a sete mil ilhas e, além disso, viu à sua esquerda mais de três mil outras surgindo das ondas. Mas voltemos aos assuntos dignos de serem lembrados que ele encontrou durante esta viagem.

Enquanto o Almirante examinava cuidadosamente o caráter desses lugares, costeando ao longo da costa de Cuba, ele primeiro descobriu, não muito longe de Alpha (que é do final dela), um porto suficiente para muitos navios. A sua entrada é em forma de foice, fechada dos dois lados por promontórios que quebram as ondas; e é grande e de grande profundidade. Seguindo a costa deste porto, ele percebeu a uma curta distância da costa duas cabanas e várias fogueiras acesas aqui e ali. Foi feito um pouso, mas ninguém foi encontrado; no entanto, havia espetos de madeira dispostos ao redor do fogo, nos quais pendiam peixes, pesando cerca de cem libras, e ao lado havia duas serpentes de oito pés de comprimento.[14] Os espanhóis ficaram surpresos e procuraram alguém com quem falar, mas não viram ninguém. De fato, os donos dos peixes fugiram para as montanhas ao vê-los se aproximar. Os espanhóis descansaram ali para comer e ficaram satisfeitos ao encontrar o peixe, que nada lhes custara, muito a seu gosto; mas eles

não tocaram nas serpentes. Eles relatam que estes últimos não eram de forma alguma diferentes dos crocodilos do Nilo, exceto em termos de tamanho. De acordo com Plínio, já foram encontrados crocodilos de dezoito côvados; enquanto as maiores de Cuba não ultrapassam os oito pés. Quando a fome foi saciada, eles penetraram nas matas vizinhas, onde encontraram várias dessas serpentes amarradas às árvores com cordas; alguns foram presos pela cabeça, outros tiveram os dentes arrancados. Enquanto os espanhóis se ocupavam em visitar os arredores do porto, descobriram cerca de setenta nativos que haviam fugido à sua aproximação e que agora procuravam saber o que esses desconhecidos queriam. Nossos homens se esforçaram para atraí-los por gestos e sinais e palavras gentis, e um deles, fascinado pelos dons que exibiam à distância, aproximou-se, mas não mais do que uma rocha vizinha. Estava claro que ele estava com medo.

[Nota 14: Como será visto mais adiante, essas chamadas serpentes são iguanas. Eles ainda são um artigo comum de alimentação em todas as ilhas e _tierra caliente_ do México e da América Central, e fazem pratos saborosos.]

Durante sua primeira viagem, o almirante havia levado um nativo de Guanahani (uma ilha perto de Cuba), a quem chamou de Diego Columbus, e criou com seus próprios filhos. Diego serviu-lhe de intérprete, e como a sua língua materna era parecida com a do ilhéu que se aproximava, falou-lhe. Superando seus medos, o ilhéu veio até os espanhóis e persuadiu seus companheiros a se juntarem a ele, pois não havia nada a temer. Cerca de setenta nativos então desceram de suas rochas e fizeram amigos, e o Almirante ofereceu-lhes presentes.

Eram pescadores, mandados pescar por seu cacique, que preparava uma festa para a recepção de outro cacique. Eles não ficaram nem um pouco irritados quando descobriram que seus peixes haviam sido comidos e suas serpentes deixadas, pois consideravam essas serpentes o alimento mais delicado. As pessoas comuns entre eles comem menos frequentemente das serpentes do que conosco de faisões ou pavões. Além disso, eles podiam pegar tantos peixes quanto os espanhóis comeram, em uma hora. Quando perguntados por que cozinhavam o peixe que deveriam levar para o cacique, responderam que o faziam para preservá-lo da corrupção. Depois de jurar uma amizade mútua, eles se separaram.

Daquele ponto da costa cubana que ele chamou de Alpha, como dissemos, o Almirante navegou para o oeste. As porções intermediárias das margens da baía eram bem arborizadas, mas íngremes e montanhosas. Algumas das árvores estavam em flor, e os doces perfumes que exalavam eram levados pelo mar,[15] enquanto outras estavam carregadas de frutas. Além da baía, o país era mais fértil e mais populoso. Os nativos também eram mais civilizados e mais ávidos de novidades, pois, ao avistar as embarcações, uma multidão deles desceu à praia, oferecendo aos nossos homens o tipo de pão que comeram e cabaças cheias de água. Eles imploraram para que viessem para a terra.

[Nota 15: Os odores perfumados soprados para o mar das costas americanas são mencionados por vários dos primeiros exploradores.]

Em todas essas ilhas, encontra-se uma árvore do tamanho de nossos olmos, que carrega uma espécie de cabaça com a qual fazem copos; mas eles nunca o comem, pois sua polpa é mais amarga que o fel e sua casca é tão dura quanto o dorso de uma tartaruga. Nos idos de

maio, os observadores avistaram do alto do mirante uma incrível
multidão de ilhas a sudoeste; dois deles estavam cobertos de grama
e árvores verdes, e todos eles eram habitados.

Na costa do continente desaguava um rio navegável cuja água era
tão quente que não se podia deixar a mão por muito tempo nele. No
dia seguinte, tendo avistado ao longe uma canoa de pescadores, e
temendo que esses pescadores fugissem ao avistá-los, o Almirante
ordenou que uma barca interrompesse sua retirada; mas os homens
esperavam pelos espanhóis sem sinal de medo.

Ouça agora este novo método de pesca. Assim como usamos cães
franceses para perseguir lebres pela planície, também esses pescadores
pegam peixes por meio de um peixe treinado para esse fim. Este peixe
em nada se parece com nenhum que conhecemos. Seu corpo é
semelhante ao de uma grande enguia, e na cabeça tem uma grande
bolsa feita de uma pele muito dura. Eles amarram o peixe na lateral do
barco, apenas com a quantidade de corda necessária para mantê-lo
debaixo d'água; pois não suporta contato com o ar. Assim que um
grande peixe ou tartaruga é visto (e estes últimos são tão grandes
quanto um enorme escudo), eles soltam o peixe. No momento em que é
solto, ele ataca, com a rapidez de uma flecha, o peixe ou a tartaruga, em
alguma parte exposta da carapaça, cobrindo-o com a pele em forma de
bolsa e prendendo-se com tanta tenacidade que a única maneira de
puxar tirá-lo vivo é enrolando uma corda em volta de uma vara e
levantando o peixe para fora d'água, quando o contato com o ar faz com
que ele largue sua presa. Isso é feito por alguns dos pescadores que se
jogam na água e a mantêm acima da superfície, até que seus
companheiros, que permaneceram na barca, a arrastem para bordo.
Feito isso, a corda é afrouxada o suficiente para que o peixe-pescador
volte a cair na água, quando é alimentado com pedaços da presa que foi
capturada.

Os ilhéus chamam esse peixe de _guaicano_, e nosso povo o chama
de _riverso_.[16] Quatro tartarugas que eles pegaram dessa maneira
e apresentaram aos espanhóis quase encheram uma barca nativa.
Eles valorizam muito a carne das tartarugas, e os espanhóis deram-
lhes alguns presentes em troca que os agradaram muito. Quando
nossos marinheiros os questionaram sobre o tamanho da terra, eles
responderam que ela não tinha fim no oeste. Insistiram para que o
almirante desembarcasse ou mandasse alguém em seu nome saudar
o cacique, prometendo ainda que se os espanhóis fossem visitar o
cacique, este lhes daria vários presentes; mas o almirante, não
querendo retardar a execução de seu projeto, recusou-se a ceder aos
seus desejos. Os ilhéus perguntaram-lhe o nome e disseram-lhe o
nome do seu cacique.

[Nota 16: Uma lampreia marinha, também chamada _remora_ e
echineis. Oviedo dá detalhes sobre a maneira de capturar, criar
e treinar as lampreias jovens para servir de peixe de caça. _Hist.
delle Indie_, cap. x., em Ramúsio. O relato é interessante e apesar
das imprecisões óbvias pode ter um fundo de verdade.]

Continuando a sua rota para o oeste, o Almirante chegou alguns dias
depois às proximidades de uma montanha muito alta, onde, devido à
fertilidade do solo, havia muitos habitantes. Os nativos se reuniam em
multidão e traziam pão, algodão, coelhos e pássaros a bordo dos
navios. Eles perguntaram com grande curiosidade ao intérprete se
essa nova raça de homens descendia do céu. O rei deles e vários

sábios que o acompanhavam deram a conhecer por sinais que esta terra não era uma ilha. Desembarcando em outra ilha vizinha, que quase tocou Cuba, os espanhóis não conseguiram descobrir um único habitante; todos, homens e mulheres, fugiram quando eles se aproximaram. Eles encontraram lá quatro cães que não podiam latir e eram de aspecto hediondo. As pessoas os comem assim como nós comemos as crianças. Gansos, patos e garças abundam naquela ilha. Entre essas ilhas e o continente havia correntes tão fortes que o Almirante teve grande dificuldade em virar, e a água era tão rasa que as quilhas dos navios às vezes raspavam na areia. Por um espaço de quarenta milhas, a água dessas correntes era branca e tão espessa que

alguém poderia jurar que o mar estava polvilhado com farinha. Tendo finalmente recuperado o descampado, o almirante descobriu, oitenta milhas adiante, outra montanha muito elevada. Ele pousou para reabastecer seu suprimento de água e madeira. No meio dos densos bosques de palmeiras e pinheiros foram encontradas duas fontes de água doce. Enquanto os homens estavam ocupados cortando lenha e enchendo seus barris, um de nossos arqueiros saiu para caçar na floresta. Ali, de repente, encontrou um nativo, tão bem vestido com uma túnica branca, que à primeira vista acreditou ver diante de si um dos frades de Santa Maria de la Merced, que o almirante trouxera consigo. Este nativo foi logo seguido por outros dois, também saindo da floresta, e depois por uma tropa de cerca de trinta homens, todos vestidos. Nosso arqueiro se virou e correu gritando, o mais rápido que pôde, em direção aos navios. Essas pessoas vestidas com túnicas gritavam atrás dele e tentavam por todos os meios de persuasão ao seu alcance acalmar seus medos. Mas ele não parou em seu vôo. Ao ouvir esta notícia, o Almirante, encantado por finalmente descobrir uma nação civilizada, desembarcou imediatamente uma tropa de homens armados, ordenando-lhes que avançassem, se necessário, até quarenta milhas no país, até que encontrassem essas pessoas vestidas com túnicas, ou pelo menos alguns outros habitantes.[17] Os espanhóis marcharam pela floresta e emergiram numa extensa planície coberta de mato, no meio da qual não havia vestígio de caminho. Eles tentaram abrir um caminho através da vegetação rasteira, mas vagaram tão desesperadamente que mal avançaram uma milha. Essa vegetação rasteira era de fato tão alta quanto nossos grãos quando maduros. Esgotados e fatigados, regressaram sem terem descoberto o rasto. No dia seguinte, o Almirante enviou uma nova tropa de vinte e cinco homens, instando-os a usar a maior diligência para descobrir os habitantes daquele país. Eles, no entanto, tendo encontrado rastros de alguns animais grandes, entre os quais pensaram reconhecer os de leões, ficaram apavorados e refizeram seus passos.[18] No curso de sua marcha, eles encontraram uma floresta coberta de trepadeiras selvagens, que pendiam suspensas das árvores mais altas, e também muitas outras árvores produtoras de especiarias. Trouxeram para a Espanha cachos de uvas pesados e suculentos. Quanto aos outros frutos que colheram, foi impossível trazê-los para a Espanha, porque não havia meios de conservá-los a bordo dos navios; portanto, eles apodreceram e, quando estragados, os jogaram no mar. Os homens disseram ter visto bandos de grous duas vezes maiores que os nossos na floresta.

[Nota 17: Nenhum dos nativos das ilhas usava túnicas brancas, nem mesmo uma cobertura mais escassa. Supõe-se que o soldado que fez este relatório pode ter avistado indistintamente e à distância um bando de altos grous brancos, caso contrário, ele foi vítima de uma

alucinação ou um inventor de histórias estranhas para surpreender seus companheiros. Humboldt (_Histoire de la Geographie du nouveau Continent_) cita um exemplo dos colonos de Angostora certa vez confundindo um bando de grous com um bando de soldados.]

[Nota 18: Não havia leões nem grandes animais de rapina na ilha; foi sugerido que essas pegadas podem ter sido pegadas de um jacaré.]

Seguindo seu curso, o Almirante navegou em direção a outras montanhas; ele observou na praia duas cabanas, nas quais apenas um homem foi encontrado, que, quando foi trazido a bordo dos navios, balançou a cabeça e as mãos, indicando por sinais que o país ao redor dessas montanhas era muito populoso. Ao longo desta costa o Almirante encontrou numerosas canoas que vinham ao seu encontro, e de um lado e do outro trocaram-se sinais amistosos. O homem Diego, que desde o início da viagem compreendia a língua dos ilhéus, não compreendia a deste recém-chegado. Sabia-se, com efeito, que as línguas variam nas diferentes províncias de Cuba.[19] Os índios deram a entender que um poderoso soberano, que usava roupas, vivia no interior do país. Toda a costa foi inundada pelas águas, sendo a praia lamacenta e arborizada como nos nossos pântanos. Quando eles pousaram para reabastecer seu suprimento de água, encontraram algumas conchas com pérolas. Colombo, no entanto, continuou seu caminho, pois procurou então, em obediência às instruções reais, explorar a maior extensão possível do mar. Enquanto prosseguiam em seu curso, fogueiras acesas foram observadas em todos os topos de colinas da região costeira, até outra montanha a oitenta milhas de distância. Não havia um único mirante nas rochas de onde não subisse fumaça.

[Nota 19: Pezuela fornece informações interessantes sobre as línguas tribais de Cuba. _Diccionario Geografico, Estadistico, Historico de la isla de Cuba_.]

Era duvidoso que essas fogueiras tivessem sido acesas pelos nativos para fins domésticos ou se era seu costume em tempo de guerra sinalizar para alertar seus vizinhos para garantir sua segurança e unir suas forças para repelir nossos ataques.

O mais provável é que eles se reunissem para inspecionar nossos navios, como se fossem algo prodigioso, a respeito do qual não sabiam que rumo adotar. A linha costeira começou a recuar na direção sul, e o mar continuou a ser sobrecarregado de ilhas. Alguns dos navios, raspados pelos recifes, saltaram; cordas, velas e outros equipamentos apodreceram e as provisões foram estragadas pela umidade. O Almirante foi, conseqüentemente, obrigado a refazer seu curso.[20] Ao ponto extremo desse país por ele alcançado, e que ele acreditava ser um continente, ele deu o nome de Evangelista.

[Nota 20: Mais dois ou três dias teriam bastado para demonstrar o caráter insular de Cuba e, sem dúvida, teriam feito de Colombo o descobridor de Yucatán.]

Durante a viagem de volta, Colombo passou entre muitas outras ilhas mais distantes do continente e chegou a um mar onde encontrou tantas tartarugas enormes que obstruíram o avanço de sua frota. Ele também cruzou correntes de água esbranquiçada, semelhantes às que já havia visto.[21] Temendo navegar entre essas ilhas, ele voltou e costeou ao longo daquela que acreditava ser um continente.

[Nota 21: A cor leitosa foi produzida por quantidades de areia calcária, agitadas do fundo pelas correntes.]

Como nunca havia maltratado os nativos, os habitantes, homens e mulheres, traziam-lhe presentes de bom grado, sem demonstrar medo. Os seus presentes consistiam em papagaios, pão, água, coelhos e, sobretudo, em pombas muito maiores que as nossas, segundo conta o almirante. Ao notar que essas aves exalavam um odor aromático quando eram comidas, ele abriu o estômago de um deles e o encontrou cheio de flores. Evidentemente foi isso que deu um gosto tão superior a essas pombas; pois é crível que a carne dos animais assimile as qualidades de seus alimentos.

Um dia, enquanto assistia à missa, Colombo viu um homem de oitenta anos, que parecia respeitável, embora não usasse roupas, vindo em sua direção, acompanhado por vários de seus parentes. Durante o resto da cerimônia, este homem olhou cheio de admiração; ele era todo olhos e ouvidos. Em seguida, presenteou o almirante com uma cesta que carregava, cheia de frutas nativas e, finalmente, sentando-se ao seu lado, pronunciou o seguinte discurso, interpretado por Diego Colombo, que, sendo de um país vizinho, entendia sua língua:

"É relatado para nós que você visitou todos esses países, que antes eram desconhecidos para você, e inspirou os habitantes com grande medo. Agora eu digo e advirto você, já que você deve saber disso, que a alma, quando sai o corpo, segue um de dois caminhos; o primeiro é sombrio e terrível, e é reservado para os inimigos e os tiranos da raça humana; alegre e delicioso é o segundo, que é reservado para aqueles que durante suas vidas promoveram a paz e tranquilidade dos outros. Se, portanto, você é um mortal e acredita que cada um encontrará o destino que merece, você não fará mal a ninguém.

Graças ao seu intérprete nativo, o Almirante entendeu este discurso e muitos outros do mesmo teor, e ficou surpreso ao descobrir tal julgamento em um homem que andava nu. Ele respondeu: "Eu tenho conhecimento do que você disse sobre os dois caminhos e os dois destinos de nossas almas quando elas deixam nossos corpos; mas eu pensei até agora que esses mistérios eram desconhecidos para você e seus compatriotas, porque você vive em estado de natureza". Ele então informou ao velho que havia sido enviado para lá pelo rei e pela rainha da Espanha para tomar posse daqueles países até então desconhecidos do mundo exterior e que, além disso, faria guerra contra os canibais e todos os nativos culpados de crimes, punindo-os de acordo com seus merecimentos. Quanto aos inocentes, ele os protegeria e honraria por causa de suas virtudes. Portanto, nem ele nem ninguém cujas intenções eram puras precisam ter medo; em vez disso, se ele ou qualquer outro homem honrado tivesse sido prejudicado em seus interesses por seus vizinhos, ele tinha apenas que dizer isso.

Essas palavras do almirante deram tanto prazer ao velho que ele anunciou que, embora enfraquecido pela idade, iria de bom grado com Colombo, e o teria feito se sua esposa e filhos não o tivessem impedido. O que lhe causou grande surpresa foi saber que um homem como Colombo reconhecia a autoridade de um soberano; mas seu espanto aumentou ainda mais quando o intérprete lhe explicou quão poderosos eram os reis e quão ricos, e tudo sobre a nação espanhola, a maneira de lutar, e quão grandes eram as cidades e quão fortes eram as fortalezas. Em grande desânimo, o homem, junto com sua esposa e filhos, jogou-se aos pés de Colombo, com os olhos cheios de

lágrimas, perguntando repetidamente se o país que produziu tais homens e em tal número não era realmente o paraíso.

Está provado que entre eles a terra é de todos, assim como faz o sol ou a água. Eles não sabem diferença entre _meum_ e _tuum_, aquela fonte de todos os males. Requer tão pouco para satisfazê-los, que naquela vasta região sempre há mais terra para cultivar do que o necessário. É de fato uma idade de ouro, sem valas, nem sebes, nem muros para cercar seus domínios; vivem em jardins abertos a todos, sem leis e sem juízes; sua conduta é naturalmente equitativa, e quem fere seu próximo é considerado criminoso e fora da lei. Cultivam milho, mandioca e idades, como já relatamos é a prática em Hispaniola.

Em seu retorno de Cuba para Hispaniola, o almirante novamente avistou a Jamaica, e desta vez contornou sua costa sul de oeste para leste. Ao atingir a extremidade leste desta ilha, ele viu no norte e à sua esquerda altas montanhas, que ele acreditava ser a costa sul de Hispaniola, que ele não havia visitado antes. Nas calendas de setembro ele chegou ao porto que chamou de São Nicolau, e ali consertou seus navios, pretendendo novamente devastar as ilhas canibais e queimar as canoas dos nativos. Ele estava determinado a que esses lobos vorazes não machucassem mais as ovelhas, suas vizinhas; mas seu projeto não pôde ser realizado por causa de sua saúde debilitada. Longas vigílias o haviam enfraquecido; levado à praia meio morto pelos marinheiros de Port Isabella e cercado por seus dois irmãos e amigos, ele finalmente recuperou sua antiga saúde, mas não pôde retomar seu ataque às ilhas canibais, por causa dos distúrbios que eclodiram entre eles. os espanhóis que ele havia deixado em Hispaniola. Com relação a isso, explicarei mais tarde. Passe bem.

LIVRO IV

AO CARDEAL LUDOVICO D'ARAGON, SOBRINHO DE NOSSO REI

Quando Colombo voltou da terra que ele acreditava ser o continente indiano, soube que o frei Boyl[1] e Pedro Margarita,[2] o fidalgo que outrora gozava da amizade do rei, bem como vários outros a quem tinha confiado o governo da Hispaniola, partiram para Espanha animados pelo mal intenções. Para justificar-se perante os soberanos, caso fossem prejudicados pelas denúncias de seus inimigos, e também para recrutar colonos para substituir os que partiram e para repor os alimentos que faltavam, como o trigo , vinho, azeite e outras provisões que constituem a alimentação comum dos espanhóis, que não se acostumam facilmente com a dos nativos, ele decidiu dirigir-se à Corte, que então residia em Burgos, uma célebre cidade de Castela Velha. Mas devo relatar brevemente o que ele fez antes de sua partida.

[Nota 1: O personagem do Padre Boyl foi um pouco reabilitado pelo Padre Fita, SJ (_Memoires du Congr. Amer. de Madrid_, 1881), mas ele dificilmente pode ser considerado comparável como missionário aos frades zelosos e abnegados que seguido com tão perfeito espírito evangélico alguns anos depois. Ele estava em inimizade perpétua com o almirante e seu irmão.]

[Nota 2: Pedro de Margarita fora nomeado comandante militar da ilha por Colombo; sua conduta foi marcada pela ingratidão para com o Almirante.]

Os caciques da ilha sempre se contentaram com pouco, pois viviam uma vida pacata e tranquila. Quando viram os espanhóis se estabelecendo em seu solo natal, ficaram consideravelmente perturbados e desejaram acima de tudo expulsar os recém-chegados ou destruí-los tão completamente que nem mesmo sua memória deveria permanecer. É fato que as pessoas que acompanharam o Almirante em sua segunda viagem eram na maioria vagabundos indisciplinados e sem escrúpulos, que só empregavam sua engenhosidade para satisfazer seus apetites. Incapazes de moderação em seus atos de injustiça, eles levaram as mulheres dos ilhéus sob os olhos de seus irmãos e maridos; entregues à violência e ao roubo, eles irritaram profundamente os nativos. Aconteceu em muitos lugares que, quando nossos homens foram surpreendidos pelos nativos, estes os estrangularam e os ofereceram em sacrifício a seus deuses. Convencido de que deveria reprimir uma insurreição geral punindo os assassinos dos espanhóis, Colombo convocou o cacique deste vale, situado no sopé das montanhas Ciguano, descritas no livro anterior. Esse cacique se chamava Guarionex. Ele teve o prazer de dar sua irmã para ser a esposa daquele Diego Colombo que desde a infância foi criado pelo almirante e o serviu de intérprete durante a ocupação de Cuba. Guarionex esperava por esses meios estabelecer uma amizade mais íntima com o almirante. Depois mandou um dos seus oficiais a Caunaboa, cacique da serra do Cibão, que é a região do ouro. O povo desta Caunaboa tinha sitiado Hojeda e cinquenta soldados na fortificação de São Tomás e, se não tivessem ouvido falar da chegada de Colombo em pessoa à frente de imponentes reforços, nunca teriam levantado o cerco.[3] O Almirante escolheu Hojeda como seu enviado, e enquanto este se ocupava da sua missão, vários caciques[4] enviaram de diversas partes instar Caunaboa a não permitir que os cristãos se estabelecessem na ilha, a não ser que ele quisesse trocar a independência pela escravatura; pois se os cristãos não fossem expulsos até o último homem da ilha, todos os nativos, mais cedo ou mais tarde, se tornariam seus escravos. Já Hojeda negociou com Caunaboa, instando-o a vir pessoalmente visitar o Almirante, e firmar com ele uma firme aliança. Os enviados dos caciques prometeram a Caunaboa o seu apoio ilimitado à expulsão dos espanhóis, mas Hojeda ameaçou massacrá-lo se preferisse a guerra à paz com os cristãos. Caunaboa estava muito indeciso. Além disso, a consciência de seus crimes o perturbava, pois havia cortado a cabeça de vinte de nossos homens que surpreendera. Se, portanto, por um lado desejava a paz, por outro temia a entrevista com o almirante. Tendo planejado cuidadosamente sua traição, ele decidiu que, sob a proteção da paz, aproveitaria a primeira ocasião para destruir Colombo e seus homens. Ele partiu, escoltado por toda a sua casa e um grande número de soldados, armados à moda do país, ao encontro do almirante. Quando questionado por que ele levou uma tropa tão numerosa de homens, ele respondeu que não era adequado para um rei tão grande como ele deixar sua casa e viajar sem escolta. Nesse evento, porém, as coisas saíram diferentes do que ele esperava e ele caiu na rede que ele mesmo havia preparado. Mal saiu de casa e se arrependeu de sua decisão, mas Hojeda conseguiu, com lisonjas e promessas, trazê-lo a Colombo, onde foi imediatamente preso e acorrentado.[5] As almas dos nossos mortos podem descansar em paz.

[Nota 3: Um cacique de Vega, que era vassalo de Guarionex, de
nome Juatinango, conseguiu matar dez espanhóis e incendiar uma
casa que servia de hospital a outros quarenta internados enfermos.
Após estas façanhas, sitiou a fortificação de Magdalena, que Luís
de Arriaga só conseguiu
defendendo com os maiores esforços. Herrera, _Hist. Ind_., tom,
i., lib. ii., cap. XVI.]

[Nota 4: Os principais caciques de Hayti naquela época eram
cinco. Eram eles: Caunaboa, que era o mais poderoso de todos;
Guarionex, Gauccanagari, Behechio e Cotubanama.]

[Nota 5: Hojeda enganou este cacique para permitir que ele prendesse

algemas nele; após o que o chefe indefeso foi carregado por
sessenta léguas através das florestas. Pizarro, em seus _Varones
Illustres_, relata a história, assim como Herrera.]

Depois da captura de Caunaboa e de toda a sua casa, o Almirante
resolveu marchar por toda a ilha. Ele foi informado de que os nativos
sofriam com uma fome tão severa que mais de 50.000 homens já
haviam morrido e que pessoas continuavam morrendo diariamente,
assim como o gado em tempos de peste.

Essa calamidade foi consequência de sua própria loucura; pois
quando viram que os espanhóis desejavam se estabelecer em sua
ilha, pensaram que poderiam expulsá-los criando escassez de
comida. Eles, portanto, decidiram não apenas não plantar mais
colheitas, mas também destruir e rasgar todos os vários tipos de
cereais usados para o pão que já haviam sido semeados, e que
mencionei no primeiro livro. Isso deveria ser feito pelo povo em cada
distrito, e especialmente na região montanhosa de Cipangu e Cibao;
esse era o país onde o ouro era encontrado em abundância, e os
nativos sabiam que a principal atração que mantinha os espanhóis em
Hispaniola era o ouro. Nessa altura o Almirante enviou um oficial com
uma tropa de homens armados para fazer o reconhecimento da costa
sul da ilha, e este oficial informou que as regiões que tinha visitado
tinham sofrido tanto com a fome, que durante seis dias ele e os seus
os homens não comiam nada além de raízes de ervas e pequenas
plantas, ou frutas que crescem nas árvores. Guarionex, cujo território
havia sofrido menos que os outros, distribuiu algumas provisões entre
nosso povo.

Alguns dias depois, Colombo, com o objetivo de diminuir as viagens
e também de fornecer retiros mais numerosos para seus homens em
caso de ataque repentino dos nativos, mandou construir outra
fortificação, que chamou de Concepcion. Situa-se entre Isabella e
San Tomas no território de Cibao, nas fronteiras do país de
Guarionex. Fica em uma elevação, bem regada por vários riachos
frescos. Vendo essa nova construção diariamente quase concluída e
nossa frota meio arruinada caída no porto, os nativos começaram a
se desesperar com a liberdade e a perguntar uns aos outros,
desanimados, se os cristãos algum dia evacuariam o arquipélago.

Foi durante essas explorações no interior do distrito montanhoso de
Cibao que os homens de Concepción obtiveram um lingote de ouro
maciço, moldado na forma de uma pedra esponjosa; era tão grande
quanto o punho de um homem e pesava vinte onças. Foi encontrado por
um cacique, não na margem de um rio, mas em um monte seco. Eu o vi

com meus próprios olhos em uma loja em Medina del Campo, em Castela Velha, onde a Corte passava o inverno; e para minha grande admiração, segurei-o e testei seu peso. Também vi um pedaço de estanho nativo, que pode ter servido para sinos ou morteiros de boticários ou outras coisas feitas de latão coríntio. Era tão pesado que não só não conseguia levantá-lo do chão com as duas mãos, como também não conseguia movê-lo para a direita ou para a esquerda. Dizia-se que esse caroço pesava mais de trezentas libras com oito onças por libra. Fora encontrado no pátio da casa de um cacique, onde estivera por muito tempo, e os velhos do país, embora não se tenha encontrado estanho na ilha de que haja memória de qualquer homem vivo, no entanto sabiam onde havia era uma mina deste metal. Mas ninguém jamais poderia aprender esse segredo com eles, de tanto que ficavam aborrecidos com a presença dos espanhóis.[6] Por fim, decidiram revelar seu paradeiro, mas estava totalmente destruído e aterrado com terra e lixo. No entanto, é mais fácil extrair o metal do que tirar o ferro das minas, e acredita-se que, se fossem enviados trabalhadores e mineiros qualificados, seria possível trabalhar novamente naquela mina de estanho.

[Nota 6: _Adeo jam stomago pleni in nostros vivebant_.]

Não muito longe da fortificação de Concepcion e nestas mesmas montanhas, os espanhóis descobriram uma grande quantidade de âmbar, e em algumas cavernas foi destilada uma cor esverdeada muito apreciada pelos pintores. Caminhando pela floresta havia lugares onde todas as árvores eram de uma cor escarlate que os mercadores italianos chamavam de verzino e os espanhóis de pau-brasil.

Neste ponto, Ilustre Príncipe, você pode levantar uma objeção e dizer a si mesmo: "Se os espanhóis trouxeram vários carregamentos de madeira escarlate e algum ouro, e um pouco de algodão e alguns pedaços de âmbar de volta para a Europa, por que eles não carregam-se com ouro e todos os produtos preciosos que parecem abundar tão abundantemente no país que você descreve?

Colombo respondeu a essas perguntas dizendo que os homens que levara consigo pensavam mais em dormir e descansar do que em trabalhar, e preferiam a luta e a rebelião à paz e à tranquilidade. A maior parte desses homens o abandonou. Para estabelecer uma autoridade inconteste sobre a ilha, era necessário conquistar os ilhéus e quebrar seu poder. Os espanhóis realmente fingiram que não podiam suportar a crueldade e o sofrimento das ordens do almirante e formularam muitas acusações contra ele. É em consequência dessas dificuldades que até agora ele não pensou em cobrir as despesas das expedições. No entanto, observarei que neste mesmo ano de 1501, em que vos escrevo, os espanhóis juntaram 1200 libras de ouro em dois meses.

Mas voltemos à nossa narrativa. No momento oportuno, descreverei em detalhes o que acabo de abordar nesta digressão.

O Almirante estava perfeitamente ciente do alarme e da agitação que reinava entre os ilhéus, mas não conseguiu impedir a violência e a rapacidade dos seus homens, sempre que estes entravam em contacto com os indígenas. Vários dos principais caciques das regiões fronteiriças se reuniram para implorar a Colombo que proibisse os espanhóis de perambular pela ilha porque, a pretexto de caçar ouro ou outros produtos locais, não deixaram nada intacto ou danificado. Além

disso, todos os nativos entre as idades de quatorze e setenta anos obrigaram-se a pagar-lhe tributo nos produtos do país a um certo valor por cabeça, prometendo cumprir seu compromisso. Algumas das condições deste acordo foram as seguintes: Os montanhistas de Cibao deveriam trazer para a cidade a cada três meses uma determinada medida cheia de ouro. Eles calculam pela lua e chamam os meses de luas. Os ilhéus que cultivavam as terras que produziam espontaneamente especiarias e algodão eram obrigados a pagar uma quantia fixa por cabeça. Este pacto agradou a ambas as partes e teria sido observado por ambas as partes como havia sido acordado, exceto que a fome anulou suas resoluções. Os nativos mal tinham forças para caçar alimentos nas matas e por muito tempo se contentaram com raízes, ervas e frutas silvestres. No entanto, a maioria dos caciques, auxiliados por seus seguidores, trouxe parte do tributo estabelecido. Eles imploraram como um favor ao almirante que tivesse pena de sua miséria e os isentasse até que a ilha pudesse recuperar sua antiga prosperidade. Eles se comprometeram então a pagar o dobro do que estava falhando no momento.

Devido à fome, que os atingiu mais cruelmente do que os outros, muito poucos montanhistas de Cibao prestaram homenagem. Esses montanhistas não diferiam em seus costumes e língua dos povos da planície mais do que os montanhistas de outros países diferem daqueles que vivem na capital. Existem entre eles, porém, alguns pontos de semelhança, pois levam o mesmo tipo de vida simples e ao ar livre.

Mas voltemos a Caunaboa, que, se bem te lembras, foi feito prisioneiro.

Este cacique, quando se viu acorrentado, rangeu os dentes como um leão africano e começou a pensar, noite e dia, sobre os meios de recuperar sua liberdade.[7] Implorou ao almirante, já que a região de Cipangu estava agora sob sua autoridade, que enviasse guarnições espanholas para proteger o país contra os ataques de vizinhos que eram seus antigos inimigos. Ele disse que lhe foi relatado que o país foi devastado e a propriedade de seus súditos considerada por seus inimigos como uma pilhagem legal. Na verdade, era uma armadilha que ele estava preparando. Ele esperava que seu irmão e outros parentes em Cibao capturassem, pela força ou por trapaça, tantos espanhóis quantos fossem necessários para pagar seu resgate. Adivinhando esta conspiração, Colombo enviou Hojeda, mas com uma escolta de soldados suficiente para vencer toda a resistência dos habitantes de Cibao. Mal os espanhóis entraram naquela região quando o irmão de Caunaboa reuniu cerca de 5.000 homens, equipados à sua maneira, isto é, nus, armados de flechas sem pontas de ferro, clavas e lanças. Ele conseguiu cercar os espanhóis e os manteve sitiados em uma pequena casa. Este chefe mostrou-se nas circunstâncias um verdadeiro soldado. Quando se aproximou de um estádio, dividiu seus homens em cinco grupos, posicionando-os em círculo e atribuindo a cada um seu posto, enquanto ele próprio marchava diretamente contra os espanhóis. Quando todos os seus preparativos foram concluídos, ele ordenou que seus soldados avançassem, gritando todos juntos, para travar um combate corpo a corpo. Ele esperava que, ao cercar os espanhóis, nenhum deles escapasse. Mas nossos homens, convencidos de que era melhor atacar do que esperar o ataque, atacaram o bando mais numeroso que viram em campo aberto. O terreno foi adaptado para as manobras da cavalaria e os cavaleiros, abrindo a carga, atropelaram o inimigo, que foi facilmente posto em fuga. Os que esperavam o encontro foram

massacrados; os outros, tomados de medo, fugiram, abandonando suas cabanas e buscando refúgio nas montanhas e em rochas inacessíveis. Eles imploraram por misericórdia, prometendo e jurando observar todas as condições impostas a eles, desde que pudessem viver com suas famílias. O irmão do cacique foi finalmente capturado e cada um de seus homens foi enviado para sua casa. Após esta vitória aquela região foi pacificada.

[Nota 7: Las Casas (_Hist, de las Indias_, tom, i., p. 102) relata que Caunaboa nunca perdoou Colombo pelo tratamento que lhe dispensou, ao passo que tinha, pelo contrário, grande respeito por Hojeda, o esperto deste último. ardil, habilmente executado, sendo justamente o tipo de malandragem que ele
foi capaz de apreciar e admirar.]

O vale da montanha onde vivia o cacique chama-se Magona. É atravessada por rios auríferos, é generosamente produtiva e maravilhosamente fértil. No mês de junho deste mesmo ano ocorreu uma terrível tempestade; redemoinhos alcançando os céus desenraizaram as maiores árvores que foram varridas em seu vórtice. Quando este tufão atingiu o porto de Isabella, apenas três navios estavam ancorados; seus cabos se romperam e, após três ou quatro choques - embora não houvesse tempestade ou maré na época - eles afundaram. Diz-se que naquele ano o mar penetrou mais fundo do que o normal na terra e subiu mais de um côvado. Os nativos sussurravam que os espanhóis eram a causa dessa perturbação dos elementos e dessas catástrofes. Essas tempestades, que os gregos chamavam de tufões, são chamadas pelos nativos de _huracanes_.[8] Segundo seus relatos, os furacões são bastante frequentes na ilha, mas nunca atingem tamanha violência e fúria. Nenhum dos ilhéus vivos, nem nenhum dos seus antepassados recorda que tal perturbação atmosférica, capaz de arrancar as maiores árvores, alguma vez varreu a ilha; nem, por outro lado, o mar jamais foi tão turbulento, ou a maré tão devastada. Onde quer que as planícies margeiem o mar, os prados floridos são encontrados nas proximidades.

[Nota 8: A palavra _furacão_ é de _Hurakan_, o nome do deus ou herói cultural que, na mitologia de Yucatan, correspondia a Quetzalcoatl dos mexicanos. Sendo o deus dos ventos, as tempestades foram atribuídas à sua fúria, e os tufões e tempestades que irromperam às vezes com violência destrutiva sobre os mares e países foram chamados por seu nome.]

Voltemos agora a Caunaboa. Quando se procurou levá-los aos soberanos da Espanha, ele e seu irmão morreram de tristeza na viagem. A destruição de seus navios deteve o almirante em Hispaniola; mas, como dispunha dos artesãos necessários, mandou construir imediatamente duas caravelas.

Enquanto essas ordens eram cumpridas, ele despachou seu irmão, Bartolomeu Colombo, - Adelantado, como os espanhóis o chamam, da ilha - com vários mineiros e uma tropa de soldados, para as minas de ouro, que haviam sido descoberta com a ajuda dos nativos a sessenta léguas de Isabella na direção de Cipangu. Como ali foram encontradas algumas fossas muito antigas, o Almirante acreditou ter redescoberto naquelas minas os antigos tesouros que, diz o Antigo Testamento, o rei Salomão de Jerusalém havia encontrado no Golfo Pérsico. Se isso é verdadeiro ou falso, não cabe a mim decidir. Essas minas cobrem uma área de seis milhas. Os mineiros, ao peneirar um pouco de terra

seca recolhida em diferentes lugares, declararam que haviam encontrado uma quantidade tão grande de ouro escondido naquela terra que um mineiro poderia facilmente coletar três dracmas em um dia de trabalho. Depois de terem explorado aquela região, o Adelantado e os mineiros escreveram a Colombo informando-o de sua descoberta. Estando então os navios prontos, Colombo imediatamente e com grande alegria embarcou para retornar a Espanha; isto é, o quinto dia dos idos de março do ano de 1495.[9] Ele confiou o governo da província com plenos poderes a seu irmão, o Adelantado, Bartolomeu Colombo.

[Nota 9: Colombo partiu em 10 de março de 1496.]

LIVRO V

AO CARDEAL LUDOVICO D'ARAGON, SOBRINHO DE NOSSO REI

Seguindo o conselho de despedida de seu irmão, o Adelantado, Bartolomeu Colombo construiu uma fortificação nas minas, que chamou de El Dorado, [1] porque os trabalhadores descobriram ouro na terra com a qual construíam suas paredes. Foram necessários três meses para fabricar as ferramentas necessárias para lavar e peneirar o ouro, mas a fome obrigou-o a abandonar esse empreendimento antes que ele fosse encerrado. Em um lugar a sessenta milhas adiante, onde ele e a maior parte de seus soldados foram, ele conseguiu obter dos ilhéus uma pequena quantidade do pão que eles fazem, a tal estado as coisas estavam reduzidas na época. Incapaz de prolongar sua estada, ele deixou dez homens em El Dorado, fornecendo-lhes uma pequena parte do pão que restava. Além disso, deixou com eles um excelente cão de caça para perseguir o jogo, que eu disse acima se assemelha aos nossos coelhos, e que são chamados _utias_; depois disso partiu para voltar a Concepcion. Era nessa época que era devido o tributo do caique Guarionex e de um de seus vizinhos chamado Manicavex. O Adelantado ali permaneceu todo o mês de junho, e obteve dos caciques, não só a soma total do tributo, mas também as provisões necessárias para seu sustento e dos 400 homens de sua escolta.

[Nota 1: O primeiro nome dado ao local foi San Cristobal.]

Por volta das calendas de julho, chegaram três caravelas trazendo mantimentos: trigo, azeite, vinho, porco e vaca salgados. Obedecendo às ordens da Espanha, foram distribuídos entre todos os europeus, mas como algumas das provisões apodreceram, ou foram estragadas pela umidade, as pessoas reclamaram. Novas instruções dos soberanos e do almirante foram enviadas a Bartolomeu Colombo por esses navios. Após frequentes entrevistas com os soberanos, Colombo instruiu seu irmão a transferir sua residência para a costa sul da ilha, mais perto das minas. Ele também foi ordenado a enviar de volta para a Espanha, acorrentados, os caciques que haviam sido condenados por assassinar os cristãos, e também aqueles de seus súditos que haviam compartilhado seus crimes; Trezentos ilhéus foram assim transportados para a Espanha.[2]

[Nota 2: Este transporte marca o início do comércio de escravos na América.]

Depois de ter explorado cuidadosamente a costa, o Adelantado transferiu sua residência e construiu uma alta fortificação perto de um porto seguro, batizando o forte de Santo Domingo, porque havia chegado naquele local em um domingo. Ali corre para aquele porto um rio, cujas águas saudáveis abundam em peixes excelentes e cujas margens são deliciosamente arborizadas. Este rio apresenta algumas características naturais invulgares. Onde quer que suas águas fluam, os produtos mais úteis e agradáveis florescem, como palmeiras e frutas de todos os tipos. As árvores às vezes deixam cair seus galhos carregados de flores e frutos sobre as cabeças dos espanhóis, que declaram que o solo de Santo Domingo é tão fértil, ou até mais, do que o de Hispaniola. Em Isabella ficaram apenas os inválidos e alguns engenheiros para completar a construção de duas caravelas que haviam sido iniciadas, todos os outros colonos vindo para o sul para Santo Domingo. Quando a fortificação foi concluída, ele colocou lá uma guarnição de vinte homens e se preparou para liderar o restante de seu povo em uma viagem de exploração pelas partes ocidentais da ilha, das quais nem mesmo o nome era conhecido. Trinta léguas distantes de Santo Domingo, ou seja, a noventa milhas, chegaram ao rio Naíba, que corre para o sul desde as montanhas de Cibao e divide a ilha em duas partes iguais. O Adelantado atravessou este rio e enviou dois capitães, cada um com uma escolta de vinte e cinco soldados, para explorar o território dos caciques que possuíam florestas de árvores vermelhas. Esses homens, marchando para a esquerda, encontraram florestas, nas quais cortaram árvores magníficas e de grande valor, até então respeitadas. Os capitães empilhavam a madeira de cor vermelha nas cabanas dos nativos, desejando assim protegê-la até que pudessem carregá-la nos navios. Nessa época, o Adelantado, que marchava para a direita, encontrou em um lugar não muito longe do rio Naíba um poderoso cacique, chamado Beuchios Anacauchoa, que na época estava engajado em uma expedição para conquistar o povo ao longo do rio, como assim como alguns outros caciques da ilha. Este poderoso cacique vive na extremidade oeste da ilha, chamada Xaragua. Este país acidentado e montanhoso está a trinta léguas do rio Naíba, mas todos os caciques cujo território fica no meio estão sujeitos a ele.[3] Todo aquele país desde o Naiba até a extremidade ocidental não produz ouro. Anacauchoa, vendo que os nossos homens baixavam as armas e lhe faziam sinais amistosos, assumiu um ar receptivo, por medo ou por cortesia, e perguntou-lhes o que queriam dele. O Adelantado respondeu: "Queremos que prestem a mesma homenagem a meu irmão, que aqui manda em nome dos soberanos espanhóis, como fazem os outros caciques." Ao que ele respondeu: "Como você pode pedir tributo de mim, já que nenhuma das numerosas províncias sob minha autoridade produz ouro?" Ele soube que estranhos em busca de ouro desembarcaram na ilha e não suspeitou que nossos homens pediriam mais nada. "Não pretendemos", continuou o Adelantado, "exigir tributo de ninguém que não possa ser facilmente pago, ou de um tipo que não possa ser obtido; mas sabemos que este país produz algodão, cânhamo e outras coisas semelhantes em abundância, e pedimos que prestem homenagem a esses produtos." O rosto do cacique expressou alegria ao ouvir essas palavras e, com ar satisfeito, concordou em dar o que lhe pediam e na quantidade que desejassem; pois dispensou seus homens e, depois de despachar mensageiros com antecedência, ele próprio atuou como guia do Adelantado, conduzindo-o à sua residência, que, como já dissemos, ficava a cerca de trinta léguas de distância. A marcha passou pelos países dos caciques subjugados; e sobre alguns deles foi imposto um tributo de cânhamo, pois esse cânhamo é tão bom quanto o nosso linho para

tecer as velas dos navios; sobre outros, de pão, e sobre outros, de algodão, conforme os produtos de cada região.

[Nota 3: Xaragua inclui toda a costa ocidental do Cabo Tiburon até a ilha de Beata no sul.]

Quando finalmente chegaram à residência do cacique em Xaragua, os indígenas saíram ao seu encontro e, como de costume, ofereceram uma recepção triunfal ao seu rei, Beuchios Anacauchoa, e aos nossos homens. Por favor, note entre outros usos estes dois, que são notáveis entre pessoas nuas e incultas. Quando a companhia se aproximou, cerca de trinta mulheres, todas esposas do cacique, marcharam ao seu encontro, dançando, cantando e gritando; elas estavam nuas, exceto por uma cinta que, embora consistisse apenas em um cinto de algodão, que caía sobre seus quadris, satisfazia essas mulheres desprovidas de qualquer sentimento de vergonha. Quanto às meninas, elas não cobriam nenhuma parte do corpo, mas usavam os cabelos soltos sobre os ombros e uma fita estreita amarrada na testa. Seu rosto, seios e mãos, e todo o corpo estavam completamente nus e de uma tonalidade um tanto morena. Todas eram belas, de modo que se poderia pensar que ele contemplava aquelas esplêndidas náiades ou ninfas das fontes, tão celebradas pelos antigos. Segurando ramos de palmeiras nas mãos, dançavam ao som de canções e, dobrando os joelhos, ofereciam-nos ao Adelantado. Entrando na casa do chefe, os espanhóis se refrescaram em um banquete preparado com toda a magnificência dos costumes nativos. Ao anoitecer, cada um, segundo a sua categoria, era escoltado por criados do cacique até as casas onde lhes foram designadas as camas suspensas que já descrevi, e ali repousavam.

No dia seguinte foram conduzidos a um edifício que servia de teatro, onde assistiram a danças e ouviram canções, após o que duas numerosas tropas de homens armados apareceram de repente num grande descampado, tendo o rei pensado em agradar e interessar os espanhóis por fazendo-os exercitar, assim como na Espanha se celebram os jogos de Tróia (isto é, os torneios). Os dois exércitos avançaram e se engajaram em um combate tão animado como se estivessem lutando para defender suas propriedades, suas casas, seus filhos ou suas vidas. Com tal vigor eles contestaram, na presença de seu chefe, que no curto espaço de uma hora quatro soldados foram mortos e vários ficaram feridos; e foi apenas a pedido dos espanhóis que o cacique deu o sinal para que depusessem as armas e parassem de lutar. Depois de ter aconselhado o cacique a plantar mais algodão nas margens do rio, para poder pagar mais facilmente o tributo imposto a cada família, o Adelantado partiu no terceiro dia para Isabel visitar os enfermos e ver os navios em construção. Cerca de trezentos de seus homens haviam caído vítimas de diversas doenças, e ele estava muito preocupado e mal sabia o que fazer, pois faltava tudo, não apenas para cuidar dos doentes, mas também para as necessidades da vida; como da Espanha não chegara nenhum navio que acabasse com sua incerteza, mandou distribuir os enfermos pelas várias fortificações construídas em diversas províncias. Essas cidadelas, existentes em linha reta de Isabella a Santo Domingo, ou seja, de norte a sul, eram as seguintes: a trinta e seis milhas de Isabella ficava Esperanza; vinte e quatro milhas além de Esperanza vinha Santa Caterina; vinte milhas além de Santa Caterina, Santiago. Vinte milhas além de Santiago havia sido construída uma fortificação mais forte do que qualquer uma das outras; pois ficava no sopé das montanhas de Cibao, em uma planície ampla e fértil que era bem povoada. Isso foi chamado de La Concepcion. Entre La Concepcion e Santo Domingo, o Adelantado construiu uma fortaleza ainda mais forte, que ficava no território de um cacique, obedecido por vários

milhares de súditos. Como os índios chamavam a aldeia onde morava seu cacique de _Bonana_, o Adelantado desejava que a fortaleza tivesse o mesmo nome.

Distribuídos os enfermos por essas fortalezas ou nas casas dos indígenas das redondezas, o Adelantado partiu para Santo Domingo, cobrando tributos dos caciques que encontrava pelo caminho. Ele estava em Santo Domingo há poucos dias quando foi relatado que dois dos caciques do bairro de La Concepcion foram levados ao desespero pelo domínio dos espanhóis e planejavam uma revolta. Ao receber esta notícia, ele partiu para aquela região em rápidas marchas.

Ele soube ao chegar que Guarionex havia sido escolhido pelos outros caciques como seu comandante-chefe. Embora ele já tivesse testado e tivesse motivos para temer nossas armas e nossas táticas, ele se permitiu ser parcialmente conquistado. Os caciques haviam planejado um levante de cerca de 15.000 homens, armados à sua maneira, para um dia fixo, fazendo assim um novo apelo às fortunas da batalha. Depois de consultar o comandante de La Concepcion e os soldados que tinha com ele, o Adelantado decidiu levar os caciques em suas aldeias, enquanto eles estavam desprevenidos e antes de reunirem seus soldados. Os capitães foram assim enviados contra os caciques e, surpreendendo-os durante o sono, antes que seus súditos dispersos pudessem se reunir, invadiram suas casas que estavam desprotegidas por fossos, muros ou trincheiras; eles os atacaram e os prenderam, amarrando-os com cordas e levando-os, como haviam sido ordenados, para o Adelantado. Este último havia lidado com o próprio Guarionex, por ser o inimigo mais formidável, e o havia apreendido na hora marcada. Quatorze caciques foram assim levados prisioneiros para La Concepción, e pouco depois dois dos que haviam corrompido Guarionex e os outros, e que haviam favorecido a revolta, foram condenados à morte. Guarionex e os demais foram soltos, pois o Adelantado temia que os índios, atingidos pela morte dos caciques, abandonassem suas roças, o que teria ocasionado um grave prejuízo ao nosso povo, por causa das lavouras. Cerca de seis mil de seus súditos vieram solicitar sua liberdade. Essas pessoas haviam deposto as armas, fazendo o ar ressoar e a terra tremer com seu clamor. O Adelantado falou com Guarionex e os outros caciques, e por meio de promessas, presentes e ameaças, encarregou-os de cuidar bem para que o futuro não se envolvesse em mais revolta. Guarionex fez um discurso ao povo, no qual elogiou nosso poder, nossa clemência para com os culpados e nossa generosidade para com os que permaneceram fiéis; ele os exortou a acalmar seus espíritos e, no futuro, não pensar nem planejar hostilidades contra os cristãos, mas sim ser obedientes, humildes e prestativos a eles, a menos que desejassem que coisas piores os alcançassem. Terminado o seu discurso, o seu povo levou-o aos ombros numa rede, e assim levaram-no para a aldeia onde vivia, e em poucos dias todo o país estava pacificado.

No entanto, os espanhóis ficaram perturbados e deprimidos, pois se viram abandonados em um país estranho. Quinze meses se passaram desde a partida do Almirante. Faltavam as roupas e a comida a que estavam acostumados, por isso marchavam com rostos tristes e olhos baixos.[4] O Adelantado se esforçou como pôde para oferecer consolo. Nesta conjuntura, Beuchios Anacauchoa, pois assim se chamava o rei da província ocidental de Xaragua de que já falamos, enviou ao Adelantado notificando-o de que o algodão e outros tributos que ele e seus súditos deveriam pagar, estavam prontos. . Bartolomeu Colombo

marchou para lá, portanto, e foi recebido com grandes honras pelo cacique e por sua irmã. Esta mulher, ex-esposa de Caunaboa, rei de Cibao, era tão estimada em todo o reino quanto seu irmão. Parece que ela era graciosa, inteligente e prudente.[5] Tendo aprendido uma lição com o exemplo de seu marido, ela persuadiu seu irmão a se submeter aos cristãos, para acalmá-los e agradá-los. Essa mulher se chamava Anacaona.

[Nota 4: A história das desordens, privações e agitação, contada por Las Casas, Colombo e outros, torna a leitura triste; os infortúnios dos colonos deviam-se à sua ociosidade inveterada, à sua tirania, que havia alienado a boa vontade dos nativos, e à desilusão que havia dissipado sua esperança de riquezas rápidas e fáceis.]

[Nota 5: Herrera (iii., 6) fala dela como _la insigne Anacaona ... mujer prudente y entendida_... etc. Ela compôs com talento incomum os _arreytos_ ou baladas folclóricas que os nativos gostavam de cantar. Las Casas descreve sua terrível morte em sua _Brevissima Relacion_.]

Trinta e dois caciques estavam reunidos na casa de Anacauchoa, onde trouxeram seus tributos. Além do combinado, procuravam ganhar favores acrescentando numerosos presentes, que consistiam em duas espécies de pão, raízes, grãos, utias, ou seja, coelhos, que são numerosos na ilha, peixes, que eles preservaram ao cozinhá-los, e essas mesmas serpentes, semelhantes a crocodilos, que eles consideram um alimento muito delicado. Nós os descrevemos acima, e os nativos os chamam de iguanas. Eles são especiais para Hispaniola.[6] Até então nenhum dos espanhóis se atreveu a comê-los por causa de seu cheiro, que não só era repugnante como nauseante, mas o Adelantado, conquistado pela amabilidade da irmã do cacique, consentiu em provar um pedaço de iguana; e mal seu paladar saboreou essa suculenta carne, ele começou a comê-la com a boca. A partir de então, os espanhóis não se contentaram mais em apenas prová-lo, mas tornaram-se epicuristas a respeito, e não falaram de outra coisa senão do sabor requintado dessas serpentes, que consideravam superior ao de pavões, faisões ou perdizes. Se, porém, forem cozidos como fazemos com pavões e faisões, que primeiro são banhados e depois assados, a carne da serpente perde seu bom sabor. Primeiro eles os estripam, depois os lavam e limpam com cuidado e os enrolam em um círculo, de modo que se pareçam com os anéis de uma cobra adormecida; em seguida, eles os colocam em uma panela, apenas grande o suficiente para segurá-los, derramando sobre eles um pouco de água aromatizada com a pimenta encontrada na ilha. A panela é tampada e um fogo de madeira perfumada que dá muito pouca luz é aceso embaixo dela. Um suco tão delicioso quanto o néctar escorre gota a gota de dentro. É relatado que existem poucos pratos mais apetitosos do que ovos de iguana cozidos em fogo lento. Quando são frescos e servidos quentes ficam deliciosos, mas se forem conservados por alguns dias melhoram ainda mais. Mas isso é o suficiente sobre receitas de culinária. Passemos a outros assuntos.

[Nota 6: Iguanas são encontradas em todas as _tierras calientes_ do continente.]

O tributo de algodão enviado pelos caciques encheu a cabana do Adelantado e, além disso, ele aceitou a promessa de fornecer-lhe todo o pão de que necessitasse. Enquanto esperava que o pão fosse feito nos diferentes distritos e levado à casa de Beuchios Anacauchoa, rei

de Xaragua, mandou a Isabel mandar que lhe trouxessem uma das caravelas que mandara construir, prometendo aos colonos que ele iria enviá-lo de volta para eles carregado com pão. Os marinheiros encantados fizeram o passeio pela ilha com entusiasmo e desembarcaram na costa de Xaragua. Assim que aquela mulher brilhante, prudente e sensata chamada Anacaona, irmã de Beuchios Anacauchoa, soube que nosso navio havia chegado à costa de seu país, ela persuadiu seu irmão a acompanhá-la a visitá-lo. A distância da residência real até a costa era de apenas seis milhas. Pararam para pernoitar numa aldeia a meio caminho, onde a rainha guardava o seu tesouro; esse tesouro não consistia em ouro, prata ou pérolas, mas em utensílios necessários às diversas exigências da vida, como assentos, travessas, bacias, caldeirões e pratos de madeira negra, brilhantemente polida; eles exibem grande arte na fabricação de

todos esses artigos. Aquele distinto sábio, seu médico, Joannes Baptista Elysius, pensa que esta madeira negra é ébano. É à fabricação desses artigos que os ilhéus dedicam o melhor de sua engenhosidade nativa. Na ilha de Ganabara que, se tiveres um mapa, verás que fica na extremidade ocidental da Hispaniola e que está sujeita a Anacauchoa, são as mulheres que assim se ocupam; as várias peças estão decoradas com representações de fantasmas que fingem ver à noite, e de serpentes e homens e tudo o que vêem à sua volta. O que não poderiam eles fabricar, Ilustre Príncipe, se soubessem o uso do ferro e do aço? Começam por amolecer no fogo o interior dos pedaços de madeira, depois desenterram-nos e trabalham-nos com conchas dos rios.

Anacaona presenteou o Adelantado quatorze cadeiras e sessenta vasilhas de barro para a cozinha, além de quatro rolos de tecido de algodão de imenso peso. Quando todos chegaram à margem onde se situa a outra vila real, o Adelantado mandou fazer sair uma barca totalmente equipada. O rei também mandou lançar duas canoas, a primeira para uso dele e de seus servos, a segunda para sua irmã e seus seguidores, mas Anacaona não quis embarcar em outro que não fosse o barco que levava o Adelantado. Ao se aproximarem do navio, um canhão foi disparado a um determinado sinal. O som ecoou no mar como um trovão, e o ar se encheu de fumaça. Os ilhéus apavorados tremeram, acreditando que esta detonação havia estilhaçado o globo terrestre; mas quando se voltaram para o Adelantado, sua emoção diminuiu. Ao aproximar-se do navio, ouviu-se o som de flautas, pífaros e tambores, encantando seus sentidos com uma doce música e despertando-lhes espanto e admiração. Depois de terem percorrido todo o navio, da popa à proa, e visitado cuidadosamente o castelo de proa, o leme e o porão, o irmão e a irmã se entreolharam em silêncio; o espanto deles era tão profundo que nada tinham a dizer. Enquanto se ocupavam em visitar o navio, o Adelantado mandou levantar a âncora, içar as velas e fazer-se ao largo. O espanto deles foi redobrado quando observaram que, sem remos e sem o emprego de qualquer força humana, um barco tão grande voava sobre a superfície da água. Soprava um vento de terra, favorável a esta manobra, e o que mais os espantou foi ver que o navio que avançava com a ajuda deste vento também virou, primeiro para a direita e depois para a esquerda, de acordo com vontade do capitão.

Terminadas estas manobras carregou-se o navio de pão, raízes e outras dádivas, e o Adelantado, depois de lhes oferecer algumas prendas, despediu-se de Beuchios Anacauchoa e sua irmã, seus seguidores e criados de ambos os sexos. A impressão que esta visita deixou neste último foi estonteante. Os espanhóis marcharam por terra

e voltaram para Isabella. Chegando lá, soube-se que um certo Ximenes Roldan, ex-chefe dos mineiros e dos campeiros, que o Almirante fizera seu escudeiro e elevara ao grau de desembargador, era mal-intencionado para com o Adelantado. Ao mesmo tempo, constatou-se que o Cacique Guarionex, não suportando mais a ganância de Roldan e dos outros espanhóis em Isabella, fora levado pelo desespero a deixar o país com sua família e grande número de seus súditos, refugiando-se no montanhas que margeiam a costa norte apenas dez léguas a oeste de Isabella. Tanto essas montanhas quanto seus habitantes levam o mesmo nome, _Ciguaia_. O chefe de todos os caciques que habitam a região serrana chama-se Maiobanexios, que vivia num lugar chamado Capronus.

Essas montanhas são escarpadas, altas, inacessíveis e se erguem do mar em um semicírculo. Entre as duas extremidades da cadeia, estende-se uma bela planície, regada por numerosos rios que nascem nestas montanhas. Os nativos são ferozes e guerreiros, e acredita-se que sejam da mesma raça dos canibais, pois quando descem de suas montanhas para lutar com seus vizinhos na planície, comem todos que matam. Foi com o cacique dessas montanhas que Guarionex se refugiou, trazendo-lhe presentes, consistindo em coisas que faltam aos montanheses. Disse-lhe que os espanhóis não lhe pouparam maus tratos, nem humilhações, nem violências, e nem a humildade nem o orgulho lhe serviram de nada em seu trato com eles. Veio, portanto, a ele como suplicante, esperando ser protegido contra a injustiça desses criminosos. Maiobanexios prometeu-lhe ajuda e socorro na medida do seu poder.

Apressando-se de volta a La Concepción, o Adelantado convocou Ximenes Roldan, que, acompanhado de seus partidários, rondava as aldeias da ilha, para comparecer perante ele. Muito irritado, o Adelantado perguntou-lhe quais eram suas intenções. Ao que Roldan impudentemente respondeu: "Seu irmão, o almirante, está morto, e compreendemos perfeitamente que nossos soberanos não se preocupam muito conosco. Se o obedecêssemos, morreríamos de fome e seríamos forçados a caçar provisões no Além disso, o almirante confiou a mim, assim como a você, o governo da ilha; portanto, estamos determinados a não mais obedecê-lo. Ele acrescentou outras observações igualmente equivocadas. Antes que o Adelantado pudesse capturá-lo, Roldan, seguido por cerca de setenta homens, escapou para Xaragua na parte ocidental da ilha, onde, como o Adelantado relatou a seu irmão, eles se entregaram à violência, roubo e massacre.]

[Nota 7: Alguns dos principais colonos, incluindo Valdiviesso e Diego de Escobar, favoreceram Roldan. A descrição esboçada desta notável rebelião aqui dada pode ser completada consultando Herrera, dez. I., 3, i.; Fernando Colombo, _Storia del Almirante_; Irving, _Columbus and his Companions_, livro xi., caps iv., v., etc.]

Enquanto decorriam essas perturbações, os soberanos espanhóis finalmente concederam ao almirante oito navios, que Colombo prontamente ordenou que partissem da cidade de Cádiz, cidade consagrada a Hércules. Esses navios foram carregados com provisões para o Adelantado. Por acaso aproximaram-se da costa ocidental da ilha, onde se encontravam Ximenes Roldan e seus cúmplices. Roldan conquistou as tripulações prometendo-lhes jovens frescas em vez de trabalho manual, prazeres em vez de esforço, fartura em vez de fome e repouso em vez de cansaço e vigilância.

Durante esse tempo, Guarionex, que havia reunido uma tropa de aliados, fez frequentes descidas na planície, matando todos os cristãos que surpreendeu, devastando os campos, expulsando os trabalhadores e destruindo aldeias.

Embora Roldan e seus seguidores não ignorassem que o Almirante poderia chegar de um dia para o outro, eles não tinham medo, pois haviam conquistado para o seu lado as tripulações dos navios que haviam sido enviados na frente. Em meio a tantas misérias, o infeliz Adelantado esperava dia a dia a chegada do irmão. O almirante partiu da Espanha com o restante do esquadrão, mas em vez de navegar diretamente para Hispaniola, ele primeiro traçou seu curso para o sul.[8] O que ele realizou durante esta nova viagem, que mares e países ele visitou, que terras desconhecidas ele descobriu, narrarei e também explicarei detalhadamente a sequência dessas desordens nos livros seguintes. Passe bem.

[Nota 8: Esta foi a terceira viagem de Colombo, sobre a qual algumas das melhores fontes de informação são as seguintes: Oviedo, _Hist. Gen. de las Indias_, lib. iii., 2, 4; Navarrete, tom iii., _Lettera di Simone Verde a Mateo Curi_; Fernando Colombo, _op. cit_.; Herrera, dezembro i., 7; RH Major, Hakluyt Society, 1870, _Select Letters of Columbus_.]

LIVRO VI

AO MESMO CARDEAL LUDOVICO D'ARAGON

No terceiro dia das calendas de junho de 1498, [1] Colombo partiu do porto de San Lucar de Barrameda, situado na foz do Guadalquivir, não muito longe de Cádiz. Sua frota consistia em oito navios fortemente carregados. Ele evitou sua rota habitual pelas Canárias, por causa de alguns piratas franceses que o esperavam. A setecentas e vinte milhas ao norte das Ilhas Afortunadas, ele avistou a Madeira, que fica quatro graus ao sul de Sevilha; pois em Sevilha, de acordo com o relatório dos marinheiros, a estrela do norte sobe até o 36º grau, enquanto na Madeira está no 32º. A Madeira foi, portanto, a sua primeira escala, e dali despachou cinco ou seis navios carregados de provisões directamente para a Hispaniola, ficando apenas para si um navio de convés e duas caravelas mercantes. Ele traçou seu curso para o sul e alcançou a linha equinocial, que pretendia seguir diretamente para o oeste, fazendo novas descobertas e deixando Hispaniola ao norte a estibordo. As treze ilhas das Hespérides estão no caminho desta viagem. Pertencem aos portugueses e todas, menos uma, são habitadas. Elas são chamadas de ilhas de Cabo Verde e estão distantes apenas um dia de navegação da parte ocidental da Etiópia. A uma destas ilhas os portugueses deram o nome de Bona Vista[2]; e todos os anos numerosos leprosos são curados de sua doença comendo as tartarugas desta ilha.

[Nota 1: A data era 30 de maio de 1498, e o número de navios sob seu comando era seis, em vez de oito. Muito atraso ocorreu em equipar a frota para a viagem, devido à má gestão dos funcionários reais, especialmente o Bispo de Burgos, cuja inimizade para Colombo foi desde então implacável.]

[Nota 2: Bem _Boavista_. Uma colônia de leprosos foi estabelecida aqui pelos portugueses.]

Como o clima era muito ruim, o almirante deixou rapidamente o arquipélago para trás e navegou 480 milhas na direção oeste-sudoeste. Ele relata que as calmarias mortas e o forte calor do sol de junho causaram tantos sofrimentos que seus navios quase pegaram fogo. Os aros de seus barris de água estouraram e a água vazou. Seus homens acharam esse calor intolerável. A estrela polar estava então a uma elevação de cinco graus. Dos oito dias em que suportaram esses sofrimentos, apenas o primeiro ficou claro; os outros sendo nublados e chuvosos, mas nem por isso menos opressivos. Mais de uma vez, de fato, ele se arrependeu de ter seguido esse caminho. Após oito dias dessas misérias, um resultado favorável

o vento soprava do sudoeste, pelo que o almirante aproveitou para navegar diretamente para o oeste, e sob esse paralelo observou novas estrelas no céu e experimentou uma temperatura mais agradável. De fato, todos os seus homens concordam em dizer que depois de três dias navegando naquela direção, o ar estava bem mais fresco. O Almirante afirma que, enquanto estava na região de calmaria morta e calor tórrido, o navio sempre subia pelo fundo do mar, assim como ao subir uma alta montanha parece avançar em direção ao céu e, no entanto, ele tinha visto nenhuma terra no horizonte. Finalmente, na véspera das calendas de julho, um observador anunciou com um grito de alegria, do ninho do corvo, que viu três altas montanhas.[3] Ele exortou seus companheiros a manterem sua coragem. Os homens estavam, de fato, muito deprimidos, não apenas porque haviam sido queimados pelo sol, mas porque o suprimento de água era escasso. Os barris haviam sido arremessados pelo calor extremo e perdiam a água pelas rachaduras. Cheios de alegria eles avançaram, mas quando estavam prestes a tocar a terra perceberam que isso era impossível, porque o mar era pontilhado de recifes, embora nas proximidades eles avistassem um porto que parecia espaçoso. De seus navios, os espanhóis podiam ver que o país era habitado e bem cultivado; pois viam jardins bem ordenados e pomares sombreados, enquanto lhes chegavam às narinas os doces aromas exalados pelas plantas e árvores banhadas pelo orvalho da manhã.

[Nota 3: Alonzo Perez Nirando, um marinheiro de Huelva, fez o alegre anúncio, e os marinheiros cantaram a _Salve Regina_ em ação de graças. Colombo chamou a ilha de _Trinidad_, tendo já decidido dedicar a primeira terra avistada à Santíssima Trindade. Os três picos montanhosos próximos pareciam tornar o nome ainda mais apropriado.]

Vinte milhas daquele lugar, o almirante encontrou um porto suficientemente grande para abrigar seus navios, embora nenhum rio corresse para ele. Navegando mais adiante, ele finalmente descobriu um porto satisfatório para consertar seus navios e também reabastecer seu suprimento de água e madeira. Ele chamou essa terra de Punta del Arenal.[4] Não havia sinal de qualquer habitação nas proximidades do porto, mas havia muitos rastros de animais semelhantes a cabras e, de fato, o corpo de um desses animais, muito parecido com uma cabra, foi encontrado. No dia seguinte, uma canoa foi vista ao longe carregando oitenta homens, todos jovens, bonitos e de alta estatura. Além de seus arcos e flechas, eles estavam armados com escudos, o que não é costume entre os outros ilhéus. Usavam cabelos compridos, repartidos ao meio e presos à moda espanhola. Exceto por suas tangas de algodão de várias cores, eles estavam completamente nus.

[Nota 4: A narrativa neste ponto é um tanto incompleta, mas o autor, sem dúvida, recontou fielmente os eventos conforme foram relatados a ele. Os navios se aproximaram da ilha pelo leste, e depois costearam sua costa por cinco léguas além do cabo chamado por Colombo _La Galera_, por causa de sua semelhança imaginária com uma galera à vela. No dia seguinte, ele continuou seu curso para o oeste e nomeou outro promontório _Punta de la Playa_; era uma quarta-feira, primeiro de agosto; e quando a frota passou entre La Galera e La Playa, o continente sul-americano foi descoberto pela primeira vez, a cerca de vinte e cinco léguas de distância. Fernando Colombo afirma que seu pai, pensando ser outra ilha, a chamou de _Isla Santa_; mas na realidade Colombo chamou o continente de _Tierra de Gracia_. Punta del Arenal forma a extremidade sudoeste da ilha e é separada por um canal, segundo Colombo, de duas léguas de largura.]

A opinião do Almirante era que este país estava mais próximo do céu do que qualquer outro situado no mesmo paralelo e que estava acima dos espessos vapores que subiam dos vales e pântanos, assim como os altos picos das altas montanhas estão distantes das profundezas. vales. Embora Colombo tenha declarado que durante esta viagem havia seguido sem desvio o paralelo da Etiópia, existem as maiores diferenças físicas possíveis entre os nativos da Etiópia e os das ilhas; pois os etíopes são negros e têm cabelos crespos e lanosos, enquanto esses nativos são, ao contrário, brancos e têm cabelos longos, lisos e loiros. Quais podem ser as causas dessas diferenças, eu não sei. Devem-se mais às condições da terra do que às do céu; pois sabemos perfeitamente que a neve cai e jaz nas montanhas da zona tórrida, enquanto nos países do norte, muito distantes dessa zona, os habitantes são vencidos por um grande calor.

A fim de atrair os nativos que encontraram, o Almirante deu-lhes alguns presentes de espelhos, xícaras de latão polido brilhante, sinos e outras ninharias semelhantes, mas quanto mais ele os chamava, mais eles atraíam. No entanto, eles olharam atentamente e com admiração sincera para nossos homens, seus instrumentos e seus navios, mas sem depor os remos. Vendo que não poderia atraí-los com seus presentes, o almirante mandou tocar suas trombetas e flautas, no navio maior, e os homens dançar e cantar um coro. Ele esperava que a doçura das canções e os sons estranhos pudessem conquistá-los, mas os jovens imaginaram que os espanhóis estavam cantando para se preparar para a batalha, então em um piscar de olhos eles largaram seus remos e pegaram seus arcos e flechas. , protegendo suas armas com seus escudos e, enquanto esperavam para entender o significado dos sons, estavam prontos para disparar uma saraivada contra nossos homens. Os espanhóis procuravam aproximar-se pouco a pouco, de modo a cercá-los; mas os nativos recuaram do navio do almirante e, confiantes em sua habilidade como remadores, aproximaram-se tão perto de um dos navios menores que da popa foi dada uma capa ao piloto da canoa e um gorro a outro chefe. Eles fizeram sinais ao capitão do navio para que desembarcasse, a fim de que pudessem chegar a um entendimento mais fácil; mas quando viram que o capitão se aproximava do navio do Almirante para pedir permissão para desembarcar, temeram alguma armadilha, e rapidamente pularam em sua canoa e fugiram com a rapidez do vento.

O Almirante relata que a oeste daquela ilha e não muito distante ele se deparou com uma forte correnteza fluindo de leste a oeste.[5] Correu com tanta força que ele comparou sua violência à de uma vasta

catarata que flui do alto de uma montanha. Ele declarou que nunca havia se exposto a um perigo tão grave desde que começou, ainda menino, a navegar pelos mares. Avançando o melhor que pôde entre essas ondas furiosas, ele descobriu um estreito de cerca de oito milhas de comprimento, que lembrava a entrada de um grande porto. A corrente fluiu para aquele estreito, que ele chamou de Boca de la Sierpe, nomeando uma ilha ao lado, Margarita. Deste estreito fluiu outra corrente de água doce, entrando assim em conflito com as águas salgadas e causando tais ondas que parecia travar entre as duas correntes um combate terrível. Apesar dessas dificuldades, o Almirante conseguiu penetrar no golfo, onde encontrou as águas potáveis e agradáveis.

[Nota 5: Colombo estava então perto da foz do rio Orinoco.] Outra coisa muito singular que o almirante me disse e que é confirmada por seus companheiros (todos dignos de crédito e a quem questionei cuidadosamente sobre os detalhes da viagem) , é que ele navegou vinte e seis léguas, ou seja, cento e quarenta e oito milhas, em água doce; e quanto mais ele avançava para o oeste, mais fresca a água se tornava.[6] Finalmente, ele avistou uma montanha muito alta, cuja parte oriental era habitada apenas por uma multidão de macacos com caudas muito longas. Todo este lado da montanha é muito íngreme, o que explica por que não há pessoas morando lá. Um homem, enviado para fazer o reconhecimento do país, relatou, porém, que estava tudo cultivado e que os campos estavam semeados, embora em nenhum lugar houvesse pessoas ou cabanas. Nossos próprios camponeses muitas vezes se afastam de suas casas para semear seus campos. No lado oeste da montanha havia uma grande planície. Os espanhóis ficaram muito satisfeitos em ancorar em um rio tão grande.[7] Assim que os nativos souberam do desembarque de uma raça desconhecida em suas costas, eles se reuniram em torno dos espanhóis ansiosos para examiná-los e não demonstrando o menor medo. Soube-se por sinais que aquele país se chamava Paria, que era muito extenso e que sua população era mais numerosa na parte ocidental. O Almirante convidou quatro nativos a subir a bordo e continuou seu curso para o oeste.

[Nota 6: Ver _Orinoco Illustrado_, de Gumilla, 1754, também _Reisen in Guiana und Orinoco_ de Schomburgk. As águas doces do estuário são, de fato, levadas para o mar a uma distância considerável.]

[Nota 7: Este foi o primeiro desembarque dos espanhóis na continente americano, mas Colombo, estando doente, não desembarcou. Pedro de Torreros tomou posse em nome do almirante (Navarrete, tom. iii., p. 569). Fernando Colombo afirma que seu pai sofria de olhos inflamados e que, a partir dessa época, ele foi forçado a confiar em seus marinheiros e pilotos para obter informações (_Storia_, cap. lxv.-lxxiii.). Ele parecia, no entanto, adivinhar a imensidão da terra recém-descoberta, pois escreveu aos soberanos _y creo esta tierra que agora, mandaron discrubir vuestras altezzas sea grandissima_.]

A julgar pela temperatura agradável, pela atratividade do país e pelo número de pessoas que viam diariamente durante a viagem, os espanhóis concluíram que o país é muito importante, e nessa opinião não se enganaram, como demonstraremos em o tempo adequado. Certa manhã, ao romper da aurora, os espanhóis desembarcaram, atraídos pelo encanto

do país e pelos doces odores que lhes exalavam das florestas. Eles descobriram naquele ponto um número maior de pessoas do que haviam visto até então e, ao se aproximarem da costa, chegaram mensageiros em nome dos caciques daquele país, convidando-os a desembarcar e a não temer. Quando Colombo recusou, os nativos movidos pela curiosidade, reuniram-se em torno dos navios em seus barcos. A maioria deles usava no pescoço e nos braços colares e pulseiras de ouro e ornamentos de pérolas indianas, que pareciam tão comuns entre eles quanto joias de vidro entre nossas mulheres. Quando questionados sobre de onde vieram as pérolas, eles responderam apontando com os dedos para uma costa vizinha; por caretas e gestos, pareciam indicar que, se os espanhóis parassem com eles, dariam cestas cheias de pérolas. As provisões que o almirante destinava à colônia de Hispaniola estavam começando a se esgotar, então ele resolveu adiar essa operação comercial até uma oportunidade mais conveniente. No entanto, ele despachou dois barcos carregados de soldados, para negociar com o povo em terra algumas cordas de

pérolas e, ao mesmo tempo, descobrir tudo o que pudessem sobre o lugar e seu povo. Os nativos receberam esses homens com entusiasmo e prazer, e grande número os cercou, como se estivessem inspecionando algo maravilhoso. Os primeiros que se apresentaram foram duas pessoas ilustres, pois foram seguidos pelo resto da multidão. O primeiro desses homens era idoso e o segundo mais jovem, de modo que se supunha que eram o pai e seu filho e futuro sucessor. Depois de trocar saudações, os espanhóis foram conduzidos a uma casa redonda perto de uma grande praça. Numerosos assentos de madeira muito negra, decorados com assombrosa habilidade, foram trazidos e, quando os principais espanhóis e nativos se sentaram, alguns serviçais serviram comida e outros, bebida. Essas pessoas comem apenas frutas, das quais têm uma grande variedade e muito diferentes das nossas. As bebidas que ofereciam eram vinho branco e tinto, não feito de uvas, mas de vários tipos de frutas esmagadas, que não eram nada desagradáveis.

Terminada a refeição, em companhia do chefe mais velho, o mais novo conduziu os espanhóis para sua casa, homens e mulheres aglomerando-se em grande número, mas sempre em grupos separados uns dos outros.

Os nativos de ambos os sexos têm corpos tão brancos quanto os nossos, salvo talvez aqueles que passam o tempo ao sol. Eles eram amáveis, hospitaleiros e não usavam roupas, exceto cinturões de vários tecidos de algodão colorido. Todos eles usavam colares ou pulseiras de ouro ou pérolas, e alguns usavam ambos, assim como nossos camponeses usam joias de vidro. Quando lhes perguntavam de onde vinha o ouro, indicavam com o dedo que era de um país montanhoso, parecendo ao mesmo tempo dissuadir os nossos homens de lá irem, pois davam-lhes a entender por gestos e sinais que os habitantes daquele país eram canibais. No entanto, não ficou totalmente claro se eles se referiam a canibais ou animais selvagens. Eles ficaram muito aborrecidos ao perceber que os espanhóis não os entendiam e que não possuíam meios de se tornarem inteligíveis uns aos outros. Às três horas da tarde voltaram os homens que haviam desembarcado, trazendo vários colares de pérolas, e o almirante, que não podia prolongar a estada por causa da carga de provisões, levantou âncora e zarpou. Ele pretende, no entanto, depois de colocar os negócios de Hispaniola em ordem, em breve voltar. Foi outro que lucrou com esta importante descoberta.

A profundidade do mar e as numerosas correntes, que a cada mudança da maré batiam e feriam as embarcações menores,

retardavam muito o avanço do Almirante, e para evitar os perigos dos baixios ele sempre enviava uma das caravelas mais leves à frente; esta embarcação, sendo de calado curto, fez repetidas sondagens e as outras maiores as seguiram. Naquela época, duas províncias da vasta região de Paria, Cumana e Manacapana, foram alcançadas, e ao longo de suas costas o almirante costeou duzentas milhas. Sessenta léguas adiante começa outro país chamado Curiana. Como o almirante já havia percorrido tal distância, pensou que a terra que tinha à sua frente era uma ilha e que, se continuasse seu curso para oeste, não conseguiria voltar para o norte e chegar a Hispaniola . Foi então que ele chegou à foz de um rio cuja profundidade era de trinta côvados, com uma largura inaudita que ele descreveu como vinte e oito léguas. Um pouco mais adiante, sempre na direção do oeste, embora um pouco ao sul, pois seguia a linha da costa, o Almirante mergulhou em um mar de ervas cujas sementes se assemelham às da lentilha.
A densidade desse crescimento retardou o avanço dos navios.

O Almirante declara que em toda aquela região o dia é constantemente igual à noite. A estrela do norte está elevada como em Paria a cinco graus acima do horizonte, e todas as costas desse país recém-descoberto estão no mesmo paralelo. Ele também relata detalhes sobre as diferenças que observou nos céus, que são tão contraditórias com as teorias astronômicas que desejo fazer alguns comentários. Está provado, Ilustre Príncipe, que a estrela polar, que nossos marinheiros chamam de Tramontane, não é o ponto do pólo ártico sobre o qual gira o eixo dos céus. Para perceber isso facilmente, basta olhar por um pequeno orifício para a própria estrela polar, quando as estrelas estão subindo. Se alguém olhar pela mesma abertura para a mesma estrela quando o amanhecer estiver empalidecendo as estrelas, verá que ela mudou de lugar; mas como pode ser neste país recém-descoberto que a estrela nasce no início do crepúsculo no mês de junho a uma altura de apenas cinco graus acima do horizonte, e quando as estrelas estão desaparecendo antes do nascer do sol, deve ser encontrada por o mesmo observador estar no décimo quinto grau? Não entendo nada disso, e devo confessar que as razões que o Almirante apresenta não me satisfazem de forma alguma. De fato, de acordo com suas conjecturas, o globo terrestre não é uma esfera absoluta, mas tinha no momento de sua criação uma espécie de elevação subindo em seu lado convexo, de modo que, em vez de se assemelhar a uma bola ou uma maçã, era mais como uma pêra, e Paria seria justamente aquela parte elevada, mais próxima do céu. Ele também persistiu em afirmar que o paraíso terrestre [8] está situado no cume daquelas três montanhas, que o observador do alto do ninho do corvo observou à distância, como narrei. Quanto à impetuosa corrente de água doce que se precipitava contra a maré no início daquele estreito, sustenta que é formada por águas que caem em cascata do alto dessas montanhas. Mas já estamos fartos dessas coisas que me parecem fabulosas. Voltemos à nossa narrativa.

[Nota 8: Falando do paraíso terrestre, Colombo o descreve como _adonde ne puede llegar nadie, sabro par voluntad divina_. Vespucci foi quem pensou que seria encontrado no Novo Mundo; _se nel mondo e alcun paradiso terrestre_.]

Vendo que o seu curso através daquele vasto golfo havia sido interrompido, ao contrário do que esperava, e temendo não encontrar saída para o norte através da qual pudesse chegar a

Hispaniola, o Almirante refez seu curso e navegando para o norte daquele país, dobrou para o leste em a direção da Hispaniola.

Os navegadores que mais tarde exploraram esta região com mais cuidado acreditam que é o continente indiano, e não Cuba, como pensava o almirante; e não faltam marinheiros que fingem ter navegado por toda Cuba. Se eles estão certos ou se procuram gratificar seu ciúme do autor de uma grande descoberta, não sou obrigado a decidir.[9] O tempo decidirá, e o tempo é o único juiz verdadeiro. O Almirante também discute a questão de saber se Paria é ou não um continente; ele mesmo pensa que é. Paria fica ao sul de Hispaniola, uma distância de 882 léguas, segundo Colombo. No terceiro dia das calendas de setembro de 1498, ele chegou a Hispaniola, ansioso por ver novamente seus soldados e seu irmão que ali havia deixado. Mas, como comumente acontece nos negócios humanos, a fortuna, por mais favorável que seja, mistura-se com as circunstâncias, doce e agradável, algum grão de amargura. Nesse caso, foi a discórdia interna que arruinou sua felicidade.

[Nota 9: Rivalidade e talvez inveja existiam entre os navegadores, cada um empenhado em eclipsar as conquistas de seus companheiros, e o primeiro sentimento era um incentivo ao empreendimento. Yanez Pinzon, Amerigo Vespucci e Juan Diaz de Solis exploraram as costas americanas, descobrindo Yucatán, Flórida, Texas e Honduras.]

LIVRO VII

AO MESMO CARDEAL LUDOVICO D'ARAGON

Ao chegar a Hispaniola, o almirante encontrou uma desordem ainda maior do que temia, pois Roldan havia aproveitado sua ausência para recusar obediência a seu irmão Bartolomeu Colombo. Decidido a não se submeter àquele que outrora fora seu mestre e o havia erguido em dignidade, incitara a multidão a seu favor e também difamara o Adelantado e escrevera ao Rei acusações hediondas contra os irmãos. O Almirante também enviou emissários para informar os soberanos da revolta, pedindo-lhes ao mesmo tempo que enviassem soldados para reprimir a insurreição e punir os culpados, de acordo com seus crimes. Roldan e seus cúmplices preferiram acusações graves contra o Almirante e o Adelantado, que, segundo eles, eram homens ímpios, injustos, inimigos dos espanhóis, cujo sangue derramaram profusamente. Eles foram acusados de torturar, estrangular, decapitar e, de diversas outras maneiras, matar pessoas sob os pretextos mais insignificantes. Eles eram tiranos invejosos, orgulhosos e intoleráveis; portanto, as pessoas os evitavam como fugiriam de animais selvagens ou dos inimigos da Coroa. De fato, descobriu-se que o único pensamento dos irmãos era usurpar o governo da ilha. Isso foi provado por diferentes circunstâncias, mas principalmente pelo fato de que eles só permitiam que seus próprios partidários explorassem as minas de ouro.

Ao solicitar aos soberanos reforços suficientes para tratar os rebeldes segundo os seus méritos, o Almirante explicou que os homens que ousassem assim acusá-lo eram culpados de contravenções e crimes; pois eram debochados, devassos, ladrões, sedutores, raptores, vagabundos. Eles nada respeitavam e eram perjuros e mentirosos, já

condenados pelos tribunais, ou temerosos, devido aos seus numerosos crimes, de comparecer perante eles. Eles formaram uma facção entre si, entregues à violência e rapina; preguiçoso, guloso, preocupando-se apenas em dormir e farrear. Eles não pouparam ninguém; e tendo sido trazidos para a ilha de Hispaniola originalmente para fazer o trabalho de mineiros ou de servos do acampamento, eles agora nunca davam um passo de suas casas a pé, mas insistiam em ser carregados pela ilha nos ombros dos infelizes nativos, como embora fossem dignitários do Estado.[1] Para não perder a prática no derramamento de sangue e para exercitar a força de suas armas, eles inventaram um jogo em que desembainhavam suas espadas e se divertiam cortando a cabeça de vítimas inocentes com um único golpe. Quem conseguiu acertar mais rapidamente a cabeça de um infeliz ilhéu no chão com um golpe, foi proclamado o mais corajoso e, como tal, foi homenageado.[2] Tais eram as acusações mútuas entre o almirante e os partidários de Roldan, para não mencionar muitas outras imputações.

[Nota 1: _Ab insularibus namque miseris pensiles per totam insulam, tanquam aediles curules, feruntur_.]

[Nota 2: Ver Las Casas, _Brevissima Relacion_, tradução inglesa, pub. por GP Putnam's Sons, 1909.]

Enquanto isso, o Almirante, desejando deter os perigosos ataques da tribo Ciguana que se revoltaram sob a liderança de Guarionex, enviou seu irmão, o Adelantado, com noventa soldados de infantaria e alguns cavaleiros contra eles. Pode-se acrescentar com veracidade que cerca de três mil ilhéus que haviam sofrido com as invasões da tribo Ciguana, que eram seus inimigos jurados, juntaram forças com os espanhóis. O Adelantado conduziu suas tropas à margem de um grande rio que banha a planície entre o mar e os dois extremos da serra de Ciguana, de que já falamos. Ele surpreendeu dois dos espiões inimigos que estavam escondidos no mato, um dos quais saltou para o mar e, nadando pelo rio em sua foz, conseguiu escapar para seu próprio povo. Do que foi capturado, soube-se que seis mil nativos de Ciguana estavam escondidos na floresta além do rio e estavam preparados para atacar os espanhóis quando eles cruzassem. O Adelantado, portanto, marchou ao longo da margem do rio em busca de um vau. Isso ele logo encontrou na planície e estava se preparando para cruzar o rio quando os guerreiros Ciguana saíram correndo da floresta em batalhões compactos, gritando da maneira mais horrível. Sua aparência é assustadora e repulsiva, e eles marcham para a batalha cobertos de tinta, como faziam os trácios e os agatirses. Esses nativos realmente se pintam da testa aos joelhos, com cores pretas e escarlates que extraem de certas frutas semelhantes a peras, e que cultivam cuidadosamente em seus jardins. Seus cabelos são atormentados em mil formas estranhas, pois são longos e negros, e o que a natureza recusa eles fornecem pela arte. Eles se parecem com goblins emergidos das cavernas infernais. Avançando para os nossos homens que tentavam atravessar o rio, contestaram a sua passagem com lances de flechas e arremesso de varas pontiagudas; e tal era a multidão de projéteis que quase escureceram a luz do sol, e se os espanhóis não tivessem recebido os golpes em seus escudos, o combate teria terminado mal para eles.

Vários homens ficaram feridos neste primeiro encontro, mas o Adelantado conseguiu atravessar o rio e o inimigo fugiu, os espanhóis perseguindo-os, embora tenham matado poucos, pois os ilhéus são bons corredores. Assim que obtiveram a proteção da floresta, eles

usaram seus arcos para repelir seus perseguidores, pois estão acostumados a florestas e correm nus entre arbustos, arbustos e árvores, como javalis, sem se importar com os obstáculos. Os espanhóis, ao contrário, foram impedidos entre essa vegetação rasteira por seus escudos, suas roupas, suas longas lanças e sua ignorância dos arredores. Depois de uma noite inutilmente passada na mata, o Adelantado, percebendo na manhã seguinte que não conseguiriam apanhar ninguém, seguiu o conselho daqueles ilhéus inimigos imemoriais da tribo Ciguana, e sob a sua orientação marchou para as montanhas onde vivia o Rei Maiobanexius. em um lugar chamado Capronus. Uma marcha de doze milhas os levou à aldeia de outro cacique, que havia sido abandonada por seus habitantes aterrorizados, e ali ele estabeleceu seu acampamento. Dois nativos foram capturados, de quem soube que o rei Maiobanexius e dez caciques com oito mil soldados estavam reunidos em Capronus. Durante dois dias houve algumas escaramuças ligeiras entre as partes, não querendo o Adelantado fazer mais do que fazer o reconhecimento do país. Batedores foram enviados na noite seguinte sob a orientação de alguns ilhéus que conheciam a terra. O povo de Ciguana avistou nossos homens do alto de suas montanhas e se preparou para a batalha, soltando gritos de guerra como de costume. Mas não se atreviam a abandonar as suas matas, porque pensavam que o Adelantado tinha consigo todo o seu exército. Por duas vezes no dia seguinte, quando o Adelantado marchava com seus homens, os nativos testaram a sorte da guerra; lançando-se contra os espanhóis com fúria, feriram muitos antes que pudessem se proteger com seus escudos, mas estes, levando a melhor sobre eles, os perseguiram, cortando alguns em pedaços e fazendo muitos prisioneiros. Os que escaparam refugiaram-se nas matas, de onde tiveram o cuidado de não emergir.

O Adelantado selecionou um dos prisioneiros e, enviando com ele um de seus aliados, despachou os dois para Maiobanexius com a seguinte mensagem: "O Adelantado não se comprometeu a fazer guerra contra você e seu povo, ó Maiobanexius, pois deseja sua amizade; mas ele exige formalmente que Guarionex, que se refugiou com você e o atraiu para este conflito para grande dano de seu povo, seja entregue a ele para ser punido como ele merece. Ele o aconselha, portanto, a dar levante este cacique; se você consentir, o Almirante o contará entre seus amigos e protegerá e respeitará seu território. Se você recusar, será obrigado a se arrepender, pois todo o seu país será devastado com fogo e espada, e tudo o que você possui será seja destruido." Maiobanexius, ao ouvir esta mensagem, respondeu: "Todos sabem que Guarionex é um herói, adornado com todas as virtudes e, portanto, considerei certo ajudá-lo e protegê-lo. Quanto a vocês, vocês são homens violentos e pérfidos, e procuram derramar o sangue de pessoas inocentes: não entrarei em relações com você, nem formarei qualquer aliança com um povo tão falso".

Quando esta resposta foi trazida ao Adelantado, ele queimou a aldeia onde havia estabelecido seu acampamento e várias outras nas redondezas. Ele novamente enviou emissários a Maiobanexius, para pedir-lhe que nomeasse um de seus conselheiros de confiança para tratar da paz. Maiobanexius consentiu em enviar um dos seus conselheiros mais dedicados, acompanhado de outros dois chefes. O Adelantado encarecidamente conjurou-os a não comprometer o território de Maiobanexius apenas no interesse de Guarionex. Ele aconselhou Maiobanexius, se ele não desejasse ser arruinado e tratado como um inimigo, a desistir dele.

Quando seus enviados retornaram, Maiobanexius reuniu seu povo e explicou as condições. O povo gritou que Guarionex deveria ser rendido, amaldiçoando e execrando o dia em que ele veio entre eles para perturbar sua tranquilidade. O cacique lembrou-lhes, porém, que Guarionex era um herói e lhe prestara serviços quando ele fugiu para sua proteção, pois lhe trouxera presentes reais. Além disso, ele havia ensinado o próprio cacique e sua esposa a cantar e dançar, algo que não deveria ser considerado medíocre. Maiobanexius estava determinado a nunca entregar o príncipe que havia apelado à sua proteção e a quem havia prometido defender. Ele estava preparado para arriscar os mais graves perigos com ele, em vez de merecer a reprovação de ter traído seu convidado. Apesar das queixas do povo, o cacique dissolveu a assembléia e, chamando Guarionex, prometeu pela segunda vez protegê-lo e compartilhar sua fortuna enquanto vivesse.

Maiobanexius resolveu não dar maiores informações ao

Adelantado: pelo contrário, ordenou ao seu primeiro mensageiro que se posicionasse com alguns soldados fiéis num local da estrada por onde costumavam passar os enviados do Adelantado, e matasse quaisquer espanhóis que aparecessem, sem maiores discussões. O Adelantado acabara de enviar seus mensageiros, e esses dois homens, um deles prisioneiro de Ciguana e o outro entre os nativos aliados, foram decapitados. O Adelantado, escoltado por apenas dez soldados de infantaria e quatro cavaleiros, seguiu seus enviados e descobriu seus corpos caídos na estrada, o que o irritou tanto que ele decidiu não mais poupar Maiobanexius. Ele invadiu a aldeia do cacique de Capronus com seu exército. Os caciques fugiram em todas as direções, abandonando seu chefe, que se retirou com toda a família para esconderijos nas regiões montanhosas. Alguns outros do povo Ciguana procuraram capturar Guarionex, já que ele foi a causa da catástrofe; mas ele conseguiu escapar e se escondeu quase sozinho entre as rochas e montanhas desertas. Os soldados do Adelantado estavam exaustos com esta longa guerra, que se arrastou por três meses; os relógios, as fadigas e a escassez de alimentos. Em resposta ao seu pedido, foram autorizados a retornar a Concepción, onde possuíam belas plantações do tipo nativo; e para lá muitos se retiraram. Com o Adelantado ficaram apenas trinta companheiros, todos duramente provados por estes três meses de luta, durante os quais só comeram cazabi, isto é, pão feito de raízes, e nem sempre estavam maduros. Eles também conseguiram alguns utias, ou coelhos, caçando com seus cães, enquanto sua única bebida era água, que às vezes era deliciosamente fresca, mas com a mesma frequência lamacenta e pantanosa. Além disso, o caráter da guerra os obrigava a passar a maior parte do tempo ao ar livre e em perpétuo movimento.

Com sua pequena tropa, o Adelantado decidiu vasculhar as montanhas em busca dos esconderijos secretos onde Maiobanexius e Guarionex se esconderam. Alguns espanhóis, levados pela fome a caçar utias por falta de algo melhor, encontraram dois servos de Maiobanexius, que o cacique enviara às aldeias de seu território, e que traziam pão nativo. Eles forçaram esses homens a trair o esconderijo de seu chefe e, sob sua liderança, doze soldados que haviam manchado seus corpos como o povo de Ciguana conseguiram com malandragem capturar Maiobanexius, sua esposa e seu filho, todos os quais trouxeram ao almirante de Concepción. Alguns dias depois, a fome obrigou Guarionex a sair da caverna onde estava escondido, e os ilhéus, com medo do almirante, o delataram aos caçadores. Assim que soube do seu paradeiro, o Almirante enviou um corpo de infantaria para prendê-lo, no momento em que ele estava

prestes a deixar a planície e voltar para as montanhas. Esses homens o pegaram e o trouxeram de volta, após o que aquela região foi pacificada e a tranquilidade restaurada.

Um parente de Maiobanexius, casado com um cacique cujo território ainda não havia sido invadido, partilhou dos infortúnios do primeiro. Todos concordaram em dizer que ela era a mais bela das mulheres que a natureza havia criado na ilha de Hispaniola. Seu marido a amava muito, como ela merecia, e quando ela foi capturada pelos espanhóis, ele quase perdeu a razão e vagou distraído por lugares desertos, em dúvida sobre o caminho a seguir. Finalmente, ele se apresentou ao almirante, prometendo que ele e seu povo se submeteriam sem condições, desde que ele lhe restituísse sua esposa. Sua oração foi atendida e, ao mesmo tempo, vários outros dos principais cativos foram igualmente libertados. Esse mesmo cacique reuniu então cinco mil índios que, em vez de armas, carregavam implementos agrícolas, e foram eles próprios trabalhar e plantar as colheitas em um dos maiores vales de seus territórios. O Almirante agradeceu com presentes, e o cacique voltou alegre. A notícia se espalhou por Ciguana, e os outros caciques começaram a esperar que também eles fossem tratados com clemência, então vieram pessoalmente prometer que no futuro obedeceriam às ordens que lhes fossem dadas. Eles pediram que seu chefe e sua família fossem poupados e, em resposta ao pedido, a esposa e os filhos foram entregues a eles, mas Maiobanexius foi mantido prisioneiro.

Enquanto o almirante estava assim empenhado em administrar os negócios de Hispaniola, ele ignorava as intrigas que seus adversários mantinham contra ele na corte espanhola.[3] Cansados por essas brigas contínuas e, acima de tudo, irritados por receberem apenas uma pequena quantidade de ouro e produtos valiosos por causa dessas dissensões e revoltas, os soberanos nomearam outro governador, [4] que, após uma investigação cuidadosa, deveria punir os culpados e mandá-los de volta para a Espanha, não sei exatamente o que veio à tona contra o Almirante ou seu irmão o Adelantado, ou seus inimigos; mas é certo que o almirante e seu irmão foram presos, acorrentados, privados de todas as suas propriedades e levados para a Espanha; e disso, Ilustre Príncipe, você não é ignorante. É verdade que os soberanos, ao saberem que os irmãos Colombo haviam chegado a Cádiz carregados de ferros, prontamente enviaram seus secretários para ordenar sua libertação e que seus filhos fossem visitá-los; nem esconderam sua desaprovação desse tratamento grosseiro.[5] Afirma-se que o novo Governador teria enviado aos soberanos algumas cartas da caligrafia do Almirante, mas em cifra, nas quais este convocava o seu irmão o Adelantado, então ausente com os seus soldados, para que se apressasse a recuar e repelir força com força, caso o Governador procurasse usar a violência. O Adelantado precedeu seus soldados e o governador prendeu ele e seu irmão antes que seus guerrilheiros pudessem se juntar a eles. Qual será o resultado, o tempo mostrará, pois o tempo é o árbitro supremo dos eventos. Passe bem.

[Nota 3: Um dos mais inveterados de seus inimigos foi Juan de Fonseca, depois bispo de Burgos, que infelizmente estava em posição de causar sérios danos a Colombo.]

[Nota 4: Francisco de Bobadilla, comandante de Calatrava.]

[Nota 5: Os soberanos fizeram o que puderam pela execução abusiva de suas ordens por agentes excessivamente zelosos; enviaram a Colombo um presente de dois mil ducados - uma soma não insignificante na época - e escreveram-lhe uma carta cheia de afetuosas expressões de confiança; ele foi admitido em audiência no dia 17 de dezembro.]

LIVRO VIII

AO MESMO CARDEAL LUDOVICO D'ARAGON

Apresento-vos este imenso e até então desconhecido oceano que o Almirante Cristóvão Colombo descobriu, sob os auspícios de nossos soberanos, sob a forma de um colar de ouro, embora, devido à pouca habilidade do artesão, seja apenas mal executado. No entanto, eu tenho

julgou-a digna, Ilustre Príncipe, do vosso esplendor. Aceite agora um colar de pérolas que, suspenso no primeiro, enfeitará seu peito.

Alguns capitães de navios do Almirante que haviam feito um estudo das diferentes correntes de vento solicitaram a permissão real para realizar descobertas às suas próprias custas, [1] propondo ceder à Coroa o que lhe é devido, ou seja, um quinto do os lucros. O mais afortunado desses aventureiros foi um certo Pedro Alonzo Nunez,[2] que navegou para o sul; e é sobre sua expedição que escreverei primeiro. Para chegar imediatamente aos detalhes essenciais desta viagem, este Nunez tinha apenas um navio, equipado às suas custas, embora algumas pessoas afirmassem que ele foi ajudado.[3] O edito real proibia-o de ancorar a cinquenta léguas de qualquer local descoberto pelo almirante. Ele navegou para Paria, onde, como eu disse, Colombo encontrou homens e mulheres nativos usando pulseiras e colares de pérolas. Obedecendo ao decreto real, costeou ao longo desta costa, deixando para trás as províncias de Cumaná e Manacapana, e assim chegou a um país chamado por seus habitantes Curiana, onde descobriu um porto bastante semelhante ao de Cádiz.

[Nota 1: Ver Navarrete, tom, ii., 1867; Gomara, _História Geral_, p. 50.]

[Nota 2: Também chamado de Nino; ele havia navegado com Colombo em suas duas primeiras viagens. Oviedo, _op. cit_., xix., I, também descreve esta expedição.]

[Nota 3: Núñez era pobre e só conseguiu ajuda de um comerciante de Sevilha chamado Guerro, com a condição de que o irmão deste último, Christobal, comandasse o único navio que seu empréstimo era suficiente para fornecer. Este navio pesava apenas cinquenta toneladas e carregava uma tripulação de trinta e três pessoas.]

Ao entrar neste porto, encontrou várias casas espalhadas ao longo das margens, mas quando desembarcou descobriu que era um grupo de oito casas; cerca de cinquenta homens, liderados por seu chefe, vieram prontamente de uma aldeia populosa a apenas cinco quilômetros de distância. Esses homens, que estavam nus, convidaram Alonzo Nunez para desembarcar em sua costa, e ele consentiu. Distribuiu entre eles algumas agulhas, pulseiras, anéis, pérolas de vidro e outras ninharias

de mascate, e em menos de uma hora obteve deles em troca quinze onças de pérolas que usavam em seus pescoços e braços. Os nativos abraçaram Núñez afetuosamente, insistindo cada vez mais para que ele fosse à sua aldeia, onde prometeram dar-lhe a quantidade de pérolas que desejasse. No dia seguinte, ao amanhecer, o navio aproximou-se da aldeia e ancorou. Toda a população se reuniu e implorou aos homens que desembarcassem, mas Núñez, vendo que eram muito numerosos e considerando que tinha apenas trinta homens, não se atreveu a confiar-se a eles. Ele os fez entender por sinais e gestos que deveriam vir ao navio em barcas e canoas. Essas barcas, como as outras, são escavadas em um único tronco de árvore, mas são menos bem modeladas e menos fáceis de manusear do que as usadas pelos canibais e pelos nativos de Hispaniola. Eles são chamados de _gallitas_. Todos os nativos trouxeram colares de pérolas, chamados tenoras, e mostraram-se desejosos de mercadorias espanholas.

Eles são homens amáveis; simples, inocentes e hospitaleiros, como ficou claro após vinte dias de relações sexuais com eles. Os espanhóis logo deixaram de temer entrar em suas casas, construídas de madeira cobertas com folhas de palmeira. Seu principal alimento é a carne do marisco, do qual extraem pérolas, e suas costas abundam com elas. Eles também comem a carne de animais selvagens, pois veados, javalis, coelhos cujos cabelos e cores se assemelham às nossas lebres, pombas e rolas existem em seu país. As mulheres criam patos e gansos nas casas, assim como as nossas; os pavões voam nas florestas, mas suas cores não são tão ricas ou tão variadas quanto as nossas e o pássaro macho difere pouco da fêmea. Entre a vegetação rasteira dos pântanos, de vez em quando avistam-se faisões. Os curianos são hábeis caçadores e geralmente com uma única flechada matam as feras ou pássaros que miram. Os espanhóis passaram vários dias entre a abundância do país. Trocaram quatro agulhas por um pavão, apenas duas por um faisão e uma por uma pomba ou rola. O mesmo, ou uma conta de vidro, foi dado por um ganso. Ao fazer suas ofertas, barganhar e disputar, os nativos conduziram seus negócios comerciais quase da mesma forma que nossas mulheres quando estão discutindo com mascates. Como não usavam roupas, os nativos ficaram intrigados ao saber o uso de agulhas, mas quando os espanhóis satisfizeram sua curiosidade ingênua, mostrando-lhes que as agulhas eram úteis para tirar espinhos de debaixo da pele e para limpar os dentes, eles conceberam um grande opinião deles. Outra coisa que os agradou ainda mais foi a cor e o som dos sinos dos falcões, que eles estavam dispostos a comprar por bons preços.

Das casas dos nativos, ouvia-se o rugido de grandes animais[4] entre as densas e altas árvores da floresta, mas esses animais não são ferozes, pois, embora os nativos perambulem constantemente pelas matas sem outras armas além de seus arcos e flechas, lá não há lembrança de ninguém ter sido morto por essas feras. Eles trouxeram aos espanhóis tantos cervos e javalis, mortos com suas flechas, quanto estes desejavam. Não possuíam gado, nem cabras, nem ovelhas, e comiam pão feito de raízes e pão feito de grão igual aos ilhéus de Hispaniola. Seus cabelos são pretos, grossos, meio cacheados e longos. Tentam estragar a brancura dos dentes, quase o dia todo mastigam uma erva que os escurece, e quando a cuspem, lavam a boca. São as mulheres que trabalham nos campos, e não os homens, que passam o tempo caçando, lutando ou conduzindo danças e jogos.

[Nota 4: supostamente eram antas, animais desconhecidos na Europa.]

Jarros, xícaras com alças e potes são seus utensílios de barro, que eles adquirem de outros lugares, pois frequentemente realizam mercados, aos quais todas as tribos vizinhas frequentam, cada uma trazendo os produtos de seu país para serem trocados pelos de outros lugares. Aliás, não há quem não se deleite em conseguir o que não se tem em casa, porque o amor à novidade é um sentimento essencial da natureza humana. Eles penduram passarinhos e outros pequenos animais, artisticamente trabalhados em ouro base,[5] em suas pérolas. Essas bugigangas eles obtêm pelo comércio, e o metal se assemelha ao ouro alemão usado para cunhar florins.

[Nota 5: Uma espécie de liga de ouro chamada pelos nativos de _guanin_; os espanhóis eram frequentemente enganados por seu brilho.]

Os homens ou carregam suas partes íntimas encerradas em uma pequena cabaça que foi aberta atrás, como o nosso bacalhau, ou usam uma concha. A cabaça pende de uma corda amarrada na cintura.[6] A presença dos animais acima mencionados, e muitos outros indícios não encontrados em nenhuma das ilhas, evidenciam que esta terra é um continente. A prova mais conclusiva [7] parece ser que os espanhóis seguiram a costa de Paria por uma distância de cerca de três mil milhas sempre na direção oeste, mas sem descobrir seu fim. Quando questionados sobre onde obtinham seu ouro, os curianos responderam que vinha de um país chamado Cauchieta, situado a cerca de seis sóis de distância (o que significa seis dias) a oeste, e que eram os artesãos daquela região que trabalhavam o ouro em a forma em que o viram. Os espanhóis navegaram para Cauchieta e ali ancoraram perto da costa nas calendas de novembro de 1500. Os nativos se aproximaram destemidamente e trouxeram ouro, que em estado bruto não tem valor entre eles. As pessoas também usavam pérolas em volta do pescoço; mas estes vinham da Curiana, onde haviam sido obtidos a troco de ouro, e nenhum deles queria se desfazer de nada do que haviam obtido por comércio. Ou seja, o povo da Curiana guardava seu ouro, e o povo de Cauchieta suas pérolas, de modo que muito pouco ouro era obtido em Cauchieta.[8] Os espanhóis trouxeram alguns macacos muito bonitos e vários papagaios de cores variadas, daquele país.

[Nota 6: O texto continua: _alibi in eo tractu intra vaginam mentularemque nervum reducunt, funiculoque praeputium alligant_.]

[Nota 7: Navarrete, iii., 14.]

[Nota 8: _Auri tamen parum apud Cauchietenses: lectum reperere_ significando, sem dúvida, que eles trocaram a maior parte de seu ouro por pérolas.]

A temperatura no mês de novembro estava deliciosa, sem sinal de frio. Todas as noites as estrelas que marcam o pólo norte desapareciam, tão perto está aquela região do equador; mas não foi possível calcular com precisão os graus polares. Os nativos são sensatos e nada desconfiados, e alguns curianos passaram toda a noite em companhia dos nossos homens, saindo nas suas barcas para se juntarem a eles. Pérolas eles chamam de _corixas_. Eles são ciumentos e, quando

estranhos os visitam, fazem suas mulheres se retirarem para trás da casa, de onde estas examinam os hóspedes como se fossem prodígios. O algodão é abundante e cresce selvagem em Cauchieta, assim como os arbustos em nossas florestas, e com isso fazem calças que usam.

Continuando o seu percurso ao longo da mesma costa, os espanhóis encontraram subitamente cerca de dois mil homens armados à moda do país, que os impediram de desembarcar. Eles eram tão bárbaros e ferozes que era impossível estabelecer a menor relação com eles ou efetuar qualquer comércio; assim, como os nossos homens ficaram satisfeitos com as pérolas que haviam conseguido, voltaram pelo mesmo caminho à Curiana, onde permaneceram por mais vinte dias fartamente abastecidos de provisões.

Não me parece deslocado nem inútil para esta história narrar aqui o que aconteceu quando chegaram à vista das costas de Paria. Eles encontraram por acaso um esquadrão de dezoito canoas cheias de canibais empenhados em uma caça ao homem: isso foi perto da Boca de la Sierpe e do estreito que conduz ao golfo de Paria, que descrevi anteriormente. Os canibais aproximaram-se despreocupadamente do navio, cercando-o e disparando flechas e dardos contra os nossos homens. Os espanhóis responderam com um tiro de canhão, que prontamente os dispersou. Ao persegui-los, o barco do navio surgiu com uma de suas canoas, mas conseguiu capturar apenas um único canibal e um prisioneiro amarrado, os outros tendo escapado todos nadando. Este prisioneiro começou a chorar e, por seus gestos e revirando os olhos, deu a entender que seis de seus companheiros haviam sido cruelmente estripados, cortados em pedaços e devorados por aqueles monstros, e que o mesmo destino o esperava no dia seguinte. . Deram-lhe de presente o canibal, sobre quem ele imediatamente se jogou, rangendo os dentes e espancando-o com golpes de pau, punhos e chutes, pois acreditava que a morte de seus companheiros não seria suficientemente vingada até que ele contemplou o canibal insensível e espancado em preto e azul. Questionado sobre os costumes e usos dos canibais quando faziam expedições a outros países, disse que sempre levavam consigo, aonde quer que fossem, gravetos previamente preparados que plantavam no solo do local de seu acampamento, e sob cujas abrigo eles passaram a noite.

Pendurada à porta de um dos chefes da Curiana, os espanhóis encontraram a cabeça de um canibal, que foi considerada como uma espécie de estandarte ou capacete capturado ao inimigo, e constituiu uma grande honra para este chefe.

Há um distrito na costa de Paria, chamado Haraia, que é notável por um tipo peculiar de sal encontrado lá. É uma vasta planície sobre a qual as ondas do mar são lançadas em tempo pesado e quando as ondas diminuem e o sol aparece, as poças de água cristalizam em massas do sal mais branco, em quantidade suficiente para os nativos carregarem todos os navios que navegam, eles chegaram antes que chovesse. A primeira chuva derrete o sal, que depois é absorvido pelas areias e assim regressa por fissuras na terra, ao mar que o produz. Outros fingem que esta planície não é inundada pelo mar, mas que possui fontes salinas, mais amargas que a água do mar, que lançam suas águas quando a tempestade se enfurece. Os nativos valorizam muito essas salinas e não apenas usam o sal da mesma maneira que nós, mas também o moldam em formas de

tijolos e o trocam com estrangeiros por artigos que eles próprios não possuem.

Os corpos dos chefes do país são colocados em esquifes sob os quais se acende um fogo lento que consome a carne, pouco a pouco, mas deixa intactos os ossos e a pele. Esses corpos secos são então piedosamente preservados, como se fossem seus _penates_. Os espanhóis dizem que em um distrito viram um homem sendo seco para preservação e em outro uma mulher.

Quando, no oitavo dia dos idos de fevereiro, os espanhóis estavam prontos para deixar o país de Curiana, descobriram que tinham noventa e seis libras de pérolas a oito onças por libra, que haviam obtido a um preço médio de cinco centavos.

Embora a viagem de volta tenha sido mais curta do que quando vieram de Hispaniola, durou sessenta e um dias, porque as correntes contínuas que corriam de leste a oeste não apenas retardavam sua velocidade, mas às vezes paravam completamente o navio. Finalmente eles chegaram, carregados de pérolas como outras pessoas vêm carregadas de palha. O comandante, Pedro Alonzo Nunez, escondeu uma quantidade importante de pérolas valiosas, e assim enganou os rendimentos reais, aos quais pertence um quinto de todas as mercadorias.[9] Seus companheiros o denunciaram, e Fernando de Vega, um douto estadista, que era governador da Galícia onde desembarcaram, prendeu

ele, e ele foi mantido na prisão por um longo tempo, mas finalmente foi libertado; e até hoje ele ainda afirma que roubaram sua parte das pérolas. Muitas dessas pedras são grandes como nozes, e lembram pérolas orientais, mas como são mal perfuradas, são menos valiosas.

[Nota 9: Navarrete, iii., 78. O tesouro foi vendido em Agosto, 1501, e os rendimentos divididos entre os marinheiros.]

Um dia, ao almoçar com o ilustre duque de Medina-Sidonia em Sevilha, vi uma dessas pérolas que lhe haviam sido oferecidas. Pesava mais de cem onças e fiquei encantado com sua beleza e brilho. Alguns afirmam que Nuñez não encontrou essas pérolas em Curiana, que fica a mais de cento e vinte léguas de Boca de la Sierpe, mas nos pequenos distritos de Cumana e Manacapana, perto de Boca e da ilha de Margarita. Declaram que a Curiana não é rica em pérolas. Esta questão não foi decidida; então vamos tratar de outro assunto. Agora você percebe o que, no decorrer dos anos, pode ser o valor deste país recém-descoberto e das costas ocidentais, já que após uma exploração superficial eles produziram tais evidências de riqueza.

LIVRO IX

AO MESMO CARDEAL LUDOVICO D'ARAGON

Vincent Yanez Pinzon e seu sobrinho Arias, que acompanharam o almirante Colombo em sua primeira viagem como capitães de duas das embarcações menores que descrevi acima como caravelas, desejosos de empreender novas expedições e fazer novas descobertas, construíram por conta própria quatro caravelas em seu porto natal de Palos, como é

chamado pelos espanhóis.[1] Pediram autorização ao Rei e por volta das calendas de dezembro de 1499 deixaram o porto. Ora, Palos fica na costa ocidental da Espanha, situada a cerca de setenta e duas milhas de Cádiz e sessenta e quatro milhas de Sevilha, na Andaluzia, e todos os habitantes, sem exceção, são marítimos, exclusivamente ocupados na navegação.

[Nota 1: Um relato interessante desta expedição pode ser lido em _Companions of Columbus_, de Washington Irving; ver também Navarrete, _op. cit_., 82, 102, 113.]

Pinzon costeou ao longo das Ilhas Afortunadas,[2] e primeiro traçou seu curso para as Hespérides, também chamadas de ilhas de Cabo Verde, ou ainda melhor, as Górgonas Medusianas. Navegando diretamente para o sul nos idos de janeiro, daquela ilha das Hespérides chamada pelos portugueses de San Juan, eles navegaram sob o vento sudoeste por cerca de trezentas léguas, após o que perderam de vista a estrela polar. Assim que desapareceu, foram apanhados por ventos, correntes e tempestades contínuas, embora, apesar desses grandes perigos, tenham percorrido com a ajuda desse vento duzentas e quarenta léguas. A estrela do norte não era mais vista. Eles estão em contradição com os antigos poetas, filósofos e cosmógrafos sobre a questão de saber se aquela parte do mundo na linha equinocial é ou não um deserto inacessível. Os espanhóis afirmam que é habitada por numerosos povos,[3] enquanto os antigos escritores sustentam que é inabitável por causa dos raios perpendiculares do sol. Devo admitir, no entanto, que mesmo entre as autoridades antigas foram encontradas algumas que tentaram sustentar que aquela parte do mundo era habitável.[4] Quando perguntei aos marinheiros dos Pinzons se eles tinham visto a estrela polar ao sul, eles disseram que não tinham visto nenhuma estrela parecida com a estrela polar do nosso hemisfério, mas viram estrelas completamente diferentes, [5] e penduradas no horizonte mais alto uma espécie de vapor espesso que bloqueava a visão. Eles acreditam que a parte central do globo eleva-se a um cume,[6] e que a estrela antártica é perceptível depois que essa elevação é ultrapassada. Em todo caso, eles viram constelações totalmente diferentes das do nosso hemisfério.
Essa é a história deles, que lhes dou como eles a contaram. _Davi sunt, non Oedipi_.[7]

[Nota 2: Significando as Canárias em que os antigos colocaram o Jardim das Hespérides. A partir deles, Ptolomeu começou a calcular a longitude. Os nomes Hesperia, Hesperides, Hesperus, etc., foram usados para indicar o oeste; assim, a Itália é mencionada por Macrobius: _illi nam scilicet Graeci a stella Hespero dicunt Venus et Hesperia Italia quae occasui sit_; Saturnalium, lib. i., cap. iii. Ptolomeu também diz: _Italia Hesperia ab Hespero Stella quod illius occasui subjecta sit_, e novamente em sua _Historia tripartita_, lib. viii: _Quum Valentinianus Imperator as oras Hesperias navigaret, id est ad Italiam, et Hispaniam_. Em outro lugar, o mesmo autor menciona as ilhas ao largo da costa oeste da África, das quais ele recebeu algumas informações vagas como: _Incognitam terram qui communi vocabulo Hesperi appellantur Ethiopes_. Plínio, Strabo, no último capítulo _De Situ Orbis_, Diodorus e outros fazem uso semelhante dos termos. Santo Anselmo, _De Imagine Mundi_, lib. i., cap. xx., _Juxta has, scilicet Gorgonas Hesperidum ortus_; Pomponius Mela, lib. iii. boné. ix., x., xi.]

[Nota 3: As regiões subequatoriais de África já tinham sido visitadas por numerosos navegadores desde o tempo do Infante D. Henrique de Portugal, e o facto de serem habitadas era bem conhecido dos espanhóis.]

[Nota 4: Platão, Cícero, Aristóteles, Anaxágoras, Mela e outros estavam entre aqueles que acreditavam na existência dos antípodas.]

[Nota 5: Aristóteles, _De Caelo et Terra_, ii., 14. A constelação do Cruzeiro do Sul era conhecida pelos escritos dos geógrafos árabes.]

[Nota 6: Observado pela primeira vez por Colombo em uma carta escrita de
Hispaniola em outubro de 1498.]

[Nota 7: _Davus sum non Oedipus_, Andria, Act I, Scene II. A citação, transposta por Mártir do singular para o plural, é de Terrence, sendo Davo um personagem cômico da comédia de _Andria_.]

No sétimo dia das calendas de fevereiro, a terra foi finalmente descoberta no horizonte.[8] Como o mar estava agitado, foram feitas sondagens e o fundo encontrado a dezesseis braças. Aproximando-se da costa desembarcaram num local onde permaneceram dois dias inteiros sem ver um só habitante, embora nas margens tenham sido encontrados alguns vestígios de seres humanos. Depois de escreverem seus nomes e o nome do Rei, com alguns detalhes de seu desembarque, nas árvores e pedras, os
Os espanhóis partiram. Guiando-se por algumas fogueiras que viram durante a noite, encontraram não muito longe de seu primeiro local de desembarque uma tribo acampada e dormindo ao ar livre. Eles decidiram não incomodá-los até o amanhecer e quando o sol nasceu quarenta homens, armados, marcharam em direção aos nativos. Ao vê-los, trinta e dois selvagens, armados com arcos e dardos, avançaram, seguidos pelo resto da tropa armada da mesma maneira. Nossos homens relatam que esses nativos eram maiores que os alemães ou húngaros. Com olhos carrancudos e olhares ameaçadores, eles esquadrinhavam nossos compatriotas, que achavam imprudente usar suas armas contra eles. Se eles agiram assim por medo ou para impedi-los de fugir, eu não sei, mas de qualquer forma, eles tentaram atrair os nativos com palavras gentis e oferecendo-lhes presentes; mas os nativos mostraram-se determinados a não ter relações com os espanhóis, recusando-se a negociar e mantendo-se prontos para a luta. Limitaram-se a ouvir a fala dos espanhóis e observar seus gestos, após o que ambas as partes se separaram. Os nativos fugiram na noite seguinte à meia-noite, abandonando o acampamento.

[Nota 8: O atual Cabo San Augustin; foi avistado em 28 de janeiro de 1500 e recebeu o nome de Santa Maria de la Consolação.]

Os espanhóis descrevem essas pessoas como uma raça vagabunda semelhante aos citas, que não tinham morada fixa, mas vagavam com suas esposas e filhos de um país para outro na época da colheita. Eles juram que as pegadas deixadas na areia mostram que eles têm pés duas vezes maiores que os de um homem de estatura média.[9] Continuando a viagem, os espanhóis chegaram à foz de outro rio, porém muito raso para as caravelas entrarem. Quatro chalupas de

soldados foram, portanto, enviadas para pousar e fazer reconhecimento. Eles observaram em uma colina perto da margem um grupo de nativos, a quem enviaram um mensageiro para convidá-los a negociar. Acredita-se que os nativos queriam capturar um dos espanhóis e levá-lo com eles, pois, em troca de um sino de falcão que ele lhes ofereceu como atração, eles jogaram uma cunha de ouro de um côvado de comprimento em direção ao mensageiro, e quando o espanhol se abaixou para pegar a moeda de ouro, os nativos o cercaram em menos tempo do que o necessário para contá-lo e tentaram arrastá-lo. Ele conseguiu se defender de seus agressores, usando sua espada e escudo até que seus companheiros de barco pudessem vir em seu auxílio. Para concluir em poucas palavras, já que você me falou com tanta urgência de sua partida que se aproximava, os nativos mataram oito dos espanhóis e feriram vários outros com suas flechas e dardos. Eles atacaram as barcas com grande ousadia das margens do rio, procurando arrastar os barcos para terra; embora tenham sido mortos como ovelhas por golpes de espada e lanças (pois estavam nus); eles não cederam por causa disso. Conseguiram até levar uma das barcas, que estava vazia, e cujo piloto havia sido atingido por uma flecha e morto. As outras barcas conseguiram escapar e assim os espanhóis deixaram esses nativos bárbaros.

[Nota 9: Um dos inúmeros contos de gigantes na América, que circulou e por muito tempo obteve credibilidade.]

Muito entristecidos pela perda de seus companheiros, os espanhóis seguiram a mesma costa na direção noroeste e, após percorrerem cerca de quarenta léguas, chegaram a um mar cujas águas são suficientemente frescas para permitir que reabasteçam seu suprimento de água potável . Buscando a causa desse fenômeno, eles descobriram que vários rios velozes que desciam das montanhas se juntavam naquele ponto e desaguavam no mar.[10] Um número de

ilhas pontilhadas por este mar, que são descritas como notáveis por sua fertilidade e numerosa população. Os nativos são gentis e sociáveis, mas essas qualidades lhes são de pouca utilidade porque não possuem o ouro ou as pedras preciosas que os espanhóis procuram. Trinta e seis deles foram feitos prisioneiros. Os nativos chamam toda aquela região de Mariatambal. A região a leste deste grande rio chama-se Canomora, e a oeste, Paricora. Os indígenas deram a entender por indícios que no interior do país se encontrava ouro de boa qualidade. Continuando sua marcha, diretamente para o norte, mas sempre seguindo as curvas da costa, os espanhóis avistaram novamente a estrela polar. Toda esta costa faz parte de Paria, essa terra tão rica em pérolas que o próprio Colombo descobriu, como já relatamos; sendo ele o verdadeiro autor dessas descobertas. A costa reconhecida pelos Pinzons continua além da Boca de la Sierpe, já descrita, e dos distritos de Cumana, Manacapana, Curiana, Cauchieta e Cauchibachoa, e acredita-se que se estenda até o continente da Índia.[11] É evidente que esta costa é muito extensa para pertencer a uma ilha e, no entanto, se a considerarmos como um todo, todo o universo pode ser chamado de ilha.[12]

[Nota 10: Possivelmente o estuário do Amazonas.]

[Nota 11: _Propterea Gangetidis Indiae continentem putans_. O
O mapa de Ruysch (1516) mostra a junção do continente americano com a Ásia.]

[Nota 12: _Licet universum terrae, orbem, large sumptum, insulam dicere fas sit_.]

Desde o momento em que deixaram a terra onde perderam de vista a estrela polar, até chegarem a Paria, os espanhóis relatam que seguiram para o oeste por uma distância de trezentas léguas ininterruptas. No meio do caminho, eles descobriram um grande rio chamado Maragnon, tão grande que desconfio que exageraram; pois quando perguntei a eles, ao voltarem da viagem, se esse rio não era mais provavelmente um mar separando dois continentes, eles disseram que a água em sua foz era fresca e que essa qualidade aumentava à medida que subíamos o rio. É pontilhada de ilhas e cheia de peixes. Eles declaram acima de tudo que tem mais de trinta léguas de largura, e que suas águas correm com tal impetuosidade que o mar recua antes de sua corrente.[13]

[Nota 13: A foz do Maragno ou Amazonas tem, na verdade, sessenta léguas de largura.]

Quando nos lembramos do que é dito sobre as fozes norte e sul do Danúbio, que repelem as águas do mar a uma distância tão grande e podem ser consumidas pelos marinheiros, deixamos de nos surpreender se o rio descrito for representado como ainda maior. . O que realmente impede a natureza de criar um rio ainda maior que o Danúbio, ou ainda maior que o Maragnon? Acho que é algum rio [14] já mencionado por Colombo quando ele explorou as costas de Paria. Mas todos esses problemas serão elucidados mais adiante, então vamos agora voltar nossa atenção para os produtos naturais do país.

[Nota 14: Referente ao Orinoco.]

Na maior parte das ilhas de Paria, os espanhóis encontraram uma floresta de madeira vermelha, da qual trouxeram três mil libras.

Essa é a madeira que os italianos chamam de _verzino_ e os espanhóis de pau-brasil. Eles afirmam que as madeiras de tingimento de Hispaniola são superiores para o tingimento de lãs. Aproveitando o vento noroeste, que os italianos chamam de _grecco_[15] navegaram por numerosas ilhas, despovoadas pela devastação dos canibais, mas férteis, pois descobriram numerosos vestígios de aldeias destruídas. Aqui e ali eles avistaram nativos, que, movidos pelo medo, fugiram rapidamente para os penhascos das montanhas e para as profundezas das florestas, assim que viram os navios aparecerem. Essas pessoas não tinham mais casas, mas vagavam livremente porque temiam os canibais. Enormes árvores foram descobertas, que produzem o que é comumente chamado de casca de canela e que se afirma ser tão eficaz para afastar febres quanto a canela que os boticários vendem. Naquela época, a canela ainda não estava madura. Prefiro confiar naqueles que fizeram esses relatórios a me cansar de discutir essas questões. Os homens de Pinzon afirmam ainda que encontraram árvores enormes naquele país que dezesseis homens de mãos dadas e formando um círculo dificilmente poderiam abranger com seus braços.

[Nota 15: Os diferentes pontos da bússola foram designados pelos ventos: o norte sendo _tramontano_; nordeste, _grecco_; leste _levante_; sudeste _scirocco_; sul, _ostro_; sudoeste, _libeccio_; oeste, _ponte_; noroeste, _maestrale_.]

Um animal extraordinário[16] habita essas árvores, cujo focinho é o da raposa, enquanto a cauda lembra a do sagüi e as orelhas as do morcego. Suas mãos são como as de um homem e seus pés como os de um macaco. Esta fera carrega seus filhotes aonde quer que vá em uma espécie de bolsa externa, ou bolsa grande. Você viu um desses animais, ao mesmo tempo que eu. Ele estava morto, mas você o mediu e se perguntou sobre aquela bolsa ou estômago curioso com que a natureza forneceu este animal notável para carregar seus filhotes e protegê-los contra caçadores ou feras. A observação provou que este animal nunca tira seus filhotes de sua bolsa, exceto quando estão brincando ou amamentando, até que chegue o momento em que possam se defender sozinhos. Os espanhóis capturaram um desses com seus filhotes, mas os pequenos morreram um após o outro, a bordo. A mãe sobreviveu alguns meses, mas não suportou a mudança de clima e alimentação. Basta, porém, sobre esse animal, e voltemos aos descobridores.

[Nota 16: O animal aqui descrito é sem dúvida o gambá; o único marsupial não australiano encontrado na América.]

Os Pinzons, tio e sobrinho, passaram por severas dificuldades durante esta viagem. Eles haviam explorado seiscentas léguas ao longo da costa de Paria, acreditando estar do outro lado do Cathay, na costa da Índia, não muito longe do rio Ganges, quando no mês de julho foram surpreendidos por tal súbito e violenta tempestade que, das quatro caravelas que compunham a esquadra, duas foram tragadas diante de seus olhos. O terceiro foi arrancado de sua ancoragem e desapareceu; o quarto resistiu bem, mas estava tão quebrado que suas costuras quase estouraram. A tripulação deste quarto navio, desesperada por salvá-lo, desembarcou. Eles não sabiam o que fazer a seguir e primeiro pensaram em construir uma aldeia e depois em matar todas as pessoas vizinhas para evitar que eles próprios fossem massacrados. Mas felizmente a sorte mudou. A tempestade cessou; a caravela que havia sido expulsa pela fúria dos elementos voltou com oitenta tripulantes, enquanto o outro navio, que se manteve no fundeio, foi salvo. foi com esses

navios que, depois de serem arremessados pelas ondas e perderem muitos dos seus amigos, regressaram a Espanha, desembarcando na sua cidade natal de Palos, onde as suas mulheres e filhos os esperavam. Era a véspera das calendas de outubro.

Os companheiros de Pinzon trouxeram uma quantidade de madeiras[17] que eles acreditavam ser canela e gengibre; mas, para desculpar a má qualidade dessas especiarias, disseram que não estavam maduras quando foram colhidas. Baptista Elysius, que é um notável filósofo e doutor em medicina, possuía algumas pedrinhas que eles haviam juntado nas praias daquela região, e ele pensa que são topázios. Ele lhe disse isso na minha presença. Seguindo os Pinzons e animados pelo espírito de imitação, outros espanhóis fizeram longas viagens para o sul, seguindo a trilha de seus precursores, como Colombo, e navegando, a meu ver, ao longo da costa de Paria. Esses últimos exploradores coletaram casca de canela e essa substância preciosa cuja fumaça bane as dores de cabeça e que os espanhóis chamam de _Anime Album_.[18] Não aprendi nada mais digno de sua atenção; assim concluirei minha narração já que você me apressa anunciando sua partida.

[Nota 17: Pinzon obteve licença para vender uma quantidade de
pau-brasil para pagar suas dívidas, tendo seus credores
apreendidos os navios e suas cargas.]

[Nota 18: _Cassiam et hi fistulam pretiosumque illud ad capitis
gravidinem suo suffumigio tollendam quod Hispani animen album vocant
referre_.]

No entanto, para concluir minha década, ouça ainda alguns detalhes
sobre as ridículas superstições de Hispaniola. Se não é uma década
no estilo de Lívio, é apenas porque seu autor, seu Mártir, não foi
abençoado, como deveria ter sido segundo a teoria de Pitágoras, com
o espírito de Lívio. Você também sabe o que as montanhas em
trabalho de parto trazem à tona. Essas coisas são apenas fantasias
dos ilhéus; no entanto, embora fantasiosas, são mais interessantes do
que as verdadeiras histórias de Luciano, pois elas realmente existem
na forma de crenças, enquanto as histórias foram inventadas como um
passatempo; pode-se sorrir para aqueles que acreditam neles.

Os espanhóis viveram algum tempo em Hispaniola sem suspeitar que
os ilhéus adorassem outra coisa senão as estrelas, ou que tivessem
algum tipo de religião; De fato, várias vezes relatei que esses ilhéus
adoravam apenas as estrelas visíveis e os céus. Mas depois de se
misturar com eles por alguns anos, e as línguas se tornarem
mutuamente inteligíveis, muitos dos espanhóis começaram a notar
entre eles diversas cerimônias e ritos. O irmão Roman,[19] um eremita,
que foi, por ordem de Colombo, entre os caciques para instruí-los nos
princípios do cristianismo, escreveu um livro em língua espanhola
sobre os ritos religiosos dos ilhéus. Comprometo-me a revisar este
trabalho, deixando de fora algumas questões de pequena importância.
Eu agora ofereço a você da seguinte forma:

Sabe-se que os ídolos a quem os ilhéus prestam culto público
representam duendes que lhes aparecem na escuridão, levando-os a
erros tolos; pois eles fazem imagens, na forma de figuras sentadas,
de algodão trançado, bem recheado por dentro, para representar
esses goblins noturnos e que se assemelham aos que nossos
artistas pintam nas paredes.

[Nota 19: Roman Pane foi um frade Jerónimo que, como aqui se afirma,
escreveu por ordem de Colombo. Seu trabalho foi em vinte e seis
capítulos cobrindo dezoito páginas, e foi inserido no final do capítulo
sessenta e um da _Storia_ de Fernando Colombo. O original espanhol
MS. está perdido, sendo o texto conhecido em uma tradução italiana
publicada em Veneza em 1571. Brasseur de Bourbourg publicou uma
tradução francesa em seu trabalho sobre Yucatan, _Relation des
Choses de Yucatan de Diego Landa_. Paris, 1864.]

Enviei a você quatro dessas imagens e você pôde examiná-las e verificar
sua semelhança com os goblins. Também poderá descrevê-los ao sereno
Rei, seu tio, melhor do que eu poderia por escrito. Os nativos chamam
essas imagens de _zemes_. Quando estão prestes a entrar em batalha,
eles amarram pequenas imagens representando pequenos demônios em
suas testas, razão pela qual essas figuras, como você deve ter visto, são
amarradas com cordas. Eles acreditam que os _zemes_ enviam chuva ou
sol em resposta às suas orações, de acordo com suas necessidades. Eles
acreditam que os _zemes_ são intermediários entre eles e Deus, a quem
eles representam como um, eterno, onipotente e invisível. Cada cacique
tem seus _zemes_, que honra com particular cuidado. Seus ancestrais

deram ao Ser supremo e eterno dois nomes, Iocauna e Guamaonocon. Mas este Ser supremo foi gerado por uma mãe, que tem cinco nomes, Attabeira, Mamona, Guacarapita, Iella e Guimazoa.

Ouça agora suas crenças singulares relacionadas à origem do homem. Existe em Hispaniola um distrito chamado Caunauna, onde a raça humana teve sua origem em uma caverna em uma certa montanha. O maior número de homens saiu das aberturas maiores e o menor número das aberturas menores desta caverna. Tais são suas superstições. A rocha em cujo lado se encontra a abertura desta caverna chama-se Cauta, e a maior das cavernas chama-se Cazabixaba, a menor Amaiauna. Antes que a humanidade pudesse surgir, eles engenhosamente afirmam que todas as noites as bocas das cavernas eram confiadas à custódia de um homem chamado Machochael. Este Machochael, tendo abandonado as duas cavernas por curiosidade, foi surpreendido pelo sol, cujos raios ele não podia suportar, e assim foi transformado em pedra. Eles relatam, entre seus absurdos, que quando os homens saíam de suas cavernas à noite porque procuravam pecar e não podiam voltar antes do nascer do sol, que eram proibidos de ver, eles se transformavam em árvores de mirobolã,[20] dos quais Hispaniola produz abundantemente grandes números.

[Nota 20: Este nome abrange vários tipos de árvores cujos frutos são usados na composição de medicamentos adstringentes e ligeiramente purgativos.]

Dizem também que um cacique chamado Vagoniona mandou da caverna onde mantinha encerrada a família um criado para ir pescar. Este servo, sendo surpreendido pelo sol, foi igualmente transformado em rouxinol. A cada aniversário de sua transformação, ele enche o ar da noite com canções, lamentando seus infortúnios e implorando a seu mestre Vagoniona que venha em seu socorro. Tal é a explicação que dão para o canto do rouxinol. Quanto a Vagoniona, ele amava muito esse servo e, portanto, lamentava profundamente por ele; ele trancou todos os homens na caverna e só trouxe consigo as mulheres e crianças amamentando, que ele conduziu a uma ilha chamada Mathinino, ao largo da costa; lá ele abandonou as mulheres e trouxe de volta as crianças com ele.

Essas infelizes crianças estavam morrendo de fome e, ao chegarem à margem do rio, gritaram "_Toa, Toa_" (isso é como crianças chorando, mamãe, mamãe), e imediatamente se transformaram em sapos. É por isso que na primavera as rãs emitem esses sons, e é também a razão pela qual nas cavernas de Hispaniola são freqüentemente encontrados apenas homens, e não mulheres. Os nativos dizem que Vagoniona ainda vagueia pela ilha e que, por uma dádiva especial, permanece sempre como era. Ele deve ir ao encontro de uma bela mulher, percebida nas profundezas do mar, de quem obtêm as conchas brancas chamadas pelos nativos _cibas_, e outras conchas de cor amarelada chamadas _guianos_, com as quais fazem colares. Os caciques de nosso tempo consideram essas bugigangas sagradas.[21]

[Nota 21: A seguinte passagem não se presta a tradução admissível. _Viros autem illos, quos sine feminis in antris relictos diximus, lotum se ad pluviarum acquarum receptacula noctu referunt exiisse; atque una noctium, animalia quaedam feminas aemulantia, veluti formicarum agmina, reptare par arbores myrobolanos a longe vidisse. Ad feminea ilia animalia procurrunt, capiunt: veluti anguillae de manibus eorum labuntur. Consilium ineunt. Ex senioris consilio, scabiosos leprososque, si qui sint inter eos, conquirunt, qui manos asperas callossasque habeant ut

apraehensa facilius queant ritenere. Hos homines ipsi caracaracoles apelante. Venatum proficiscuntur: ex multis quas capiebant quatuor tantum retinent; pro feminis illis uti adnituntur, carere feminea natura comperiunt. Iterum accitis senioribus, quid facieudum consulunt. Ut picus avis admittatur, qui acuto rostra intra ipsorum inguina foramen effodiat, constituinte: ipsismet caracaracolibus hominibus callosis, feminas apertis cruribus tenentibus. Quam pulchre picus adducitur! Picus feminis sexum aperit. Hinc bellissime habuit insula, quas cupiebat feminas; hinc procreata soboles_. "Deixo de me maravilhar", continua o autor, "já que está escrito em muitos volumes da verdadeira história grega que os Mirmidões foram gerados por formigas. Essas são algumas das muitas lendas que supostos sábios expõem com calma e semblante impassível de púlpitos e tribunais para uma multidão estúpida boquiaberta."]

Aqui está uma tradição mais séria sobre a origem do mar.[22] Antigamente vivia na ilha um cacique poderoso chamado Jaia que enterrou seu único filho em uma cabaça. Vários meses depois, distraído com a perda do filho, Jaia visitou a cabaça. Ele a abriu e viu sair grandes baleias e monstros marinhos de tamanho gigantesco. Assim, ele relatou a alguns de seus vizinhos que o mar estava contido naquela cabaça. Ao ouvir esta história, quatro irmãos nascidos de parto e que perderam a mãe quando nasceram, procuraram obter a posse da cabaça por causa do peixe. Mas Jaia, que frequentemente visitava os restos mortais do filho, chegou quando os irmãos seguravam a cabaça nas mãos. Assustados por serem assim apanhados em flagrante de sacrilégio e roubo, eles largaram a cabaça, que quebrou, e fugiram. Da cabaça quebrada o mar brotou; o vale foi preenchido, a imensa planície que formava o universo foi inundada, e apenas as montanhas ergueram suas cabeças acima da água, formando as ilhas, várias das quais ainda hoje existem. Esta, Ilustre Príncipe, é a origem do mar, nem deveis imaginar que o ilhéu que transmitiu esta tradição não goze da maior consideração. Conta-se ainda que os quatro irmãos, apavorados com Jaia, fugiram em direções diversas e quase morreram de fome porque não ousaram parar em lugar nenhum. No entanto, pressionados pela fome, bateram à porta de um padeiro e pediram-lhe _cazabi_, isto é, pão. O padeiro cuspiu com tanta força

no primeiro que entrou, formou-se um enorme tumor, do qual quase morreu. Depois de deliberar entre si, eles abriram o tumor, com uma pedra afiada, e dela saiu uma mulher que se tornou a esposa de cada um dos quatro irmãos, um após o outro, e deu-lhes filhos e filhas.

[Nota 22: Diego Landa, em seu _Cosas de Yucatan_, e Cogolludo (_Hist. de Yucatan_), tratam desse assunto. Pedro Mártir também o elabora em suas cartas a Pomponius Laetus e ao Cardeal de Santa Croce. _Opus Epistolarum_, ep. 177 e 180.]

Outra história, ilustre Príncipe, é ainda mais curiosa. Existe uma caverna chamada Jouanaboina, situada no território de um cacique chamado Machinnech, que é venerado com tanto respeito pela maioria dos ilhéus quanto antigamente eram as cavernas de Corinto, de Cyrrha e Nissa entre os gregos.[23] As paredes desta caverna são decoradas com diferentes pinturas; dois zemes esculpidos, chamados Binthiatelles e Marohos, ficam na entrada.

[Nota 23: As cavernas de Hayti foram visitadas e descritas por Decourtilz, _Voyage d'un Naturaliste_. Alguns deles contêm esculturas representando serpentes, sapos, figuras humanas deformadas em posturas distorcidas, etc.]

Quando perguntados por que esta caverna é reverenciada, os nativos respondem gravemente que é porque o sol e a lua saíram dela para iluminar o universo. Eles vão em peregrinação àquela caverna assim como nós vamos a Roma, ou ao Vaticano, a Compostela ou ao Santo Sepulcro em Jerusalém.

Outro tipo de superstição é o seguinte. Eles acreditam que os mortos andam à noite e se alimentam de guarina, uma fruta parecida com o marmelo, mas desconhecida na Europa. Esses fantasmas adoram se misturar com os vivos e enganar as mulheres. Eles assumem a forma de um homem e parecem desejar desfrutar do favor de uma mulher, mas quando estão prestes a cumprir seu propósito, eles desaparecem no ar. Se alguém pensar, ao sentir algo estranho em sua cama, que há um espectro deitado ao seu lado, basta que ele se assegure tocando em sua barriga, pois, segundo a ideia deles, os mortos podem tomar emprestado todos os membros humanos, exceto o umbigo. . Se, portanto, o umbigo está ausente, eles sabem que é um fantasma, e basta tocá-lo para fazê-lo desaparecer imediatamente. Esses fantasmas freqüentemente aparecem à noite para os vivos, e muitas vezes nas estradas públicas; mas se o viajante não se assustar, o espectro desaparece. Se, pelo contrário, ele se deixa assustar, o terror inspirado pela aparição é tal que muitos dos ilhéus perdem completamente a cabeça e o autocontrole. Quando os espanhóis perguntaram quem os havia infectado com essa massa de crenças ridículas, os nativos responderam que as receberam de seus ancestrais e que foram preservadas desde tempos imemoriais em poemas que apenas os filhos dos chefes podem aprender. Esses poemas são aprendidos de cor, pois não têm escrita; e nos dias de festa os filhos dos chefes os cantam para o povo, na forma de cânticos sagrados.[24] Seu único instrumento musical é um pedaço de madeira côncavo e sonoro que é batido como um tambor.

[Nota 24: Comumente chamado na língua nativa de _arreytos_. Existem alguns exemplares. Brasseur de Bourbourg em seu _Grammaire Quiche_ dá o _Rabinal Achi_.]

São os áugures, chamados bovitas, que encorajam essas superstições. Esses homens, mentirosos persistentes, atuam como médicos dos ignorantes, o que lhes confere grande prestígio, pois acredita-se que os zemes conversam com eles e lhes revelam o futuro.

Se um doente se recupera, os bovitas o convencem de que deve sua recuperação à intervenção dos zemes. Quando se comprometem a curar um chefe, os bovitas começam jejuando e fazendo uma purga. Há uma erva inebriante que eles trituram e bebem, após o que são tomados de fúria como as mênades, e declaram que os zemes lhes confiam segredos. Visitam o enfermo, levando na boca um osso, uma pedrinha, um pau ou um pedaço de carne. Depois de expulsar todos, exceto duas ou três pessoas designadas pelo doente, o bovite começa fazendo gestos selvagens e passando as mãos sobre o rosto, lábios e nariz, e respirando na testa, têmporas e pescoço, e puxando o hálito de homem doente. Assim ele finge buscar a febre nas veias do sofredor. Depois ele esfrega os ombros, os quadris e as pernas e abre as mãos; se as mãos estão fechadas, ele as abre bem, expondo a palma, sacudindo-as vigorosamente, após o que afirma que expulsou a doença e que o paciente está fora de perigo. Por fim, ele remove o pedaço de carne que carregava na boca como um malabarista e começa a chorar: "Isto é o que você comeu além de suas necessidades; agora você ficará bom porque eu aliviei você do que você comeu". ." Se o médico percebe que o paciente piora, ele atribui isso aos zemes, que, ele

declara, estão zangados porque não mandaram construir uma casa para eles, ou não foram tratados com o devido respeito, ou não receberam sua parte dos produtos do campo. Se o doente morrer, seus parentes se entregam a encantamentos mágicos para fazê-lo declarar se é vítima do destino ou do descuido do médico, que não jejuou corretamente ou deu o remédio errado. Se o homem morreu por culpa do médico, os parentes se vingam deste último. Sempre que as mulheres conseguem obter o pedaço de carne que os bovitas seguram na boca, envolvem-no com grande respeito em panos e guardam-no cuidadosamente, considerando-o um talismã de grande eficácia na hora do parto, e honrando-o como se era um zemes.

Os ilhéus prestam homenagem a numerosos zemes, cada um tendo o seu. Alguns são de madeira, pois é entre as árvores e na escuridão da noite que receberam a mensagem dos deuses. Outros, que ouviram a voz entre as rochas, fazem seus zemes de pedra; enquanto outros, que ouviram a revelação enquanto cultivavam suas idades - esse tipo de cereal que já mencionei - fazem as suas raízes.

Talvez eles pensem que estes últimos vigiam a fabricação do pão. Era assim que os antigos acreditavam que as dríades, hamadríades, sátiros, pans, nereidas, vigiavam as fontes, florestas e mares, atribuindo a cada força da natureza uma divindade presidente. Os ilhéus de Hispaniola até acreditam que os zemes respondem aos seus desejos quando os invocam. Quando os caciques desejam consultar os zemes, sobre o resultado de uma guerra, sobre a colheita ou sobre sua saúde, eles entram nas casas que lhes são sagradas e ali absorvem a erva inebriante chamada _kohobba_, que é a mesma usada pelos bovitas. para excitar seu frenesi. Quase imediatamente eles acreditam ver a sala virada de cabeça para baixo e homens andando de cabeça para baixo. Este pó de kohobba é tão forte que aqueles que o ingerem perdem a consciência; quando a ação entorpecente do pó começa a diminuir, os braços e as mãos ficam soltos e a cabeça cai. Depois de permanecer algum tempo nessa atitude, o cacique levanta a cabeça, como se despertasse do sono, e, levantando os olhos para o céu, começa a balbuciar algumas palavras incoerentes. Seus principais assistentes se reúnem ao seu redor (pois nenhuma das pessoas comuns é admitida nesses mistérios), erguendo suas vozes em agradecimento por ele ter deixado os zemes tão rapidamente e voltado para eles. Perguntam-lhe o que viu, e o cacique declara que conversou o tempo todo com os zemes, e como se ainda estivesse em delírio profético, profetiza vitória ou derrota, se houver guerra, ou se as colheitas serão abundantes, ou a chegada de um desastre, ou o gozo da saúde, em uma palavra, o que quer que primeiro lhe ocorra.

Você pode se surpreender depois disso, Ilustre Príncipe, com o espírito de Apolo que inspirou a fúria das Sibilas? Você pensou que aquela antiga superstição havia perecido, mas você vê que não é o caso. Tratei aqui de um modo geral tudo o que diz respeito aos zemes, mas acho que não devo omitir certos detalhes. O cacique Guamaretus tinha um zemes chamado Corochotus, que ele havia fixado na parte mais alta de sua casa. Diz-se que Corochotus freqüentemente descia, depois de ter quebrado suas amarras. Isso acontecia sempre que ele queria fazer amor, comer ou se esconder; e às vezes desaparecia por vários dias, mostrando assim sua raiva por ter sido negligenciado e não suficientemente honrado pelo cacique Guamareto. Um dia, duas crianças, usando coroas, nasceram na casa de

Guamareto; pensava-se que eles eram filhos dos zemes Corochotus. Guamaretus foi derrotado por seus inimigos em uma batalha campal; seu palácio e cidade foram queimados e destruídos; e Corochotus rompeu suas amarras e saltou para fora de casa, e foi encontrado em um estádio distante.

Outro zemes, Epileguanita, foi representado na forma de um quadrúpede, esculpido em madeira. Muitas vezes ele deixava o local onde era venerado e fugia para as florestas. E cada vez que seus adoradores ouviam falar de sua fuga, eles se reuniam e o procuravam em todos os lugares com orações devotas. Quando encontrados, eles o trouxeram reverentemente em seus ombros de volta ao santuário sagrado para ele. Quando os cristãos desembarcaram em Hispaniola, Epileguanita fugiu e não apareceu mais, o que foi considerado uma sinistra previsão dos infortúnios do país. Essas tradições são transmitidas pelos velhos.

Os ilhéus veneram outro zemes, feito de mármore, que é do sexo feminino, e é acompanhado por dois zemes masculinos que servem de criados; um agindo como arauto para convocar outros zemes para ajudar a mulher quando ela deseja provocar tempestades ou atrair nuvens e chuvas; o outro deve coletar a água que desce das altas montanhas para os vales e, sob o comando das zemes femininas, liberá-la na forma de torrentes que devastam o país sempre que os ilhéus não pagam a seu ídolo o homenagens por isso. Mais uma coisa digna de ser lembrada e terei terminado meu livro. Os nativos de Hispaniola ficaram muito impressionados com a chegada dos espanhóis. Anteriormente, dois caciques, dos quais um era o pai de Guarionex, jejuaram quinze dias para consultar os zemes sobre o futuro. Tendo este jejum disposto os zemes a seu favor, eles responderam que dentro de alguns anos uma raça de homens vestindo roupas desembarcaria na ilha e derrubaria seus ritos e cerimônias religiosas, massacraria seus filhos e os tornaria escravos. Esta profecia foi tomada pela geração mais jovem para se aplicar aos canibais; e assim, sempre que se soube que os canibais haviam desembarcado em algum lugar, o povo fugiu sem ao menos tentar qualquer resistência. Mas quando os espanhóis desembarcaram, os ilhéus então referiram a profecia a eles, como sendo o povo cuja vinda foi anunciada. E nisso eles não erraram, pois estão todos sob o domínio dos cristãos, e os que resistiram foram mortos; todos os zemes foram removidos para a Espanha, para nos ensinar a loucura daquelas imagens e os enganos dos demônios, nada restando deles senão uma lembrança. Algumas coisas trouxe ao seu conhecimento, Ilustre Príncipe, e muitas outras você aprenderá mais tarde, pois provavelmente partirá amanhã para acompanhar sua tia-avó a Nápoles, em obediência às ordens de seu tio, o rei Frederico. Você está pronto para partir e eu estou cansado. Portanto, adeus e guarde a lembrança de seu mártir, a quem você obrigou em nome de seu tio, Frederick, a escolher estes poucos entre muitas grandes coisas.

LIVRO X

E EPÍLOGO DA DÉCADA

A INIGO LOPEZ MENDOZA, CONDE DE TENDILLA, VICE-REI DE GRANADA

Fui induzido pelas cartas de meus amigos e de altas personalidades a compor uma crônica completa de tudo o que aconteceu desde as primeiras descobertas e a conquista do oceano por Colombo, e de tudo o que acontecerá. Meus correspondentes ficaram maravilhados com a ideia dessas descobertas de ilhas, habitadas por povos desconhecidos, vivendo sem roupas e satisfeitas com o que a natureza lhes deu, e foram consumidos pelo desejo de serem informados regularmente. Ascanio, cuja autoridade nunca permitiu que minha pena descansasse, foi rebaixado da alta posição que ocupava quando seu irmão Ludovico[1] foi expulso de Milão pelos franceses. Dediquei a ele os dois primeiros livros desta década, sem mencionar muitos outros tratados que selecionei de minhas memórias inéditas. Simultaneamente à sua queda, parei de escrever, pois, fustigado pela tempestade, ele deixou de me exortar, enquanto meu fervor em fazer perguntas definhava; mas no ano de 1500, quando a corte residia em Granada, Ludovico, cardeal de Aragão e sobrinho do rei Frederico, que acompanhara a rainha de Nápoles, irmã do rei Frederico, a Granada, enviou-me cartas endereçadas a mim por o próprio Rei, instando-me a selecionar os documentos necessários e a continuar os dois primeiros livros endereçados a Ascanio. O rei e o cardeal já possuíam os escritos que eu havia dirigido a Ascanio. Você sabe que eu estava doente na época, mas, não querendo recusar, resolvi continuar. Entre a grande massa de material fornecido a meu pedido pelos descobridores, selecionei os feitos que eram mais dignos de serem registrados. Como agora deseja incluir minhas obras completas entre os numerosos volumes de sua biblioteca, decidi acrescentar aos meus escritos anteriores, retomando a narrativa dos principais eventos entre os anos de 1500 e 1510 e, Deus me dando vida , um dia irei tratá-los mais completamente.

[Nota 1: Sua queda foi saudada com regozijo em toda a Itália.
Em Veneza, os sinos da alegria tocaram e as crianças dançaram e cantaram um

canzone na Piazza San Marco

_Ora il Moro fa la danza
Viva San Marco e il re di Franzia_.

Milão foi vítima de Luís XII, e todo o norte da Itália passou sob o jugo francês. O papa recompensou o portador da notícia com um presente de cem ducados e imediatamente se apoderou do palácio do cardeal Ascanio com seus tesouros artísticos. O cardeal foi capturado perto de Rivolta pelos venezianos, que o entregaram aos franceses. Ele foi mantido na cidadela de Bourges até 1502, quando foi libertado a pedido do cardeal d'Amboise para ocupar seu lugar no conclave que elegeu Pio III. Ele morreu em 1505; e seu antigo inimigo, Guiliano della Rovere, reinando como Papa Júlio II, ergueu o magnífico monumento à sua memória que ainda existe em Santa Maria del Popolo.]

Para completar a década, eu havia escrito um livro que ficou inacabado, tratando das superstições dos ilhéus; este novo livro, que se chamará o décimo e último, desejo dedicá-lo a você, sem reescrever meu trabalho ou enviar-lhe meu rascunho. Portanto, se ao ler o nono livro você se deparar com promessas que não se realizam, não se surpreenda; não é necessário ser sempre consistente.[2]

[Nota 2: _Non sempre oportet stare pollicitis_.]

Passemos agora ao nosso assunto. Durante esses dez anos, muitos exploradores,[3] visitaram várias costas, seguindo na maior parte a trilha de Colombo. Eles sempre navegaram ao longo da costa de Paria, acreditando ser parte do continente indiano. Alguns indo para o oeste, outros para o leste, descobriram novos países ricos em ouro e especiarias, pois a maioria deles trouxe de volta colares e perfumes obtidos em troca de nossas mercadorias, ou por violência e conquista. Apesar de sua nudez, deve-se admitir que em alguns lugares os nativos exterminaram grupos inteiros de espanhóis, pois são ferozes e estão armados com flechas envenenadas e lanças afiadas com pontas endurecidas no fogo. Até os animais, répteis, insetos e quadrúpedes são diferentes dos nossos, e apresentam inúmeras e estranhas espécies. Com exceção de leões, tigres e crocodilos, eles não são perigosos. Agora estou falando das florestas do distrito de Paria e não das ilhas, onde, segundo me disseram, não há um único animal perigoso, tudo nas ilhas fala de grande brandura, com exceção dos caribes ou canibais, de quem já falei e que têm apetite por carne humana. Existem também diferentes espécies de pássaros, e em muitos lugares morcegos [4] tão grandes quanto pombos voaram sobre os espanhóis assim que o crepúsculo caiu, mordendo-os tão cruelmente que os homens, desesperados, foram obrigados a ceder diante deles como se eles eram harpias. Uma noite, enquanto dormia na areia, um monstro saiu do mar e agarrou um espanhol pelas costas e, apesar da presença de seus companheiros, arrebatou-o, pulando no mar com sua vítima, apesar dos gritos do infeliz.

[Nota 3: Labastidas, Pinzon, Hojeda, Vespucci, Las Casas e outros.]

[Nota 4: Morcegos-vampiros, que assombram a costa venezuelana em grande número.]

É o plano real estabelecer lugares fortificados e tomar posse deste continente, e não faltam espanhóis que não se esquivem da dificuldade de conquistar e subjugar o território. Para esse fim, eles solicitaram ao rei sua autorização.

A viagem, porém, é longa e o país muito extenso. Afirma-se que o país recém-descoberto, seja continente ou ilha, é três vezes maior que a Europa, sem contar as regiões a sul que foram descobertas pelos portugueses e que são ainda maiores. Certamente a Espanha de hoje merece os maiores elogios por ter revelado à geração atual essas inúmeras regiões dos Antípodas, até então desconhecidas, e por ter assim ampliado para os escritores o campo de estudo. Orgulho-me de lhes ter mostrado o caminho, recolhendo estes factos que, como verão, são sem pretensão; não apenas porque sou incapaz de adornar meu assunto com mais ornamentos, mas também porque nunca pensei em escrever como historiador profissional. Conto uma história simples por meio de cartas, escritas livremente para agradar a certas pessoas cujos convites teria sido difícil para mim recusar. Basta, porém, de digressões, e voltemos a Hispaniola.

O pão feito pelos nativos é considerado, por aqueles que estão acostumados com o nosso pão de trigo, insuficientemente nutritivo e, portanto, perde suas forças. O rei, consequentemente, emitiu um decreto recente, ordenando que o trigo fosse semeado em diferentes lugares e em diferentes estações. A colheita produziu apenas palha, semelhante a gravetos, e com pouco grão; embora o que existe seja grande e bem

formado. Isso também se aplica aos pastos onde a grama cresce tão alta quanto as plantações; assim o gado engorda extraordinariamente, mas sua carne perde o sabor; seus músculos ficam flácidos e eles são, por assim dizer, aquosos. Com os porcos é exatamente o contrário; pois são saudáveis e de sabor agradável. Isso se deve, sem dúvida, a alguns frutos da ilha que eles devoram avidamente. A carne de porco é praticamente o único tipo de carne comprada nos mercados. Os porcos aumentaram rapidamente, mas tornaram-se selvagens desde que não são mais mantidos por criadores de porcos. Não há necessidade de aclimatar nenhuma outra espécie de animal ou ave em Hispaniola.

Além disso, os filhotes de todos os animais florescem no pasto abundante e se tornam maiores que seus pais. Eles só comem grama, não cevada ou outros grãos. Chega, porém, de Hispaniola; consideremos agora as ilhas vizinhas.

Devido ao seu comprimento, Cuba foi por muito tempo considerada um continente, mas descobriu-se que era uma ilha. Não é de estranhar que os ilhéus assegurassem aos espanhóis que a exploraram que a terra não tinha fim, pois os cubanos são gente pobre de espírito, que se contenta com pouco e nunca sai do seu território. Eles não notaram o que acontecia entre seus vizinhos, e se havia alguma outra região sob seus céus além daquela que eles habitavam, eles não sabiam. Cuba se estende de leste a oeste e é muito mais longa que Hispaniola, mas de norte a sul é, proporcionalmente ao seu comprimento, muito estreita e quase toda fértil e agradável.

Há uma pequena ilha situada não muito longe da costa leste de Hispaniola, que os espanhóis colocaram sob a invocação de São João.[5] Esta ilha é quase quadrada e com minas de ouro muito ricas

foram encontrados lá, mas como todos estão ocupados trabalhando nas minas de Hispaniola, os mineiros ainda não foram enviados a San Juan, embora esteja planejado fazê-lo. É o único ouro de todos os produtos da Hispaniola que os espanhóis dão toda a sua atenção, e é assim que eles procedem. Cada espanhol trabalhador, que goza de algum crédito, designou-lhe um ou mais caciques (isto é, chefes) e seus súditos, que, em certas épocas do ano estabelecidas por acordo, são obrigados a vir com seu povo para a mina pertencente àquele espanhol, onde lhes são distribuídas as ferramentas necessárias para a extração do ouro. O cacique e seus homens recebem um salário e, quando voltam ao trabalho de seus campos, que não podem ser negligenciados por medo da fome, um traz uma jaqueta, uma camisa, um manto e outro um chapéu. Tais artigos de vestuário os agradam muito, e agora eles não andam mais nus. Seu trabalho é assim dividido entre as minas e seus próprios campos como se fossem escravos. Embora se submetam a essa restrição com impaciência, eles a toleram. Mercenários desse tipo são chamados _anaborios_. O rei não permite que sejam tratados como escravos, e eles são concedidos e retirados conforme ele deseja.[6]

[Nota 5: Porto Rico.]

[Nota 6: O sistema de repartimientos. Consulte os escritos de Las Casas sobre este assunto.]

Quando são convocados, como soldados ou seguidores do acampamento são recrutados por agentes de recrutamento, os ilhéus voam para as florestas e montanhas se puderem e, em vez de se submeterem a esse trabalho, vivem de qualquer fruta silvestre que encontram. São um povo dócil, e esqueceram completamente seus antigos ritos, cumprindo sem raciocinar e repetindo os mistérios que lhes são ensinados. Os cavalheiros espanhóis de posição educam filhos de caciques em suas próprias casas, e esses rapazes aprendem facilmente os elementos de instrução e boas maneiras. Quando crescem e especialmente se seus pais já morreram, eles são enviados de volta para Hispaniola, onde governam seus compatriotas. Como são cristãos devotos, eles mantêm espanhóis e nativos em dia com seus deveres e trazem alegremente seus súditos para as minas. Existem minas de ouro encontradas em dois distritos diferentes, dos quais o primeiro, chamado San Cristobal, fica a cerca de trinta milhas da cidade de Dominica. A outra, chamada Cibaua, fica a cerca de noventa milhas de distância. Porto Real está situado lá.

Grandes rendimentos são obtidos desses países, pois o ouro é encontrado tanto na superfície quanto nas rochas, seja na forma de lingotes ou de escamas às vezes pequenas, mas geralmente de peso considerável. Os lingotes pesam 300 libras, e às vezes até mais, pois foi encontrado um que pesava 310 libras.[7] Ouvistes dizer que este foi levado, tal como foi encontrado, ao rei de Espanha, a bordo do navio em que embarcou para Espanha o governador Bobadilla. O navio, sobrecarregado de homens e ouro, naufragou e afundou com tudo o que continha. Mais de mil testemunhas viram e tocaram este lingote. Quando falo de libras, não me refiro exatamente a uma libra, mas a um peso igual a um ducado de ouro de quatro onças, que é o que os espanhóis chamam de peso ou castellano de ouro. Todo o ouro encontrado nas montanhas de Cibaua é transportado para a fortificação de La Concepción, onde existem fundições para receber e fundir o metal. O quinto real é primeiro separado, após o que cada um recebe uma parte de acordo com seu trabalho. O ouro das minas de San Cristobal vai para as fundições de Bona Ventura; a quantidade de ouro derretido nessas fundições excede 300 libras de metal. Qualquer espanhol que seja condenado por ter retido fraudulentamente uma quantidade de ouro não declarada aos inspetores reais, sofre o confisco de todo o ouro em sua posse. As contendas ocorrem frequentemente entre eles, e se os magistrados da ilha não as conseguem resolver, os casos são recorridos para o Conselho Real, sendo as decisões desse tribunal irrecorríveis nos domínios do Rei de Castela.

[Nota 7: Las Casas descreve a descoberta desta pepita por uma menina índia, que acidentalmente a descobriu enquanto cutucava o chão com um instrumento pontiagudo. Ele dá seu peso como 3600 castellanos, equivalente a trinta e cinco libras. O navio que o levaria para a Espanha naufragou em uma violenta tempestade, perto do porto, e a famosa pepita foi perdida. _Las Casas, sua Vida, seu Apostolado e seus Escritos_, cap. iii.]

Atualmente, os membros que compõem este tribunal são todos nobres ilustres de sangue ilustre, que enumerarei na ordem em que se sentam para julgar um caso. O primeiro lugar é ocupado por Antonio Rojas, arcebispo de Granada, que é seu parente; ele é um verdadeiro Cato, incapaz de perdoar suas próprias ofensas ou as de seus parentes. Sua vida é austera e ele cultiva a literatura. Ele ocupa o primeiro lugar no Conselho, ou seja, é o Presidente do mesmo. Os demais membros do

Conselho são classificados por antiguidade, conforme a ordem em que foram nomeados. Todos são médicos ou designados ou detentores de alguma condecoração. Os designados são aqueles que são chamados em espanhol de licenciados. Todos são nomeados pelo Rei. O Decano da Assembleia é Pedro Oropesa; ao lado dele vem Ludovico Zapato; depois, na ordem regular, Fernando Tellez, Garcias Moxica, Lorenzo Carvajal; Toribio Santiago senta-se ao lado do último, e depois dele vêm Juan Lopez, Palacios Rivas e Ludovico Polanco. Francisco Vargas, que também é tesoureiro real, senta-se a seguir, e os dois últimos lugares são ocupados pelos padres Sosa e Cabrero, ambos doutores em direito canônico. Os conselheiros não julgam casos criminais, mas todos os processos civis são de seu conhecimento.

Voltemos agora para os novos países, dos quais vagamos. Esses países são muito numerosos, diversificados e férteis; nem Saturno, nem Hércules, nem qualquer herói da antiguidade que partiu para a descoberta ou conquista de terras desconhecidas, superou as façanhas de nossos espanhóis contemporâneos. Eis como a posteridade verá a religião cristã estendida! Quão longe será possível viajar entre a humanidade! Nem de boca em boca nem por minha pena posso expressar meus sentimentos sobre esses eventos maravilhosos e, portanto, deixo meu livro sem fim, sempre contando com novas pesquisas e coleta de documentos para uma descrição mais detalhada em minhas cartas, quando Estarei à vontade para escrever.

Pois não ignoro que nosso almirante Colombo,[8] com quatro navios e uma tripulação de setenta homens fornecidos pelos soberanos, explorou durante o ano de 1502 o país que se estende cerca de cento e trinta léguas a oeste entre Cuba e o continente. ; uma ilha rica em árvores frutíferas, que se chama Guanassa. O almirante sempre seguiu a costa em direção ao leste, esperando com essa manobra recuperar as águas de Paria, mas com isso se decepcionou. Afirma-se que as costas ocidentais também foram visitadas por Vincent Yanez, sobre quem escrevi anteriormente, Juan Diaz Solis de Nebrissa e vários outros, mas não tenho informações precisas sobre esse ponto.[9] Que Deus me conceda vida, para que algum dia você possa aprender mais sobre este assunto. E agora você adeus.

[Nota 8: Refere-se à quarta viagem de Colombo; consultar _Storia del Fernando Colombo_; Navarrete, i., 314, 329, 332; ii., 277, 296; iii., 555, 558. Também a _Carta rarissima_, escrita por Colombo da Jamaica, em 7 de julho de 1503, aos soberanos católicos; Washington Irving, _Columbus and his Companions_.]

[Nota 9: Consultar Gaffarel, _Les Contemporains de Colomb_; Vespúcio, _Quatuor Navigationes_.]

A Segunda Década

LIVRO I

PEDRO MÁRTIR, DE MILÃO, PROTONOTÁRIO APOSTÓLICO E CONSELHEIRO REAL DA

O SOBERANO PONTÍFICE LEÃO X

Santíssimo Padre,[1] Desde a chegada à Corte Espanhola de Galeazzo Butrigario de Bolonha enviado por Vossa Santidade, e Giovanni Accursi de Florença, enviado por aquela gloriosa República, tenho frequentado incessantemente sua companhia e estudado para agradá-los, por causa de suas virtudes e sua sabedoria. Ambos têm prazer em ler vários autores e certos livros que caíram por acaso em suas mãos, obras que tratam das vastas regiões até então desconhecidas do mundo e das terras ocidentais situadas quase nos antípodas que os espanhóis descobriram recentemente. Apesar de seu estilo não polido, a novidade da narrativa os encantou, e eles me imploraram, tanto em seu próprio nome quanto em nome de Vossa Santidade, para completar meus escritos continuando a narrativa de tudo o que aconteceu desde então, e enviar uma cópia a Vossa Beatitude para que compreenda em que medida, graças ao incentivo dos soberanos espanhóis, o gênero humano se tornou ilustre e a Igreja militante se ampliou. Pois essas novas nações são como uma _tabula rasa_; eles aceitam facilmente as crenças de nossa religião e descartam sua rusticidade bárbara e primitiva após o contato com nossos compatriotas. Achei bom ceder à insistência de sábios que gozavam do favor de Vossa Santidade; na verdade, se eu não tivesse obedecido imediatamente a um convite em nome de Vossa Beatitude, teria cometido um crime inexpiável. Resumirei agora em poucas palavras as descobertas pelos espanhóis de costas desconhecidas, os autores das principais expedições, os lugares onde desembarcaram, as esperanças levantadas e as promessas feitas por esses novos países.

[Nota 1: Giovanni de' Medici, eleito em 1513, assumiu o título de Leão X. Ele estava profundamente interessado nas explorações e descobertas na América, e insistia incessantemente com seus núncios para mantê-lo informado de tudo o que fosse escrito sobre esses assuntos.]

A descoberta dessas terras que mencionei, pelo genovês Cristóvão Colombo, foi relatada em minha Década do Oceano, que foi impressa sem minha permissão[2] e circulou por toda parte Cristandade. Colombo depois explorou imensos mares e países

a sudoeste, aproximando-se a quinze graus da linha equinocial. Nessas partes, ele viu grandes rios, altas montanhas cobertas de neve ao longo da costa e também portos seguros. Após sua morte, os soberanos tomaram providências para assumir a posse desses países e colonizá-los com cristãos, a fim de que nossa religião pudesse ser propagada. Os tabeliães reais davam todas as facilidades a todos os que desejavam empreender estas honrosas empresas, entre as quais se destacavam dois: Diego Nicuesa de Baecca, andaluz, e Alonzo Hojeda de Concha.

[Nota 2: Lucio Marineo Siculo, amigo de Pedro Mártir, foi o responsável por esta edição espanhola prematura publicada em 1511.
Uma edição italiana da Primeira Década foi impressa por Albertino Vercellese em Veneza em 1504.]

Estes dois homens viviam em Hispaniola onde, como já dissemos, os espanhóis haviam fundado uma cidade e colônias, quando Alonzo Hojeda partiu pela primeira vez, por volta dos idos de dezembro, com

cerca de trezentos soldados sob seu comando. Seu curso foi quase diretamente para o sul, até chegar a um daqueles portos descobertos anteriormente e que Colombo havia chamado de Cartagena, porque seu quebra-mar insular, sua extensão e sua costa em forma de foice o lembravam de Cartagena. A ilha situada na foz do porto é chamada pelos nativos de Codego, assim como os espanhóis chamam a ilha em frente a Cartagena, Scombria. A região vizinha chama-se Caramairi, país cujos habitantes, homens e mulheres, são grandes e bem constituídos, embora nus. Os homens usam o cabelo curto até as orelhas, enquanto as mulheres usam o longo. Ambos os sexos são arqueiros extremamente habilidosos.

Os espanhóis descobriram certas árvores na província que dão frutos doces, mas muito perigosos, pois quando comidos produzem vermes. Acima de tudo, a sombra dessa árvore é nociva, pois quem dorme por algum tempo sob seus galhos acorda com a cabeça inchada e quase cego, embora essa cegueira diminua em poucos dias. O porto de Cartagena fica a quatrocentas e cinquenta e seis milhas do porto de Hispaniola chamado Beata, onde geralmente são feitos preparativos para viagens de descoberta. Imediatamente após o pouso, Hojeda atacou os nativos dispersos e indefesos. Eles haviam sido concedidos a ele por patente real porque anteriormente haviam tratado alguns cristãos com muita crueldade e nunca puderam ser persuadidos a receber os espanhóis amigavelmente em seu país. Apenas uma pequena quantidade de ouro, e de má qualidade, foi encontrada entre eles; usam o metal para fazer folhas e discos, que penduram no peito como enfeites. Hojeda não se contentou com esses despojos e, levando consigo alguns prisioneiros como guias, atacou uma aldeia no interior, a doze milhas da costa, onde os fugitivos da cidade litorânea haviam se refugiado. Esses homens, embora nus, eram guerreiros; usavam escudos de madeira, alguns longos e outros curvos, também longas espadas de madeira, arcos e flechas e lanças cujas pontas eram endurecidas no fogo ou feitas de osso. Auxiliados por seus hóspedes, eles fizeram um ataque desesperado aos espanhóis, pois estavam emocionados com os infortúnios daqueles que haviam buscado refúgio com eles, depois de terem perdido suas esposas e filhos, cujo massacre pelos espanhóis haviam testemunhado. Os espanhóis foram derrotados e tanto o tenente de Hojeda, Juan de la Cosa,[3] o primeiro descobridor de ouro nas areias de Uraba, quanto setenta soldados caíram. Os nativos envenenaram suas flechas com o suco de uma erva mortífera. Os demais espanhóis encabeçados por Hojeda viraram as costas e fugiram para os navios, onde permaneceram, entristecidos e deprimidos com esta calamidade, até a chegada de outro líder, Diego de Nicuesa, no comando de doze navios. Quando Hojeda e Cosa partiram de Hispaniola, deixaram Nicuesa no porto de Beata ainda ocupada com seus preparativos. Sua força totalizava setecentos e oitenta e cinco soldados, pois ele era um homem mais velho que Hojeda e tinha maior autoridade; daí um maior número de voluntários, ao escolher entre os dois líderes, preferiu juntar-se à expedição de Nicuesa; além disso, foi relatado que Veragua, que havia sido concedida a Nicuesa pela patente real, era mais rica em ouro do que Uraba, que Alonzo de Hojeda havia obtido.

[Nota 3: Tal foi o triste fim do piloto de Colombo. O mapa mais antigo do Novo Mundo, agora preservado em Madri, foi obra desse notável cartógrafo.]

Assim que Nicuesa desembarcou, os dois líderes depois de conferenciar, decidiram que as primeiras vítimas deveriam ser vingadas,

então eles partiram naquela mesma noite para atacar os assassinos de Cosa e seus setenta companheiros. Era a última vigília da noite, quando surpreenderam os indígenas, cercando e ateando fogo à sua aldeia, que continha mais de cem casas. O número habitual de habitantes foi triplicado pelos refugiados que ali se abrigaram.

A aldeia foi destruída, pois as casas eram construídas de madeira coberta com folhas de palmeira. Da grande multidão de homens e mulheres, apenas seis bebês foram poupados, todos os outros foram assassinados ou queimados com seus pertences. Essas crianças contaram aos espanhóis que Cosa e os outros haviam sido cortados em pedaços e devorados por seus assassinos. Pensa-se, de fato, que os nativos de Caramairi são da mesma origem que os caribes, ou canibais, que comem carne humana. Muito pouco ouro foi encontrado entre as cinzas. Na verdade, é a sede de ouro, não menos que a cobiça de novos países, que levou os espanhóis a cortejar tais perigos. Tendo assim vingado a morte de Cosa e seus companheiros, eles retornaram a Cartagena.

Hojeda, que foi o primeiro a chegar, foi também o primeiro a partir, partindo com os seus homens em busca de Uraba, que está sob a sua jurisdição. No caminho para lá, ele chegou a uma ilha chamada La Fuerte, que fica a meio caminho entre Uraba e o porto de Cartagena. Ali pousou e a encontrou habitada por ferozes canibais, dos quais capturou dois homens e sete mulheres, os demais conseguindo escapar. Ele também juntou cento e noventa dracmas de ouro transformados em colares de vários tipos. Ele finalmente alcançou a extremidade leste de Uraba. Isso é chamado Caribana, porque é deste país que os caribes insulares derivam sua origem e, portanto, mantiveram o nome.[4] O primeiro cuidado de Hojeda foi dar proteção, e para isso construiu uma vila defendida por um forte. Tendo aprendido com seus prisioneiros que havia uma cidade a doze milhas no interior, chamada Tirufi, famosa por suas minas de ouro, ele fez os preparativos para sua captura. Os habitantes de Tirufi estavam prontos para defender seus direitos, e Hojeda foi repelido com perdas e desgraças; esses nativos também usavam flechas envenenadas na luta. Impulsionado pela necessidade, ele atacou outra aldeia alguns dias depois e foi ferido por uma flecha no quadril; alguns de seus companheiros afirmam que ele foi baleado por um indígena cuja esposa ele havia feito prisioneira. O marido aproximou-se e negociou amigavelmente com Hojeda o resgate da esposa, prometendo entregar, em dia fixo, a quantia em ouro que lhe fosse exigida. No dia combinado ele voltou armado com flechas e dardos, mas sem o ouro. Ele estava acompanhado por oito companheiros, todos prontos para morrer para vingar o dano causado aos habitantes de Cartagena e também ao povo da aldeia. Este indígena foi morto pelos soldados de Hojeda, e não pôde mais desfrutar das carícias de sua amada esposa; mas Hojeda, sob a influência do veneno, viu sua força diminuir diariamente.

[Nota 4: O local de origem dos caribes é contestado, algumas autoridades os localizam na Guiana, outros na Venezuela, outros nas Antilhas, etc.]

Nessa conjuntura chegou o outro comandante, Nicuesa, para quem a província de Veragua, situada a oeste de Uraba, havia sido designada como residência. Ele havia navegado com suas tropas do porto de Cartagena no dia seguinte à partida de Hojeda, tendo como destino Veragua, e entrado no golfo chamado pelos indígenas Coiba,

de quem o cacique se chamava Caeta. As pessoas da região falam uma língua totalmente diferente das de Cartagena e Uraba. Os dialetos até mesmo de tribos vizinhas são muito diferentes.[5] Por exemplo, em Hispaniola, um rei é chamado de _cacique_, enquanto na província de
Coiba ele é chamado _chebi_, e em outros lugares _tiba_; um nobre é chamado em Hispaniola _taino_, em Coiba _saccus_ e em outras partes _jura_.

[Nota 5: _La Bibliotheque Americaine_ de Leclerc contém uma lista das diferentes obras sobre línguas americanas. Consulte também Ludwig, _The Literature of American Aboriginal Languages_.]

Nicuesa procedeu de Coiba a Uraba, província de seu aliado Hojeda. Alguns dias depois, estando a bordo de um dos grandes navios mercantes chamados pelos espanhóis de caravelas, ordenou aos outros navios que o seguissem à distância, levando consigo dois navios com duplas remos, do tipo chamado bergantim. Posso aqui dizer que, no restante de minha narrativa, é minha intenção dar a esses bergantims, bem como a outros tipos de navios, os nomes que eles carregam na língua vulgar. Faço isso para ser mais claramente compreendido, independentemente dos dentes dos críticos que dilaceram as obras dos autores. A cada dia surgem novas carências, impossíveis de traduzir com o vocabulário que nos deixou a venerável majestade da antiguidade.

Após a partida de Nicuesa, Hojeda juntou-se um navio da Hispaniola com uma tripulação de sessenta homens comandados por Bernardino de Calavera, que o havia roubado. Nem o comandante marítimo, ou para falar mais claramente o almirante, nem as autoridades consentiram em sua partida. As provisões trazidas por este navio restauraram um pouco as forças dos espanhóis.

As queixas dos homens contra Hojeda aumentavam de dia para dia; pois eles o acusaram de tê-los enganado. Ele alegou em sua defesa que, em virtude dos poderes que detinha do rei, ele havia dirigido o bacharel Enciso, que era presidente do tribunal e a quem ele havia escolhido por causa de suas grandes habilidades legais, para segui-lo com um carregamento de provisões; e que ele ficou muito surpreso por este último não ter chegado há muito tempo. Falou a verdade, pois na hora da partida Enciso já tinha mais da metade dos preparativos. Os seus companheiros, porém, que se julgavam ludibriados, não acreditaram na sinceridade das suas afirmações sobre Enciso, e alguns deles planearam secretamente apoderar-se de dois bergantim de Hojeda, e regressar a Hispaniola. Ao descobrir esta trama, Hojeda decidiu antecipar-se ao seu plano e, deixando Francisco Pizarro, fidalgo[6] que comandava as fortalezas por ele construídas, tomou alguns dos seus homens e subiu a bordo do navio que referimos . A sua intenção era ir a Hispaniola, não só para recuperar da ferida na anca, mas também para saber as causas do atraso de Enciso. Ele prometeu a seus companheiros que voltariam em menos de cinquenta dias. Dos trezentos, restavam apenas cerca de sessenta homens, pois os outros morreram de fome ou foram mortos pelos nativos. Pizarro e seus homens se comprometeram a permanecer em seus postos até seu retorno dentro de cinquenta dias trazendo provisões e reforços. Passado o tempo estabelecido, vendo-se reduzidos pela fome, embarcaram nos bergantim e abandonaram Uraba.

[Nota 6: Pizarro estava longe de ser um nobre, sendo sua mãe uma camponesa e seu pai o capitão Gonzalo Pizarro.]

Durante a viagem para Hispaniola, uma tempestade os atingiu em alto mar, que naufragou um dos bergantim com toda a sua tripulação; e os sobreviventes relatam que viram distintamente, circulando ao redor do bergantim, um peixe gigantesco que quebrou o leme em pedaços com um golpe de sua cauda. Monstros marinhos gigantescos certamente existem nessas águas. Sem leme e fustigado pela tempestade, o bergantim afundou não muito longe da costa da ilha chamada La Fuerte, que fica a meio caminho entre Uraba e Cartagena. O restante bergantim que resistiu à tempestade foi repelido da ilha pelos nativos que correram de todas as direções armados com arcos e flechas.

Seguindo seu curso, Pizarro encontrou por acaso o bacharel Enciso entre a baía de Cartagena e o país chamado Cuchibacoa, que fica na foz do rio que os espanhóis chamam de Boiugatti ou bordel, porque foi lá que viram um gato pela primeira vez, e _boiu_ significa _casa_ na língua hispaniola.

Enciso tinha um navio carregado de toda espécie de provisões, mantimentos e roupas, e era seguido por um bergantim. Era ele cujo navio Hojeda esperava com impaciência. Ele havia deixado Hispaniola nos idos de setembro e quatro dias depois reconheceu as altas montanhas que Colombo descobriu pela primeira vez nesta região e que eles chamaram de La Sierra Nevada, por causa de suas neves perpétuas. No quinto dia, ele passou pelo Boca de la Sierpe. Os homens que embarcaram no seu bergantim disseram-lhe que Hojeda tinha regressado a Hispaniola, mas julgando que mentiam, Enciso ordenou-lhes, em virtude da sua autoridade de juiz, que regressassem à terra de onde tinham vindo. Eles seguiram Enciso obedientemente, mas, no entanto, imploraram-lhe que pelo menos lhes concedesse o favor de permitir que voltassem a Hispaniola ou os conduzisse ele mesmo a Nicuesa, prometendo em troca de seus bons serviços vinte e seis dracmas de ouro; pois, embora estivessem com falta de pão, eram ricos em ouro. Enciso fez-se surdo às suas súplicas, e afirmou que lhe era impossível desembarcar senão em Uraba, província de Hojeda, e foi para lá, guiado por eles, que dirigiu o seu rumo.

Ouça, no entanto, o que aconteceu com este juiz, e talvez, Santíssimo Padre, você ache digno de ser lembrado. Enciso ancorou na costa de Caramairiana, no porto de Cartagena, célebre pela castidade e graça de suas mulheres e pela coragem de ambos os sexos dos habitantes. Ao se aproximar para renovar o abastecimento de água e consertar o barco do navio, que havia sido danificado, ele ordenou que alguns homens desembarcassem. Eles foram imediatamente cercados por uma multidão de nativos, todos armados e que, por três dias, observaram seus trabalhos com a maior atenção, cercando-os. Durante este tempo nem o

Espanhóis nem nativos se engajaram em hostilidades, embora tenham permanecido frente a frente durante três dias inteiros, ambos em guarda e vigiando uns aos outros. Os espanhóis continuaram seu trabalho, os soldados protegendo os carpinteiros.

Durante esse período de suspense, dois espanhóis foram encher uma vasilha com água na foz do rio e, mais rapidamente do que posso escrever, um chefe nativo e dez soldados os cercaram, apontando suas flechas para eles, mas não atirando, contentando-se olhando para eles ferozmente. Um dos espanhóis fugiu, mas o outro ficou tremendo em seu caminho e, por meio de injúrias, chamou seu companheiro de volta.

Ele falou com o inimigo em sua própria língua, que aprendera com um dos cativos capturados em outro lugar, e eles, surpresos ao ouvir sua língua na boca de um estranho, foram apaziguados e responderam com palavras gentis. O soldado assegurou-lhes que ele e seus amigos eram apenas estranhos de passagem e ficou surpreso que eles expulsassem os navios da costa, ao longo da qual navegavam. Ele os acusou de desumanidade e os ameaçou com terríveis infortúnios se não abandonassem seu desígnio; pois ele assegurou-lhes que, a menos que eles não apenas depusessem as armas, mas recebessem os espanhóis com honra, outros estrangeiros armados, mais numerosos do que as areias, chegariam e devastariam seu país. Enciso foi informado de que dois soldados haviam sido apreendidos por indígenas, mas suspeitando de uma armadilha ordenou a seus soldados que levassem seus escudos para se protegerem das flechas envenenadas e, apressadamente colocando-os em ordem de batalha, conduziu-os até os que seguravam os prisioneiros. . Um sinal do soldado, pedindo-lhe que parasse, fê-lo parar e, ao mesmo tempo, o outro soldado que ele chamou disse-lhe que tudo ia bem e que os índios desejavam a paz, pois tinham descoberto que não foram eles que saquearam a aldeia da costa oposta, destruíram e queimaram outra aldeia no interior e levaram prisioneiros. Isso aludia às tropas de Hojeda. Os índios vieram com a intenção de vingar esse ultraje, mas não tinham intenção de atacar os inocentes, pois declararam que é infame atacar quem não os ataca. Os nativos depuseram seus arcos e flechas e receberam os espanhóis amigavelmente, dando-lhes peixe salgado e pão. Eles também enchiam seus barris com uma certa bebida feita de frutas e grãos nativos, que era quase tão boa quanto o vinho.

Após firmar a paz com o povo de Caramairi que, atendendo à convocação de seu cacique, reuniu-se em grande multidão, Enciso partiu para Uraba, passando pela ilha La Fuerte. Ele tinha cento e cinquenta novos soldados em seu navio, para substituir os que estavam mortos. Ele carregava doze cavalos e suínos, machos e fêmeas, para a propagação da espécie naquela região. Ele recebeu cinquenta canhões e um bom suprimento de lanças, escudos, espadas e outros materiais de combate. Nada, porém, de tudo o que ele trouxe viu serviço; pois quando ele estava prestes a entrar no porto, o capitão do navio que estava atuando como piloto, dirigiu-o para um recife de areia e o infeliz navio foi dominado pelas ondas e despedaçado. Todo o seu conteúdo foi perdido. Que visão lamentável! De todas as provisões, economizaram apenas doze barris de farinha, alguns queijos e uma pequena quantidade de biscoito. Todos os seus animais morreram afogados, e os homens, quase nus, com algumas de suas armas, foram salvos pelo bergantim e pelo bote do navio. Assim, de um infortúnio para outro, eles foram reduzidos ao extremo perigo de suas vidas e não pensaram mais em ouro.

Veja-os, portanto, vivos e seguros em vista da terra que eles desejaram de todo o coração. Era preciso, antes de tudo,

encontre algum meio de subsistência, pois os homens não vivem de ar e, como nada tinham de seu, tomavam o que era dos outros. Um recurso feliz aliviou seus infortúnios; pois encontraram um palmeiral não muito longe da costa, entre o qual e os pântanos vizinhos vagavam manadas de porcos selvagens. Eles viveram, portanto, por algum tempo da carne desses animais, que dizem ser menores que os nossos e têm uma cauda tão curta que parece ter sido cortada. Seus pés também são diferentes dos de nossos javalis, pois os pés

traseiros têm apenas um dedo e nenhum casco. Sua carne é muito mais suculenta e saudável do que a de nossos javalis.

Os espanhóis também comiam frutos e raízes de uma variedade de palmeiras, chamadas palmeiras de repolho, como se come no interior da Andaluzia, e de cujas folhas se fazem vassouras em Roma. Além disso, encontraram outras frutas no país, embora a maioria delas, mesmo as ameixas, ainda não estivessem maduras e fossem um tanto duras e de cor vermelha. Presumo que essas sejam as variedades que comi no mês de abril em Alexandria, onde cresciam em árvores que os judeus, versados na lei mosaica, afirmam ser o cedro do Líbano. Eles são comestíveis e doces, embora não sem um traço de amargura, lembrando o fruto das macieiras silvestres. Os nativos plantam esta árvore em seus jardins no lugar de pessegueiros, cerejeiras e outras árvores semelhantes, e a cultivam com o maior cuidado. Em tamanho, o caráter de seu tronco e suas folhas, assemelha-se muito ao jujubeiro.

Quando o javali cedeu, os espanhóis foram obrigados a pensar no futuro, então marcharam com suas tropas para o interior. Os habitantes do país Caribana são muito hábeis no uso de arcos e flechas. A tropa de Enciso consistia em um corpo de cem homens.[7] Eles encontraram três selvagens nus que, sem o menor medo, os atacaram. Os nativos feriram quatro com flechas envenenadas e mataram alguns outros, após o que, esgotadas suas aljavas, fugiram com a rapidez do vento, pois são extremamente ágeis. Em sua fuga, lançaram insultos aos espanhóis e nunca dispararam uma flecha que não atingisse o alvo. Muito deprimidos e inclinados a abandonar o país, os espanhóis voltaram ao ponto de partida, onde descobriram que os indígenas haviam destruído a fortificação construída por Hojeda, e incendiado a vila de trinta casas assim que Francisco Pizarro e seus companheiros, abandonados por Hojeda. , abandonou.

[Nota 7: O texto continua um tanto irrelevante: _dico centum pedites, etsi me non lateat constare centuriam ex centum viginti octo militibus, ut decuriam ex quindecim. Licet tamen de gente nuda scribenti, nudis uti verbis interdum_.]

A exploração do país convenceu os espanhóis de que a parte oriental de Uraba era mais rica e fértil do que a ocidental. Eles, portanto, dividiram suas forças e, com a ajuda de um bergantim, transportaram metade de seu povo para lá, a outra metade permanecendo na costa leste. O golfo tem vinte e quatro milhas de comprimento, ficando mais estreito à medida que penetra no interior. Muitos rios correm para o Golfo de Uraba, um dos quais, chamado Darien, [8] dizem, é mais afortunado que o Nilo.

[Nota 8: O nome _Darien_ aplica-se à parte oriental do istmo do Panamá, estendendo-se desde o Golfo de San Miguel até o de Uraba. O rio de mesmo nome forma um grande estuário no Golfo de San Miguel.]

Os espanhóis decidiram se instalar em suas margens verdes onde crescem árvores frutíferas. O leito do rio é estreito e sua corrente lenta. As pessoas ao longo das margens ficaram muito surpresas ao ver o bergantim, muito maior do que suas próprias barcas, navegando a todo vapor. Livrando-se de suas mulheres e homens não combatentes, e vestindo seus equipamentos de combate, cerca de quinhentos deles avançaram contra os espanhóis, tomando posição em uma colina elevada. Os espanhóis, comandados por Enciso, que era juiz em nome

de Hojeda, prepararam-se para o conflito. Primeiro, ajoelhados, general e soldados juntos oraram a Deus para lhes dar a vitória. Eles se comprometeram a fazer oferendas de ouro e prata à estátua da Santíssima Virgem, conhecida em Sevilha pelo nome de Santa Maria della Antigua, jurando fazer uma peregrinação ao seu santuário, para nomear em sua homenagem a aldeia fundassem, e construíssem uma igreja consagrada a ela ou transformassem a casa do cacique em igreja. Eles também fizeram um voto de não recuar diante do inimigo.

A um dado sinal, eles se armaram alegremente; carregando seus escudos no braço esquerdo, brandindo suas alabardas, eles atacaram o inimigo que, nu, não resistiu por muito tempo ao ataque e, consequentemente, fugiu, seu cacique Zemaco à sua frente. Tomando prontamente posse da aldeia, nossos homens encontraram abundância de comida nativa e saciaram sua fome imediata. Havia pão feito de raízes e pão feito de grãos, como descrevemos em nosso primeiro livro; também frutos que não se assemelham a nenhum dos nossos e que eles preservam, tanto quanto nós fazemos com castanhas e frutos semelhantes.

Os homens deste país andam nus, as mulheres cobrem o meio do corpo com panos de algodão do umbigo para baixo. Os rigores do inverno são desconhecidos. A foz do Darien está a apenas oito graus de distância do equador, portanto, a diferença de comprimento entre a noite e o dia é quase imperceptível. Embora os nativos sejam ignorantes em astronomia, eles observaram esse fato. Além disso, é de pouca importância se essas medidas são ou não diferentes daquelas que fornecem, pois em qualquer caso as diferenças são insignificantes.

No dia seguinte, os espanhóis subiram o rio e cerca de uma milha de distância encontraram florestas e bosques muito densos, nos quais suspeitaram que os nativos estavam escondidos ou tinham seu tesouro escondido. Eles vasculharam os matagais cuidadosamente; mantendo-se sempre em guarda contra uma surpresa, eles se moviam sob a proteção de seus escudos. Ninguém foi encontrado nos matagais, mas havia uma quantidade de ouro e efeitos, colchas tecidas de seda e de algodão, como os italianos chamam _bombasio_ e os espanhóis _algodon_; utensílios, tanto de madeira como de terracota, ornamentos e colares de ouro e cobre, totalizando cerca de cento e duas libras. Os nativos adquirem esses colares de ouro, que eles mesmos trabalham com grande cuidado, em troca de seus próprios produtos, pois geralmente acontece que um país rico em cereais não tem ouro. Por outro lado, onde o ouro e outros metais são comuns, o país costuma ser montanhoso, rochoso e árido; é na troca de produtos que se estabelecem as relações comerciais. Os espanhóis obtiveram satisfação e encorajamento de duas fontes: eles encontraram muito ouro e o acaso os levou a uma região agradável e fértil. Eles imediatamente convocaram seus companheiros, que haviam sido deixados na costa leste do Golfo de Uraba, para se juntarem a eles. No entanto, alguns alegam que o clima não é muito saudável, já que o país consiste em um vale profundo, cercado por montanhas e pântanos.

LIVRO II

Sabeis, Santíssimo Padre, onde resolveram instalar-se aqueles espanhóis sob o comando de Hojeda, tendo recebido dos soberanos

espanhóis autorização para colonizar as vastas regiões de Uraba. Deixando por um momento esses colonos, voltemos a Nicuesa, que comandava a grande província de Veragua.

Já contei como ele ultrapassara os limites da jurisdição de seu sócio e amigo Hojeda, e navegara com uma caravela e dois bergantim para Veragua. O maior desses navios havia sido deixado para trás com ordens de segui-lo, mas isso provou ser uma inspiração muito infeliz, pois Nicuesa perdeu de vista seus companheiros na escuridão e, navegando muito longe, foi além da foz do Veragua para o qual ele estava. olhando. Lopez de Olano, um catalão, que comandava uma das maiores embarcações, soube pelos nativos enquanto seguia na trilha de Nicuesa que seu comandante havia deixado o Golfo de Veragua para o leste. Ele, portanto, prontamente deu meia-volta e navegou ao encontro do comandante de outro bergantim, que também havia se desviado durante a noite. Este bergantim era comandado por Pedro de Umbria. Regozijando-se com o encontro, os dois capitães consultaram-se sobre o que deveriam fazer, tentando imaginar o que Nicuesa poderia ter feito. Refletindo, eles pensaram que ele (Nicuesa), sendo o comandante-chefe da expedição, devia ter indicações diferentes sobre a localização exata de Veragua do que eles, que eram simples voluntários, e apenas buscavam se juntar ao seu líder. Eles seguiram rumo a Veragua e, a uma distância de dezesseis milhas, encontraram um rio, descoberto por Colombo e chamado por ele de Los Lagartos, porque vários desses animais, chamados em espanhol _lagartos_, em latim _lacertos_ [1] foram encontrados lá. Essas criaturas são tão perigosas para os homens e outros animais quanto os crocodilos do Nilo. Nesse local encontraram seus companheiros que haviam ancorado suas grandes embarcações após receberem as ordens do líder para prosseguir. Muito perturbados com as possíveis consequências do erro de Nicuesa, os capitães dos navios consultaram-se e decidiram adotar a opinião dos capitães dos bergantim que haviam navegado muito perto da costa de Veragua; eles, portanto, navegaram para aquele porto. Veragua é um nome local dado a um rio que possui ricas jazidas de ouro; e do rio o nome estende-se a toda a região. As grandes embarcações ancoravam na foz do rio e desembarcavam todas as provisões por meio dos botes dos navios. Lopez de Olano foi eleito governador no lugar de Nicuesa, que se pensava estar perdido.

[Nota 1: Lagartos, pelos quais sem dúvida se entendem jacarés.]

Seguindo o conselho de Lopez e outros oficiais, os navios inutilizados pela idade foram abandonados para serem destruídos pelas ondas; esta decisão foi igualmente adotada para encorajar sérios projetos de colonização, cortando qualquer esperança de fuga. Com as madeiras mais maciças e com as vigas cortadas das árvores, que naquela vizinhança atingem às vezes uma altura e tamanho extraordinários, os espanhóis construíram uma nova caravela para atender a necessidades imprevistas.

Quando o capitão de um dos bergantim, Pedro de Umbria, chegou Veragua, uma catástrofe aconteceu. Sendo um homem de disposição irritável,

ele resolveu se separar de seus companheiros e procurar uma região onde pudesse se estabelecer independentemente. Ele selecionou doze marinheiros e partiu no barco do maior navio pertencente a um dos maiores navios. A maré sobe naquela costa com rugidos tão terríveis quanto os descritos como prevalecentes em Scylla, na Sicília,

arremessando-se contra as rochas que se projetam para o mar, de onde são lançados para trás com grande violência, causando uma agitação que os espanhóis chamam _resaca_.[2] O barco da Úmbria foi pego em um redemoinho como uma torrente de montanha que, apesar de seus esforços, o jogou no mar e afundou sua barca diante dos olhos de seus companheiros. Apenas um espanhol, que era um nadador habilidoso, conseguiu se salvar agarrando-se a uma rocha que se erguia um pouco acima das águas e resistiu à forte tempestade. No dia seguinte, quando o mar baixou e a maré deixou o recife seco, ele se juntou a seus companheiros e os outros onze morreram. Os outros espanhóis não se aventuraram a embarcar em suas barcas, mas desembarcaram direto dos bergantim.

[Nota 2: Significando a ressaca do surf.]

Após uma parada de alguns dias, eles subiram o rio e encontraram algumas aldeias nativas, chamadas na língua do país _mumu_. Eles começaram a trabalhar para construir um forte na margem e, como a região ao redor parecia estéril, eles semearam, como na Europa, um vale cujo solo parecia apto para cultivo. Enquanto essas coisas aconteciam em Veragua, um dos espanhóis, que estava estacionado em uma rocha alta que servia de vigia, lançando os olhos para o oeste, gritou "Uma vela! uma vela!" À medida que o navio se aproximava, viu-se que era uma barca a todo vapor. Os recém-chegados foram recebidos com alegria. O barco acabou por ser uma barca pertencente à caravela de Nicuesa, que só podia transportar cinco pessoas; mas, na verdade, havia apenas três homens a bordo. Esses homens haviam roubado a barca porque Nicuesa se recusou a acreditar neles quando lhe garantiram que ele havia passado além de Veragua, deixando aquele lugar para trás a leste. Vendo que Nicuesa e seus homens morriam de fome, resolveram tentar a sorte naquela barca e tentar descobrir Veragua por conta própria, e conseguiram. Descreveram Nicuesa como vagando sem rumo, depois de ter perdido sua caravela em uma tempestade, e que estava praticamente perdido entre salinas e costas desertas, desprovido de tudo e reduzido à mais miserável situação, pois por setenta dias não comeu nada além de ervas e raízes e bebeu nada além de água, da qual nem sempre tinha o suficiente. Tudo isso aconteceu porque, ao procurar Veragua, persistiu em seu curso para o oeste.

O país já havia sido reconhecido por aquele grande descobridor de vastas regiões, Cristóvão Colombo, que lhe deu o nome de _Gracias a Dios_; na língua nativa chamava-se _Cerabaro_. O rio que os espanhóis chamam de San Mateo divide-o em duas porções e dista cerca de cento e trinta milhas do oeste de Veragua. Não dou os nomes nativos deste rio nem de outras localidades, porque os próprios exploradores que regressaram à Espanha não os conhecem. O relato desses três marinheiros levou Pedro de Olano, um dos dois capitães de Nicuesa e seu juiz adjunto, a enviar um dos bergantins pilotados pelos mesmos marinheiros, para encontrar e trazer de volta Nicuesa. À sua chegada, Nicuesa ordenou que Olano, que havia sido nomeado governador enquanto aguardava seu retorno, fosse posto a ferros e preso, acusando-o de traição por ter usurpado a autoridade de governador e não ter se preocupado o suficiente, enquanto desfrutava do comando, com desaparecimento de seu chefe. Ele

da mesma forma o acusou de negligência ao enviar tão tarde para procurá-lo.

Da mesma forma, Nicuesa repreendeu a todos em termos arrogantes e, em poucos dias, ordenou que se preparassem para partir. Os colonos imploraram que ele não decidisse precipitadamente e esperasse pelo menos até que as colheitas que haviam semeado fossem colhidas, pois a época da colheita estava próxima. Quatro meses se passaram desde que eles haviam semeado. Nicuesa recusou-se a ouvir qualquer coisa, declarando que eles deveriam deixar um país tão infeliz o mais rápido possível. Ele, portanto, carregou tudo o que havia desembarcado no Golfo de Veragua e ordenou que os navios navegassem para o leste. Depois de navegar dezesseis milhas, um jovem genovês, chamado Gregorio, reconheceu as proximidades de um certo porto, para provar o que declarou que encontrariam enterrada na areia uma âncora que ali havia sido abandonada, e debaixo de uma árvore perto do porto, uma nascente de água límpida. Ao desembarcar, encontraram a âncora e a nascente, e agradeceram a excelente memória de Gregorio, que, sozinho entre os numerosos marinheiros que navegaram por esses mares junto com Colombo, se lembrava de alguma coisa sobre esses detalhes. Colombo batizou este lugar de Porto Bello.

A fome os induziu a desembarcar em vários lugares, e em todos os lugares sua recepção pelos nativos foi hostil. Os espanhóis foram agora reduzidos pela fome a tal estado de fraqueza que não podiam mais lutar contra os nativos, mesmo nus, que ofereciam a menor resistência. Vinte deles morreram de ferimentos de flechas envenenadas. Decidiu-se deixar metade da companhia em Porto Bello, e com a outra metade Nicuesa continuou sua viagem para o leste. Vinte e oito milhas de Porto Bello e perto de um cabo que Colombo anteriormente chamava de Marmor, ele decidiu fundar um forte, mas a falta de comida havia reduzido demais a força de seus homens para permitir esse trabalho. Nicuesa, no entanto, ergueu uma pequena torre, suficiente para resistir aos primeiros ataques dos nativos, que chamou de Nombre de Dios. Desde o dia em que deixou Veragua, não apenas durante sua marcha pelas planícies arenosas, mas também por causa da fome que prevaleceu enquanto construía a torre, ele perdeu duzentos dos homens que ainda sobreviveram. Foi assim que, pouco a pouco, sua numerosa companhia de setecentos e oitenta e cinco homens foi reduzida a cerca de cem.

Enquanto Nicuesa, com um punhado de criaturas miseráveis, lutava dessa maneira contra a má sorte, a rivalidade pelo comando irrompeu em Uraba. Um certo Vasco Nunez Balboa[3] que, na opinião da maioria, era um homem de acção mais do que de juízo, incitava os seus companheiros contra o desembargador Enciso, declarando que este não possuía patentes régias que lhe conferissem poderes judiciários. Não bastava o fato de ter sido escolhido por Hojeda para exercer o cargo de governador. Ele conseguiu impedir Enciso em suas funções, e os colonos de Uraba escolheram alguns de seus próprios homens para administrar a colônia; mas a discórdia não demorou a dividi-los, especialmente quando seu líder Hojeda não voltou. Eles pensaram que o último estava morto, por causa de seu ferimento, e discutiram entre si se deveriam convocar Nicuesa para substituí-lo. Alguns membros influentes do conselho que haviam sido amigos de Nicuesa e não podiam suportar a insolência de Vasco Nunez pensaram que deveriam vasculhar o país em busca de Nicuesa; pois eles ouviram ser relatado que ele havia abandonado Uraba por causa da esterilidade do solo. Possivelmente ele estava vagando em lugares desconhecidos como Enciso e outras vítimas de naufrágios; portanto, eles não deveriam descansar até descobrirem se ele e seus associados ainda viviam.

[Nota 3: Balboa era de uma família nobre de Xeres de los Caballeros, e nasceu em 1475. Ele veio para Hispaniola em 1500, onde sofreu extrema pobreza. Embarcou na embarcação de Enciso como clandestino.]

Vasco Nunez, que temia ser deposto do seu comando com a chegada de Nicuesa, tratou como tolos aqueles que ainda acreditavam que esta vivia. Além disso, mesmo que o fato fosse comprovado, eles não precisavam dele, pois não possuíam um título tão bom quanto Nicuesa? As opiniões estavam assim divididas, quando o capitão de dois grandes navios, Roderigo de Colmenares, chegou trazendo um reforço de sessenta homens, uma quantidade de alimentos e roupas.

Devo relatar alguns detalhes da viagem de Colmenares. Foi por volta dos idos de outubro de 1510 que os Colmenares partiram de Beata, porto de Hispaniola, onde costumam se armar as expedições. Nas nonas de novembro chegou à costa daquele imenso país de Paria, entre o porto de Cartagena e o distrito de Cuchibacoa, descoberto por Colombo. Ele sofreu igualmente durante esta viagem com os ataques dos nativos e com a fúria do mar. Com falta de água, parou na foz do rio chamado pelos nativos Gaira, que era grande o suficiente para que seus navios entrassem. Este rio tem diferentes nascentes em uma alta montanha coberta de neve, que os companheiros de Roderigo declararam ser a mais alta que já haviam visto. Esta afirmação deve ser verdadeira, já que a neve caiu sobre uma montanha que não está a mais de dez graus de distância do equador. Uma chalupa foi enviada a Gaira para encher os barris de água e, enquanto os marinheiros estavam empenhados nessa tarefa, viram um cacique acompanhado por vinte de seus homens se aproximando. Estranho de se ver, ele estava vestido com roupas de algodão e um manto, preso por uma faixa, caía de seus ombros até o cotovelo. Ele também usava outra túnica de desenho feminino. O cacique adiantou-se e amigavelmente aconselhou os nossos homens a não tomarem água naquele determinado local, por ser de má qualidade; ele mostrou-lhes de perto outro rio cujas águas eram mais saudáveis. Os espanhóis dirigiram-se ao rio indicado pelo cacique, mas foram impedidos pelo mau estado do mar de encontrar o seu fundo, pois as areias borbulhavam bastante, o que indicava que o mar estava cheio de recifes. Foram obrigados, portanto, a voltar ao primeiro rio, onde pelo menos poderiam ancorar com segurança. Aqui o cacique revelou suas intenções traiçoeiras, pois enquanto nossos homens estavam ocupados em encher seus barris, ele caiu sobre eles, seguido por setecentos homens nus, armados à moda nativa, apenas ele e seus oficiais vestidos. Ele agarrou a barca, que quebrou em pedaços, e em um piscar de olhos os quarenta e sete espanhóis foram perfurados por flechas, antes que pudessem se proteger com seus escudos. Houve apenas um homem que sobreviveu, todo o resto pereceu com os efeitos do veneno. Nenhum remédio contra esse tipo de veneno era então conhecido, e só mais tarde os ilhéus de Hispaniola o revelaram; pois existe uma erva em Hispaniola cujo suco, se administrado a tempo, neutraliza o veneno das flechas. Outros sete espanhóis escaparam do massacre e se refugiaram no tronco de uma árvore gigantesca escavada pelo tempo, onde se esconderam até a noite. Mas nem por isso escaparam, pois ao anoitecer partiu a nau de Colmenares, deixando-os à própria sorte, e não se sabe o que lhes aconteceu.

Para que eu não o canse se eu relatar todos os detalhes, Santíssimo Padre, omito a menção das mil aventuras perigosas através das quais

Colmenares finalmente alcançou o Golfo de Uraba. Ele ancorou na costa leste, que é estéril, e a partir desse ponto voltou

seus compatriotas na margem oposta vários dias depois. O silêncio em toda parte o surpreendeu; pois ele esperava encontrar seus camaradas naquelas partes. Perplexo com esse estado de coisas, ele se perguntou se os espanhóis ainda estavam vivos ou se haviam se estabelecido em outro lugar; e ele escolheu um excelente meio para obter informações. Ele carregou todos os seus canhões e morteiros até o cano com balas e pólvora e ordenou que fogueiras fossem acesas no topo das colinas. Os canhões foram todos disparados juntos, e sua tremenda detonação fez a própria terra ao redor do Golfo de Uraba tremer. Embora estivessem a vinte e quatro milhas de distância, que é a largura do golfo, os espanhóis ouviram o barulho e, vendo as chamas, responderam com fogos semelhantes. Guiado por essas luzes, Colmenares ordenou que seus navios cruzassem para a costa oeste. Os colonos de Darien estavam em uma situação miserável e, após o naufrágio do juiz Enciso, foi apenas com os maiores esforços que conseguiram sobreviver. Com as mãos levantadas para o céu e os olhos transbordando de lágrimas de alegria e tristeza misturadas, eles receberam Colmenares e seus companheiros com o entusiasmo que seu estado miserável permitia. Alimentos e roupas foram distribuídos a eles, pois estavam quase nus. Resta apenas, Santíssimo Padre, descrever as dissensões internas que eclodiram entre os colonos de Uraba sobre a sucessão ao comando, depois de terem perdido seus líderes.

LIVRO III

Os chefes colonos de Uraba e todos os amigos da ordem decidiram chamar Nicuesa de onde quer que ele estivesse, e como o juiz Enciso se opôs a essa medida, eles o privaram do bergantim que ele havia construído às suas próprias custas. Contra a sua vontade e contra a do aventureiro Vasco Nunez, resolveram ir à procura de Nicuesa para que ele resolvesse a disputa da comenda. Colmenares, a quem mencionei acima, foi ordenado a procurar ao longo daquelas costas onde se pensava que Nicuesa vagava abandonada. Sabia-se que este havia saído de Veragua, por causa da esterilidade do solo. Os colonos instruíram Colmenares a trazer Nicuesa de volta assim que pudesse encontrá-lo e a assegurar-lhe que lhe agradeceriam se, à sua chegada, conseguisse acalmar as dissensões que assolavam a colónia. Colmenares aceitou esta missão, pois era amigo pessoal de Nicuesa, e anunciou corajosamente que as provisões que trouxera se destinavam tanto a Nicuesa quanto aos colonos de Uraba. Ele, portanto, equipou um de seus navios e o bergantim, que havia sido levado de Enciso, carregando-os com uma parte das provisões que trouxera. Ele costeou cuidadosamente ao longo das costas vizinhas e finalmente encontrou Nicuesa empenhada em construir sua torre no Cabo Marmor.

Nicuesa era o mais miserável dos homens, reduzido a um esqueleto, coberto de farrapos. Restavam apenas sessenta dos setecentos e mais companheiros que partiram com ele, e os sobreviventes eram mais dignos de pena do que os mortos. Colmenares consolou seu amigo Nicuesa, abraçando-o com lágrimas, animando-o com palavras de esperança de uma mudança de fortuna e rápido sucesso. Lembrou-lhe que o melhor elemento dos colonos de Uraba desejava seu retorno, porque somente sua autoridade poderia acalmar as

dissensões que se alastravam. Agradecendo ao amigo, conforme a situação, Nicuesa embarcou com ele para Uraba.

É comum observar entre os homens que a arrogância acompanha o sucesso. Depois de ter chorado e suspirado e derramado queixas por suas misérias, depois de ter subjugado seu salvador, Colmenares, com agradecimentos e quase rolar a seus pés, Nicuesa, quando o medo da fome foi removido, começou, mesmo antes de ver os colonos de Uraba, para falar alegremente de seus projetos de reforma e de sua intenção de se apossar de todo o ouro que havia. Disse que ninguém tinha o direito de reter o ouro, sem a sua autorização, ou do seu sócio Hojeda. Estas palavras imprudentes chegaram aos ouvidos dos colonos de Uraba, e suscitaram contra Nicuesa a indignação dos partidários de Enciso, vice-juiz de Hojeda, e de Nuñez. Aconteceu, portanto, que Nicuesa, com sessenta companheiros, mal havia desembarcado, segundo consta, antes que os colonos o obrigassem a reembarcar, sobrecarregando-o de ameaças. Os colonos mais bem intencionados ficaram descontentes com esta manifestação, mas temendo uma sublevação da maioria encabeçada por Vasco Nunez, não interferiram. Nicuesa foi, portanto, obrigado a recuperar o bergantim, e ficaram com ele apenas dezessete de seus sessenta companheiros. Eram as calendas de março do ano de 1511 que Nicuesa zarpou com intenção de regressar a Hispaniola e aí se queixar da usurpação de Vasco Nunez e do tratamento violento infligido ao juiz Enciso.

Navegou em má hora e nunca mais se ouviu notícias desse bergantim. Acredita-se que o navio afundou e que todos os homens morreram afogados. Seja como for, Nicuesa mergulhou de uma calamidade em outra e morreu ainda mais miseravelmente do que antes.

Após a vergonhosa expulsão de Nicuesa, os colonos consumiram as provisões trazidas por Colmenares e logo, levados pela fome, foram obrigados a saquear os arredores da colônia como lobos da floresta. Uma tropa de cerca de cento e trinta homens foi formada sob a liderança de Vasco Nunez, que os organizou como um bando de bandidos. Encheu-se de vaidade, mandou com antecedência uma guarda, e teve outros para acompanhá-lo e segui-lo. Ele escolheu Colmenares[1] como seu associado e companheiro. Desde o início desta expedição ele decidiu apreender tudo o que pudesse encontrar no território dos caciques vizinhos, e começou por marchar ao longo da costa do distrito de Coiba, do qual já falamos. Convocando o cacique daquele distrito, Careca, de quem os espanhóis nunca tiveram razão de queixar-se, ordenou-lhe altivo e ameaçadoramente que desse provisões aos seus homens. O cacique Careca respondeu que era impossível, porque já em diversas ocasiões ajudara os cristãos e conseqüentemente suas próprias provisões estavam quase esgotadas. Além disso, em consequência de uma longa guerra com um cacique vizinho chamado Poncha, ele próprio foi reduzido à miséria. O aventureiro não admitiu nenhuma dessas razões, e o miserável Careca viu sua cidade ser saqueada. Ele próprio foi acorrentado e levado com suas duas esposas, seus filhos e toda a sua família para Darien.[2] Na casa de Careca encontraram três companheiros de Nicuesa, que, quando seus navios estavam ancorados, durante sua busca por Veragua, o haviam abandonado porque temiam ser julgados por certos crimes. Assim que a frota partiu, refugiaram-se junto de Careca que os recebeu amigavelmente. Dezoito meses se passaram desde aquela época, então eles estavam tão nus quanto os índios, mas gordos como os capões que as mulheres engordam em lugares escuros, pois viveram bem à mesa do cacique naquele período; nem se preocuparam com _meum_ e _tuum_, nem com quem deu e quem recebeu, que é a causa dos crimes de violência que abreviam a vida humana.

[Nota 1: O livro de memórias de Colmenares nesta expedição está contido

na _Coleccion de Viajes_ de Navarrete, tom. iii., pp. 386-393. Também
a carta de Balboa ao rei Fernando no mesmo volume.]

[Nota 2: a descrição de Balboa de seu tratamento com os nativos,
que ele escreveu para o rei, é exatamente o contrário. Ele se
orgulha de ter conquistado a amizade deles e atribui à afeição
deles por ele seu sucesso em descobrir os tesouros e segredos
do país.]

Esses espanhóis, no entanto, preferiram voltar a uma vida de
dificuldades. Provisões foram trazidas da aldeia de Careca para o povo
deixado para trás em Darien, pois a primeira consideração era evitar a
fome que era iminente. Se antes ou depois não sei bem, mas em todo o
caso foi pouco depois da expulsão de Nicuesa que irromperam as
desavenças entre o juiz Enciso e Vasco Nunez, cada um apoiado pelos
seus partidários. Enciso foi apreendido, jogado na prisão, e todos os
seus bens vendidos em leilão. Foi alegado que usurpou funções
judiciais que nunca lhe foram atribuídas pelo Rei mas apenas por
Hojeda, que se supunha morta, e Vasco Nunez declarou que não
obedeceria a um homem a quem o Rei não tivesse conferido
autoridade por patente régia . Deixou-se, porém, influenciar pelas
súplicas dos melhores colonos e modificou a sua severidade, libertando
mesmo Enciso das suas correntes e permitindo-lhe embarcar num
navio que o levaria à Hispaniola. Antes da partida do navio, alguns dos
melhores da colónia procuraram Enciso e imploraram-lhe que voltasse
a desembarcar, prometendo reconciliar-se com Vasco Nunez e
reintegrá-lo no cargo de juiz. Enciso recusou e foi embora; nem faltam
aqueles que sussurram que Deus e seus santos moldaram os
acontecimentos para punir Enciso pela expulsão de Nicuesa, que ele
havia aconselhado.

Seja como for, esses descobridores de novos países se arruinaram e se
esgotaram por sua própria loucura e conflito civil, falhando absolutamente
em subir à grandeza esperada de homens que realizam coisas tão
maravilhosas. Entretanto, foi decidido de comum acordo entre os colonos
enviar seus representantes ao jovem almirante,[3] filho e herdeiro de
Colombo, o primeiro descobridor, que era vice-rei de Hispaniola, e aos
demais funcionários do governo da ilha. Esses enviados deveriam
solicitar reforços e um código de leis para as novas colônias. Eles
deveriam explicar a verdadeira situação, a pobreza real dos colonos, as
descobertas já feitas e tudo o que ainda se poderia esperar, se os oficiais
apenas lhes enviassem suprimentos. Vasco Nunez escolheu para este
cargo um dos seus partidários, Valdivia, o mesmo que moveu o processo
contra Enciso. Associado a ele estava um catalão, chamado Zamudio.
Ficou combinado que Valdivia voltaria com provisões de Hispaniola,
quando sua missão fosse cumprida, e que Zamudio deveria seguir para a
Espanha e ver o rei. Ambos saíram ao mesmo tempo que Enciso, mas
era intenção deste último apresentar um memorial ao Rei contrariando as
representações de Valdivia e Zamudio. Esses dois homens vieram me
ver na Corte, e em outro lugar vou relatar o que eles me contaram.

[Nota 3: Diego, filho de Cristóvão Colombo e sua esposa, Dona
Moniz de Perestrello. Ele era casado com Dona Maria de Toledo.]

Nessa época, os miseráveis colonos de Darien libertaram o cacique
de Coiba, Careca, e até concordaram em servir como aliados dele
durante uma campanha contra o cacique chamado Poncha, que era
vizinho de Careca no continente. Careca concordou em fornecer
comida aos espanhóis e em se juntar a eles com sua família e

súditos. As únicas armas que esses nativos usavam eram arcos e flechas envenenadas, como já descrevemos era o caso daqueles na parte oriental além do golfo. Como não possuem ferro, utilizam no combate corpo a corpo longas espadas de madeira, que chamam de _machanas_. Eles também usam varas pontiagudas endurecidas no fogo, dardos com ponta de osso e outros projéteis. A campanha com a Poncha começou logo depois de terem semeado o melhor que puderam. Careca atuou tanto como guia quanto como comandante da vanguarda. Quando a sua vila foi atacada, Poncha fugiu, e a aldeia e os seus arredores foram saqueados. Graças às provisões do cacique, nada havia a temer da fome, mas nenhum desses mantimentos podia ser levado aos colonos que ficaram para trás, pois a distância entre Darien e a aldeia de Poncha era de mais de cem milhas, e tudo tinha que ser carregado às costas dos homens até à costa mais próxima onde jaziam as naus trazidas pelos espanhóis para a aldeia de Careca. Conseguiram-se algumas libras de ouro lavrado, na forma de diversos colares; depois de arruinar a Poncha, os espanhóis voltaram aos seus navios, decidindo deixar em paz os caciques do interior e limitar os seus ataques aos da costa.

Não muito distante, na mesma direção de Coiba, fica um país chamado Comogra, cujo cacique se chama Comogre, e contra ele os espanhóis desferiram seu próximo ataque. Sua cidade fica no sopé do outro lado da cadeia montanhosa vizinha, em uma planície fértil com cerca de doze léguas de extensão. Um parente de um dos principais oficiais de Careca, que havia brigado com ele, refugiou-se em Comogre. Este homem chamava-se Jura e atuou como intermediário entre os espanhóis e Comogre, cuja amizade ele garantiu para eles. Jura era muito conhecido dos espanhóis desde a expedição de Nicuesa, e foi ele quem recebeu em sua própria casa aqueles três desertores da companhia de Nicuesa durante sua estada. Quando a paz foi concluída, os espanhóis se dirigiram ao palácio de Comogre, que fica a cerca de trinta léguas de Darien, mas não em linha reta, pois as montanhas intermediárias os obrigaram a fazer longos desvios. Comogre teve sete filhos de mulheres diferentes, todos belos filhos ou jovens, sem roupas. Seu palácio era formado por vigas cortadas das árvores e firmemente presas umas às outras. Foi ainda reforçada por paredes de pedra. Os espanhóis estimaram as dimensões deste palácio em cento e cinquenta passos de comprimento e oitenta passos de largura. Seus tetos foram esculpidos e os pisos foram artisticamente decorados. Eles notaram um depósito cheio de provisões nativas do país e um porão cheio de barris de barro e barris de madeira, como na Espanha ou na Itália. Esses recipientes continham vinho excelente, não do tipo feito de uvas, pois eles não têm vinhedos, mas do tipo que eles fazem com três tipos de raízes e o grão que eles usam para fazer pão, chamado, como dissemos em nosso primeiro livro, iúca, idades e milho; eles também usam o fruto das palmeiras. Os alemães, flamengos e ingleses, assim como os alpinistas espanhóis no
As províncias bascas e as Astúrias, e os austríacos, suábios e suíços nos Alpes fazem cerveja de cevada, trigo e frutas da mesma maneira. Os espanhóis relatam que em Comogra bebiam vinhos brancos e tintos de diferentes sabores.

Atenda agora, Soberano Pontífice, a outra visão horripilante. Ao entrar nos aposentos internos do cacique, os espanhóis encontraram uma sala cheia de corpos suspensos em cordas de algodão. Eles perguntaram o motivo desse costume supersticioso e foram informados de que eram os corpos dos ancestrais de Comogre, que

foram preservados com muito cuidado, de acordo com a posição que ocuparam em vida; o respeito pelos mortos fazendo parte de sua religião. Máscaras douradas decoradas com pedras foram colocadas em seus rostos, assim como antigas famílias prestavam homenagem aos _Penates_. Em meu primeiro livro, expliquei como eles secam esses corpos esticando-os em grelhas com fogo lento por baixo, de forma que sejam reduzidos a pele e osso.

O mais velho dos sete filhos de Comogre era um jovem de inteligência extraordinária. Em sua opinião, era mais sensato tratar com bondade aqueles vagabundos espanhóis e evitar dar-lhes qualquer pretexto para os atos violentos que haviam cometido contra as tribos vizinhas. Presenteou, pois, quatro mil dracmas de ouro lavrado e setenta escravos a Vasco Nunez e a Colmenares, por serem os chefes. Esses nativos vendem e trocam entre si todos os artigos de que precisam e não têm dinheiro. Os espanhóis estavam empenhados no vestíbulo de Comogre, pesando seu ouro e outra quantidade quase igual que haviam obtido em outro lugar. Eles desejavam separar o quinto pertencente ao tesouro real; pois foi decidido que a quinta parte de todo o ouro, prata e pedras preciosas será reservada para os agentes do rei. O restante é dividido de acordo com o acordo. Várias disputas surgiram entre os espanhóis a respeito de suas ações. O filho mais velho de Comogre, o jovem sábio, que estava presente, golpeou a balança com o punho e espalhou o ouro em todas as direções, e chamando a atenção de nossos homens, falou em linguagem escolhida como segue:

"O que é isso, então, cristãos? É possível que vocês atribuam um valor tão alto a uma quantidade tão pequena de ouro? Vocês, no entanto, destroem a beleza artística desses colares, derretendo-os em lingotes. [Pois os espanhóis tinham seus instrumentos de fundição com eles.] Se a sua sede de ouro é tal que, para satisfazê-la, você perturba os povos pacíficos e traz desgraça e calamidade entre eles, se você se exila de seu país em busca de ouro, eu lhe mostrarei um país onde ele abunda e onde poderás saciar a sede que te atormenta. Mas para empreender esta expedição necessitas de forças mais numerosas, pois terás que conquistar governantes poderosos, que defenderão seu país até a morte. Mais do que todos os outros, o Rei Tumanama se oporá a tua avance, pois o reino dele é o mais rico de todos. Fica a seis sóis do nosso [eles contam os dias pelos sóis]; além disso, você encontrará tribos caribenhas nas montanhas, pessoas ferozes que vivem de carne humana, estão sujeitas a sem lei e sem país fixo. Conquistaram os montanheses por cobiçarem as minas de ouro, e por isso abandonaram seu próprio país. Eles transformam o ouro que obtêm com o trabalho dos miseráveis montanheses em folhas lavradas e diversos artigos como esses que você vê, e assim obtêm o que desejam. Eles têm artesãos e joalheiros que produzem esses colares. Não damos mais valor ao ouro bruto do que a um pedaço de barro, antes de ser transformado pela mão do trabalhador em um vaso que agrada ao nosso gosto ou atende às nossas necessidades. Esses caribes também fabricam cerâmicas artísticas que obtemos em troca dos produtos de nossas colheitas, como por exemplo nossos prisioneiros de guerra, que eles compram para alimentação, ou nossos estofados e diversos móveis. Também fornecemos os suprimentos de que precisam; porque vivem nas montanhas. Somente pela força das armas esse distrito montanhoso poderia ser penetrado. Uma vez do outro lado daquelas montanhas", disse ele, indicando com o dedo outra serra para o sul, "é visível outro mar que nunca foi navegado pelos vossos barquinhos [referindo-se às caravelas]. As pessoas andam nuas e vivem como nós,

mas usam velas e remos. Do outro lado da bacia hidrográfica, toda a encosta sul da cadeia montanhosa é muito rica em minas de ouro."

Tal foi o seu discurso, e acrescentou que o cacique Tumanama, e todos os montanheses que viviam na outra encosta da serra, usavam cozinha e outros utensílios comuns feitos de ouro; "porque o ouro", disse ele, "não tem mais valor entre eles do que o ferro entre vocês." Pelo que ouvira dos espanhóis, sabia o nome do metal usado em espadas e outras armas. Os nossos dirigentes maravilharam-se com o discurso daquele jovem nu que, graças aos três desertores que estiveram durante dezoito meses na corte do Careca, entenderam. Tomaram uma decisão digna do momento e, abandonando as discussões sobre a pesagem do ouro, começaram a brincar e a discutir amigavelmente as palavras e informações do jovem cacique. Eles perguntaram amigavelmente por que ele havia contado aquela história e o que deveriam fazer caso chegassem reforços. O filho de Comogre refletiu por um momento, como faz um orador que se prepara para um debate sério, pensando até mesmo nos movimentos corporais capazes de convencer seus ouvintes, e depois falou novamente da seguinte maneira, sempre em sua própria língua:

"Ouçam-me, cristãos: nós, os que andamos nus, não somos atormentados pela cobiça, mas somos ambiciosos e lutamos uns contra os outros pelo poder, cada um procurando conquistar o seu próximo. Isso, portanto, é a fonte de guerras frequentes e de todos os nossos infortúnios. Nossos ancestrais foram guerreiros. Nosso pai, Comogre, também lutou com seus caciques vizinhos, e fomos conquistadores e conquistados. Assim como você vê prisioneiros de guerra entre nós, como por exemplo aqueles setenta cativos Eu apresentei a você, assim também nossos inimigos capturaram alguns de nosso povo; pois essa é a sorte da guerra. Aqui está um de nossos servos que já foi escravo do cacique que possui tais tesouros de ouro e é o governante além das montanhas; lá este homem arrastou vários anos de uma existência miserável. Não apenas ele, mas muitos outros prisioneiros, assim como homens livres, que atravessaram aquele país e depois vieram até nós, conhecem esses detalhes desde que eles podem n lembre-se; no entanto, para convencê-lo da veracidade de minhas informações e dissipar suas suspeitas, eu mesmo irei como seu guia. Você pode me amarrar e me pendurar na primeira árvore se descobrir que não lhe contei a verdade exata. Convoque, portanto, mil soldados, bem armados para a luta, a fim de que, com sua ajuda e auxiliados pelos guerreiros de meu pai Comogre armados em seu estilo, possamos quebrar o poder de nossos inimigos. Desta forma, você obterá o ouro que deseja, e nossa recompensa por guiá-lo e ajudá-lo será nossa libertação de ataques hostis e do medo sob o qual nossos ancestrais viveram; e que destrói nosso gozo da paz."

Depois de falar assim, o sábio filho de Comogre manteve silêncio; e o amor ao ganho e a esperança do ouro deixaram nossos homens com água na boca.

LIVRO IV

Os espanhóis permaneceram vários dias naquele lugar, durante os quais batizaram o cacique Comogre, dando-lhe o nome de Carlos, em homenagem ao príncipe espanhol, e também toda a sua família com ele. Eles então se reuniram a seus companheiros em Darien,

prometendo, no entanto, enviar os soldados que seu filho desejava para ajudá-lo a cruzar a serra e alcançar o oceano do sul. Ao chegarem à aldeia, souberam que Valdivia havia retornado seis meses depois de sua partida, mas com muito poucas provisões, porque seu navio era pequeno. Ele trouxe, no entanto, a promessa de reforços e provisões rápidas. O almirante-vice-rei e os outros funcionários do governo de Hispaniola admitiram que até então não haviam pensado muito nos colonos de Darien, porque supunham que o juiz Enciso já havia navegado com um navio bem carregado. Eles garantiram aos colonos que no futuro eles cuidariam de suas necessidades. Por ora não dispunham de embarcação maior do que a que haviam emprestado a Valdivia e que bastava para suprir suas necessidades atuais.

Esta caravela era, de facto, uma caravela apenas no nome, e pela forma, mas não na qualidade. As provisões que Valdivia trazia bastavam apenas para as necessidades do momento, e poucos dias depois de sua chegada recomeçaram as misérias da fome, principalmente porque uma tromba d'água irrompeu do cume da montanha, acompanhada de terríveis relâmpagos e trovões, e derramou tais uma quantidade de lixo que as colheitas, plantadas no mês de setembro antes do início da campanha contra o cacique Comogre, foram varridas ou completamente enterradas. Consistiam no grão para panificação, que é chamado em Hispaniola de milho, e em Uraba _hobba_. Este milho é colhido duas vezes por ano, pois o frio do inverno é desconhecido neste país, devido à sua proximidade com o equador. O pão feito de hobba ou de milho é preferível ao pão de trigo para quem vive nesta região, porque é mais facilmente digerido. Isso está de acordo com as leis físicas, pois, à medida que o frio diminui, menos calor interno é gerado.

Assim frustradas as esperanças de uma colheita, e sabendo que os caciques vizinhos já haviam sido despojados de suas provisões e ouro, os espanhóis foram forçados a penetrar no interior em busca de comida. Ao mesmo tempo, eles enviaram para informar os oficiais em Hispaniola de sua angústia, e também das revelações de Comogre a eles sobre o oceano do sul. Era desejável que o rei da Espanha enviasse mil soldados com os quais pudessem atravessar as montanhas que separam os dois mares. Valdivia foi enviado de volta com essas cartas, e ele foi encarregado de entregar ao agente fiscal do rei em Hispaniola o quinto real devido ao tesouro, representado por trezentas libras de ouro, a oito onças a libra. Essa libra é chamada de _marc_ em espanhol e é composta por cinquenta moedas de ouro, chamadas castellanos. O peso de cada castellano, uma moeda castelhana, chama-se peso, e a soma total, portanto, era de quinze mil castellanos. O castellano é uma moeda um pouco inferior a um trigésimo de libra, mas seu valor excede o de um ducado de ouro. Esta moeda é peculiar a Castela e não é cunhada em nenhuma outra província. Pode-se concluir, portanto, da soma atribuída ao quinto real, que os espanhóis haviam tirado dos caciques mil e quinhentas libras de ouro, a oito onças por libra. Encontraram esse metal trabalhado em diversos formatos: colares, pulseiras, plaquinhas para usar no peito, brincos ou argolas para o nariz.

No terceiro dia dos idos de janeiro, Anno Domini 1511, Valdivia zarpou na pequena caravela com a qual acabara de voltar. Além das instruções enviadas por Vasco Nunez e do ouro destinado ao fisco régio, que já mencionamos, seus amigos lhe haviam confiado o tesouro para seus parentes na Espanha. Relatarei oportunamente o que aconteceu a Valdivia, mas, por ora, voltemos à colônia de Uraba.

Após a partida de Valdivia, os colonos, levados ao desespero pela fome, resolveram explorar o contorno do golfo, cuja extremidade mais remota dista cerca de oitenta milhas da entrada. Esta extremidade é chamada pelos espanhóis de Culata.[1]

[Nota 1: O extremo sul do golfo ainda ostenta o nome _Culata del golfo_.]

Vasco Nunez embarcou com cerca de cem homens a bordo de um bergantim e em algumas barcas nativas escavadas em troncos de árvores, chamadas pelos ilhéus de Hispaniola canoas, e pelos povos de Uraba, _uru_. O rio deságua no golfo naquele local vindo do leste e é dez vezes maior que o Darien. Subindo esse rio, os espanhóis navegaram trinta milhas, ou pouco mais de nove léguas, e virando à esquerda, que é para o sul, chegaram a uma aldeia nativa, cujo cacique se chamava Dobaiba. Em Hispaniola seus reis são chamados de caciques e em Uraba, _chebi_, com acento na última vogal. Soube-se que Zemaco, cacique de Darien, derrotado pelos espanhóis em batalha aberta, refugiou-se em Dobaíba. Este último, aconselhado, segundo se pensava, por Zemaco, fugiu, e assim evitou o ataque espanhol. O local estava deserto, embora um estoque de arcos e flechas, alguns móveis, redes e vários barcos de pesca tenham sido encontrados lá. Esses distritos, sendo pantanosos e baixos, são inadequados tanto para a agricultura quanto para as plantações de árvores, de modo que há poucos produtos alimentícios, e os nativos só os obtêm trocando com os vizinhos o peixe que têm além de suas necessidades. No entanto, sete mil castellanos de ouro foram recolhidos nas casas desertas, além de várias canoas, cerca de cem arcos e pacotes de flechas, todos os móveis e duas barcas nativas ou uru.

À noite, os morcegos enxameavam dos pântanos formados por este rio, e esses animais, grandes como pombos, atormentavam os espanhóis com suas dolorosas mordidas. Os que foram mordidos confirmaram esse fato, e o juiz Enciso que havia sido expulso, por mim questionado sobre o perigo de tais mordidas, disse-me que uma noite, quando dormia descoberto por causa do calor, havia sido mordido por um desses animais no calcanhar, mas que a ferida não tinha sido mais perigosa do que qualquer outra criatura não venenosa. Outras pessoas afirmam que a mordida é mortal, mas pode ser curada lavando-se imediatamente com água do mar; Enciso também falou sobre a eficácia desse remédio. A cauterização também é usada, pois é empregada para feridas causadas por flechas nativas envenenadas. Enciso teve experiência em Caribana, onde muitos de seus homens foram feridos. Os espanhóis voltaram para o Golfo de Uraba apenas parcialmente satisfeitos, pois não haviam trazido provisões. Uma tempestade tão terrível os atingiu naquele imenso abismo em sua viagem de volta, que eles foram obrigados a jogar no mar tudo o que haviam roubado daqueles pescadores miseráveis. Além disso, os uru, isto é, as barcas, foram perdidos e com eles alguns dos homens a bordo.

Enquanto Vasco Nunez explorava o extremo sul do golfo, Roderigo Colmenares avançava, conforme combinado, pelo leito do rio em direção às montanhas da costa oriental. A uma distância de cerca de quarenta milhas, ou seja, doze léguas da foz do rio, ele encontrou algumas aldeias construídas na margem do rio; o chefe, isto é, chebi, chamava-se Turvi. Colmenares ficou com aquele cacique, enquanto Vasco Nunez, que entretanto regressara a Darien, marchou ao seu encontro. Quando os homens das duas companhias se recuperaram um pouco com as provisões que Turvi forneceu, seus líderes continuaram sua marcha

juntos. Cerca de quarenta milhas distantes, eles descobriram uma ilha no rio, que era habitada por pescadores, e como encontraram canelas silvestres ali, deram à ilha o nome de Cannafístula. Havia cerca de sessenta aldeias em grupos de dez casas cada nesta ilha, e o rio do lado direito era grande o suficiente tanto para os barcos nativos quanto para os bergantim. A este rio os espanhóis deram o nome de Rio Negro.

A quinze milhas de sua foz encontraram uma aldeia composta de quinhentas casas esparsas, das quais o chebi ou cacique se chamava Abenamacheios. Todas as casas foram abandonadas assim que os espanhóis se aproximaram; e enquanto perseguiam os nativos, estes repentinamente se viraram, enfrentaram-nos e se lançaram sobre nossos soldados com o desespero de homens expulsos de suas casas. Eles lutaram com espadas de madeira, bastões com pontas endurecidas e dardos afiados, mas não com flechas; pois a população ribeirinha do lado oeste do golfo não usa flechas nas lutas. Essas pobres criaturas, estando de fato nuas, foram facilmente despedaçadas e, na perseguição, o cacique Abenamacheios e alguns de seus principais chefes foram capturados. Um soldado de infantaria, ferido pelo cacique, cortou-lhe o braço com um golpe de espada, embora contra a vontade dos comandantes. Os cristãos totalizaram cerca de cento e cinquenta homens, e os líderes deixaram metade deles nesta aldeia, continuando seu caminho com os outros em nove das barcas que chamei de uru.

Distante setenta milhas do rio Negro e da ilha de Cannafístula, os espanhóis, passando por vários riachos à direita e à esquerda que engrossavam o rio principal, entraram em outro sob a orientação de um chefe nativo que se encarregava dos barcos. O cacique do país ao longo de suas margens chamava-se Abibaiba.

Toda a região era pantanosa e a casa principal do cacique era construída em uma árvore. Morada nova e desacostumada! O país, no entanto, tem árvores tão altas que os nativos podem facilmente construir casas entre seus galhos. Lemos algo desse tipo em diferentes autores que escrevem sobre certas tribos que, quando as águas estão subindo, se refugiam nessas árvores altas e vivem dos peixes pescados em seus galhos. Eles colocam vigas entre os galhos, unindo-os com tanta firmeza que resistem aos ventos mais fortes. Os espanhóis acreditam que os nativos vivem assim nas árvores porque as inundações são frequentes, pois essas árvores são tão altas que nenhum braço humano poderia alcançá-las com uma pedra. Não me surpreendo mais com o que Plínio e outros escritores registram sobre as árvores da Índia que, em razão da fertilidade do solo e da abundância de água, atingem uma altura tal que ninguém poderia atirar uma flecha sobre elas. Além disso, acredita-se comumente que o solo deste país e o suprimento de água são iguais aos de qualquer outra terra sob o sol. As árvores acima mencionadas foram medidas para serem de tal tamanho que sete ou oito homens, com os braços estendidos, mal conseguiam alcançá-las. Os nativos têm adegas subterrâneas onde guardam os vinhos que mencionamos anteriormente. Embora a violência do vento não possa derrubar suas casas ou quebrar os galhos das árvores, eles ainda são balançados de um lado para o outro, e esse movimento estragaria o vinho. Tudo o mais que eles precisam, eles guardam com eles nas árvores, e sempre que os chefes principais ou caciques almoçam ou jantam, os servos trazem o vinho por meio de escadas presas aos troncos das árvores, e eles são tão rápidos quanto nossos criados que, em piso plano, servem as bebidas de um aparador próximo à mesa.

Aproximando-se da árvore de Abibaiba, iniciou-se uma discussão entre ele e os espanhóis; o último oferecendo-lhe paz e implorando-lhe que descesse. O cacique recusou e implorou para poder viver à sua maneira. Promessas foram seguidas de ameaças, e ele foi informado de que, se não descesse com toda a família, eles cortariam ou colocariam fogo na árvore. Uma segunda vez Abibaiba recusou, então eles atacaram a árvore com machados; e quando o cacique viu as fichas voando mudou de ideia e desceu, acompanhado de seus dois filhos. Eles começaram a discutir sobre paz e ouro. Abibaiba declarou que não tinha ouro e que, como nunca precisara dele, não se dera ao trabalho de consegui-lo. Insistindo os espanhóis, o cacique disse: "Se a tua cobiça é tal, buscarei ouro para ti nas montanhas vizinhas e quando o encontrar trarei para ti; pois se encontra naquelas montanhas que vês." Ele fixou um dia em que voltaria, mas nem então nem depois ele reapareceu.

Os espanhóis voltaram carregados com as provisões e os vinhos do cacique, mas sem o ouro com que contavam. No entanto, Abibaiba, seus súditos e seus filhos deram as mesmas informações sobre as minas de ouro e os caribes que vivem de carne humana, como mencionei, assim como os de Comogra. Subiram o rio mais trinta milhas e chegaram às cabanas de alguns canibais, mas as encontraram vazias, pois os selvagens, alarmados com a aproximação dos espanhóis, haviam se refugiado nas montanhas, carregando tudo o que possuíam nas costas.

LIVRO V

Enquanto estas coisas aconteciam nas margens deste rio, um oficial chamado Raia, que Vasco Nunez e Colmenares haviam deixado no comando do acampamento do Rio Negro no território do cacique Abenamacheios, levado pela fome ou pela fatalidade, aventurou-se a explorar o bairro com nove de seus companheiros. Dirigiu-se à aldeia vizinha do cacique Abraibes, e ali Raia e dois companheiros foram massacrados por aquele cacique, os outros conseguindo fugir. Alguns dias depois, Abraibes, simpatizando com seu parente e vizinho Abenamacheios, que havia sido expulso de sua casa e teve o braço cortado por um de nossos soldados de infantaria, deu a este último refúgio em sua casa, após o que procurou Abibaiba. , o cacique que vivia em uma árvore. Este último, tendo sido expulso de sua residência, também evitou o ataque dos espanhóis e vagou pelas regiões mais inacessíveis das montanhas e florestas.

Abraibes dirigiu-se a Abibaiba nas seguintes palavras: "O que é isto que está acontecendo, ó infeliz Abibaiba? Que raça é esta que não nos deixa, infelizes que somos, ter paz? E até quando vamos suportar a crueldade deles? melhor morrer do que se submeter a tantos abusos que você sofreu deles? E não só você, mas nossos vizinhos Abenamacheios, Zemaco, Careca, Poncha e todos os outros caciques nossos amigos? Eles levaram nossas mulheres e filhos para o cativeiro antes nossos próprios olhos, e eles se apoderam de tudo o que possuímos como se fosse seu butim. Devemos suportar isso? A mim eles ainda não

atacado, mas a experiência dos outros me basta, e sei que a hora da minha ruína não está muito distante. Vamos então unir nossas forças e

tentar lutar contra aqueles que maltrataram Abenamacheios e o expulsaram de sua casa, e quando estes primeiros forem mortos os outros temerão nos atacar, ou se o fizerem, será em número reduzido, e de qualquer forma será mais suportável para nós." na noite anterior ao dia marcado para o ataque, trinta dos soldados que haviam atravessado a serra contra os canibais foram mandados de volta para socorrer a guarnição deixada em Rio Negro, em caso de ataque, e também porque os espanhóis estavam desconfiados. os caciques invadiram a aldeia ao amanhecer com quinhentos de seus guerreiros armados à maneira nativa e gritando descontroladamente. Eles ignoravam os reforços que haviam chegado durante a noite. Os soldados avançaram para enfrentá-los, usando seus escudos para se protegerem; e primeiro atirando flechas e dardos e depois usando suas espadas nativas, eles caíram sobre seus inimigos. Esses nativos, encontrando-se envolvidos com mais adversários do que haviam imaginado, foram facilmente derrotados; a maioria foi morta como ovelhas em pânico. Os chefes escaparam. Todos os que foram capturados foram enviados como escravos para Darien, onde foram colocados para trabalhar nos campos.

Depois destes acontecimentos, e deixando aquela região pacificada, os espanhóis desceram o rio e regressaram a Darien, colocando uma guarda de trinta homens, comandada por um oficial, Hurtado,[1] para ocupar aquela província. Hurtado desceu o Rio Negro para se juntar a seu líder, Vasco Nuñez, e seus companheiros. Ele estava usando uma dessas grandes barcas nativas e trazia consigo doze companheiros, uma cativa e vinte e quatro escravos. De repente, quatro uru, ou seja, barcas escavadas em troncos de árvores, atacaram-no pelo flanco e viraram seu barco. Os espanhóis navegavam tranquilamente sem sonhar com a possibilidade de um ataque, e sua barca de repente virou todos aqueles que os nativos conseguiram pegar foram massacrados ou afogados, exceto dois homens, que agarraram alguns troncos de árvores flutuantes e, escondendo-se no galhos, deixaram-se levar, sem serem vistos pelo inimigo, e assim conseguiram se juntar aos companheiros.

[Nota 1: _Furatado quodam decurione. Licet decurione more romano non sintdicti praecise quindecim milites quos regat, centurionique centum viginti octo, centuriones tamen ultro citroque centenarium numerum, et ultro citroque denum, decurionem est consilium appellare; nec enim hos servo ordena hispani ex amussim, cogimurque nomine rebus et magistratibus dare_. Assim, Pedro Mártir pela segunda vez justifica seu conhecimento dos termos militares romanos e seu uso deles. Sua explicação é estranha à narrativa.]

Alertados do perigo por aqueles dois homens que escaparam da morte, os espanhóis desconfiaram de tudo. Eles ficaram alarmados com sua segurança e lembraram que só escaparam de uma calamidade semelhante no Rio Negro porque receberam o reforço de trinta homens na noite anterior ao ataque. Eles realizaram freqüentes conselhos de guerra, mas em meio a suas hesitações não chegaram a nenhuma decisão. Depois de uma investigação cuidadosa, eles finalmente descobriram que cinco caciques haviam marcado um dia para o massacre de cristãos. Esses cinco eram: Abibaiba, que vivia na mata pantanosa; Zemaco, que fora expulso de casa; Abraibes e Abenamacheios, os caciques dos rios; e Dobaiba, o cacique dos pescadores, vivendo na extremidade do golfo chamado

Culata. Este plano teria sido executado, e foi apenas por um milagre, que devemos examinar com clemência, que o acaso revelou a trama

dos caciques. É uma história memorável e vou contá-la em poucas palavras.

Este Vasco Nunez, um homem de ação mais do que de julgamento, era um rufião flagrante, que havia obtido autoridade em Darien pela força e não pelo consentimento dos colonos; entre as numerosas mulheres nativas que ele raptou, havia uma de beleza notável. Um de seus irmãos, oficial muito favorecido pelo cacique Zemaco, vinha visitá-la com frequência. Ele também havia sido expulso de seu país, mas como amava sua irmã calorosamente, falou com ela nas seguintes palavras:

“Ouça-me, minha querida irmã, e guarde para si o que vou lhe dizer. A insolência desses homens, que nos expulsaram de nossas casas, é tal que os caciques do país estão decididos a não mais se submeter à sua tirania. Cinco caciques [que ele nomeou um após o outro] se juntaram e coletaram cem uru. Cinco mil guerreiros em terra e água estão preparados. Provisões foram coletadas na província de Tichiri, para a manutenção desses guerreiros, e os caciques têm já dividiram entre si as cabeças e os bens dos espanhóis".

Ao revelar essas coisas à irmã, o irmão a advertiu para se esconder em um determinado dia, caso contrário ela poderia ser morta na confusão da luta. O guerreiro conquistador não dá trégua àqueles que ele derrota. Ele concluiu contando a ela o dia marcado para o ataque. As mulheres geralmente guardam melhor o fogo do que um segredo,[2] e assim aconteceu que esta jovem, ou porque amava Vasco Nunez ou porque em seu pânico esqueceu seus parentes, parentes e vizinhos, bem como o os caciques que ela traiu até a morte, o revelaram ao amante, sem omitir nenhum dos detalhes que o irmão imprudentemente lhe confidenciara. Vasco Nunez mandou esta Fúlvia convidar o irmão a regressar, e ele de imediato atendeu ao convite da irmã. Foi preso e obrigado a confessar que o cacique Zemaco, seu mestre, enviara aqueles quatro uru para o massacre dos espanhóis, e que a trama fora concebida por ele. Zemaco encarregou-se de matar Vasco Nunez, e quarenta dos seus, que enviara por acto de amizade para semear e cultivar os campos de Vasco, tinham sido por ele ordenados a matar o chefe com as suas ferramentas agrícolas. Vasco Nunez encorajava habitualmente os seus trabalhadores ao trabalho, visitando-os com frequência, e os homens do cacique nunca se aventuraram a cumprir as suas ordens, porque Vasco nunca ia entre eles senão a cavalo e armado. Ao visitar seus trabalhadores, ele montava uma égua e sempre carregava uma lança na mão, como os homens fazem na Espanha; e foi por isso que Zemaco, vendo frustrados os seus desejos, concebeu a outra trama que resultou tão desastrosa para si e para a sua gente.

[Nota 2: Literalmente, _Puella vero, quia ferrum est quod feminae observant, magis quam Catonianam gravitatem_.]

Assim que a conspiração foi descoberta, Vasco Nunez, reunindo setenta homens, ordenou que o seguissem, sem no entanto dizer a ninguém o seu destino nem as suas intenções. Cavalgou primeiro até à aldeia de Zemaco, a cerca de dez milhas de distância, onde soube que Zemaco tinha fugido para Dabaiba, o cacique dos pântanos da Culata. Seu tenente principal (chamado em sua língua _sacchos_, assim como

seus caciques são chamados chebi) foi apreendido, juntamente com todos os seus outros servos, e levado em cativeiro. Vários outros nativos de ambos os sexos também foram capturados. Simultaneamente,

Colmenares embarcou sessenta soldados nos quatro uru e partiu rio acima em busca de Zemaco. O irmão da jovem serviu de guia. Chegando à aldeia de Tichiri, onde tinham sido recolhidas as provisões para o exército, Vasco Nunez tomou posse do local e apoderou-se das provisões de vinhos de várias cores, como já notámos em Comogra, e provisões nativas de diversas espécies. O sacchos de Tichiri, que havia agido como intendente do exército, foi capturado junto com quatro dos principais oficiais, pois não esperavam a chegada dos espanhóis. O sacchos foi enforcado em uma árvore que ele mesmo havia plantado e atirado com flechas à vista dos nativos, e os outros oficiais foram enforcados por Colmenares em andaimes, para servir de exemplo aos demais. Este castigo dos conspiradores aterrorizou tanto toda a província que não sobrou ninguém para levantar um dedo contra a torrente da cólera espanhola. A paz foi assim estabelecida, e seus caciques dobrando seus pescoços sob o jugo não foram punidos. Os espanhóis desfrutaram de alguns dias de fartura, graças ao depósito bem abastecido que capturaram em Tichiri.[3]

[Nota 3: Esta lamentável história de traição nativa é frequentemente repetida e explica a escravização, a queda e, em parte, o extermínio das tribos americanas. Em todos os lugares eles traíram um ao outro para a ruína final de todos.]

LIVRO VI

Na assembleia geral convocada pouco depois, os colonos decidiram por unanimidade enviar um enviado a Hispaniola para pedir reforços e a nomeação de um juiz. O mesmo enviado seguiria para a Espanha onde primeiro explicaria ao Almirante e seus oficiais e depois ao Rei tudo o que havia acontecido, e procuraria persuadir Sua Majestade a enviar os mil soldados que o filho de Comogre declarou que seriam necessário para a expedição através das montanhas para o Mar do Sul. Vasco Nunez procurou ser escolhido para esta missão, mas os seus companheiros recusaram-lhe os votos, e os seus adeptos não o deixaram ir; não só porque se sentiriam abandonados, mas porque desconfiavam que, uma vez fora dela, o Vasco não voltaria a tamanha fornalha de calamidades, a exemplo de Valdivia e Zamudio, que haviam despachado no mês de janeiro, e quem, eles pensaram, não tinha intenção de voltar. Neste último eles estavam errados, como mostraremos no lugar apropriado, pois aqueles homens estavam mortos.

Depois de várias votações sem resultado, os colonos finalmente escolheram um certo Juan Quevedo, um homem sério de idade madura, que era agente do tesouro real em Darien. Eles tinham plena confiança de que Quevedo conduziria esse negócio com sucesso e contavam com seu retorno porque ele havia trazido sua esposa com ele para o novo mundo e a estava deixando na colônia como penhor. Assim que Quevedo foi eleito, foram expressas várias opiniões a respeito de um associado para ele. Algumas pessoas diziam que era arriscado confiar um assunto tão importante a um homem; não que desconfiassem de Quevedo, mas a vida humana é incerta, sobretudo se se considerar que as pessoas acostumadas a um clima próximo do equador estariam expostas ao voltar para o norte a frequentes mudanças de clima e alimentação. Era necessário, portanto, providenciar um associado para Quevedo, para que, se um morresse o outro sobrevivesse e se ambos escapassem da morte, o Rei depositaria mais confiança em seu duplo

relato. Muito tempo foi gasto em debater este ponto, e finalmente eles decidiram escolher Roderigo Colmenares, cujo nome eu mencionei freqüentemente. Ele era um homem de grande experiência; em sua juventude, ele viajou por terra e mar por toda a Europa e participou das guerras italianas contra os franceses. O que fez os colonos escolherem Colmenares foi o fato de que, se ele fosse embora, poderiam contar com sua volta, pois ele havia adquirido propriedades em Darién e gastou grandes somas no plantio. Ele esperava vender suas colheitas como estavam e obter o ouro de seus companheiros em troca. Ele, portanto, deixou o cuidado de suas propriedades para um cidadão de Madrid, um certo Alonzo Nunez, que era seu camarada. Este homem era juiz e quase fora escolhido pelos colonos como enviado em lugar de seu amigo Colmenares; e de fato ele teria sido eleito, mas um de seus companheiros explicou que ele tinha uma esposa em Madri. Temia-se, portanto, que as lágrimas de sua esposa o impedissem de voltar, então Colmenares, estando livre, foi escolhido como sócio de Quevedo. Não tendo à sua disposição um navio maior, os dois homens navegaram num bergantim, no quarto dia das calendas de novembro do ano da graça de 1512.

Durante a viagem, foram fustigados por muitas tempestades e finalmente foram lançados na costa oeste daquela grande ilha que por muito tempo se pensou ser um continente e que em minha primeira década expliquei que se chamava Cuba. Eles foram reduzidos à mais extrema necessidade, pois três meses se passaram desde que deixaram Darien. Eles foram, portanto, forçados a desembarcar para pedir ajuda aos ilhéus e, por acaso, se aproximaram daquele lado da ilha onde Valdivia também havia sido arrastado para a praia por tempestades. Ah! infelizes criaturas! vocês colonos de Darien, que esperam o retorno de Valdivia para aliviar seus sofrimentos. Mal havia desembarcado, ele e seus companheiros foram massacrados pelos cubanos, a caravela despedaçada e abandonada na praia. Ao verem algumas pranchas daquela caravela meio enterradas na areia, os enviados lamentaram a morte de Valdivia e seus companheiros. Não encontraram corpos, pois estes haviam sido lançados ao mar ou servido de alimento aos canibais, pois estes últimos freqüentemente faziam incursões em Cuba para obter carne humana. Dois ilhéus capturados relataram a morte de Valdivia, provocada pelo amor ao ouro. Esses ilhéus confessaram que, tendo ouvido falar de um dos companheiros de Valdivia que ele tinha ouro, eles planejaram assassiná-lo porque também amavam colares de ouro.

Horrorizados com esta catástrofe, e sentindo-se incapazes de vingar os seus companheiros, os espanhóis decidiram fugir daquela terra bárbara e da monstruosa crueldade daqueles selvagens. Eles, portanto, continuaram sua viagem, atordoados com o massacre de seus companheiros e sofrendo severamente de penúria. Depois de deixar para trás a costa sul de Cuba, mil acontecimentos desagradáveis os atrasaram ainda mais. Eles souberam que Hojeda também havia desembarcado e que ele havia sido levado por tempestades nestas costas, onde levava uma existência miserável. Ele suportou mil aborrecimentos e mil tipos diferentes de sofrimentos. Depois de ter sofrido a perda de seus companheiros ou de vê-los ofegando de fome, foi levado para Hispaniola quase sozinho.

Ele chegou quase morto e morreu devido aos efeitos do ferimento que recebeu dos nativos de Uraba. Enciso, o desembargador eleito, havia navegado por esta mesma costa, mas com melhor fortuna, pois tivera tempo favorável.

Ele mesmo me contou essas coisas na Corte, e acrescentou que os nativos de Cuba o receberam bem, principalmente o povo de um certo cacique chamado El Comendador [o Comendador]. Quando este chefe estava para ser batizado por alguns cristãos que passavam, perguntou-lhes como se chamava o governador da ilha vizinha de Hispaniola, e foi-lhe respondido que se chamava El Comendador.[1] O governador daquela ilha era naquele período, um ilustre cavaleiro da Ordem de Calatrava, e os cavaleiros daquela Ordem levam o título de Comendador. O cacique prontamente declarou que desejava ser chamado de El Comendador; e foi ele quem hospedou Enciso, quando desembarcou, e supriu todas as suas necessidades.

[Nota 1: Don Nicholas de Ovando, Comendador de Lares, e mais tarde Grão-Mestre da Ordem de Calatrava.]

Segundo Enciso, agora é a hora, Santíssimo Padre de quem recebemos nossa religião e nossas crenças, de pregar aos ilhéus. Um marinheiro desconhecido, [2] que estava doente, havia sido deixado por alguns espanhóis que navegavam ao longo de Cuba, com o cacique El Comendador, e esse marinheiro foi muito gentilmente recebido pelo cacique e seu povo. Quando recuperou a saúde, muitas vezes serviu o cacique como tenente em suas expedições, pois os ilhéus muitas vezes estão em guerra uns com os outros; e El Comendador sempre foi vitorioso. O marinheiro era uma criatura ignorante, mas um homem de bom coração, que cultivava uma peculiar devoção à Santíssima Virgem, Mãe de Deus. Ele até carregava consigo, tão constantemente quanto suas roupas, uma imagem da Santíssima Virgem, muito bem pintada em papel, e declarou a El
Comendador que foi por isso que sempre foi vitorioso. Ele também persuadiu este último a abandonar os zemes que o povo adorava, porque declarou que esses goblins noturnos eram inimigos das almas, e instou o cacique a escolher como padroeira a Virgem Mãe de Deus, se desejasse todos os seus empreendimentos, tanto na paz e na guerra, para ter sucesso. A Virgem Mãe de Deus nunca foi surda à invocação de seu santo nome por um coração puro. O marinheiro obteve uma pronta audiência desses ilhéus nus. A pedido do cacique, deu-lhe a imagem da Virgem e consagrou-lhe uma igreja e um altar. Os zemes, a quem seus ancestrais adoravam, foram abandonados. Esses zemes, Santíssimo Padre, são os ídolos feitos de algodão, dos quais falei longamente no décimo livro de minha primeira década. Seguindo as instruções do marinheiro, o cacique El Comendador e toda a sua gente de ambos os sexos iam todos os dias ao entardecer à capela dedicada à Virgem. Entrando, eles se ajoelharam e reverentemente inclinando suas cabeças e juntando suas mãos saudaram a imagem por repetidas invocações, _Ave Maria, Ave Maria_; pois havia muito poucos que aprenderam toda a oração.

[Nota 2: Las Casas conta uma história idêntica sobre Alonso de Hojeda, que deu uma imagem da Santíssima Virgem a um cacique de Cueyba. Durante a campanha que terminou com a conquista de Cuba, Las Casas ofereceu-se para trocar uma estátua flamenga pela que Hojeda havia deixado lá, mas o cacique recusou e, levando sua imagem, fugiu para a floresta, para não ser forçado a trocá-la. . As duas histórias, sem dúvida, referem-se ao mesmo incidente, embora pareça estranho que Pedro Mártir não tenha identificado Hojeda como o "desconhecido

marinheiro." Ver Las Casas, _Hist. de las Indias_, tom, iv., cap. xix.: _B. Las Casas, sua vida, seu apostolado e seus escritos_, cap iv.]

Quando Enciso e seus companheiros desembarcaram ali, os índios os pegaram pelas mãos e os conduziram alegremente até a capela, declarando que iam mostrar-lhes algo maravilhoso. Eles apontaram para a imagem sagrada cercada, como se por uma guirlanda, por pratos cheios de comida e bebida. Eles ofereciam esses presentes à imagem, assim como antigamente faziam em sua própria religião aos zemes. Eles dizem que com tais oferendas eles fornecem para a imagem caso ela esteja com fome, pois eles acreditam que ela pode passar fome.

Ouça agora uma história muito curiosa sobre a ajuda que eles acreditam ter recebido daquela imagem da Santíssima Virgem, e pela minha fé, Santíssimo Padre, alguém de bom grado acreditaria que fosse verdade. Segundo o relato de nossos homens, o efeito da fervorosa piedade que anima aquelas almas simples pela Santíssima Virgem Mãe de Deus é tal, que quase a obrigam a descer do céu para ajudá-los sempre que fraquejam em uma luta. Deus não deixou piedade, amor e caridade entre os homens, pela prática dos quais eles podem merecer Sua graça e a do exército celestial? A Virgem jamais poderia abandonar aqueles que de coração puro invocam seu auxílio. Agora El Comendador e todos os seus chefes declararam a Enciso e seus companheiros, que quando o marinheiro levou a imagem sagrada com ele para a batalha à vista de ambos os exércitos, os zemes do inimigo viraram suas cabeças e tremeram na presença da imagem. da Virgem; pois é costume cada exército levar seus próprios zemes protetores para a batalha. Eles não apenas viram a imagem sagrada, mas também uma mulher, vestida com belas cortinas brancas, que, no calor da batalha, os sustentou contra seus inimigos. Este último também declarou que havia aparecido diante deles uma mulher com rosto ameaçador, carregando um cetro, que encorajou o exército adversário e que essa aparição os fez tremer de medo.

El Comendador declarou que, após o marinheiro ter sido levado por alguns cristãos que desembarcaram naquele local, ele obedeceu fielmente às suas instruções. Ele ainda relatou que uma altercação acalorada estourou com seus vizinhos, sobre qual dos zemes era o mais poderoso. A controvérsia levou a frequentes conflitos, nos quais a Santíssima Virgem nunca falhou, mas apareceu em todas as batalhas, agarrando a vitória com suas pequenas mãos da mais formidável das forças hostis. Os espanhóis perguntaram qual era o seu grito de guerra, e eles responderam que, obedecendo às instruções do marinheiro, apenas gritaram, em língua espanhola: "Santa Maria ao resgate!" Era a única língua que o marinheiro falava. No meio dessas guerras cruéis eles fizeram o seguinte acordo; em vez de colocar em campo um número fixo de campeões, como costumavam fazer os exércitos de outras nações da antiguidade, ou em vez de resolver suas disputas por arbitragem, dois jovens de cada tribo deveriam ter as mãos amarradas nas costas com a maior força possível. como aquele que os amarrou escolheu. Eles então seriam conduzidos a um lugar elevado, e os zemes da tribo cujo campeão mais rapidamente desfizesse suas amarras deveriam ser aclamados como os mais poderosos. O acordo foi feito e os jovens de ambos os lados foram assim obrigados. O povo de El Comendador amarrou seu adversário, enquanto seus inimigos amarraram um de seus homens. O julgamento foi repetido três vezes e, a cada vez, após invocar seus zemes, os jovens tentavam se libertar de

suas amarras. Os campeões do El Comendador repetiram a invocação: "Santa Maria, ajuda-me,
Santa Maria, ajuda-me!" e imediatamente a Virgem, vestida de branco,

apareceu. Ela expulsou o demônio e, tocando as amarras do campeão cristão com a varinha que carregava, não apenas ele foi imediatamente libertado, mas as amarras foram adicionadas às de seu oponente, de modo que o inimigo encontrou o jovem cristão não apenas livre. , mas seu próprio campeão com ligações duplas. Não se contentaram com esta primeira derrota e atribuíram-na a alguma artimanha humana que não acreditavam demonstrar a superioridade da divindade. Eles, portanto, pediram que quatro homens de idade venerável e moral provada fossem escolhidos de cada tribo, e deveriam ficar de cada lado de cada jovem, a fim de verificar se havia ou não alguma malandragem. Oh, que pureza de alma e que simplicidade abençoada, digna da idade de ouro! O Comendador e seus conselheiros cederam a essa condição com uma confiança igual àquela com que o sofredor de uma efusão de sangue procurava o remédio para sua doença; ou Pedro, cujo lugar, Santíssimo Padre, você ocupa, marchou sobre as ondas quando viu nosso Senhor. Aceitas as condições, os jovens foram amarrados e os oito juízes tomaram seus lugares. O sinal foi dado, e cada um chamou seus zemes, para vir em seu auxílio. Os dois campeões contemplaram os zemes com uma cauda longa e uma boca enorme provida de dentes e chifres exatamente como nas imagens. Este demônio procurou desamarrar o jovem que agia como seu campeão, mas à primeira invocação do Comendador a Virgem apareceu. Os juízes, de olhos arregalados e mentes atentas, esperavam para ver o que aconteceria. Ela tocou o diabo com a varinha que carregava e o colocou em fuga, fazendo com que as amarras de seu campeão se transferissem para o corpo de seu adversário. Este milagre aterrorizou os inimigos do Comendador, e eles reconheceram que os zemes da Virgem eram mais poderosos que os seus.

A consequência deste acontecimento foi que, quando se espalhou a notícia de que os cristãos tinham desembarcado em Cuba, os vizinhos do Comendador, que eram seus maiores inimigos, e muitas vezes lhe fizeram guerra, enviaram a Enciso pedindo padres para batizá-los. Enciso despachou imediatamente dois padres que estavam com ele, e num dia cento e trinta homens inimigos do comendador foram batizados e tornaram-se seus firmes amigos e aliados. Em outro lugar, observamos que as galinhas aumentaram muito no país, devido ao cuidado de nossos compatriotas. Cada indígena que recebeu o batismo presenteou o padre com um galo ou uma galinha, mas não com um capão, porque ainda não aprenderam a castrar as galinhas e fazer capões com elas. Trouxeram também peixe salgado e bolos de farinha fresca. Seis dos neófitos acompanharam os padres quando regressaram às costas, levando estes presentes, que proporcionaram aos espanhóis uma esplêndida Páscoa. Eles haviam deixado Darien apenas dois dias antes do domingo de São Lázaro, e a Páscoa os alcançou quando dobravam o último promontório de Cuba. Atendendo ao pedido do Comendador deixaram com ele um espanhol, que se ofereceu com o propósito de ensinar aos súditos do cacique e seus vizinhos a Saudação Angélica, com a ideia de que quanto mais palavras da oração à Virgem conhecessem, melhor disposta ela seria para eles.

Enciso concordou, após o que retomou seu curso para Hispaniola, que não era muito distante. De lá, dirigiu-se ao rei, que então residia em Valladolid, onde conversei intimamente com ele. Enciso influenciou seriamente o Rei contra o aventureiro Vasco Nunez, e conseguiu a sua

condenação. Eu desejei, Santíssimo Padre, fornecer-lhe estes detalhes sobre a religião dos nativos. Eles chegam até mim não apenas de Enciso, mas de vários outros personagens da maior confiança. Eu fiz isso, que o seu

A bem-aventurança pode ser convencida da docilidade desta raça e da facilidade com que eles podem ser instruídos nas cerimônias de nossa religião. A sua conversão não se fará de um dia para o outro, e só pouco a pouco aceitarão a lei evangélica, da qual tu és o dispensador. Assim você verá o número de ovelhas que compõem seu rebanho aumentar a cada dia. Mas voltemos à história dos enviados de Darien.

LIVRO VII

A viagem de Darien a Hispaniola pode ser feita em oito dias ou até menos, se o vento for de popa. Por causa das tempestades, os enviados demoraram cem dias na travessia. Eles pararam alguns dias em Hispaniola, onde negociaram seus negócios com o almirante e os outros oficiais, após o que embarcaram nos navios mercantes que já estavam carregados e navegavam entre Hispaniola e a Espanha. Não foi, no entanto, até as calendas de maio do ano seguinte à partida de Darien, que eles chegaram à capital. Quevedo e Colmenares, os dois enviados dos colonos de Darién, lá chegaram a 15 de maio do ano de 1513. Vindos como vinham dos Antípodas, de um país até então desconhecido e habitado por gente nua, foram recebidos com honra por Juan de Fonseca, a quem tinha sido confiada a direção dos assuntos coloniais. Em reconhecimento à sua fidelidade aos seus soberanos, outros papas lhe concederam sucessivamente os bispados de Beca, depois Córdoba, Palência e Rosano; e Vossa Santidade acaba de elevá-lo ao bispado de Burgos. Sendo o primeiro Esmoler e Conselheiro da Casa do Rei, Vossa Santidade nomeou-o ainda comissário geral das indulgências reais e da cruzada contra os mouros.

Quevedo e Colmenares foram apresentados pelo Bispo de Burgos ao Rei Católico, e as notícias que trouxeram agradaram a Sua Majestade e a todos os seus cortesãos, pela sua extrema novidade. Uma olhada nesses homens é suficiente para demonstrar o clima e a temperatura insalubres de Darien, pois eles são tão amarelos como se sofressem de problemas no fígado e estão inchados, embora atribuam sua condição às privações que sofreram. Eu soube de tudo o que fizeram pelos capitães Zamudio e Enciso; também por meio de outro bacharel em direito, chamado Baecia, que vasculhou aqueles países; também do capitão do navio, Vincent Yanez [Pinzon], que conhecia aquelas costas; de Alonzo Nunez e de vários subalternos que navegaram por aquelas costas, sob o comando desses capitães. Nenhum dos que vieram à Corte deixou de me dar o prazer, verbalmente ou por escrito, de me relatar tudo o que havia aprendido. É verdade que negligenciei muitos desses relatos, que mereciam ser guardados, e apenas preservei aqueles que, em minha opinião, agradariam aos amantes da história. Em meio a tal massa de material, sou obrigado necessariamente a omitir algo para que minha narrativa não seja muito difusa.

Relatemos agora os acontecimentos provocados pela chegada dos enviados. Antes da chegada de Quevedo e Colmenares, já havia se espalhado a notícia do dramático fim dos primeiros dirigentes, Hojeda, Nicuesa e Juan de la Cosa, aquele ilustre navegador que recebera

uma comissão real de piloto. Era sabido que os poucos colonos sobreviventes em Darien estavam em estado de completa anarquia, não se preocupando em converter as tribos simples daquela região à nossa religião e não dando atenção à aquisição de informações sobre esses países. Decidiu-se, portanto, enviar um representante que privasse os usurpadores do poder que eles haviam tomado sem licença do rei e corrigisse os primeiros distúrbios. Esta missão foi confiada a Pedro Arias d'Avila, cidadão de Segóvia, que foi chamado na Espanha pelo apelido de _El Galan_, por causa de suas proezas nas justas. Assim que esta notícia foi publicada na Corte, os enviados de Darien tentaram privar Pedro Arias do comando. Houve petições numerosas e prementes ao rei para realizar isso; mas o primeiro Esmoleiro, o Bispo de Burgos, a quem compete pôr cobro a tais intrigas, prontamente falou ao Rei ao ser informado desta, nos seguintes termos:

"Pedro Arias, ó Rei Católico, é um homem valente, que muitas vezes arriscou a vida por Vossa Majestade, e que sabemos por longa experiência que está bem apto para comandar tropas. ele se comportou como convém a um soldado valente e um oficial prudente. Em minha opinião, seria indelicado retirar sua nomeação em resposta às representações de pessoas invejosas. Que este bom homem, portanto, parta sob auspícios afortunados; que este devoto aluno de Vossa Majestade, que viveu desde a infância no palácio, parta."

O Rei, a conselho do Bispo de Burgos, confirmou a nomeação de Pedro Arias, e até aumentou os poderes que lhe foram conferidos. Mil e duzentos soldados foram convocados pelo Bispo de Burgos, a expensas reais, para formar a tropa de Pedro Arias que, com a maioria deles, deixou a Corte de Valladolid por volta das calendas de outubro de 1513, para Sevilha, uma cidade celebrada por sua numerosa população e sua lã. Era em Sevilha que os agentes reais deveriam equipar o restante de seus soldados e entregar-lhe as provisões e tudo o que fosse necessário para tão grande empreendimento. Pois é lá que o rei estabeleceu seu escritório encarregado exclusivamente dos assuntos coloniais. Todos os mercadores, indo e vindo, aparecem ali para prestar contas das cargas que trouxeram dos novos países e do ouro que exportam. Este escritório é chamado de India House.[1]

[Nota 1: _Domum Indicae Contractation é vocante. Casa de Contractacion_, ou Casa de Indias.]

Pedro Arias encontrou dois mil jovens soldados além de seu número esperando por ele em Sevilha; ele também encontrou um bom número de velhos avarentos, a maioria dos quais pediu apenas permissão para segui-lo às suas próprias custas, sem receber o pagamento real. Em vez de superlotar seus navios e poupar seus suprimentos, ele se recusou a levar qualquer um deles. Tomou-se cuidado para que nenhum estrangeiro se misturasse com os espanhóis, sem a permissão do Rei, e por isso estou extremamente surpreso que um certo veneziano, Aloisio Cadamosto, que escreveu uma história dos portugueses, escreva ao mencionar as ações dos Espanhóis: "Fizemos; vimos; fomos"; quando, na verdade, ele não fez nem viu mais do que qualquer outro veneziano. Cadamosto tomou emprestado e plagiou tudo o que escreveu, dos três primeiros livros das minhas três primeiras décadas, ou seja, aqueles que eu dirigi aos Cardeais Ascânio e Arcimboldo, que viviam na época em que aconteciam os fatos que descrevi. Ele evidentemente pensou que minhas obras

nunca seriam dadas ao público, e pode ser que tenha se deparado com

eles na posse de algum embaixador veneziano; pois o mais ilustre Senado daquela República enviou homens eminentes à Corte dos Reis Católicos, a alguns dos quais de bom grado mostrei meus escritos. Eu prontamente consenti que as cópias fossem tiradas. Seja como for, este excelente Aloisio Cadamosto tem procurado reclamar para si o que foi obra de outro. Ele relatou os grandes feitos dos portugueses, mas se os testemunhou, como pretende, ou apenas lucrou com o trabalho de outro, sou incapaz de afirmar. _Vivat et ipse marte suo_.

Ninguém, que não tivesse sido alistado pelos agentes régios, como soldado, a soldo do Rei, podia embarcar nas naus de Pedro Arias. Além desses regulares havia alguns outros, inclusive um certo Francisco Cotta, meu compatriota, e graças a uma ordem régia que consegui para ele, foi-lhe permitido ir para o Novo Mundo como voluntário com Pedro Arias. Se não fosse por isso, ele não teria permissão para partir. Agora, que o veneziano Cadamosto continue a escrever que tudo viu, enquanto eu, que há vinte e seis anos vivo, não sem crédito, na Corte do Rei Católico, só pude com os maiores esforços obter autorização para um estrangeiro navegar. Alguns genoveses, mas muito poucos, e isso por instância do almirante, filho do primeiro descobridor daqueles países, conseguiram obter uma autorização semelhante; mas a ninguém mais foi concedida permissão.

Pedro Arias partiu de Sevilha no Guadalquivir para o mar, nos primeiros dias do ano de 1514.[2] Sua partida ocorreu sob maus auspícios, pois uma tempestade tão furiosa caiu sobre a frota que dois navios foram despedaçados, e os outros foram obrigados a aliviar-se jogando ao mar alguns de seus suprimentos. As tripulações que sobreviveram voltaram para a costa da Espanha, onde os agentes do rei prontamente vieram em seu auxílio e eles foram autorizados a partir novamente. O piloto da nau capitânia nomeado pelo rei era Giovanni Vespucci, florentino, sobrinho de Amerigo Vespucci, que herdara do tio a grande habilidade na arte da navegação e do cálculo. Soubemos recentemente por Hispaniola que a travessia havia sido favorável, e um navio mercante, voltando das ilhas vizinhas, encontrou a frota.

[Nota 2: A expedição partiu em 14 de abril de 1514.]

Como Galeazzo Butrigario e Giovanni Accursi que, para agradar a Vossa Santidade, constantemente me incitam, estão enviando um mensageiro que entregará minhas Nereidas oceânicas, por mais imperfeitas que sejam, a Vossa Beatitude, economizarei tempo deixando de fora muitos detalhes e mencione apenas o que, a meu ver, é digno de registro e que não relatei na época em que aconteceu.

A esposa do capitão Pedro Arias, de nome Elizabeth Bobadilla, é sobrinha-neta por parte de pai da marquesa Bobadilla de Moia, que abriu as portas de Segóvia aos amigos de Isabel quando os portugueses invadiam Castela, permitindo-lhes assim manter fora e depois para a ofensiva contra os portugueses; e ainda mais tarde para derrotá-los. O rei Henrique, irmão da rainha Isabel, havia de fato tomado posse dos tesouros daquela cidade. Durante toda a sua vida, quer em tempo de guerra, quer em tempo de paz, a marquesa de

Moia ostentou uma resolução viril, e foi pelos seus conselhos que muitos grandes feitos se fizeram em Castela. A esposa de Pedro Arias, sendo sobrinha desta marquesa, e inspirada por uma coragem igual à de

sua tia, falou ao marido sobre a sua partida para aquelas terras desconhecidas, onde encontraria perigos reais, tanto no mar como em terra, nos seguintes termos:

"Meu querido esposo, nós nos unimos desde a juventude, penso eu, com o propósito de viver juntos e nunca nos separarmos. Onde quer que o destino o leve, seja no oceano tempestuoso ou entre as adversidades que o aguardam no terra, eu deveria ser seu companheiro. Não há nada que eu mais tema, nem qualquer tipo de morte que possa me ameaçar, que não seja mais suportável do que viver sem você e separados por uma distância tão imensa. Prefiro morrer e até ser comido por peixes no mar ou devorado em terra por canibais, do que me consumir em luto perpétuo e em tristeza incessante, esperando - não meu marido - mas suas cartas. Minha determinação não é repentina nem desconsiderada; nem é o capricho de uma mulher que me leva a uma decisão bem ponderada e merecida. Você deve escolher entre duas alternativas. Ou você vai me matar ou vai atender ao meu pedido. Os filhos que Deus nos deu (eram oito, quatro meninos e quatro meninas) não vão me parar por e momento. Deixaremos a eles sua herança e suas porções de casamento, suficientes para permitir que vivam em conformidade com sua posição e, além disso, não tenho outra preocupação."

Ao ouvir sua esposa falar tais palavras de seu coração viril, o marido sabia que nada poderia abalar sua resolução e, portanto, não ousou recusar seu pedido. Ela o seguiu como Ipsicratea, com cabelos esvoaçantes, seguiu Mitrídates, pois ela amava seu marido vivo como a Carian Artemisia de Halicarnassia amava seu falecido Mausolus. Ficamos sabendo que esta Elizabeth Bobadilla, criada, como diz o provérbio, em plumas macias, enfrentou os perigos do oceano com tanta coragem quanto seu marido ou os marinheiros que passam a vida no mar.

A seguir estão alguns outros detalhes que observei. Na minha primeira década falei, e não sem alguns elogios, de Vincent Yanez Pinzon, que acompanhou o genovês Cristóvão Colombo, futuro almirante, em sua primeira viagem. Mais tarde, ele empreendeu, sozinho e às suas próprias custas, outra viagem, com apenas um navio para o qual recebeu a licença real. No ano anterior à partida de Hojeda e Nicuesa, Vincent Yanez realizou uma terceira exploração, partindo de Hispaniola. Seu curso era de leste a oeste, seguindo a costa sul de Cuba, que, devido ao seu comprimento, muitos na época consideravam um continente; e ele navegou em volta dela. Desde então, muitas outras pessoas relataram que fizeram o mesmo.

Tendo demonstrado por esta expedição que Cuba era de fato uma ilha, Vincent Yanez navegou mais longe e descobriu outras terras a oeste de Cuba, mas como o almirante havia tocado primeiro. Manteve-se à esquerda e, seguindo as costas continentais em direção ao leste, cruzou os golfos de Veragua, Uraba e Cachibacoa, tocando finalmente com seu navio na região que, em nossa Primeira Década, explicamos, chamava-se Paria e Boca. de la Sierpe. Ele navegou em um imenso golfo considerado por Colombo como notável por suas águas doces, a abundância de peixes e as muitas ilhas que continha. Situa-se a cerca de trinta milhas a leste de Curiana. A meio caminho neste curso

Cumana e Manacapana são passados; e é nestes locais, não na Curiana, que se encontram mais pérolas.

Os reis daquele país, chamados _chiaconus_ assim como são chamados caciques em Hispaniola, enviaram mensageiros quando souberam da chegada dos espanhóis, para saber quem seriam os homens desconhecidos, o que eles trouxeram com eles e o que eles queriam. Lançaram ao mar as suas barcas cavadas em troncos de árvores que são as mesmas mencionadas na nossa Primeira Década, e que na Hispaniola se chamam canoas; mas aqui os nativos os chamavam de _chicos_. O que mais os surpreendeu foi ver o aumento das velas do navio, pois não entendiam o uso de velas; e se o fizessem, precisariam apenas de pequenos, por causa da estreiteza de seus barcos. Eles se aproximaram do navio em grande número e até se aventuraram a atirar algumas flechas nos homens que defendiam os lados do navio como se fossem paredes, esperando feri-los ou amedrontá-los.

Os espanhóis dispararam seus canhões e os indígenas, alarmados com a detonação e com a matança que resultou do tiro certeiro, fugiram em várias direções. Perseguindo-os com um barco de navio, os espanhóis mataram alguns e fizeram muitos prisioneiros. O barulho dos canhões e o relato do ocorrido alarmaram tanto os caciques, que temiam que suas aldeias fossem roubadas e seu povo massacrado se os espanhóis desembarcassem para se vingar, que enviaram mensageiros a Vicente Yanez. Tanto quanto podia ser entendido por seus sinais e gestos, eles buscavam a paz; mas nossos compatriotas relatam que não entenderam uma palavra de sua língua. Para melhor demonstrar seu desejo de paz, os indígenas deram-lhes belos presentes, consistindo em uma quantidade de ouro, igual em peso a três mil moedas do tipo que dissemos chamar-se castellanos, e em linguagem vulgar pesos; também uma tina de madeira cheia de incenso precioso, pesando cerca de 2.600 libras, com oito onças por libra. Isso mostrava que o país era rico em incenso, pois os nativos de Paria não tinham relações sexuais com os de Saba; e de fato eles não sabem nada de nenhum lugar fora de seu próprio país. Além do ouro e do incenso, eles apresentavam pavões como não são encontrados em nenhum outro lugar, pois diferem muito dos nossos na variedade de cores. As galinhas estavam vivas, pois as criavam para propagar a espécie, mas os galos, que traziam em grande número, eram preparados para serem imediatamente comidos. Também ofereceram tecidos de algodão, semelhantes a tapeçarias, para decoração da casa, confeccionados com muito bom gosto em várias cores. Esses tecidos eram orlados de sinos de ouro, como são chamados na Itália _sonaglios_ e na Espanha _cascabeles_. De papagaios falantes, eles deram tantos de cores diferentes quanto quiseram; esses papagaios são tão comuns em Paria quanto os pombos ou pardais entre nós.

Todos os nativos usam roupas de algodão, os homens cobertos até os joelhos e as mulheres até as panturrilhas. Em tempo de guerra, os homens usam um casaco de algodão cuidadosamente acolchoado, dobrado no estilo turco. Usei a palavra algodão para o que de outro modo chamei no vulgar italiano _bombasio_. Também usei outros termos análogos que certos latinistas, residentes nas costas do Adriático ou da Ligúria, podem atribuir à minha negligência ou ignorância, quando meus escritos os alcançam, [3] como vimos no caso de minha Primeira Década, que foi impressa sem minha autorização. Gostaria que soubessem que sou lombardo, não latino; que nasci em Milão,[4] muito distante do Lácio, e vivi minha vida ainda

mais longe, pois resido na Espanha. Que os puristas de Veneza ou de Gênova que me acusam de improbidade de composição por ter escrito como se fala na Espanha de bergantins e caravelas, de almirante e adelantado, entendam, de uma vez por todas, que não ignoro que aquele que ocupa esses cargos é chamado pelos helenistas _Archithalassus_ e pelos latinistas às vezes _Navarchus_ e às vezes _Pontarchus_. Apesar de tantos comentários semelhantes, e desde que eu possa alimentar a esperança de não desagradar a Vossa Santidade, limitar-me-ei a narrar com simplicidade esses grandes acontecimentos. Deixando essas coisas de lado, voltemos agora aos caciques de Paria.

[Nota 3: Pedro Mártir não ignorava as zombarias que seu latim provocava entre os puristas de Roma. O tímpano cultivado do cardeal Bembo e de outros ciceronianos na Pontifícia Corte recebeu dolorosos choques de certas expressões corruptas em suas décadas. Suas repetidas explicações de seus desvios da nomenclatura clássica são, no entanto, razoáveis.]

[Nota 4: Significando, claro, no ducado, não na cidade. A passagem diz: _Neutro cruciare statuo ad summum; voloque sciant, me insubrem esse non Latium; et longe a Latio natum, quia Mediolani; et longissime vitam egisse, quia in Hispania_.]

Vincent Yanez descobriu que os chefes eram eleitos por apenas um ano. Seus seguidores os obedeciam fazendo guerra ou assinando a paz. Suas aldeias são construídas em torno desse imenso golfo. Cinco desses caciques ofereceram presentes aos espanhóis, e eu quis registrar seus nomes em memória de sua hospitalidade: Chiaconus Chianaocho, Chiaconus Fintiguanos, Chiaconus Chamailaba, Chiaconus Polomus, Chiaconus Pot.

Este golfo é chamado Bahia de la Natividad, porque Colombo o descobriu na festa de Natal; mas ele apenas navegou, sem penetrar no interior. Os espanhóis chamam simplesmente de Bahia. Tendo estabelecido amizade com esses chefes, Vincent Yanez continuou sua viagem [5] e encontrou a leste países que haviam sido abandonados por causa de frequentes inundações e uma vasta extensão de pântanos. Ele persistiu em seu empreendimento até atingir o ponto extremo do continente[6]; se de fato podemos chamar pontos, aqueles cantos ou promontórios que terminam uma costa. Este parece estender-se para o Atlas, e portanto oposto àquela parte da África chamada pelos portugueses de Cabo da Boa Esperança, um promontório no oceano formado pelo prolongamento das montanhas do Atlas. O Cabo da Boa Esperança, no entanto, está situado a trinta e quatro graus do pólo antártico, enquanto este ponto no Novo Mundo fica a sete graus. Acho que deve fazer parte daquele continente que os cosmógrafos chamaram de Grande Atlântida, mas sem dar mais detalhes sobre sua situação ou caráter.

[Nota 5: Comparando este relato da viagem de Pinzon com o de Vespucci, vê-se que Peter Martyr descreve o itinerário invertido, fazendo Pinzon terminar onde Vespucci o faz começar.]

[Nota 6: Cabo Sant Augustin.]

E já que chegamos agora às margens da primeira terra encontrada além dos Pilares de Hércules, talvez não seja fora de lugar dizer algo sobre os motivos que podem ter provocado a guerra entre o rei católico, Fernando

da Espanha, e Emanuel de Portugal, se não fossem sogro e genro.
Notem que digo _Portugal_ e não _Lusitânia_, contrariando a opinião de muita gente que certamente não é ignorante, mas não menos certa, lamentavelmente equivocada. Pois se é a Lusitânia que eminentes geógrafos situam entre o Douro e o Guadiana, em que parte da Lusitânia se encontra Portugal?

LIVRO VIII

Durante o reinado de D. João de Portugal, tio e antecessor de D. Emanuel, agora felizmente reinante, existiu uma grave divergência entre portugueses e espanhóis relativamente às suas descobertas. O rei de Portugal afirmava que só ele possuía direitos de navegação no oceano, porque os portugueses foram os primeiros desde a antiguidade a se lançarem no grande mar. Os castelhanos afirmaram que tudo o que existe na terra desde que Deus criou o mundo é propriedade comum da humanidade e que, portanto, é permitido tomar posse de qualquer país ainda não habitado por cristãos. A discussão sobre este ponto foi muito complicada e, finalmente, decidiu-se deixá-lo ao arbítrio do Soberano Pontífice. Castela era então governada pela grande rainha Isabella, com quem era associado seu marido, pois Castela era sua porção de casamento. Sendo a rainha prima do rei D. João de Portugal, rapidamente se chegou a um acordo entre eles. Por consentimento mútuo de ambas as partes interessadas, e em virtude de uma bula, o Soberano Pontífice, Alexandre VI, sob cujo pontificado esta discussão ocorreu, traçou de norte a sul uma linha situada cem léguas fora do paralelo das ilhas de Cabo Verde .[1] O ponto extremo do continente fica aquém dessa linha e chama-se Cabo San Augustin, e pelos termos da Bula os castelhanos estão proibidos de desembarcar naquela extremidade do continente.

[Nota 1: A famosa bula que marca as respectivas esferas de descoberta e colonização para Espanha e Portugal foi dada em 4 de maio de 1493. Seus termos foram revisados pelos dois estados cujas reivindicações foram finalmente incorporadas nas convenções de Tordesilhas, 7 de junho de 1494 , e Setúbal, 4 de setembro de 1494.]

Depois de recolher o ouro que lhe foi dado pelos nativos da fértil província de Chamba, Vicente Yanez voltou do cabo San Augustin e dirigiu seu curso para uma alta cadeia montanhosa que avistou no horizonte meridional. Ele havia feito alguns prisioneiros no Golfo de Paria, que, sem dúvida, fica nos domínios espanhóis. Conduziu-os a Hispaniola, onde os entregou ao jovem Almirante para que os instruísse na nossa língua, e depois servissem de intérpretes na exploração de terras desconhecidas. Pinzon dirigiu-se ao tribunal e pediu ao rei autorização para assumir o título de
Governador da ilha de San Juan, que dista apenas vinte e cinco léguas de Hispaniola. Ele baseou sua afirmação no fato de ter sido o primeiro a descobrir a existência de ouro naquela ilha, que dissemos em nossa primeira década foi chamada pelos índios de Borrichena.

O governador de Borrichena, um português chamado Cristóvão, filho do conde Camigua, foi massacrado pelos canibais das ilhas vizinhas, junto com todos os cristãos, exceto o bispo e seus servos; este último só conseguiu escapar, à custa de abandonar os vasos sagrados. Atendendo à solicitação do Rei, Vossa Santidade Apostólica acaba de dividir este país em cinco novos bispados. O frade franciscano Garcias

de Padilla foi nomeado Bispo de Santo Domingo, capital da Hispaniola; para Concepción foi nomeado o médico Pedro Suarez Deza, e para a ilha de San Juan foi nomeado o licenciado Alonzo Mauso; sendo ambos observadores da congregação de São Pedro. O quarto bispo foi o frade Bernardo de Mesa, um nobre toledano e orador da Ordem Dominicana, que foi nomeado para Cuba. O quinto recebeu os santos óleos de Vossa Santidade para a colônia de Darien; ele é um franciscano, um orador brilhante, e se chama Juan Cabedo.

Uma expedição, pelo seguinte motivo, em breve partirá para punir os caribes. Depois do primeiro massacre, voltaram vários meses depois da ilha vizinha de Santa Cruz, assassinaram e comeram um cacique nosso aliado, com toda a sua família, destruindo depois por completo o seu povoado. Alegaram que esse cacique havia violado as leis de hospitalidade em suas relações com vários caribes, que eram construtores de barcos. Esses homens foram deixados em San Juan para construir mais canoas, pois naquela ilha crescem árvores altas, mais adequadas para a construção de canoas do que as da ilha de Santa Cruz. Estando os caribes ainda na ilha, os espanhóis que chegaram de Hispaniola os encontraram por acaso. Quando os intérpretes deram a conhecer este recente crime, os espanhóis desejaram exigir satisfação, mas os canibais, puxando seus arcos e apontando suas flechas afiadas para eles, deram a entender com olhares ameaçadores que era melhor eles ficarem quietos, a menos que desejassem. provocar um desastre. Temendo as flechas envenenadas e estando igualmente despreparados para a luta, nossos homens fizeram sinais amigáveis. Quando perguntaram aos caribes por que haviam destruído a aldeia e assassinado o cacique e sua família, estes responderam que o fizeram para vingar o assassinato de vários trabalhadores. Eles haviam recolhido os ossos das vítimas com a intenção de levá-los às viúvas e aos filhos dos trabalhadores, para que estes compreendessem que o assassinato de seus maridos e pais não havia ficado sem vingança. Eles exibiram uma pilha de ossos aos espanhóis que, chocados com esse crime, mas forçados a esconder seus verdadeiros sentimentos, permaneceram em silêncio, não ousando reprovar os caribes. , são repetidos diariamente.

Mas nós nos afastamos, ó Santíssimo Padre, bastante longe das regiões de Veragua e Uraba, que são os principais temas de nosso discurso. Não devemos primeiro tratar da imensidão e profundidade dos rios de Uraba, e dos produtos dos países banhados por suas águas? Devo dizer nada sobre a extensão do continente de leste a oeste, ou de sua largura de norte a sul, nem de qualquer coisa que seja relatada sobre essas regiões ainda desconhecidas? Voltemos, portanto, Santíssimo Padre, a Uraba, e comecemos por indicar os novos nomes que foram dados a essas províncias, visto que passaram a estar sob a autoridade dos cristãos.

LIVRO IX

Os espanhóis decidiram nomear Veragua, _Castilla del Oro_, e Uraba, _Nueva Andalusia_. Como Hispaniola havia sido escolhida para ser a capital de todas as colônias das ilhas, também as vastas regiões de Paria foram divididas em duas partes, Uraba e Veragua, onde duas colônias foram estabelecidas para servir como refúgios e locais de

descanso e reabastecimento para todos aqueles que passaram por esses países.

Tudo o que os espanhóis plantaram ou plantaram em Uraba cresceu maravilhosamente bem. Não é isto digno, Santíssimo Padre, da mais alta admiração? Todo tipo de semente, enxertos, canas-de-açúcar e mudas de árvores e plantas, sem falar das galinhas e quadrúpedes que mencionei, foram trazidos da Europa. Ó admirável fertilidade! Os pepinos e outros vegetais semelhantes semeados estavam prontos para serem colhidos em menos de vinte dias. Couves, beterrabas, alfaces, saladas e outras hortaliças estavam maduras em dez dias; abóboras e melões foram colhidos vinte e oito dias após a semeadura das sementes. As mudas e brotos, e as nossas árvores que plantamos em viveiros ou trincheiras, bem como os enxertos de árvores semelhantes às da Espanha, deram frutos tão rapidamente quanto em Hispaniola.

Os habitantes de Darien possuem diferentes tipos de árvores frutíferas, cujo sabor variado e boa qualidade atendem às suas necessidades. Eu gostaria de descrever os mais notáveis.

A _guaiana_ produz uma fruta parecida com o limão, semelhante às comumente chamadas de limões. Seu sabor é acentuado, mas são agradáveis ao paladar. Pinheiros com nozes são comuns, assim como vários tipos de palmeiras com tâmaras maiores que as nossas, mas muito azedas para serem comidas. A palmeira repolho cresce por toda parte, de forma espontânea, e é utilizada tanto para alimentação quanto para confecção de vassouras. Há uma árvore chamada guaraná, maior que a laranjeira, e que dá um fruto do tamanho de um limão; e há outra muito parecida com a castanha. O fruto deste último é maior que um figo, agradável ao paladar e saudável. O _mamei_ dá uma fruta do tamanho de uma laranja que é tão suculenta quanto o melhor melão. O guaranala dá um fruto menor que os anteriores, mas de aroma aromático e sabor requintado. O hovos dá um fruto que se assemelha em sua forma e sabor à nossa ameixa, embora seja um pouco maior, e parece realmente ser o mirobolan, que cresce tão abundantemente em Hispaniola que os porcos são alimentados com seu fruto . Quando está maduro, é em vão que o criador de porcos procura manter seus porcos, pois eles fogem dele e correm para a floresta onde essas árvores crescem; e é por isso que os suínos selvagens são tão numerosos em Hispaniola. Afirma-se também que a carne de porco da Hispaniola tem sabor superior e é mais saudável que a nossa; e, de fato, ninguém ignora o fato de que a diversidade de alimentos produz uma carne mais firme e saborosa.

O mais invencível rei Fernando relata que comeu outra fruta trazida daqueles países. É como um pinhão em forma e cor, coberto de escamas e mais firme que um melão. Seu sabor supera todas as outras frutas.[1] Este fruto, que o Rei prefere a todos os outros, não cresce numa árvore, mas numa planta, semelhante a uma alcachofra ou a um acanto. Eu mesmo não provei, pois foi o único que chegou intacto, os outros apodreceram durante a longa viagem. Os espanhóis que os comem frescos colhidos onde crescem, falam com o maior apreço pelo seu sabor delicado. Existem certas raízes que os nativos chamam de batatas e que crescem espontaneamente.[2] A primeira vez que os vi, tomei-os por nabos à milanesa ou cogumelos enormes. Não importa como são cozidos, assados ou cozidos, eles são iguais a qualquer iguaria e, na verdade, a qualquer alimento. Sua pele é mais dura que cogumelos ou nabos e é cor de terra, enquanto o interior é bastante

branco. Os nativos as semeiam e cultivam em jardins como fazem com a iúca, que mencionei em minha primeira década; e eles também os comem crus. Quando crus, eles têm gosto de castanhas verdes, mas são um pouco mais doces.

[Nota 1: O abacaxi.]

[Nota 2: Esta é a primeira menção da batata na literatura.]

Tendo falado sobre árvores, vegetais e frutas, vamos agora às criaturas vivas. Além dos leões e tigres[3] e outros animais que já conhecemos, ou que foram descritos por ilustres escritores, as florestas nativas desses países abrigam muitos monstros. Um animal em particular tem a Natureza criada de forma prodigiosa. É tão grande quanto um touro e tem uma tromba como a de um elefante; e ainda assim não é um elefante. Sua pele é como a de um touro, mas não é um touro. Seus cascos se assemelham aos de um cavalo, mas não é um cavalo. Tem orelhas como as de um elefante, embora menores e caídas, mas são maiores do que as de qualquer outro animal.[4] Há também um animal que vive nas árvores, se alimenta de frutas e carrega seus filhotes em uma bolsa na barriga; nenhum escritor, que eu saiba, o viu, mas já o descrevi suficientemente na Década que já chegou a Vossa Santidade antes de sua elevação, pois foi então roubado de mim para ser impresso.

[Nota 3: Não é necessário dizer que não havia leões ou tigres na América. Onças, panteras, leopardos e jaguatiricas eram os animais de rapina mais formidáveis encontrados nas florestas virgens do Novo Mundo.]

[Nota 4: Este enigmático animal era a anta.]

Agora me resta falar dos rios de Uraba. O Darien, que é quase estreito demais para as canoas nativas, deságua no golfo de Uraba, e em suas margens fica uma aldeia construída pelos espanhóis. Vasco Nunez explorou a extremidade do golfo e descobriu um rio de uma légua de largura e da extraordinária profundidade de duzentos côvados, que desagua no golfo por várias bocas, assim como o Danúbio desagua no Mar Negro, ou o Nilo banha a terra do Egito. É chamado, por causa de seu tamanho, Rio Grande. Um imenso número de enormes crocodilos vive nas águas deste riacho, que, como sabemos, é o caso do Nilo; particularmente eu, que subi e desci aquele rio em minha embaixada ao sultão.[5]

[Nota 5: Veja _De Legatione Babylonica_.]

Dificilmente sei, depois de ler os escritos de muitos homens notáveis por seu conhecimento e veracidade, o que pensar do Nilo. Afirma-se que existem realmente dois Nilos, que nascem nas montanhas do Sol ou da Lua, ou nas serras escarpadas da Etiópia. As águas destas ribeiras, qualquer que seja a sua nascente, modificam a natureza dos terrenos que atravessam. Um dos dois flui para o norte e deságua no mar egípcio: o outro deságua no oceano do sul. Que conclusão tiraremos? Não estamos intrigados com o Nilo do Egito, e o sul do Nilo foi descoberto pelos portugueses, que, no curso de suas incríveis expedições, aventuraram-se além da linha equinocial no país dos negros e até Melinde. Afirmam que nasce nas montanhas da Lua, e que é outro Nilo, pois ali se vêem crocodilos, e crocodilos só vivem em riachos pertencentes à bacia do Nilo. Os portugueses deram a esse rio

o nome de Senegal. Atravessa o país dos negros, e o país em suas margens do norte é admirável, enquanto que nas margens do sul é arenoso e árido. De vez em quando avistam-se crocodilos.

O que diremos agora sobre este terceiro, ou de fato, este quarto Nilo? Esses animais, cobertos de escamas tão duras quanto a carapaça da tartaruga que os espanhóis de Colombo encontraram naquele rio e que, como dissemos, os levou a chamar aquele riacho de Los Lagartos, são certamente crocodilos. Devemos declarar que esses Nilos nascem nas Montanhas da Lua? Certamente que não, Santíssimo Padre. Outras águas que não as do Nilo podem produzir crocodilos, e nossos recentes exploradores forneceram provas desse fato, pois os rios não fluem das Montanhas da Lua, nem podem ter a mesma fonte que o Nilo egípcio ou o Nilo. de Negrícia ou de Melinde; pois eles fluem das montanhas que mencionamos, subindo entre o mar do norte e o mar do sul, e que separam os dois oceanos por uma distância muito pequena.

Os pântanos de Darien e as terras cobertas de água após as inundações estão cheias de faisões, pavões de cores sóbrias e muitos outros pássaros diferentes dos nossos. Eles são bons para comer e deleitam o ouvido do ouvinte com várias canções; mas os espanhóis são caçadores de pássaros indiferentes e negligentes em capturá-los. Inumeráveis variedades de papagaios, todos pertencentes à mesma espécie, tagarelam nesta floresta; alguns deles são tão grandes quanto capões, enquanto outros não são maiores que um pardal. Já me estendi bastante sobre o assunto dos papagaios em minha primeira década. Quando Colombo explorou pela primeira vez esses imensos países, ele trouxe de volta um grande número de todos os tipos, e todos puderam inspecioná-los. Outros ainda são trazidos diariamente para cá.

Há ainda, Santíssimo Padre, um assunto que vale muito a pena figurar na história, mas eu preferiria vê-lo tratado por um Cícero ou um Lívio do que por mim. Isso me deixa tão surpreso que me sinto mais embaraçado em minha descrição do que um pintinho enrolado em estopa. Dissemos que, segundo os índios, a terra que separa o mar do norte do mar do sul pode ser percorrida em seis dias. Não estou nem um pouco intrigado com o número e o tamanho dos rios descritos e com a pequena largura desse trecho de terra; nem entendo como rios tão grandes podem fluir dessas montanhas, a apenas três dias de marcha do mar, e desaguar no oceano do norte. Não consigo entender, pois presumo que rios igualmente grandes desaguam no mar do sul. Sem dúvida, os rios de Uraba não são tão importantes quando comparados com os outros, mas os espanhóis declaram que durante a vida de Colombo descobriram e desde então navegaram por um rio cuja largura de foz, onde desemboca no mar, não é menor do que cem milhas. Este rio está nas fronteiras de Paria e desce com tanta força das altas montanhas que submerge o mar mesmo na maré alta ou quando é varrido por ventos violentos, rechaçando as ondas diante da fúria e do peso de sua correnteza. As águas do mar por uma grande área ao redor não são mais salgadas, mas frescas e agradáveis ao paladar. Os índios chamam esse rio de Maragnon.[6] Outras tribos lhe dão os nomes de Mariatambal, Camamoros ou Paricora. Além dos rios que mencionei antes, Darien, Rio Grande, Dobaiba, San Matteo, Veragua, Boiogatti, Lagartos e Gaira, também existem outros que irrigam o país. Pergunto-me, Santíssimo Padre, qual deve ser o tamanho dessas cavernas nas montanhas tão próximas ao litoral, e, segundo os índios, tão estreitas, e que fontes

elas têm para permitir que elas enviem tais torrentes de água? Várias explicações se apresentam à minha mente.

[Nota 6: Não está claro a que rio se refere. A descrição

parece se encaixar no Orinoco, mas Maragnon é o nome nativo da Amazônia. Este sobrenome é dado exclusivamente à parte alta do rio em território peruano.]

O primeiro é o tamanho das montanhas. Afirma-se que são muito grandes e esta foi a opinião de Colombo, que os descobriu. Ele também tinha outra teoria, afirmando que o paraíso terrestre estava situado no topo das montanhas visíveis de Paria e Boca de la Sierpe. Ele acabou se convencendo de que isso era um fato. Se essas montanhas são tão imensas, devem conter reservatórios extensos e gigantescos.

Se for o caso, como esses reservatórios são abastecidos com água? É verdade, como muitos pensam, que todas as águas doces fluem do mar para a terra, onde são forçadas pelo terrível poder das ondas para passagens subterrâneas da terra, assim como vemos fluir desses mesmos canais fluir novamente para o oceano?

Esta pode ser a explicação do fenômeno, pois, se os relatos dos nativos forem verdadeiros, em nenhum outro lugar serão encontrados dois mares, separados por tão pequena extensão de terra. De um lado, um vasto oceano se estende em direção ao sol poente; do outro, um oceano em direção ao sol nascente; e o último é tão grande quanto o primeiro, pois acredita-se que se mistura com o Oceano Índico. Se esta teoria for verdadeira, o continente, limitado por tal extensão de água, deve necessariamente absorver imensas quantidades, e depois de recolhê-la, deve lançá-la ao mar na forma de rios. Se negamos que o continente absorve o excesso de água do oceano, e admitimos que todas as nascentes derivam seu suprimento da chuva que é filtrada gota a gota em reservatórios de montanha, nós o fazemos, curvando-nos antes à autoridade superior daqueles que detêm esse poder. opinião, do que porque nossa razão apreende essa teoria.

Partilho da opinião de que as nuvens se convertem em água, que é absorvida pelas cavernas das montanhas, pois vi com meus próprios olhos na Espanha, a chuva caindo gota a gota incessantemente nas cavernas de onde corriam riachos pela encosta da montanha, regando a oliveira pomares, vinhas e jardins de todos os tipos. O ilustre cardeal Ludovico de Aragão, que tanto vos é afeiçoado, e dois bispos italianos, um de Boviano, Silvio Pandono, e o outro, um arcebispo cujo nome próprio e da sua diocese não consigo recordar, eu testemunha. Estávamos juntos em Granada quando ela foi capturada dos mouros e, para nos divertir, costumávamos ir a algumas colinas arborizadas, de onde um riacho murmurante corria pela planície. Enquanto o nosso ilustre Ludovico ia caçar pássaros com o arco nas suas margens, os dois bispos e eu fizemos um plano de subir a colina para descobrir a nascente do riacho, pois não estávamos muito longe do cume da montanha. Tomando nossas batinas, portanto, e seguindo o leito do rio, encontramos uma caverna incessantemente abastecida por gotas de água. Dessa caverna, a água formada por essas gotas escorria para um reservatório artificial nas rochas no fundo onde o riacho se formava. Outra dessas cavernas preenchidas pelo orvalho está na célebre cidade de Valladolid, onde atualmente residimos. Fica em um

vinhedo a menos de um estádio das muralhas da cidade e pertence a um advogado, Villena, cidadão de Valladolid, e muito instruído na ciência do direito. Talvez a umidade transformada em chuva se acumule em pequenas grutas nas rochas e às vezes forme nascentes, devido à infiltração de água nas colinas; mas eu me pergunto como a Natureza pode produzir tais quantidades de água a partir dessas escassas infiltrações!

Na minha opinião, duas causas podem ser admitidas: a primeira são as chuvas frequentes; a segunda, a duração nesta região das estações de inverno e outono. Os países em questão estão tão próximos da linha equinocial que durante todo o ano não há diferença perceptível de duração entre os dias e as noites; durante a primavera e o outono, as chuvas são mais frequentes do que no inverno rigoroso ou no verão tórrido. Outra razão é: se a terra realmente é porosa, e esses poros emitem vapores que formam nuvens carregadas de água, segue-se necessariamente que este continente deve ter uma precipitação maior do que qualquer outro país do mundo, porque é estreito e fechado em de cada lado por dois imensos oceanos vizinhos. Seja como for, Santíssimo Padre, sou obrigado a acreditar nos relatos das numerosas pessoas que visitaram o país e devo registrar esses detalhes, embora pareçam em sua maioria contrários à verdade. Por esta razão, desejei expor meus argumentos, temendo que homens eruditos, regozijando-se em encontrar ocasião para atacar os escritos de outros, possam me julgar tão carente de julgamento a ponto de acreditar em todas as histórias que as pessoas me contam.

Descrevi o grande estuário formado pela junção desse imenso volume de água doce com o mar, e acredito que seja o resultado da união de vários rios que se juntam em forma de lago, e não de rio , como se afirma. Também acho que a água doce desce de montanhas muito altas e se derrama nas águas salgadas abaixo, com tanta violência que a água do mar não consegue penetrar na baía. Sem dúvida, haverá pessoas que expressarão espanto com minha imaginação e me ridicularizarão, dizendo: "Por que ele repete isso, como se fosse um milagre? A Itália não tem o Pó, que escritores ilustres nomearam o rei da rios?
Não são outras regiões banhadas por grandes rios, como o Don, o Ganges, o Danúbio, cujas águas repelem as do mar com tanta força que ainda se encontra água doce e potável a quarenta milhas de suas fozes?" Eu responderia a seus As objeções são as seguintes: na cadeia alpina que se ergue atrás do Pó e separa a Itália da França, Alemanha e Áustria, a água nunca falta. O longo vale do Pó também recebe as águas do Ticino e muitos outros riachos que correm em direção ao Adriático; e o mesmo pode ser dito dos outros rios mencionados. Mas esses rios do novo continente, como os caciques informaram aos espanhóis, correm por canais maiores e mais curtos para o oceano. Algumas pessoas acreditam que o continente é muito estreito nesta parte, e que se espalha consideravelmente em outros lugares. Outro argumento, que considero pobre, devo, no entanto, mencionar. Este continente é estreito, mas seu comprimento se estende por uma distância imensa de leste a oeste. Assim como é narrado do rio Alpheus de Elide, que desaparece em canais sob o mar para reaparecer na Sicília na fonte de Arethusa, então pode existir nas montanhas deste continente uma vasta rede de passagens subterrâneas de tal forma que as águas produzidas pelo chuvas que mencionamos podem ser coletadas. Aqueles que explicam os fenômenos pelo senso comum e aqueles que apreciam a crítica podem escolher a teoria que melhor lhes agrada. No momento não há mais nada que eu possa acrescentar sobre este assunto. Quando

aprendermos mais, relataremos fielmente. Já nos debruçamos o suficiente sobre a largura deste continente, e agora é hora de considerar sua forma e comprimento.

LIVRO X

Este continente se estende no mar exatamente como a Itália, mas é diferente porque não tem a forma de uma perna humana. Além disso, por que devemos comparar um pigmeu com um gigante? A parte do continente que começa neste ponto oriental em direção ao Atlas, que os espanhóis exploraram, é pelo menos oito vezes maior que a Itália; e sua costa ocidental ainda não foi descoberta. Vossa Santidade pode querer saber em que se baseia minha estimativa de _oito vezes_. Desde o início, quando resolvi obedecer às suas ordens e escrever um relatório desses eventos, em latim (embora eu não seja latino), adotei precauções para evitar declarar qualquer coisa que não fosse totalmente investigada.

Dirigi-me ao Bispo de Burgos que já mencionei, e a quem todos os navegadores se reportam. Sentados em seu quarto, examinamos numerosos relatórios dessas expedições, e também estudamos o globo terrestre em que as descobertas são indicadas, e também muitos pergaminhos, chamados pelos exploradores de cartas de navegação. Um desses mapas foi desenhado pelos portugueses e afirma-se que Américo Vespúcio de Florença ajudou na sua composição. Ele é muito habilidoso nesta arte e já ultrapassou muitos graus a linha equinocial, navegando a serviço e à custa dos portugueses. De acordo com esta carta, descobrimos que o continente era maior do que os caciques de Uraba contaram aos nossos compatriotas, ao guiá-los pelas montanhas. Colombo, durante sua vida, começou outro mapa enquanto explorava essas regiões, e seu irmão, Bartolomeu Colombo, Adelantado de Hispaniola, que também navegou por essas costas, sustentou essa opinião por seu próprio julgamento. A partir de então, todo espanhol que pensou ter entendido a ciência de calcular medidas, desenhou seu próprio mapa; os mais valiosos desses mapas são os feitos pelo famoso Juan de la Cosa, companheiro de Hojeda, que foi assassinado, junto com o capitão do navio, André Moranes, pelos indígenas de Caramaira, perto do porto de Cartagena, como já vimos recontado. Esses dois homens não apenas possuíam grande experiência nessas regiões, onde conheciam tão bem cada pedaço da costa quanto os cômodos de suas próprias casas, mas também eram considerados especialistas em cosmografia naval. Quando todos esses mapas foram abertos diante de nós, e em cada um deles uma escala marcada à maneira espanhola, não em milhas, mas em léguas, começamos a trabalhar para medir as costas com uma bússola, na seguinte ordem:

Do cabo ou ponto [1] que mencionamos como estando deste lado da linha portuguesa traçada cem léguas a oeste das ilhas de Cabo Verde, nos países até agora visitados em ambos os lados dessa linha, medimos trezentas léguas para a foz do rio Maragnon. Da foz deste rio até Boca de la Sierpe, a distância em alguns mapas é um pouco menos de setecentas léguas, pois todas essas cartas não concordam, pois os espanhóis às vezes calculavam por léguas marítimas de quatro mil passos, e às vezes por terra. léguas de três mil passos. De Boca de la Sierpe ao Cabo Cuchibacoa, perto do qual a linha costeira se dobra para a esquerda, medimos cerca de três mil léguas. Do promontório de Cuchibacoa até a região de Caramaira, onde fica o porto de Cartagena, a distância é de

cerca de cento e setenta léguas. De Caramaira até a ilha de La Fuerte são cinqüenta léguas, depois, até a entrada do Golfo de Uraba onde o aldeia de Santa Maria Antigua realmente está, é apenas trinta e cinco léguas. Entre Darien em Uraba e Veragua, onde Nicuesa teria se estabelecido, mas que os deuses decidiram de outra forma, medimos a distância em cento e trinta léguas. De Veragua ao rio chamado

por Colombo, San Matteo, em cujas margens Nicuesa perdeu tanto tempo e sofreu tantos sofrimentos depois de perder sua caravela, o mapa mostrava apenas cento e quarenta léguas, mas muitos dos homens que voltaram de lá dizem que a distância é realmente consideravelmente maior . Muitos rios são indicados apenas lá: por exemplo, o Aburema, antes do qual fica a ilha chamada Scudo di Cateba - cujo cacique foi apelidado de Cara Queimada: o Zobrabaoe - o Urida e o Doraba com ricos depósitos de ouro. Muitos portos notáveis também estão marcados naquela costa; entre eles Cesabaron e Hiebra, como são chamados pelos nativos. Somando estas cifras, Santíssimo Padre, alcançarás um total de mil e quinhentas e vinte e cinco léguas ou cinco mil e setecentas milhas desde o cabo até o golfo de San Matteo, também chamado golfo de Perdidos.

[Nota 1: O cabo mais oriental da costa brasileira é o Cabo San Rocco.]

Mas isto não é tudo. Um certo asturiano de Oviedo, Juan de Solis,[2] mas que declara ter nascido em Nebrissa, o país dos sábios ilustres, afirma que navegou para o oeste de San Matteo a uma distância de muitas léguas. Como a costa se inclina para o norte, é difícil dar números exatos, mas trezentas léguas podem ser estimadas aproximadamente. Pelo exposto podes perceber, Santíssimo Padre, a extensão do continente sobre o qual a tua autoridade está destinada a se estender. Algum dia, sem dúvida, entenderemos claramente sua largura.

[Nota 2: Este piloto e cosmógrafo já foi mencionado. Em 1515, ele foi contratado para explorar a costa sul do Brasil, mas, como foi relatado, infelizmente foi morto durante essa expedição. A que viagem Pedro Mártir se refere aqui não está muito claro.]

Vamos agora discorrer um pouco sobre a variedade de graus polares. Embora este continente se estenda de leste a oeste, é tão torto, com sua ponta tão inclinada para o sul, que perde de vista a estrela polar e se estende sete graus além da linha equinocial . Esta extremidade do continente está, como já dissemos, dentro dos limites da jurisdição portuguesa. Voltando daquela extremidade para Paria, a estrela do norte torna-se novamente visível; quanto mais o país se estende para o oeste, mais ele se aproxima do pólo. Os espanhóis fizeram cálculos diferentes até o momento em que se estabeleceram em Darien, onde fundaram sua principal colônia; pois eles abandonaram Veragua, onde a estrela do norte ficava oito graus acima do horizonte. Além de Veragua, a costa se curva na direção norte, até um ponto oposto às Colunas de Hércules; isto é, se aceitarmos como nossas medidas certas terras descobertas pelos espanhóis a mais de trezentas e vinte e cinco léguas da costa norte de Hispaniola. Entre esses países está uma ilha chamada por nós Boinca, e por outros Aganeo; é celebrada por uma fonte cujas águas restauram a juventude aos velhos.[3] Não deixe Vossa Santidade acreditar que esta é uma opinião precipitada ou tola, pois a história foi contada com muita seriedade a toda a corte e causou tal impressão que toda a população, e mesmo pessoas superiores por nascimento e influência, a aceitaram como um fato

comprovado. Se você me perguntar minha opinião sobre esse assunto, responderei que não acredito que tal poder exista na natureza criativa, pois penso que Deus reserva para si essa prerrogativa, bem como a de ler os corações dos homens, ou de conceder riqueza a quem nada tem; a menos que estejamos preparados para acreditar na fábula da Cólquida sobre a renovação de AEson e as pesquisas da sibila de Erythraea.

[Nota 3: A referência é às águas fabulosas da eterna juventude em busca das quais Juan Ponce de Leon partiu. O país é a Flórida.]

Já discorremos suficientemente sobre o comprimento e a largura deste continente, de suas montanhas escarpadas e cursos de água, bem como de suas diferentes regiões.

Parece-me que não devo deixar de mencionar os infortúnios que atingiram alguns de nossos compatriotas. Quando eu era criança, todo o meu ser estremecia e eu sentia pena ao pensar no Alquimênides de Virgílio que, abandonado por Ulisses na terra dos Ciclopes, sustentou a vida durante o período entre a partida de Ulisses e a chegada de Enéias, ao bagas e sementes. Os espanhóis da colônia de Nicuesa de Veragua certamente teriam apreciado frutas e sementes como deliciosas comidas. É necessário citar como fato extraordinário que a cabeça de um burro foi comprada por alto preço? Por que muitas dessas coisas, semelhantes às suportadas durante um cerco, importam? Quando Nicuesa decidiu abandonar este país estéril e desolado de Veragua, desembarcou em Porto Bello e na costa que desde então se chama Cabo Marmor, esperando encontrar ali um solo mais fértil. Mas uma fome tão terrível atingiu seus companheiros que eles não hesitaram em comer as carcaças de cães sarnentos que trouxeram com eles para caçar e como cães de guarda. Esses cães foram de grande utilidade para eles na luta com os índios. Eles até comeram os cadáveres de índios massacrados, pois naquele país não há árvores frutíferas nem pássaros como em Darien, o que explica por que é desprovido de habitantes. Alguns deles combinaram comprar um cão magro e faminto, pagando a seu dono vários pesos dourados ou castellanos. Eles esfolaram o cachorro e o comeram, jogando sua pele sarnenta e cabeça nos arbustos vizinhos. No dia seguinte, um soldado de infantaria espanhol, encontrando a pele, que já estava cheia de vermes e meio pútrida, levou-a consigo. Ele limpou os vermes e, depois de cozinhar a pele em uma panela, comeu. Vários de seus companheiros vieram com suas tigelas para compartilhar a sopa feita com aquela pele, cada um oferecendo um castellano de ouro por uma colher de sopa. Um castelhano que apanhou dois sapos cozinhou-os, e um homem doente comprou-os para comer, pagando duas camisas de linho e ouro fiado que valiam bem seis castellanos. Um dia foi encontrado na planície o cadáver de um índio morto pelos espanhóis e, embora já em putrefação, cortaram-no secretamente em pedaços que depois cozinharam ou assaram, saciando a fome com aquela carne como se fosse eram pavão. Durante vários dias, um espanhol, que havia deixado o acampamento à noite e se perdido nos pântanos, comeu a vegetação encontrada nos pântanos. Ele finalmente conseguiu se juntar a seus companheiros, rastejando pelo chão e meio morto. Tais são os sofrimentos que esses miseráveis colonos de Veragua suportaram.

No início havia mais de setecentos, e quando eles se juntaram aos colonos em Darien, pouco mais de quarenta restaram. Poucos morreram lutando contra os índios; foi a fome que os esgotou e matou. Com seu sangue eles abriram caminho para aqueles que seguem e se estabelecem nesses novos países. Comparados a essas pessoas, os

espanhóis sob a liderança de Nicuesa parecem convidados para as festividades nupciais, pois partem por estradas, que são

novos e seguros, rumo a países inexplorados onde encontrarão habitantes e colheitas que os aguardam. Ignoramos ainda onde desembarcou o capitão Pedro Arias, comandante da frota real[4]; se eu souber que isso agradará a Vossa Santidade, relatarei fielmente a continuação dos eventos.

[Nota 4: Esta Década foi escrita no final do ano de 1514, mas embora Pedro Arias tivesse desembarcado em 29 de junho, nenhuma notícia de seus movimentos havia chegado à Espanha. A lentidão e a incerteza da comunicação devem ser constantemente lembradas pelos leitores.]

Da Corte do Rei Católico, véspera dos noves de dezembro de 1514, Anno Domini.

A terceira década

LIVRO I

PEDRO MÁRTIR, DE MILÃO, PRONOTÁRIO APOSTÓLICO E CONSELHEIRO REAL DO SOBERANO PONTÍFICE LEÃO X

Eu havia fechado as portas do Novo Mundo, Santíssimo Padre, pois parecia-me que já havia vagado bastante por aquelas regiões, quando recebi novas cartas que me obrigaram a reabrir aquelas portas e retomar minha pena. Já contei que depois de expulsar o capitão Nicuesa e o desembargador Enciso da colônia de Darien, Vasco Nunez, com a conivência de seus companheiros, usurpou o governo. Recebemos cartas [1] dele e de vários de seus companheiros, escritas em estilo militar, informando-nos que ele havia cruzado a cadeia montanhosa que separa nosso oceano do até então desconhecido mar do sul. Nenhuma carta de Capri sobre Sejanus foi escrita em linguagem mais orgulhosa. Apenas relatarei os eventos relatados nessa correspondência que são dignos de menção.

[Nota 1: Duas cartas de Balboa são publicadas por Navarrete (tom, iii.,) e também podem ser lidas em uma tradução francesa feita por Gaffarel e publicada em sua obra, _Vasco Nunez de Balboa_.]

Vasco Nunez não só se reconciliou com o Rei Católico, que antes se irritava com ele, como agora goza dos mais altos favores. Pois o Rei muniu a ele e à maioria de seus homens de privilégios e honras, e recompensou suas ousadas façanhas.[2] Que Vossa Santidade nos ouça atentamente e ouça com fronte serena e coração alegre a nossa narração, pois não são algumas centenas ou legiões que a nação espanhola conquistou e submeteu ao seu trono sagrado, mas, graças às suas várias conquistas e os mil perigos a que se expõem, miríades que foram subjugadas.

[Nota 2: Balboa foi nomeado Adelantado do Mar do Sul e das regiões do Panamá e Coiba. Pedro Arias também foi intimado a aconselhá-lo sobre todas as medidas de importância.]

Vasco Nunez mal suportou a inércia, pois é de natureza ardente, impaciente de repouso, e talvez temesse que outro lhe roubasse a honra da descoberta, pois crê-se que tenha tomado conhecimento da nomeação dada a Pedro Arias.[3] Bem pode ser que a esses dois motivos tenha sido acrescentado o medo, sabendo que o rei estava irritado com sua conduta no passado. Em todo o caso, ele formou o plano de empreender, com um punhado de homens, a conquista do país para cuja sujeição o filho do cacique de Comogra declarou serem necessários não menos de mil soldados. Convocou à sua volta alguns veteranos de Darien e a maioria dos que vieram de Hispaniola na esperança de encontrar ouro, formando assim uma pequena tropa de cento e noventa homens, com quem partiu nas calendas de setembro do passado. ano, 1513.

[Nota 3: Este foi o caso; seu amigo Zamudio havia notificado Balboa da nomeação de Pedro Arias.]

Desejando fazer o máximo possível da viagem por mar, embarcou num bergantim e em dez barcas nativas cavadas em troncos de árvores, e desembarcou primeiro na terra de seu aliado Careca, cacique de Coiba. Deixando seus navios, ele implorou a bênção divina sobre seu empreendimento e marchou diretamente para as montanhas. Atravessou o país sujeito ao cacique Poncha, que fugiu, como já o fizera noutras ocasiões. Seguindo o conselho dos guias fornecidos por Careca, Vasco enviou mensageiros a Poncha, prometendo sua amizade e proteção contra os inimigos, e outras vantagens. O cacique, conquistado por essas promessas e amabilidades e pelas do povo de Careca, juntou-se aos espanhóis, e com grande entusiasmo concluiu uma aliança com eles. Vasco rogou-lhe que não tivesse mais medo. Apertaram-se as mãos, abraçaram-se e trocaram numerosos presentes, Poncha dando cerca de cento e dez pesos de ouro avaliados em um castellano cada; não era uma quantia grande, mas ele havia sido roubado no ano anterior, como relatamos acima.

Para não ficar atrás, Vasco presenteou-o com algumas contas de vidro, enfiadas em forma de colares e pulseiras; também alguns espelhos, sinos de cobre e ninharias européias semelhantes. Os nativos valorizam muito essas coisas, pois tudo o que vem do exterior é mais valorizado em todos os lugares. Vasco agradou-lhes ainda mais, presenteando-os com alguns machados de ferro para cortar árvores. Não há instrumento que os nativos apreciem tanto, pois não possuem ferro, nem outro metal além do ouro; e têm grande dificuldade em cortar madeira para a construção de suas casas ou de suas canoas sem ferro. Fazem todo o trabalho de carpinteiro com ferramentas de pedra afiada, que encontram nos rios.

A partir daí Poncha tornou-se seu aliado, e Vasco Nunez, não temendo mais o perigo vindo de trás, conduziu os seus homens para a montanha. Poncha tinha-lhe fornecido guias e carregadores que iam à frente e abriam caminho. Eles passaram por desfiladeiros inacessíveis habitados por feras ferozes e escalaram montanhas íngremes.

A comunicação entre os nativos é rara, pois homens nus que não têm dinheiro têm muito poucos desejos. Qualquer comércio que façam é com seus vizinhos, e eles trocam ouro por ornamentos ou artigos úteis.

Segue-se, portanto, como praticamente não existe comunicação, não existem estradas. Seus batedores estão familiarizados com trilhas escondidas, que eles usam para fazer emboscadas ou incursões noturnas ou para massacrar e escravizar seus vizinhos. Graças aos homens de Poncha e ao trabalho dos carregadores, Vasco escalou montes escarpados, atravessou vários grandes rios, quer por pontes improvisadas, quer lançando traves de uma margem para outra, e sempre conseguiu manter a saúde dos seus homens. Para não me cansar e incorrer na censura da prolixidade, não menciono algumas das provações e fadigas que suportaram, mas julgo que não devo deixar de relatar o que aconteceu entre eles e os caciques que encontraram em sua marcha.

Antes de chegar ao cume da cordilheira, os espanhóis atravessaram a província de Quarequa, da qual o governante, que leva o mesmo nome, veio ao seu encontro; como é costume naquele país, ele estava armado com arcos e flechas e pesadas espadas de madeira de duas mãos. Também carregam paus com pontas queimadas, que arremessam com muita habilidade. A recepção de Quarequa foi arrogante e hostil, sendo sua disposição de se opor ao avanço de um exército tão numeroso. Ele perguntou para onde os espanhóis estavam indo e o que eles queriam, e em resposta à resposta do intérprete, ele respondeu: "Que eles refaçam seus passos, se não quiserem ser mortos até o último homem." Ele saiu na frente de seus homens, vestido, como todos os seus chefes, enquanto o resto de seu povo estava nu. Ele atacou os espanhóis que não cederam; nem a batalha foi prolongada, pois o tiro de mosquete convenceu os nativos de que eles comandavam o trovão e o relâmpago. Incapazes de enfrentar as flechas de nossos arqueiros, eles se viraram e fugiram, e os espanhóis cortaram o braço de um, a perna ou o quadril de outro, e de alguns a cabeça de um só golpe, como açougueiros cortando carne e carneiro para o mercado. Seiscentos, incluindo o cacique, foram assim mortos como bestas brutas.

Vasco descobriu que a vila de Quarequa estava maculada pelo vício mais imundo. O irmão do rei e vários outros cortesãos se vestiam de mulher e, segundo relatos dos vizinhos, compartilhavam a mesma paixão. Vasco ordenou que quarenta deles fossem despedaçados por cães. Os espanhóis geralmente usavam seus cães para lutar contra essas pessoas nuas, e os cães se jogavam sobre eles como se fossem javalis selvagens ou cervos tímidos. Os espanhóis acharam esses animais tão prontos para compartilhar seus perigos quanto o povo de Colophon ou Castabara, que treinou coortes de cães para a guerra; pois os cães estavam sempre na liderança e nunca se esquivavam de uma briga.

Quando os nativos souberam com que severidade Vasco havia tratado aqueles homens sem-vergonha, apertaram-no como se fosse Hércules e, cuspindo naqueles que suspeitavam ser culpados desse vício, imploraram-lhe que os exterminasse, pois o contágio se limitava a os cortesãos e ainda não havia se espalhado para o povo. Erguendo os olhos e as mãos para o céu, deram a entender que Deus horrorizou esse pecado, punindo-o com o envio de raios e trovões, e frequentes inundações que destruíram as colheitas. Foi igualmente a causa da fome e da doença.

Os nativos não adoram outro deus senão o sol, que é o senhor e o único digno de honra. No entanto, eles aceitaram a instrução e rapidamente adotarão nossa religião quando mestres zelosos vierem instruí-los. Sua linguagem não contém nada grosseiro ou difícil de entender, e todas as palavras de seu vocabulário podem ser traduzidas

e escritas em letras latinas, como já dissemos foi o caso de Hispaniola. Eles são uma raça guerreira e sempre foram vizinhos problemáticos. O país não é rico em minas de ouro, nem possui solo fértil, sendo montanhoso e árido. Por causa de suas montanhas escarpadas, a temperatura é fria e os chefes usam roupas, mas a maior parte do povo se contenta em viver em estado natural. Os espanhóis encontraram escravos negros nesta província.[4] Eles vivem em uma região a apenas um dia de marcha de Quarequa e são ferozes e cruéis. Acredita-se que piratas negros da Etiópia se estabeleceram após o naufrágio de seus navios nessas montanhas. Os nativos de Quarequa travam uma guerra incessante com esses negros. Massacre ou escravidão é a fortuna alternativa dos dois povos.

[Nota 4: Este fato misterioso foi afirmado por muitos autores para ser negado o crédito. A explicação do autor sobre a existência desses africanos na América é possivelmente a correta.]

Deixando na Quarequa alguns companheiros adoecidos de incessantes fadigas e agruras a que não estavam habituados, Vasco, guiado por guias nativos, dirigiu-se ao cume da serra.[5]

[Nota 5: Em 26 de setembro de 1513; os homens que o acompanhavam eram sessenta e seis.]

Da aldeia da Poncha até ao local onde se avista o oceano austral são seis dias de marcha normal, mas só percorreu a distância em vinte e cinco dias, depois de muitas aventuras e grandes privações. No sétimo dia das calendas de outubro, um guia quarequa mostrou-lhe um pico de onde se avista o oceano austral. Vasco olhou-o com saudade. Ele ordenou uma parada e foi sozinho escalar o pico, sendo o primeiro a chegar ao topo. Ajoelhando-se no chão, ergueu as mãos ao céu e saudou o mar do sul; segundo seu relato, deu graças a Deus e a todos os santos por terem reservado esta glória para ele, um homem comum, igualmente desprovido de experiência e autoridade. Concluindo suas orações à maneira militar, ele acenou com a mão para alguns de seus companheiros e mostrou-lhes o objeto de seus desejos. Ajoelhando-se novamente, rezou ao Mediador Celestial, e especialmente à Virgem Mãe de Deus, para favorecer sua expedição e permitir que ele explorasse a região que se estendia abaixo dele. Todos os seus companheiros, gritando de alegria, fizeram o mesmo. Mais orgulhoso do que Aníbal mostrando a Itália e os Alpes aos seus soldados, Vasco Nunez prometeu grandes riquezas aos seus homens. "Eis o tão desejado oceano! Eis! todos vós, homens, que compartilhastes tais esforços, eis o país do qual o filho de Comogre e outros nativos nos contaram tais maravilhas!" Como símbolo de posse construiu um amontoado de pedras em forma de altar, e para que a posteridade não os acusasse de falsidade, inscreveram aqui e ali o nome do rei de Castela nos troncos das duas encostas daquele cume. , erguendo vários montes de pedras.[6]

[Nota 6: Conforme o uso espanhol, um notário, Andrés Valderrabano, lavrou uma declaração testemunhando a descoberta, que foi assinada, primeiro por Balboa, depois pelo padre, Andrés de Vera, e por todos os outros, terminando com o próprio tabelião.]

Finalmente os espanhóis chegaram à residência de um cacique chamado Chiapes. Este chefe, totalmente armado e acompanhado por uma multidão de seu povo, avançou ameaçadoramente, determinado não apenas a bloquear seu caminho, mas a impedir que cruzassem sua fronteira. Embora os cristãos fossem poucos, eles cerraram suas fileiras

e marcharam em direção ao inimigo, descarregando suas armas e soltando uma matilha de cães contra Chiapes. O som do canhão reverberou entre as montanhas, e a fumaça da pólvora parecia lançar chamas; e quando os índios sentiram o cheiro do enxofre que o vento soprava em sua direção, eles fugiram em pânico, jogando-se no chão aterrorizados, convencidos de que um raio os atingiu. Enquanto estavam deitados no chão ou se espalhando descontroladamente, os espanhóis se aproximaram deles em fileiras cerradas e em boa ordem. Na perseguição, eles mataram alguns e fizeram muitos prisioneiros. A intenção original era tratar esses índios com gentileza e explorar seu país de maneira amigável. Vasco tomou posse da casa de Chiapes, e apreendeu a maioria dos que haviam sido capturados durante a tentativa de fuga. Ele enviou vários deles para convidar seu cacique a voltar; eles foram instruídos a prometer a ele paz, amizade e tratamento gentil, mas se ele não viesse, isso significaria sua ruína e a destruição de seu povo e país.

Para convencer Chiapes da sua sinceridade, Vasco Nuñez enviou com os seus mensageiros alguns dos nativos de Quarequa, que lhe serviam de guias. Estes últimos falaram com ele em seu próprio nome e no de seu cacique, e Chiapes, deixando-se persuadir por seus argumentos e pelas súplicas de seus próprios súditos, confidenciou a promessa feita a ele. Deixando seu esconderijo, ele voltou para os espanhóis, onde um acordo amigável foi feito, apertos de mão e votos mútuos trocados, sendo a aliança confirmada por presentes recíprocos. Vasco recebeu quatrocentos pesos de ouro forjado de Chiapes. Observamos que um peso equivalia a pouco mais de trinta ducados. O cacique recebeu uma série de artigos de manufatura européia, e prevaleceu a maior satisfação mútua. Foi decidida uma parada de vários dias, para aguardar a chegada dos espanhóis que haviam ficado para trás.

Despedindo o povo de Quarequa com alguns presentes, os espanhóis, sob a orientação do povo de Chiapes e acompanhados pelo próprio cacique, fizeram a descida da serra até as margens do tão desejado oceano em quatro dias. Grande foi a alegria deles; e na presença dos nativos tomaram posse, em nome do rei de Castela, de todo aquele mar e das terras que o margeiam.

Vasco deixou alguns de seus homens com Chiapes, para que tivesse mais liberdade para explorar o país. Tomou emprestadas do cacique nove dessas barcas escavadas em troncos de árvores, que os nativos chamam de _culches_; e acompanhado por oitenta de seus próprios homens e guiado por Chiapes, navegou em um grande rio que o levou ao território de outro cacique chamado Coquera. Este chefe, como os outros, quis a princípio resistir e expulsar os espanhóis. Sua tentativa foi vã, e ele foi conquistado e posto em fuga. Seguindo o conselho de Chiapes, Coquera voltou, pois os enviados enviados por este lhe falaram assim: “Esses estrangeiros são invencíveis. Se você se tornar amigo deles, eles prometem assistência, proteção e paz, como você pode ver no nosso caso e no dos caciques vizinhos; mas se você recusar a amizade deles, prepare-se para a ruína e a morte."

Convencido por essas representações, Coquera deu aos espanhóis seiscentos e cinquenta pesos de ouro lavrado, recebendo em troca os presentes de praxe. Era o mesmo tratamento que tinha sido dado à Poncha.

Após firmar as pazes com Coquera, Vasco voltou ao país de Chiapes. Ele revisou seus soldados, descansou um pouco e então resolveu visitar

um grande golfo nas proximidades. Segundo o relato dos nativos, a extensão desse golfo, desde o ponto onde ele penetra no país até suas costas mais distantes, é de sessenta milhas. É pontilhada de ilhas e recifes, e Vasco deu-lhe o nome de São Miguel. Tomando as nove barcas que havia emprestado de Chiapes, nas quais já havia atravessado o rio, embarcou com oitenta de seus companheiros, todos então com boa saúde. Chiapes fez o possível para desestimular esse empreendimento, aconselhando Vasco em hipótese alguma a se arriscar no golfo naquela época do ano, pois durante três meses é tão tempestuoso que a navegação se torna impossível. Ele mesmo tinha visto muitos culches varridos pelas ondas furiosas. Vasco Nunez, não querendo atrasar-se, afirmou que Deus e todo o exército celeste favoreceram a sua empresa, e que ele trabalhava para Deus, e para propagar a religião cristã, e para descobrir tesouros para servir de tendões de guerra contra os inimigos de a fé. Depois de pronunciar um brilhante discurso, convenceu seus companheiros a embarcar nas canoas de Chiapes. Este, querendo tirar de Vasco Nunez a última dúvida, declarou-se disposto a acompanhá-lo a qualquer parte, e que lhe serviria de guia, pois não permitiria que os espanhóis saíssem do seu território sob outra escolta que não a sua. ter.

Mal os espanhóis alcançaram o mar aberto em suas canoas, foram surpreendidos por uma tempestade tão violenta que não sabiam para onde ir, nem onde encontrar refúgio. Tremendo e assustados, eles se entreolharam, enquanto Chiapes e os índios ficaram ainda mais alarmados, pois conheciam os perigos dessa navegação e muitas vezes testemunharam naufrágios. Eles sobreviveram ao perigo e, após amarrarem suas canoas às rochas ao longo da costa, refugiaram-se em uma ilha vizinha. Mas durante a noite a maré subiu e cobriu quase toda ela. Na maré alta, o mar do sul sobe tanto que muitas rochas imensas que se erguem acima da maré baixa são então cobertas pelas ondas. No mar do norte, porém, de acordo com o testemunho unânime dos que habitam suas margens, a maré recua apenas um côvado da costa. Os habitantes de Hispaniola e das ilhas vizinhas confirmam esse fato.

Quando a costa ficou seca, os espanhóis voltaram para seus culches, mas ficaram estupefatos ao encontrar todos eles danificados e cheios de areia. Embora escavados em troncos de árvores, alguns foram quebrados e abertos, os cabos que os seguravam foram arrebentados. Para repará-los, eles usaram musgo, casca, algumas plantas marinhas muito resistentes e gramíneas. Parecendo náufragos e quase mortos de fome (pois a tempestade havia levado quase todas as suas provisões), eles começaram a voltar. Os nativos dizem que em todas as épocas do ano as marés altas e baixas enchem as ilhas do golfo com um rugido assustador; mas que isso ocorre principalmente durante os três meses indicados por Chiapes, e que correspondem a outubro, novembro e dezembro. Foi no mês de outubro e, segundo o cacique, foi nessa e nas duas luas seguintes que a tempestade prevaleceu.

Depois de dedicar alguns dias a descansar, Vasco Nunez atravessou o território de outro cacique sem importância e entrou no país de um segundo, chamado Tumaco, cuja autoridade se estendia ao longo da costa do golfo. Tumaco, seguindo o exemplo de seus colegas, pegou em armas; mas sua resistência foi igualmente vã. Conquistados e postos em fuga, todos os seus súditos que resistiram foram massacrados. Os outros foram poupados, pois os espanhóis preferiram ter relações pacíficas e amigáveis com essas tribos.

Tumaco era procurado e os enviados de Chiapes exortavam-no a voltar sem medo, mas nem promessas nem ameaças o comoviam. Tendo-o inspirado a temer pela própria vida, o extermínio de sua família e a ruína de sua cidade, se resistisse, o cacique decidiu enviar seu filho aos espanhóis. Depois de presentear este jovem com um manto e outros presentes semelhantes, Vasco o mandou de volta, implorando-lhe que informasse o pai dos recursos e bravura dos estranhos.

Tumaco comoveu-se com a bondade demonstrada para com o filho, e três dias depois ele apareceu; ele não trouxe nenhum presente a princípio, mas em obediência às suas ordens, seus atendentes deram seiscentos e quatorze pesos de ouro e duzentos e quarenta pérolas selecionadas e uma quantidade de outras menores. Estas pérolas suscitaram a infinita admiração dos espanhóis, embora não sejam da melhor qualidade, porque os nativos cozinham as conchas antes de as extrair, para o fazerem mais facilmente e para que a carne da ostra seja mais saborosa. Esta iguaria é muito apreciada e reservada aos caciques, que a valorizam mais do que as próprias pérolas; pelo menos é o que diz um certo biscainho, Arbolazzo, companheiro de Vasco Nunez, que depois foi enviado ao nosso soberano com ostras perlíferas. É preciso acreditar em testemunhas oculares.[7]

[Nota 7: A missão de Arbolazzo conseguiu apaziguar completamente o vexame do rei Fernando e obter dele a nomeação de Balboa como Adelantado, e outros privilégios e favores para os participantes dos descobrimentos.]

Observando que os espanhóis davam grande valor às pérolas, Tumaco ordenou a alguns de seus homens que se preparassem para mergulhar em busca de algumas. Eles obedeceram e quatro dias depois voltaram trazendo quatro libras de pérolas. Isso causou a mais viva satisfação, e todos abraçaram com efusão. Balboa ficou encantado com os presentes que recebeu e Tumaco ficou satisfeito por ter cimentado a aliança. A boca dos espanhóis encheu-se de água de satisfação ao falar desta grande riqueza.

O cacique Chiapes, que os acompanhou e esteve presente nesses eventos, também ficou muito satisfeito, principalmente porque foi sob sua liderança que os espanhóis empreenderam uma empresa tão lucrativa, e também porque ele pôde mostrar ao seu vizinho mais poderoso, quem talvez não fosse agradável para ele, que amigos valentes ele possuía. Ele pensou que a aliança espanhola seria muito útil para ele, pois todos esses selvagens nus nutrem um ódio inveterado uns pelos outros e são consumidos pela ambição.

Vasco Nunez gabava-se de ter aprendido com Tumaco muitos segredos sobre as riquezas do país, mas declarou que, por enquanto, os guardaria exclusivamente para si, pois eram presente do cacique para ele. Segundo o relato dos espanhóis, Tumaco e Chiapes diziam haver uma ilha muito maior que as outras no golfo, governada por um único cacique. Sempre que o mar estava calmo, esse cacique atacava seus territórios com uma imponente frota de canoas, e levava tudo que encontrava. Esta ilha está a cerca de vinte milhas de distância da costa, e do topo das colinas do continente suas costas eram visíveis. Diz-se que conchas tão grandes quanto

nas suas margens encontram-se leques, de onde são retiradas pérolas, por vezes do tamanho de um feijão ou de uma azeitona. Cleópatra teria ficado orgulhosa de possuir tal. Embora esta ilha esteja

perto da costa, ela se estende além da foz do golfo, em mar aberto. Vasco alegrou-se ao ouvir esses detalhes e percebeu o lucro que poderia obter. Para aproximar ainda mais os dois caciques de seu interesse e convertê-los em aliados, denunciou o chefe da ilha, com terríveis ameaças. Ele se comprometeu a desembarcar ali e conquistar, exterminar e massacrar o cacique. Para dar cumprimento às suas palavras, ele ordenou que as canoas fossem preparadas, mas tanto Chiapes quanto Tumaco o instaram amigavelmente a adiar a empreitada até o retorno do bom tempo, pois nenhuma canoa poderia navegar no mar naquela época do ano.

Isso foi em novembro, quando as tempestades e furacões prevalecem. As costas da ilha são inóspitas, e entre os canais que separam as diversas ilhas ouve-se o rugido horrível das ondas que lutam entre si. Os rios transbordam de seus leitos e, descendo as encostas das montanhas, rasgam as rochas e as árvores enormes e despejam-se no mar com um barulho sem paralelo. Ventos violentos do sul e sudoeste predominantes naquela estação, acompanhados por trovões e relâmpagos perpétuos, varrem e destroem as casas. Sempre que o tempo estava claro, as noites eram frias, mas durante o dia o calor era insuportável. Isso também não é surpreendente, pois essa região fica perto do equador e a estrela polar não é mais visível. Nesse país a temperatura gelada durante a noite é devida à lua e outros planetas, enquanto o sol e seus satélites causam o calor durante o dia. Tal não era a opinião dos antigos, que imaginavam que o círculo equinocial era desprovido de habitantes por causa dos raios perpendiculares do sol. Alguns poucos autores, cujas teorias os portugueses demonstraram pela experiência serem corretas, discordaram dessa visão. Todos os anos os portugueses chegam aos antípodas antárticos e fazem comércio com aquele povo. Eu digo os antípodas; no entanto, não ignoro que existem homens eruditos, os mais ilustres por seu gênio e sua ciência, entre os quais existem alguns santos que negam a existência dos antípodas. Nenhum homem pode saber tudo. Os portugueses ultrapassaram o grau quinquagésimo quinto do outro Pólo, onde, navegando sobre o ponto, puderam ver ao longo da abóbada celeste certas nebulosas, semelhantes à Via Láctea, nas quais brilhavam raios de luz. Dizem que não há nenhuma estrela fixa notável perto desse Pólo, semelhante à do nosso hemisfério, que se acredita vulgarmente ser o Pólo, e que é chamada na Itália _tramontane_, na Espanha, a Estrela do Norte. Do eixo do mundo no centro do signo da Balança, o sol, quando se põe para nós nasce para eles, e quando é primavera lá, é outono para nós, e verão lá quando temos inverno. Mas chega dessa digressão e vamos retomar nosso assunto.

LIVRO II

Influenciado pelos conselhos dos caciques Chiapes e Tumaco, Vasco Nunez decidiu adiar a visita à ilha para a primavera ou verão, altura em que Chiapes se ofereceu para acompanhá-lo. Enquanto isso, ele sabia que os caciques tinham redes perto da costa onde pescavam ostras perlíferas. Os caciques têm hábeis mergulhadores treinados desde a infância nessa profissão, e que mergulham nessas ostras como se estivessem em viveiros de peixes, mas só o fazem quando o mar está calmo e as águas

baixa, o que facilita o mergulho. Quanto maiores as conchas, mais profundamente elas estão inseridas. As ostras de tamanho normal, como filhas das outras, estão mais próximas da superfície, enquanto as pequenas, como netos, estão ainda mais próximas. É necessário mergulhar três e às vezes até quatro vezes a altura de um homem para encontrar as conchas mais profundas; mas para pegar as filhas e netos não é preciso ir mais fundo que a cintura e às vezes até menos. Às vezes acontece, depois de fortes tempestades quando o mar se acalma, que uma multidão dessas conchas, arrancadas pelas ondas de seus leitos, são depositadas na praia, mas esse tipo contém apenas pérolas muito pequenas. A carne destes bivalves, como a das nossas ostras, é boa de comer, afirmando-se mesmo que o seu sabor é mais delicado. Desconfio que a fome, que é o melhor molho para cada prato, induziu esta opinião entre os nossos compatriotas.

As pérolas, como afirma Aristóteles, são o coração das conchas, ou são, como diz Plínio, o produto dos intestinos e realmente os excrementos desses animais? As ostras passam toda a vida presas à mesma rocha, ou movem-se pelo mar em número, sob a liderança das mais velhas? Uma concha produz uma ou muitas pérolas? Existe apenas um crescimento, ou esse crescimento é repetido? Deve-se ter um ancinho para separá-los ou eles são recolhidos sem problemas? As pérolas estão em estado mole ou duro quando entram na casca? São problemas que ainda não resolvemos, mas espero poder algum dia esclarecer minhas dúvidas a esse respeito, pois nossos compatriotas possuem meios para estudar essas questões. Assim que for informado do desembarque do capitão Pedro Arias, escreverei pedindo-lhe que faça uma investigação séria sobre esses pontos e que me envie os resultados precisos que obtiver. Sei que ele fará isso, pois é meu amigo. Não é realmente absurdo guardar silêncio sobre um assunto que interessa tanto a homens e mulheres, tanto na antiguidade como na nossa, e que inflama a todos com desejos tão imoderados? A partir de agora, a Espanha pode satisfazer os desejos de uma Cleópatra ou de um AEsop por pérolas. Ninguém mais se enfurecerá ou invejará as riquezas de Stoides[1] ou do Ceilão, do Oceano Índico ou do Mar Vermelho. Mas voltemos ao nosso assunto.

[Nota 1: Plínio menciona esta ilha, na costa da Macedônia, como tendo pesca de pérolas.]

Vasco determinou que aquela parte do mar onde Chiapes obtinha suas pérolas fosse explorada por nadadores. Embora o tempo estivesse ruim e ameaçasse uma tempestade, o cacique, para agradá-lo, ordenou que trinta de seus mergulhadores se dirigissem aos viveiros de ostras. Vasco colocou seis dos seus companheiros para vigiar os mergulhadores, mas sem sair da margem nem se expor ao risco da tempestade. Os homens partiram juntos para a praia, que não ficava a mais de dez milhas da residência de Chiapes. Embora os mergulhadores não tenham se aventurado ao fundo do oceano, devido ao perigo da tempestade, conseguiram recolher, em poucos dias, seis carregamentos de pérolas[2], incluindo as conchas recolhidas à superfície ou espalhadas por a violência da tempestade nas areias. Alimentavam-se avidamente da carne desses animais. As pérolas encontradas não eram maiores que uma lentilha ou uma ervilha, mas tinham um belo oriente, pois haviam sido retiradas enquanto o animal ainda estava vivo. Para não serem acusados de exagero no tamanho dessas conchas, os espanhóis enviaram ao rei alguns exemplares notáveis, dos quais a carne havia sido retirada, ao mesmo tempo que as pérolas. Não parece possível que conchas

desse tamanho sejam encontradas em qualquer lugar. Estas conchas e o ouro que se encontra um pouco por todo o lado são a prova de que a Natureza esconde vastos tesouros neste país, embora até agora a exploração tenha percorrido, por assim dizer, o dedo mindinho de um pigmeu, pois tudo o que se sabe é a vizinhança de Uraba. O que será quando toda a mão do gigante for conhecida e os espanhóis tiverem penetrado em todas as partes profundas e misteriosas do continente, ninguém pode dizer.

[Nota 2: _Sex attulerunt sarcinas brevi dierum numero_. A palavra _sarcinas_ como expressão de medida é vaga.]

Feliz e satisfeito com essas descobertas, Vasco decidiu voltar por outro caminho para seus companheiros de Darién, que estavam garimpando ouro a cerca de dez milhas de sua aldeia. Ele dispensou Chiapes, instando-o a não ir mais longe e a cuidar bem de si mesmo. Abraçaram-se e foi com dificuldade que o cacique conteve as lágrimas enquanto se cumprimentavam na despedida. Vasco deixou ali os seus doentes e, guiado pelos marinheiros de Chiapes, partiu com os seus homens sãos. A pequena companhia atravessou um grande rio que não era vadeável e entrou no território de um chefe chamado Taocha, que ficou muito satisfeito ao saber de sua chegada, pois já conhecia os costumes dos espanhóis. Ele saiu ao seu encontro, recebendo-os com honra e saudando-os como prova de seu afeto. Ele presenteou Vasco com vinte libras (a oito onças por libra) de ouro artisticamente trabalhado e duzentas pérolas selecionadas; os últimos não foram, no entanto, muito brilhantes. Apertaram-se as mãos e Taocha, aceitando os presentes que lhe foram oferecidos, implorou que o povo de Chiapes fosse dispensado, pois ele próprio desejava ter o prazer de acompanhar seus convidados.

Quando os espanhóis deixaram sua aldeia, ele não apenas forneceu guias, mas também escravos que eram prisioneiros de guerra e que substituíam os animais de carga carregando nos ombros provisões para a marcha. Eles tiveram que passar por florestas solitárias e por montanhas íngremes e rochosas, onde abundavam ferozes leões e tigres. Taocha colocou seu filho favorito no comando dos escravos, que carregou com peixe salgado e pão de mandioca e milho; ordenou ao filho que nunca abandonasse os espanhóis e que não voltasse sem autorização do Vasco. Liderados por este jovem, eles entraram no território de um chefe chamado Pacra, que era um tirano atroz. Fosse assustado por estar consciente de seus crimes, ou se sentisse impotente, Pacra fugiu.

Durante este mês de novembro os espanhóis sofreram muito com o calor e com os tormentos da sede, pois muito pouca água se encontra naquela região montanhosa. Teriam perecido todos se dois deles, que foram buscar água, carregando as abóboras que o povo de Taocha trouxe consigo, não tivessem encontrado uma pequena nascente que os nativos haviam apontado, escondida em um canto remoto da floresta. Nenhum dos últimos se aventurou a se afastar do corpo principal, pois eles temiam ser atacados por feras selvagens. Eles contaram que nestas alturas e nas proximidades desta fonte, feras ferozes levaram pessoas durante a noite e até de suas cabanas. Eles tiveram, portanto, o cuidado de colocar ferrolhos e todos os tipos de grades em suas portas. Talvez não esteja fora de lugar, antes de ir mais longe, relatar uma instância particular. Diz-se que no ano passado um tigre devastou Darien, causando tanto dano quanto antes o furioso javali de Calydon ou o feroz leão de Nemaean. Durante seis

meses inteiros, não passou uma noite sem que uma vítima, seja uma égua, um potro, um cachorro ou um porco, fosse capturada, mesmo na rua da cidade. Os rebanhos e os animais podem

ser sacrificado, mas não era seguro para as pessoas deixarem suas casas, especialmente quando buscava comida para seus filhotes; pois quando eles estavam com fome, o monstro atacava as pessoas que encontrava em vez dos animais. A ansiedade levou à invenção de um meio de vingar tanto derramamento de sangue. O caminho que fazia ao sair de seu covil à noite em busca de presas era cuidadosamente estudado. Os nativos cortaram a estrada, cavando uma vala que cobriram com galhos e terra. O tigre, que era um macho, foi imprudente e, caindo na vala, ficou ali preso nas pontas afiadas fixadas no fundo. Seus rugidos encheram a vizinhança e as montanhas ecoaram com uivos penetrantes. Eles mataram o monstro preso nas pontas, atirando grandes pedras das margens do fosso. Com um golpe de sua pata, ele quebrou os dardos lançados contra ele em mil fragmentos e, mesmo quando morto e sem respirar, encheu de terror todos os que o viram. O que teria acontecido se estivesse livre e ileso! Um civil chamado Juan de Ledesma, amigo de Vasco, e seu companheiro de perigo, diz que comeu a carne daquele tigre; ele me disse que não era inferior à carne bovina. Quando alguém pergunta a essas pessoas que nunca viram tigres por que afirmam que essa besta era um tigre, elas respondem que era porque era malhada, feroz, manhosa e apresentava outras características que outros atribuíram aos tigres. No entanto, a maioria dos espanhóis afirma ter visto leopardos malhados e panteras.

Depois que o tigre macho foi morto, eles seguiram seu rastro pelas montanhas e descobriram a caverna onde vivia com sua família. A fêmea estava ausente; mas dois pequeninos, ainda não desmamados, estavam deitados lá, e estes os espanhóis levaram; mas mudando de idéia depois e desejando levá-los para a Espanha quando fossem um pouco maiores, eles colocaram correntes cuidadosamente rebitadas em volta de seus pescoços e os levaram de volta para a caverna, a fim de que sua mãe pudesse amamentá-los. Alguns dias depois eles voltaram e encontraram as correntes ainda lá, mas a caverna estava vazia. Acredita-se que a mãe, furiosa, despedaçou os pequeninos e os levou embora, para que ninguém os tivesse; pois eles não poderiam ter se soltado vivos de suas correntes. A pele do tigre morto foi recheada com ervas secas e palha e enviada a Hispaniola para ser apresentada ao almirante e outros oficiais, de quem os colonos desses dois novos países obtêm leis e assistência.

Esta história me foi contada por aqueles que sofreram as devastações daquele tigre,[3] e tocaram sua pele; aceitemos o que eles nos dão.

[Nota 3: Como foi observado, não havia tigres na América.
O animal descrito pode ter sido uma onça.]

Voltemos agora a Pacra, de quem nos afastamos um pouco. Depois de ter entrado nos boios (isto é, na casa) abandonados pelo cacique, Vasco procurou induzi-lo a regressar por meio de enviados que deram a conhecer as condições já propostas a outros caciques; mas por muito tempo Pacra recusou. O Vasco então tentou ameaças, e o cacique finalmente decidiu entrar, acompanhado de outros três. Vasco escreve que era disforme, e tão sujo e hediondo que nada mais abominável se poderia imaginar. A natureza limitou-se a dar-lhe uma forma humana, mas ele é uma besta

bruta, selvagem e monstruosa. Sua moral estava em pé de igualdade com seu porte e fisionomia. Ele havia levado as filhas de quatro caciques vizinhos para satisfazer suas paixões brutais. Os caciques vizinhos, considerando Vasco um juiz supremo ou um Hércules, reparador de injúrias, queixavam-se das libertinagens

e os crimes de Pacra, implorando que fosse punido com a morte. Vasco fez com que esta besta imunda e os outros três caciques, que lhe obedeciam e compartilhavam de suas paixões, fossem despedaçados por cães de guerra, e os fragmentos de seus corpos foram depois queimados. Coisas surpreendentes são ditas sobre esses cães que os espanhóis levam para a batalha. Esses animais se lançam com fúria sobre os nativos armados que lhes são apontados, como se fossem veados tímidos ou javalis ferozes; e muitas vezes acontece que não há necessidade de espadas ou dardos para derrotar o inimigo. Uma ordem é dada a esses cães que formam a vanguarda, e os nativos, à simples visão desses formidáveis molossos [4] e ao som incomum de seus latidos, rompem suas fileiras e fogem como se horrorizados e estupefatos por algum prodígio inédito. . Isso não ocorre nas lutas contra os nativos de Caramaira ou os caribes, que são mais corajosos e entendem mais de guerra. Eles atiram suas flechas envenenadas com a rapidez do relâmpago e matam os cães em grande número; mas os nativos dessas montanhas não usam flechas na guerra; usam apenas machanes,[5] isto é, grandes espadas de madeira e lanças com pontas queimadas.

[Nota 4: _Torvo molossorum adspectu_. Referindo-se aos cães do Épiro, chamados pelos romanos de Molossi.]

[Nota 5: O _maquahuitle dos mexicanos; um bastão plano de madeira, no qual lâminas de _iztli_, ou pederneira, eram colocadas nas pontas opostas; era sua arma mais formidável em encontros corpo a corpo.]

Enquanto Pacra ainda estava vivo, perguntaram-lhe onde seu povo obtinha ouro, mas nem por persuasão, nem por ameaças, nem por torturas conseguiram arrancar-lhe esse segredo. Quando questionado sobre como ele havia conseguido o que possuía - pois havia oferecido um presente de trinta libras de ouro de seu tesouro - ele respondeu que aqueles de seus súditos que, no tempo de seus pais ou em seu próprio , havia minerado que o ouro na montanha estava morto e que desde a juventude ele não se preocupava em procurar ouro. Nada mais poderia ser obtido dele sobre este assunto.

O tratamento rigoroso de Pacra garantiu a Vasco a amizade dos caciques vizinhos, e quando ele mandou chamar os doentes, que havia deixado para trás para se juntar a ele, um cacique chamado Bononiama, cujo país a rota atravessava diretamente, recebeu-os gentilmente e deu-lhes vinte libras de ouro forjado e uma abundância de provisões. Tampouco os deixaria até que os tivesse acompanhado de sua residência à de Pacra, como se tivessem sido confiados à sua fidelidade. Assim falou a Vasco: "Aqui estão os teus companheiros de armas, Guerreiro Ilustre; assim como eles vieram a mim, também eu os trago a ti. Teria me agradado se eles estivessem em melhor saúde, mas tu e os teus companheiros são os servos daquele que atinge os culpados com trovões e relâmpagos, e que de sua generosidade, graças ao clima ameno, nos dá mandioca e milho." Ao dizer essas palavras, ele levantou os olhos para o céu e deu a entender que se referia ao sol. "Ao destruir nossos inimigos orgulhosos e violentos, você deu paz a nós e a

todo o nosso povo. Você superou monstros. Acreditamos que você e seus companheiros igualmente corajosos foram enviados do céu e, sob a proteção de seus machanes, podemos viver doravante sem medo. Nossa gratidão a ele que nos traz essas bênçãos e felicidades será eterna." Tal, ou algo assim, foi o discurso de Bononiama, conforme traduzido pelos intérpretes. Vasco agradeceu-lhe por ter escoltado os nossos homens e por os ter recebido com benevolência, e despediu-o carregado de presentes preciosos.

Vasco escreve que o cacique Bononiama lhe revelou muitos segredos sobre as riquezas da região, que ele reserva para mais tarde, pois não deseja falar deles em sua carta. O que ele quer dizer com tanto exagero e reticência eu não entendo. Ele parece prometer muito, e acho que suas promessas garantem a esperança de grandes riquezas; além disso, os espanhóis nunca entraram em uma casa nativa sem encontrar couraças e ornamentos peitorais de ouro, ou colares e pulseiras do mesmo metal. Se alguém desejando coletar ferro marchasse com uma tropa de homens determinados pela Itália ou Espanha, que artigos de ferro encontrariam nas casas? Em um um fogão, em outro uma caldeira, em outro lugar um tripé diante do fogo e espetos para cozinhar. Ele encontraria utensílios de ferro em todos os lugares e poderia obter uma grande quantidade do metal. Do que ele concluiria que o ferro abundava no país. Ora, os nativos do Novo Mundo não dão mais valor ao ouro do que nós ao minério de ferro. Todas estas particularidades, Santíssimo Padre, foram-me fornecidas ou pelas cartas de Vasco Nunez e seus companheiros de armas, ou por relato verbal. Sua busca por minas de ouro não produziu nenhum resultado sério, pois dos noventa homens que ele levou consigo para Darien, ele nunca teve mais de setenta ou no máximo oitenta sob suas ordens imediatas; os outros foram deixados nas moradas dos caciques.

Os que sucumbiam mais facilmente à doença eram os recém-chegados de Hispaniola; não suportavam tais agruras, nem contentavam o estômago, habituado a uma alimentação melhor, com o pão nativo, as ervas silvestres sem sal, e a água do rio nem sempre salutar. Os veteranos de Darien estavam mais acostumados a todos esses males e mais capazes de resistir à fome extrema. Assim Vasco gaba-se alegremente de ter mantido uma Quaresma mais longa e rigorosa do que Vossa Santidade, seguindo os decretos dos vossos predecessores, pois durou ininterruptamente durante quatro anos; durante esse tempo ele e seus homens viveram dos produtos da terra, dos frutos das árvores, e mesmo deles nem sempre havia o suficiente. Raramente comiam peixe e ainda mais raramente carne, e sua miséria chegou a tal ponto que eram obrigados a comer cachorros doentes, sapos nauseados e outras comidas semelhantes, considerando-se afortunados quando os encontravam. Já descrevi todas essas misérias. Chamo de "veteranos de Darien" os primeiros que se estabeleceram neste país sob a liderança de Nicuesa e Hojeda, dos quais resta apenas um pequeno número. Mas agora basta isto, e tragamos de volta Vasco e os veteranos da sua expedição pela grande serra.

LIVRO III

Durante os trinta dias que passou na aldeia de Pacra, Vasco esforçou-se por conciliar os índios e suprir as necessidades dos companheiros. De lá, guiado por súditos de Taocha, marchou pelas margens do rio

Comogra, que dá nome tanto ao país quanto ao cacique. As montanhas ao redor são tão íngremes e rochosas que nada adequado para alimentação humana cresce, exceto algumas plantas silvestres, raízes e frutos de árvores, adequados para alimentar animais. Dois caciques amigos e aliados habitam esta infeliz região. Vasco apressou-se em deixar para trás um país tão pouco favorecido pelo homem e pela Natureza, e, pressionado pela fome, primeiro despediu o povo de Taocha, e

tomou como guias os dois caciques empobrecidos, um dos quais se chamava Cotochus e o outro Ciuriza. Ele marchou três dias entre florestas selvagens, sobre montanhas não seladas e através de pântanos, onde armadilhas lamacentas cederam sob os pés e engoliram o viajante incauto. Ele passou por lugares que a natureza benéfica poderia ter criado para as necessidades do homem, mas não havia estradas feitas; pois a comunicação entre os nativos é rara, sendo seu único objetivo assassinar ou escravizar uns aos outros em suas incursões guerreiras. Caso contrário, cada tribo se mantém dentro de seus próprios limites. Ao chegarem ao território de um cacique chamado Buchebuea, encontraram o local vazio e silencioso, pois o cacique e todo o seu povo haviam fugido para a mata. Vasco enviou mensageiros para chamá-lo de volta, avisando-os para não fazer ameaças, mas, ao contrário, prometer proteção. Buchebuea respondeu que não havia fugido por temer um tratamento cruel, mas sim porque estava envergonhado e arrependido de não poder receber nossos compatriotas com a honra que eles mereciam, e nem mesmo de fornecer-lhes provisões. Como sinal de submissão e amizade, ele enviou de bom grado vários vasos de ouro e pediu perdão. Julgava-se que este infeliz cacique queria que se soubesse que tinha sido roubado e maltratado por algum inimigo vizinho, por isso os espanhóis deixaram o seu território, com a boca escancarada de fome, e mais magros do que quando lá entraram.

Durante a marcha, algumas pessoas nuas apareceram no flanco da coluna. Fizeram sinais do cimo de um monte e Vasco mandou parar para os esperar. Intérpretes que acompanharam os espanhóis perguntaram o que eles queriam, ao que eles responderam: "Nosso cacique, Chiorisos, os saúda. Ele sabe que vocês são homens corajosos que reparam injustiças e punem os ímpios e, embora só os conheça pela reputação, ele respeita e honra você. Nada o teria agradado mais do que tê-lo como seus convidados em sua residência. Ele teria ficado orgulhoso de receber tais convidados, mas como ele ainda não teve essa sorte e você passou por ele, ele o envia como uma promessa de carinho essas pequenas peças de ouro." Com sorrisos corteses apresentaram a Vasco trinta patenas de ouro puro, dizendo que lhe dariam ainda mais se viesse visitá-los. Os espanhóis dão o nome de patena às bolas de metal usadas no pescoço e também ao utensílio sagrado com o qual o cálice é coberto quando levado ao altar. Se neste caso se trata de pratos para a mesa ou bolas, sou absolutamente ignorante; Suponho, no entanto, que sejam pratos, pois pesavam quatorze libras, a oito onças por libra.

Esses índios então explicaram que havia nas redondezas um cacique muito rico, que era inimigo deles, e que anualmente os atacava. Se os espanhóis fizessem guerra contra ele, sua queda os enriqueceria e livraria os nativos amigos de uma ansiedade incessante. Nada seria mais fácil, eles disseram por meio de seus intérpretes, do que você nos ajudar, e nós agiremos como seus guias. Vasco encorajou-lhes as esperanças e despediu-os satisfeitos. Em troca de seus presentes, ele deu a eles alguns machados de ferro, que eles valorizam mais do que

montes de ouro. Pois como eles não têm dinheiro - essa fonte de todos os males - eles não precisam de ouro. O dono de um único machado se sente mais rico que Crasso.[1] Esses nativos acreditam que os machados podem servir a mil propósitos da vida diária, enquanto o ouro é procurado apenas para satisfazer desejos vãos, sem os quais seria melhor. Tampouco conhecem nossos refinamentos de gosto, que exigem que os aparadores sejam carregados com uma variedade de vasos de ouro e prata. Esses nativos não têm mesas, toalhas de mesa ou guardanapos; os caciques podem às vezes enfeitar suas mesas com vasinhos de ouro, mas seus súditos usam a mão direita para comer um pedaço de pão de milho e a esquerda para comer um pedaço de peixe grelhado ou fruta, e assim saciar a fome. Muito raramente comem cana-de-açúcar. Se tiverem que enxugar as mãos depois de comer um determinado prato, usam, em vez de guardanapos, as solas dos pés, ou os quadris, ou às vezes os testículos. A mesma moda prevalece em Hispaniola. É verdade que muitas vezes eles mergulham nos rios e assim lavam todo o corpo.

[Nota 1: Possivelmente uma cópia incorreta de Croesus.]

Carregados de ouro, mas sofrendo intensamente e com tanta fome que mal podiam viajar, os espanhóis continuaram sua marcha e chegaram ao território de um cacique chamado Pochorroso, onde durante trinta dias se empanturraram de pão de milho, que é semelhante ao pão milanês. Pochorroso havia fugido, mas, atraído por persuasões e presentes, voltou, e trocaram presentes. Vasco deu a Pochorroso os artigos aceitáveis de costume, e o cacique deu a Vasco quinze libras de ouro derretido e alguns escravos. Quando estavam para partir, constatou-se que seria necessário atravessar o território de um chefe chamado Tumanama, o mesmo anteriormente descrito pelo filho de Comogre como o mais poderoso e formidável daqueles chefes. A maioria dos servos de Comogre eram escravos deste homem capturados na guerra. Como é o caso em todos os lugares, essas pessoas mediram o poder de Tumanama por seu próprio padrão, ignorando o fato de que esses caciques, se confrontados com nossos soldados comandados por um líder corajoso e afortunado, não seriam mais temidos do que mosquitos. atacando um elefante. Quando os espanhóis conheceram Tumanama, descobriram rapidamente que ele não governava dos dois lados da montanha, nem era tão rico em ouro quanto o jovem Comogre pretendia. No entanto, eles se deram ao trabalho de conquistá-lo. Pochorroso, sendo inimigo de Tumanama, prontamente ofereceu seu conselho a Vasco.

Deixando seus enfermos a cargo do cacique, e convocando sessenta companheiros, todos homens fortes e valentes, Vasco explicou-lhes seu propósito, dizendo: "O cacique Tumanama sempre se gabou de ser inimigo de Vasco e de seus companheiros. para cruzar seu país, e é minha opinião que devemos atacá-lo enquanto ele não está em guarda." Os companheiros de Vasco aprovaram esse plano, incitando-o a executá-lo e oferecendo-se para acompanhá-lo. Resolveram fazer duas marchas sem parar, para evitar que Tumanama reunisse seus guerreiros; e esse plano foi executado assim que decidido.

Era a primeira vigília da noite quando os espanhóis e os guerreiros de Pochorroso invadiram a vila de Tumanama, pegando-o completamente de surpresa, pois ele não esperava nada. Estavam com ele dois homens, seus favoritos, e oitenta mulheres, que foram arrancadas de diferentes caciques por violência e indignação. Seus súditos e caciques aliados estavam espalhados pelas aldeias da vizinhança, pois moram

em casas bem separadas umas das outras, em vez de próximas umas das outras. Este costume deve-se aos frequentes redemoinhos a que estão expostos devido às mudanças bruscas de temperatura e à influência das estrelas que entram em conflito quando os dias e as noites têm a mesma duração. Já dissemos que essas pessoas vivem perto do equador. Suas casas são construídas de madeira, cobertas e cercadas de palha, ou talos de milho ou capim duro nativo do país. Havia outra casa na aldeia de Tumanama, ambas com duzentos e vinte passos de comprimento e cinquenta de largura. Essas casas foram construídas para abrigar os soldados quando Tumanama fez a guerra.

O cacique foi feito prisioneiro e com ele toda a corte de Sardanapal. Assim que foi encontrado, os homens de Pochorroso e os caciques vizinhos o encheram de insultos, pois Tumanama não era menos detestado pelos caciques vizinhos do que aquele Pacra que mencionamos ao descrever a expedição ao mar do sul . Vasco ocultou suas verdadeiras intenções para com o prisioneiro, mas embora adotasse uma atitude ameaçadora, realmente não lhe pretendia mal. "Você deve pagar a pena de seus crimes, tirano", disse ele; "muitas vezes você se gabou diante de seu povo que, se os cristãos viessem aqui, você os agarraria pelos cabelos e os afogaria no rio vizinho. Mas é você, criatura miserável, que será jogada no rio e afogada." Ao mesmo tempo mandou prender o prisioneiro, mas deu a entender aos seus homens que perdoava o cacique.

Tumanama jogou-se aos pés do Vasco e pediu perdão. Ele jurou que não disse nada disso e que, se alguém o fez, deve ter sido seus caciques quando estavam bêbados; pois nenhum desses chefes entende moderação, e ele os acusou de usar linguagem insolente.

Os seus vinhos não são feitos de uva, como já disse a Vossa Santidade, quando comecei a cultivar este pequeno campo, mas são inebriantes. Tumanama reclamou, chorando, que seus vizinhos haviam inventado essas falsidades para destruí-lo, pois tinham inveja dele por ser mais poderoso do que eles. Ele prometeu em troca de seu perdão uma grande quantidade de ouro e, apertando as mãos sobre o peito, disse que sempre amou e temeu os espanhóis, porque havia aprendido seus machanes, isto é, suas espadas. eram mais afiadas que as dele e cortavam mais fundo onde quer que atingissem. Olhando Vasco bem nos olhos, disse: "Quem então, senão um tolo, ousaria levantar a mão contra a espada de um homem como você, que pode partir um homem da cabeça ao umbigo com um golpe, e não Não hesite em fazê-lo? Não se deixe persuadir, ó mais bravo dos homens vivos, de que tal discurso contra você já saiu de minha boca. Estas e muitas outras palavras ele falou, já sentindo a corda da morte em volta do pescoço. Vasco, fingindo comover-se com estas orações e lágrimas, respondeu com serenidade que o perdoava e lhe dava a liberdade. Trinta libras (oito onças por libra) de ouro puro na forma de colares femininos foram imediatamente trazidas das duas casas, e três dias depois os caciques súditos de Tumanama enviaram mais sessenta libras de ouro, que era a quantia do multa imposta por sua temeridade. Quando perguntado de onde ele obteve esse ouro, Tumanama respondeu que vinha de minas muito distantes. Ele deu a entender que havia sido apresentado a seus ancestrais no rio Comogra, que deságua no mar do sul; mas o povo de Pochorroso e seus inimigos disseram que ele mentiu e que seu próprio território produzia muito ouro. Tumanama insistiu, porém, que não conhecia nenhuma mina de ouro em seu domínio. Acrescentou que era bem verdade que aqui e ali alguns pequenos grãos de ouro foram

encontrados, mas ninguém se deu ao trabalho de pegá-los, pois isso exigiria um trabalho tedioso.

Nesta discussão juntaram-se a Vasco, no oitavo dia das calendas de Janeiro e último dia do ano de 1513, os homens que deixara com Pochorroso. Os escravos que os caciques do sul lhes emprestaram carregavam suas ferramentas de mineração de ouro.

O dia da Natividade de Nosso Senhor foi dado para descansar, mas o

No dia seguinte, Festa do Protomártir Santo Estêvão, Vasco conduziu alguns garimpeiros a uma colina perto da residência de Tumanama porque pensou pela cor da terra que continha ouro. Um buraco de um palmo e meio foi feito e da terra peneirada alguns grãos de ouro, não maiores que uma lentilha, foram obtidos.

Vasco mandou registar este facto por tabelião e testemunhas, a fim de apurar a autenticidade desta descoberta, como a chamou, de um _toman_ de ouro. Na linguagem dos banqueiros, um _toman_ contém doze grãos. Vasco deduziu consequentemente, como alegavam os caciques vizinhos, que o país era rico, mas nunca conseguiu convencer Tumanama a admiti-lo. Alguns diziam que Tumanama era indiferente a tão insignificantes fragmentos de ouro, outros afirmavam que ele persistia em negar as riquezas de seu país por medo de que os espanhóis, para satisfazer seu desejo de ouro, pudessem se apossar de tudo. O cacique viu muito bem o futuro; pois os espanhóis decidiram, se o rei consentir, estabelecer novas cidades em seu país e no de Pochorroso; essas cidades servirão como refúgios e armazéns para os viajantes que vão para o Mar do Sul e, além disso, ambos os países são favoráveis ao cultivo de todos os tipos de frutas e colheitas.

Vasco decidiu deixar este país, e abrir para si um novo caminho por uma terra em que a terra tinge e as conchas lhe pareciam indicar a presença de ouro. Mandou fazer uma pequena escavação abaixo da superfície da terra e encontrou um peso, pesando pouco mais que um grão. Já disse na minha Primeira Década, dirigida a Vossa Santidade, que um peso valia um castellano de ouro. Encantado com o resultado, arrebatou Tumanama com promessas tagarelas de impedir que o cacique interferisse com qualquer aliado dos espanhóis naquele bairro. Ele também implorou que ele coletasse uma quantidade de ouro. Alega-se que ele levou todas as mulheres do cacique e praticamente o despiu para conter sua insolência. Tumanama também confiou seu filho a Vasco para que o menino aprendesse nossa língua vivendo com os espanhóis, conhecesse nossos hábitos e se convertesse à nossa religião. Pode ser que a educação do menino algum dia seja útil para seu pai e assegure-lhe nosso favor.

As imensas fadigas, as longas vigílias e as privações de Vasco acabaram por provocar uma febre violenta, de modo que ao sair desta terra teve de ser carregado aos ombros de escravos. Todos os outros gravemente enfermos foram igualmente levados em redes, isto é, em redes de algodão. Outras, que ainda tinham alguma força, apesar das pernas fracas, eram sustentadas sob as axilas e carregadas pelos indígenas. Finalmente chegaram ao país do nosso amigo Comogre, de quem já falei longamente acima. O velho estava morto e fora sucedido por aquele filho cuja sabedoria elogiamos. Este jovem havia sido batizado e se chamava Carlos. O palácio deste Comogre fica no sopé de uma colina cultivada, erguendo-se em uma planície fértil que tende a uma

largura de doze léguas ao sul. Essa planície é chamada pelos nativos de _savana_. Além dos limites da planície, erguem-se as elevadíssimas montanhas que servem de divisão entre os dois oceanos. Nas suas encostas nasce o rio Comogre que, depois de regar esta planície, atravessa uma região montanhosa, reunindo para si os afluentes de todos os vales e finalmente desaguando no Mar do Sul. Dista cerca de setenta léguas a oeste de Darien.

Soltando gritos de alegria, Carlos apressou-se a ir ao encontro dos espanhóis, refrescando-os com comidas e bebidas agradáveis, e prodigalizando-lhes generosa hospitalidade. Trocaram-se presentes, o cacique dando a Vasco vinte libras de ouro trabalhado, a oito onças a libra, e Vasco satisfazendo-o com presentes igualmente aceitáveis, como machados e algumas ferramentas de carpinteiro. Da mesma forma, deu a Carlos um manto e uma de suas próprias camisas, pelo extremo a que estava reduzido. Esses presentes elevaram Carlos à categoria de herói entre seus vizinhos. Vasco finalmente deixou Comogra e todo o seu povo depois de adverti-los de que, se quisessem viver em paz, nunca deveriam se rebelar contra o governo do rei espanhol. Ele também os exortou a envidar todos os esforços para coletar ouro para o _Tiba_, ou seja, o Rei. Acrescentou que assim garantiriam para si e para seus descendentes proteção contra os ataques de seus inimigos e receberiam em abundância nossas mercadorias.

Estando tudo bem arranjado, Vasco continuou a sua marcha para a terra da Poncha, onde encontrou quatro jovens enviados de Darien para o informarem que acabavam de chegar da Hispaniola navios bem carregados; ele havia prometido que, ao voltar do Mar do Sul, marcharia por algum caminho por aquele país. Levando consigo vinte de seus companheiros mais fortes, ele partiu em marchas forçadas para Darien, deixando para trás os outros que deveriam se juntar a ele. Vasco escreveu que chegou a Darien no décimo quarto dia das calendas de fevereiro do ano de 1514, mas sua carta [2] é datada de Darien, o quarto dia das nonas de março, pois ele não pôde enviá-la antes que nenhum navio estivesse pronto para navegar. Ele diz que enviou dois navios para resgatar as pessoas que deixou para trás e se gaba de ter vencido várias batalhas sem receber um ferimento ou perder um de seus homens em combate.

[Nota 2: Infelizmente, nem esta carta ou qualquer cópia dela existe.]

Dificilmente existe uma página desta longa carta que não esteja inscrita com algum ato de agradecimento pelos grandes perigos e muitas dificuldades das quais escapou. Ele nunca empreendeu nada ou iniciou sua marcha sem antes invocar os poderes celestiais e principalmente a Virgem Mãe de Deus. Vê-se que o nosso Vasco Balboa se transformou de um feroz Golias num Elias. Ele era um Antaeus; ele foi transformado em Hércules, o conquistador de monstros. De temerário, ele se tornou obediente e totalmente digno de honras e favores reais. Tais são os eventos que nos foram divulgados por cartas dele e dos colonos de Darien, e por relatos verbais de pessoas que retornaram dessas regiões.

Talvez deseje, Santíssimo Padre, saber quais são os meus sentimentos a respeito destes acontecimentos. Minha opinião é simples. É evidente pelo estilo militar com que Vasco e seus homens relatam seus feitos que suas declarações devem ser verdadeiras. A Espanha não precisa

mais arar o solo até as profundezas das regiões infernais, nem abrir grandes estradas, nem perfurar montanhas à custa de trabalho e risco de mil perigos, para tirar riquezas da terra. Ela encontrará riquezas na superfície, em escavações rasas; ela os encontrará nas margens secas dos rios; bastará apenas peneirar a terra. As pérolas serão reunidas com pouco esforço. Os cosmógrafos unanimemente reconhecem que a venerável antiguidade não recebeu tal benefício da natureza, porque nunca antes o homem, partindo do mundo conhecido, penetrou naquelas regiões desconhecidas. É verdade que os nativos se contentam com pouco ou nada e não são hospitaleiros; além disso, demonstramos mais do que suficientemente que eles recebem descortês os estranhos que vêm entre eles, e só consentem em negociar com eles, depois de terem sido conquistados. Mais ferozes são esses novos antropofagos, que vivem de carne humana, caribes ou canibais, como são chamados. Esses astutos caçadores de homens não pensam em outra coisa senão nessa ocupação, e o tempo todo não se dedicam a cultivar os campos que empregam em guerras e caçadas. Lambendo os lábios em antecipação à presa desejada, esses homens espreitam nossos compatriotas, como estes fariam com javalis ou veados que procuravam capturar. Se eles se sentem desqualificados para uma batalha, eles recuam e desaparecem com a velocidade do vento. Se um encontro acontece na água, homens e mulheres nadam com tanta facilidade como se vivessem naquele elemento e encontrassem seu sustento sob as ondas.

Não é, portanto, surpreendente que essas imensas extensões de país sejam abandonadas e desconhecidas, mas a religião cristã, da qual você é o chefe, abraçará sua vasta extensão. Como eu disse no começo, Vossa Santidade chamará para si essas miríades de pessoas, como a galinha ajunta seus pintinhos sob suas asas. Voltemos agora a Veragua, o lugar descoberto por Colombo, explorado sob os auspícios de Diego Nicuesa e agora abandonado; e que todas as outras províncias bárbaras e selvagens deste vasto continente sejam trazidas pouco a pouco ao âmbito da civilização cristã e ao conhecimento da verdadeira religião.

LIVRO IV

Eu havia resolvido, Santíssimo Padre, parar aqui, mas estou consumido, por assim dizer, por um fogo interno que me obriga a continuar meu relato. Como já disse, Veragua foi descoberta por Colombo. Eu sentiria que o havia roubado ou cometido um crime inexpiável contra ele se ignorasse os males que ele suportou, os aborrecimentos e perigos a que esteve exposto durante essas viagens. Foi no ano da salvação de 1502, no sexto dia dos idos de maio, que Colombo partiu de Cádiz com uma esquadra de quatro navios de cinquenta a sessenta toneladas de carga, tripulados por cento e setenta homens.[1] Cinco dias de tempo favorável o trouxeram às Canárias; uma navegação de dezessete dias o levou à ilha de Domingo, lar dos caribes, e de lá chegou a Hispaniola em mais cinco dias, de modo que toda a travessia da Espanha a Hispaniola ocupou vinte e seis dias, graças aos ventos e correntes favoráveis. , que partiu do leste para o oeste. De acordo com o relatório dos marinheiros, a distância é de mil e duzentas léguas.

[Nota 1: Esta foi a quarta viagem de Colombo.]

Ele parou em Hispaniola por algum tempo, por vontade própria ou com o consentimento do vice-rei[2]. Empurrando diretamente para o oeste, ele deixou as ilhas de Cuba e Jamaica para a direita no norte, e descobriu ao sul da Jamaica uma ilha chamada por seus habitantes de Guanassa.[3] Esta ilha é incrivelmente fértil e exuberante. Enquanto costeava ao longo de suas margens, o Almirante encontrou duas dessas barcas escavadas em troncos de árvores de que falei. Eles foram puxados por escravos nus com cordas em volta do pescoço. O chefe da ilha, que, junto com sua esposa e filhos, estavam todos nus, viajava nessas barcas. Quando os espanhóis desembarcaram, os escravos, obedecendo às ordens de seus senhores, fizeram-nos entender por meio de gestos altivos que eles deveriam obedecer ao chefe e, quando eles recusaram, lançaram mão de ameaças e ameaças. Sua simplicidade é tal que não sentiram medo nem admiração ao contemplar nossos navios e o número e a força de nossos homens. Eles pareciam pensar que os espanhóis sentiriam o mesmo respeito por seu chefe que eles. Nosso povo percebeu que se tratava de mercadores que voltavam de outro país, pois são donos de feiras. A mercadoria consistia em sinos, navalhas, facas e machados feitos de uma pedra amarela e translúcida; são fixados em cabos de madeira dura e polida. Havia também utensílios domésticos para a cozinha e cerâmica de formas artísticas, algumas de madeira e outras dessa mesma pedra clara; e principalmente cortinas e diversos artigos de algodão fiado em cores brilhantes. Os espanhóis capturaram o chefe, sua família e tudo o que possuía; mas o almirante logo depois ordenou que ele fosse posto em liberdade e a maior parte de suas propriedades restaurada, esperando assim ganhar sua amizade.

[Nota 2: Esta violação direta de suas ordens foi devido ao seu desejo de trocar uma de suas embarcações, que navegava devagar, por uma embarcação mais rápida.]

[Nota 3: Guanaya ou Bouacia, localizada na costa de Honduras.]

Tendo obtido algumas informações sobre o país do oeste, Colombo prosseguiu nessa direção e, um pouco mais de dez milhas adiante, descobriu um vasto país que os nativos chamam de Quiriquetana, mas que ele chamou de Ciamba. Lá ele fez com que o Santo Sacrifício fosse celebrado na praia. Os nativos eram numerosos e não usavam roupas. Gentis e simples, eles se aproximaram de nosso povo sem medo e com admiração, trazendo-lhes seu próprio pão e água fresca. Depois de apresentarem seus presentes, eles giraram sobre os calcanhares, curvando suas cabeças respeitosamente. Em troca de seus presentes, o Almirante deu-lhes alguns presentes europeus, como colares de contas, espelhos, agulhas, alfinetes e outros objetos desconhecidos para eles.

Esta vasta região está dividida em duas partes, uma chamada Taia e outra chamada Maia.[4] Todo o país é fértil, bem sombreado e goza de uma temperatura agradável. Na fertilidade do solo, não dá para nada, e o clima é temperado. Possui montanhas e extensas planícies, e em todos os lugares crescem grama e árvores. A primavera e o outono parecem perpétuos, pois as árvores mantêm suas folhas durante todo o ano e dão frutos. Os bosques de carvalhos e pinheiros são numerosos, e há sete variedades de palmeiras, algumas das quais têm tâmaras, outras não frutificam. Vinhas carregadas de uvas maduras crescem espontaneamente entre as árvores, mas são vinhas bravas e há tanta abundância de frutos úteis e apetitosos que

ninguém se preocupa em cultivar vinhas. Os nativos fabricam suas _machanes_, isto é, espadas, e os dardos que lançam, de um certo tipo de madeira de palmeira. Muito algodão é encontrado neste país, bem como mirobolanes, de vários tipos, como os médicos chamam de _emblicos_[5] e _chebules_; milho, mandioca, idades e batatas, todos crescem neste país como em todo o continente. Os animais são leões, tigres, veados, veados e outros animais semelhantes. Os nativos engordam essas aves que mencionamos, como se assemelhando a pavoas em cor, tamanho e sabor.

[Nota 4: Esta é a primeira menção da palavra _Maya_. Os comerciantes que Colombo conheceu eram sem dúvida maias, vindos de algumas das grandes feiras ou mercados. Pela segunda vez, ele ultrapassou a civilização de Yucatán e do México, deixando para os que vieram depois a glória

de sua descoberta.]

[Nota 5: _Myrobolanos etiam diversarum specierum, emblicos puta et chebulos medicorum appellatione_.]

Dizem que os nativos de ambos os sexos são altos e bem proporcionados. Usam cinturões e bandoleiras de algodão fiado de diversas cores, e se enfeitam tingindo o corpo com tintas pretas e vermelhas, extraídas do suco de certas frutas cultivadas para esse fim em seus jardins, como faziam os Agathyrsi. Alguns deles mancham todo o corpo, outros apenas uma parte. Ordinariamente desenham na pele desenhos de flores, rosas e redes entrelaçadas, conforme a fantasia de cada um. Sua língua não tem nenhuma semelhança com a dos ilhéus vizinhos. Córregos torrenciais correm na direção oeste. Colombo resolveu explorar este país a oeste, pois lembrou-se de Paria, Boca de la Sierpe e outros países já descobertos a leste, acreditando que deveriam estar unidos à terra onde ele estava; e nisso ele não foi enganado.

No décimo terceiro dia das calendas de setembro o Almirante deixou Quiriquetana. Depois de navegar trinta léguas, chegou a um rio, em cuja foz tirou água fresca. A costa estava livre de rochas e recifes, e em todos os lugares havia bons ancoradouros. Ele escreve, no entanto, que a corrente oceânica era tão forte contra ele que em quarenta dias de navegação foi com a maior dificuldade que ele cobriu setenta léguas, e apenas virando. De vez em quando, quando procurava, ao anoitecer, evitar o perigo de naufragar na escuridão daquela costa desconhecida, e tentava se aproximar da terra, era derrotado. Ele relata que a uma distância de oito léguas descobriu três rios de águas claras, em cujas margens cresciam canas grossas e redondas como a perna de um homem. As águas desses riachos estão cheias de peixes e imensas tartarugas, e por toda parte viam-se multidões de crocodilos, bebendo ao sol com enormes bocas bocejantes. Havia muitos outros animais cujos nomes o Almirante não dá. O aspecto deste país apresenta grande variedade, sendo em alguns lugares rochosos e divididos em promontórios pontiagudos e rochas irregulares, enquanto em outros a fertilidade do solo é insuperável por qualquer terra conhecida. De uma costa a outra, os nomes dos chefes e principais habitantes diferem; em um lugar eles são chamados de caciques, como já dissemos; em outro _quebi_, mais adiante em _tiba_. Os nativos principais às vezes são chamados _sacchus_ e às vezes _jura_. Um homem que se destacou no conflito com um inimigo e cujo rosto tem cicatrizes é considerado um herói e é chamado de _cupra_, o povo é chamado de _chyvis_ e um

homem é _home_. Quando eles desejam dizer: "Isso é para você, meu homem", a frase é: "_Hoppa home_".

Outro grande rio navegável para grandes navios foi descoberto, na foz do qual se encontram quatro pequenas ilhas, densamente cultivadas com flores e árvores. Colombo os chamou de Quatro Tempore. Treze léguas adiante, sempre navegando para leste contra correntes adversas, descobriu doze pequenas ilhas; e como estes produziam uma espécie de fruto semelhante aos nossos limões, chamou-os de limonares. Doze léguas adiante, sempre na mesma direção, descobriu um grande porto que se estendia três léguas para o interior do país e no qual desagua um importante rio. Foi neste local que Nicuesa se perdeu depois em busca de Veragua, como já relatamos; e por esta razão, exploradores posteriores o batizaram de Rio de los Perdidos. Continuando seu curso contra a corrente oceânica, o almirante descobriu várias montanhas, vales, rios e portos; a atmosfera estava carregada de odores adocicados.

Colombo escreve que nenhum de seus homens adoeceu até chegar a um lugar que os nativos chamam de Quicuri, [6] que é um ponto ou cabo onde fica o porto de Cariaí. O Almirante o chamou de Mirobolan porque árvores com esse nome cresciam ali espontaneamente. No porto de Cariai apareceram cerca de duzentos nativos, cada um armado com três ou quatro lanças; mas educado e hospitaleiro. Como não sabiam a que estranha raça pertenciam os espanhóis, prepararam-se para recebê-los e pediram uma negociação. Sinais amigáveis foram trocados e eles nadaram para o nosso povo, propondo negociar e estabelecer relações comerciais. Para ganhar sua confiança, o Almirante ordenou que alguns artigos europeus fossem distribuídos gratuitamente entre eles. Estes eles se recusaram a aceitar, por sinais, pois nada do que eles diziam era inteligível. Eles suspeitaram que os espanhóis estavam preparando uma armadilha para eles ao oferecer esses presentes e se recusaram a aceitá-los. Eles deixaram tudo o que lhes foi dado na praia.[7] Tal é a cortesia e generosidade deste povo de Cariai, que eles preferem dar do que receber.

[Nota 6: Quiribiri. Colombo chegou lá em 25 de setembro.]

[Nota 7: Suspeita e desconfiança eram mútuas, pois Colombo pensou que os nativos estavam praticando magia quando lançavam perfumes diante deles, enquanto avançavam cautelosamente em sua direção; depois ele os descreveu como poderosos mágicos.]

Eles enviaram duas meninas, virgens de notável beleza, para nossos homens, e deram a entender que eles poderiam levá-las embora. Essas jovens, como todas as outras mulheres, usavam cinturões feitos de bandeletas de algodão, que é o traje das mulheres de Cariai. Os homens, ao contrário, andam nus. As mulheres cortam o cabelo, ou deixam crescer para trás e raspam a testa; então eles o juntam em faixas de tecido branco e o enrolam na cabeça, assim como nossas meninas. O Almirante mandou-os vestir e deu-lhes presentes, e um gorro de lã vermelha para o pai; depois disso, ele os mandou embora. Mais tarde, todas essas coisas foram encontradas na praia, porque ele havia recusado seus presentes. Dois homens, porém, partiram voluntariamente com Colombo, a fim de aprender nossa língua e ensiná-la ao seu próprio povo.

As marés são pouco perceptíveis nessa costa. Isso foi descoberto observando as árvores crescendo não muito longe da costa e nas margens do rio. Todos os que visitaram estas regiões concordam neste ponto. O fluxo e refluxo são quase imperceptíveis e afetam apenas uma parte das costas do continente e também de todas as ilhas. Colombo relata que as árvores crescem no mar à vista da terra, inclinando seus galhos em direção à água depois de crescerem acima da superfície. Os brotos, como enxertos de videiras, criam raízes e plantados na terra eles, por sua vez, tornam-se árvores da mesma espécie perene. Plínio falou de tais árvores no segundo livro de sua história natural, mas as que ele menciona cresceram em um solo árido e não no mar.

Os mesmos animais que descrevemos acima existem em Cariai. Existe, no entanto, um de um tipo totalmente diferente, que se assemelha a um macaco grande, mas é provido de uma cauda muito maior e mais forte. Pendurado por esta cauda, ele balança para frente e para trás três ou quatro vezes, e depois pula de árvore em árvore como se estivesse voando.[8] Um de nossos arqueiros atirou em um deles com sua flecha, e o macaco ferido caiu no chão e atacou ferozmente o homem que o havia ferido. Este se defendeu com sua espada e cortou o braço do macaco e, apesar de seus esforços desesperados, o capturou. Ao entrar em contato com os homens, a bordo do navio, aos poucos foi se tornando manso. Enquanto ele estava acorrentado, outros caçadores trouxeram dos pântanos um javali que perseguiram pelas florestas, desejando comer um pouco de carne fresca. Os homens mostraram esse javali enfurecido ao macaco, e os dois animais se eriçaram de fúria. O macaco, fora de si de raiva, saltou sobre o javali, envolvendo-o com o rabo, e com o único braço que seu conquistador havia deixado, agarrou o javali pela garganta e o estrangulou. Tais são os animais ferozes e outros semelhantes que habitam este país. Os índios de Cariai preservam os corpos de seus caciques e parentes, secando-os em grades e depois embalando-os em folhas; mas as pessoas comuns enterram seus mortos na floresta.

[Nota 8: Possivelmente o _simia seniculus_.]

Partindo de Cariai e navegando uma distância de vinte léguas, os espanhóis descobriram um golfo de tal tamanho que pensaram que devia ter uma circunferência de doze léguas. Quatro pequenas ilhas férteis, separadas umas das outras por estreitos, encontram-se na abertura deste golfo, tornando-o um porto seguro.

Em outro lugar, chamamos o porto, situado no ponto extremo, por seu nome nativo de Cerabaroa; mas é apenas a costa direita ao entrar no golfo que leva esse nome, sendo a costa esquerda chamada Aburema. Numerosas e férteis ilhas pontilham o golfo, e o fundo oferece excelente ancoragem. A transparência da água torna-a facilmente perceptível e os peixes são muito abundantes. O país ao redor é igual em fertilidade ao melhor. Os espanhóis capturaram dois nativos que usavam colares de ouro, que chamavam de guaninas. Esses colares são delicadamente trabalhados na forma de águias, leões ou outros animais semelhantes, mas observou-se que o metal não era muito puro. Os dois nativos, trazidos de Cariai, explicaram que ambas as regiões de Cerabaroa e Aburema eram ricas em ouro, e que todo o ouro que seus compatriotas necessitavam para ornamentos era obtido no comércio. Acrescentaram que, em seis aldeias de Cerabaroa, situadas a pouca distância no interior do país, foi encontrado ouro; pois desde os primeiros tempos

eles haviam negociado com essas tribos. Os nomes dessas cinco aldeias são Chirara, Puren, Chitaza, Jurech e Atamea.

Todos os homens da província de Cerabaroa andam inteiramente nus, mas pintam o corpo de diferentes maneiras e gostam de usar guirlandas de flores na cabeça e faixas feitas de garras de leões e tigres. As mulheres usam panos de cintura estreitos de algodão.

Saindo deste porto e seguindo ao longo da mesma costa, por uma distância de dezoito léguas, os espanhóis encontraram um bando de trezentos homens nus, na margem do rio que acabavam de descobrir. Esses homens soltaram gritos ameaçadores e, enchendo a boca com água e ervas da costa, cuspiram neles. Lançando seus dardos, brandindo suas lanças e machanes, que já dissemos serem espadas de madeira, eles se esforçaram para repelir nossos homens da costa. Eles foram pintados de maneiras diferentes; alguns deles pintaram o corpo inteiro, exceto o rosto, outros apenas uma parte. Eles deram a entender que não desejavam nem paz nem relações comerciais com os espanhóis. O almirante mandou disparar vários tiros de canhão, mas para não matar ninguém, pois sempre se mostrou disposto a usar medidas pacíficas com essa nova gente. Assustados com o barulho, os indígenas prostraram-se por terra implorando paz, e assim se estabeleceram relações comerciais. Em troca de seu ouro e guaninas, recebiam contas de vidro e outras ninharias semelhantes. Esses nativos têm tambores e trombetas de conchas, que usam para estimular sua coragem quando vão para a batalha.

Os seguintes rios são encontrados ao longo desta parte da costa: o Acateba, Quareba, Zobroba, Aiaguitin, Wrida, Duribba e Veragua. O ouro é encontrado em todos os lugares. Em vez de mantos, os indígenas usam grandes folhas na cabeça como proteção contra o calor ou a chuva.

O almirante depois costeou ao longo das costas de Ebetere e Embigar. Dois rios, Zahoran e Cubigar, notáveis pelo seu volume e pela quantidade de peixe que contêm, banham estas costas.

Além de uma distância de cinquenta léguas, o ouro não é mais encontrado. A apenas três léguas de distância ergue-se um rochedo que, como já dissemos em nossa descrição da infeliz viagem de Nicuesa, os espanhóis chamavam Penon e os nativos chamavam Vibba.

No mesmo bairro e a cerca de duas léguas de distância está a baía que Colombo descobriu e batizou de Porto Bello. O país, que tem ouro e é chamado pelos nativos de Xaguaguara, é muito populoso, mas os habitantes andam nus. O cacique de Xaguaguara se pinta de preto, e seus súditos são pintados de vermelho. O cacique e sete de seus principais seguidores usavam folhas de ouro no nariz, caindo até os lábios, e na opinião deles não existe ornamento mais bonito. Os homens cobrem seus órgãos sexuais com uma concha do mar e as mulheres usam uma faixa de tecido de algodão.

Há uma fruta crescendo em seus jardins que se assemelha a um pinhão; Já falei longamente em outro lugar sobre isso. Os nativos chamam a planta que dá esse fruto de _hibuero_. De vez em quando encontram-se crocodilos que, quando mergulham ou se afastam, deixam atrás de si um odor mais delicado do que almíscar ou mamona. Os nativos que vivem às margens do Nilo relatam o mesmo

fato a respeito da fêmea do crocodilo, cuja barriga exala os perfumes
da Arábia.

[Nota 9: O abacaxi.]

A partir deste ponto, o Almirante deu meia-volta com sua frota e voltou
ao seu curso, pois não podia mais lutar contra as correntes
contrárias.[10] Além disso, seus navios apodreciam dia após dia, sendo
seus cascos comidos pelas pontas afiadas de vermes engendrados
pelo sol nas águas dessas regiões situadas perto do equador. Os
venezianos chamam esses vermes de _bissa_, e muitos deles ganham
vida nos dois portos de Alexandria, no Egito. Esses vermes, que têm
um côvado de comprimento e às vezes mais, e nunca mais grossos do
que seu dedo mindinho, minam a solidez dos navios que ficam muito
tempo ancorados. Os marinheiros espanhóis chamam essa praga de
broma. Foi, portanto, por temer os _bromas_ e estar cansado de
lutar contra as correntes que o Almirante permitiu que seus navios
fossem levados pelo oceano para o oeste. A duas léguas de Veragua
subiu o rio Hiebra, por ser navegável pelas maiores embarcações. No
entanto

é menos importante, mas o Veragua dá nome ao país, pois o
governante daquela região, que é banhada por ambos os rios, tem
sua residência às margens do Veragua.

[Nota 10: Colombo descreve as tempestades que prevaleceram
durante todo aquele mês de dezembro como as mais formidáveis
que ele já experimentou; no décimo terceiro, seus navios escaparam
por pouco de uma tromba d'água.]

Vamos agora relatar a boa e a má sorte que eles encontraram lá.
Colombo estabeleceu-se nas margens do Hiebra, enviando seu irmão
Bartolomeu Colombo, Adelantado de Hispaniola, no comando de
sessenta e oito homens em botes de navios para Veragua. O cacique da
roça desceu o rio com uma frota de canoas ao encontro do Adelantado.
Este homem estava nu e desarmado, e foi acompanhado por numerosos
seguidores. Mal haviam trocado algumas palavras quando os seguidores
de
o cacique, temendo que se cansasse ou se esquecesse de sua
dignidade real por ficar de pé enquanto falava, carregou uma pedra da
margem vizinha e, depois de lavá-la e poli-la com cuidado, ofereceu-a
respeitosamente ao chefe para servir de cadeira. Sentado, o cacique
parecia transmitir por sinais aos espanhóis que lhes permitia navegar
nos rios de seu território.

No dia seis de fevereiro, o Adelantado marchou pelas margens do rio
Veragua, deixando para trás seus barcos. Ele chegou ao Duraba, um
riacho mais rico em ouro que o Hiebra ou o Veragua; aliás, em todas
estas regiões encontra-se ouro entre as raízes das árvores, ao longo
das margens e entre as rochas e pedras deixadas pelas torrentes.
Onde quer que eles cavassem um palmo de profundidade, o ouro era
encontrado misturado com a terra despejada. Isso decidiu a tentativa
de fundar uma colônia, mas os nativos se opuseram a esse projeto,
pois previam sua própria destruição imediata. Eles se armaram e,
soltando gritos horríveis, atacaram nossos homens que estavam
construindo cabanas. Este primeiro ataque foi, com dificuldade,
repelido. Os índios lançavam dardos à distância e depois,
aproximando-se gradualmente, usavam as suas espadas e machanes
de madeira, num ataque furioso. Tão enfurecidos ficaram que, por

mais surpreendente que pareça, não se assustaram nem com arcos, arcabuzes ou com o barulho dos canhões disparados dos navios. Uma vez eles recuaram, mas logo voltaram ao ataque em maior número e com mais fúria do que antes. Preferiram morrer a ver suas terras ocupadas pelos espanhóis, que estavam perfeitamente dispostos a receber como hóspedes, mas que rejeitaram como habitantes. Quanto mais os espanhóis se defendiam, mais aumentava a multidão de seus atacantes, dirigindo seu ataque ora pela frente, ora pelo flanco, sem cessar dia e noite. Felizmente a frota ancorada garantiu aos espanhóis uma retirada segura e, decidindo abandonar a tentativa de colonização ali, voltaram a bordo.

O retorno deles à Jamaica, que é a ilha situada ao sul e perto de Cuba e Hispaniola, foi realizado com grande dificuldade, pois seus navios foram comidos por bromas - para usar uma palavra espanhola - que eles eram como peneiras e quase foram embora. em pedaços durante a viagem. Os homens se salvaram trabalhando incessantemente, tirando a água que entrava por grandes fissuras no costado do navio e finalmente, exaustos de cansaço, conseguiram chegar à Jamaica. Seus navios afundaram; e deixando-os ali presos, passaram seis meses nas mãos dos bárbaros, uma existência mais miserável do que a de Alcimênides descrita por Virgílio. Eles foram forçados a viver com o que

a terra produziu ou o que os nativos quiseram dar a eles. As inimizades mortais existentes entre os selvagens caciques foram de alguma utilidade para os espanhóis; pois, para garantir sua aliança, os caciques distribuíam pão aos famintos sempre que estavam prestes a empreender uma campanha. Oh, como é triste e miserável, Santíssimo Padre, comer o pão da caridade! Vossa Santidade bem o compreenderá, sobretudo quando o homem é privado do vinho, da carne, dos diversos tipos de queijos e de tudo a que o estômago dos europeus está habituado desde a infância.

Sob a pressão da necessidade, o almirante resolveu tentar a sorte. Desejando saber que destino Deus lhe reservava, consultou-se com seu intendente, Diego Mendez,[11] e com dois ilhéus da Jamaica que conheciam aquelas águas. Mendez partiu de canoa, embora o mar já estivesse agitado. De recife em recife e de rochedo em rochedo, Diego conseguiu, no entanto, alcançar o ponto extremo de Hispaniola, que fica a cerca de quarenta léguas da Jamaica, com o seu estreito esquife atirado pelas ondas. Os dois nativos voltaram alegres, antecipando a recompensa prometida por Colombo. Mendez foi a pé até Santo Domingo, capital da ilha, onde alugou dois barcos e partiu para se juntar ao seu comandante. Todos os espanhóis voltaram juntos para Hispaniola, mas em estado de extrema fraqueza e esgotamento de suas privações. Não sei o que aconteceu com eles desde então.[12] Vamos agora retomar nossa narrativa.

[Nota 11: Os eventos desta quarta viagem são relatados no interessante _Relacion hecha par Diego Mendez de algunos aconticimientos del ultimo viaje del Almirante Don Christobal Colon_. Posteriormente, o rei Fernando concedeu a Mendez uma canoa em seu brasão heráldico, em memória dos serviços prestados.]

[Nota 12: Colombo chegou a Santo Domingo em 18 de agosto e lá descansou até 12 de setembro, quando embarcou para a Espanha desembarcando em San Lucar em 7 de novembro.]

Segundo suas cartas e relatos de seus companheiros, todas as regiões exploradas por Colombo são bem arborizadas em todas as estações do ano, sombreadas por frondosas árvores verdes. Além disso, o que é mais importante, eles são saudáveis. Nenhum homem de sua tripulação jamais esteve doente ou exposto aos rigores do frio nem ao calor do verão em toda a extensão de cinquenta léguas entre o grande porto de Cerabaro e os rios Hiebra e Veragua.

Todos os habitantes de Cerabaro e dos bairros de Hiebra e Veragua só procuram ouro em determinados períodos fixos. Eles são tão competentes quanto nossos mineiros que trabalham nas minas de prata e ferro. Pela longa experiência, pelo aspecto da torrente cujas águas desviam, pela cor da terra e vários outros sinais, eles sabem onde estão as mais ricas jazidas de ouro; eles acreditam em uma tradição de seus ancestrais que ensina que existe uma divindade no ouro, e eles se preocupam apenas em procurar esse metal depois de se purificarem. Eles se abstêm de prazeres carnais e outros, também comendo e bebendo com grande moderação, durante o tempo em que procuram ouro. Acham que os homens vivem e morrem como os animais e, portanto, não têm religião. No entanto, eles veneram o sol e saúdam o nascer do sol com respeito.

Falemos agora das montanhas e do aspecto geral do continente.

Montanhas altas [13] que terminam em uma cordilheira que se estende de leste a oeste são vistas ao longe em direção ao sul de toda a costa. Acreditamos que essa cordilheira separa os dois mares dos quais já falamos longamente e que forma uma barreira dividindo suas águas, assim como a Itália separa o Tirreno do Mar Adriático. De onde quer que naveguem, desde o cabo de San Agostinho, pertencente aos portugueses e voltado para o Atlas, até Uraba e o porto de Cerabaro e as outras terras ocidentais recentemente descobertas, os navegadores contemplam durante toda a sua viagem, seja de perto ou em as cordilheiras distantes; às vezes suas encostas são suaves, às vezes elevadas, ásperas e rochosas, ou talvez cobertas de bosques e arbustos. Este também é o caso no Touro e nas encostas de nossos Apeninos, bem como em outras cordilheiras semelhantes. Como em outros lugares, belos vales separam os picos das montanhas. Acredita-se que os picos da cordilheira que marca a fronteira de Veragua elevam-se acima das nuvens, pois raramente são visíveis devido à densidade quase contínua de névoas e nuvens.

[Nota 13: As Cordilheiras no Istmo do Panamá.]

O Almirante, que primeiro explorou esta região, acredita que esses picos atingem uma altura de quarenta milhas, e ele diz que na base das montanhas há uma estrada que leva ao Mar do Sul. Ele compara sua posição com a de Veneza em relação a Gênova, ou Janua, como os habitantes que se vangloriam de ter Jano como seu fundador, chamam sua cidade. O Almirante acredita que este continente se estende para o oeste e que a maior parte de suas terras está nessa direção. Da mesma forma, observamos que a perna que forma a Itália se ramifica além dos Alpes nos países dos gauleses, dos germanos, dos panônios e, finalmente, dos sármatas e dos citas, estendendo-se até as montanhas Riphe e o mar glacial, para não mencionar Trácia, toda a Grécia e os países que terminam ao sul no Cabo Malea e no Helesponto, e ao norte no Euxine e no Palus Maeotidas. O almirante acredita que à esquerda e ao oeste este continente se junta à Índia do Ganges e que à direita se estende para o norte até o mar glacial e o

pólo norte, situado além das terras dos hiperbóreos; os dois mares, isto é, o oceano do sul e o do norte, se uniriam assim nos ângulos desse continente. Não acredito que todas as suas costas sejam banhadas pelo oceano, como é a nossa Europa que o Helesponto, os Tanais, o oceano glacial, o mar espanhol e o Atlântico cercam completamente. Na minha opinião, as fortes correntes oceânicas que correm para o oeste impedem que esses dois mares se conectem, e suponho, como já disse acima, que se unem às terras do norte.

Já falamos bastante sobre longitude, Santíssimo Padre; vamos ver quais são as teorias sobre a latitude.

Já afirmamos que a distância que separa o Mar do Sul do Oceano Atlântico é muito pequena; pois este fato foi demonstrado durante a expedição de Vasco Nunez e seus companheiros. Assim como nossos Alpes na Europa se estreitam em alguns lugares e se alargam mais em outros, assim, por um arranjo análogo da natureza, esse novo continente se alonga em alguns lugares, estendendo-se a uma grande distância, e em outros se estreita por golfos que , dos mares opostos, invadem a terra entre eles. Por exemplo: tanto em Uraba quanto em Veragua a distância entre os dois oceanos é insignificante, enquanto na região do rio Maragnon, ao contrário, é muito extensa. Que

é, se o Maragnon é de fato um rio e não um mar. Inclino-me, no entanto, para a primeira hipótese, porque as suas águas são doces. As imensas torrentes necessárias para alimentar tal riacho certamente não poderiam existir em um espaço pequeno. O mesmo se aplica no caso do rio Dobaiba,[14] que desemboca no mar no golfo de Uraba, por um estuário de três milhas de largura e quarenta e cinco ells de profundidade; deve-se supor que existe um grande país entre as montanhas de Dobaiba de onde este rio flui. Afirma-se que é formado por quatro riachos que descem dessas montanhas, e os espanhóis o chamaram de San Juan. Onde cai no golfo, tem sete bocas, como o Nilo. Nesta mesma região de Uraba o continente diminui de tamanho de maneira espantosa, e diz-se que em alguns lugares sua largura não passa de quinze léguas. O país é intransitável por causa de seus pântanos e pântanos que os espanhóis chamam de _tremelaes_ ou _trampales_, ou por outros nomes _cenegales_, _sumineros_ e _zahoudaderos_.[15]

[Nota 14: O Dobaiba pode ser o Magdalena ou o Atrato.]

[Nota 15: Todas as palavras significam praticamente a mesma coisa, a saber, pântano, lamaçal, pântano, areia movediça, etc., algumas delas evidentemente obsoletas, pois não são encontradas nos dicionários espanhóis modernos.]

Antes de prosseguir, talvez não seja inútil explicar a origem do nome dessas montanhas. Segundo a tradição nativa, viveu antigamente uma mulher de grande inteligência e extraordinária prudência, chamada Dobaiba. Mesmo durante sua vida, ela foi muito respeitada e, após sua morte, os nativos do país a veneraram; e é o nome dela que o país carrega. Ela é quem envia trovões e relâmpagos, quem destrói as colheitas quando ela é vexada, pois eles acreditam infantilmente, que Dobaiba fica com raiva quando eles deixam de oferecer sacrifícios em sua honra. Há enganadores que, sob o pretexto da religião, inculcam esta crença entre os nativos, esperando assim aumentar o número de presentes oferecidos por estes à deusa, e assim aumentar seus próprios lucros. Isso é o suficiente sobre este assunto.

É relatado que nos pântanos desta parte estreita do continente existem numerosos crocodilos, dragões, morcegos e mosquitos, todos da mais formidável descrição. Ao buscar alcançar o mar do sul, é necessário atravessar as montanhas e evitar a vizinhança desses pântanos. Algumas pessoas afirmam que um único vale separa em duas cordilheiras as montanhas voltadas para o mar do sul, e que nesse vale nasce o rio que os espanhóis chamaram de Rio de los Perdidos, em memória da catástrofe de Nicuesa e seus companheiros. Não fica muito longe de Cerabaro; mas como suas águas são doces, acredito que as pessoas que sustentam essa teoria estão contando fábulas.

Vamos fechar este capítulo com um último tópico. À direita e à esquerda de Darien correm cerca de vinte rios produtores de ouro. Aqui repetimos o que nos foi dito, e sobre o qual todos concordam. Quando perguntados por que não trouxeram quantidades mais consideráveis de ouro daquele país, os espanhóis respondem que os mineiros são necessários e que os exploradores dos novos países não são homens acostumados à fadiga. Isso explica por que se obtém muito menos ouro do que a riqueza do solo permite. Parece até que lá se encontram pedras preciosas. Sem repetir o que já disse sobre Cariai e o bairro de Santa Marta, eis mais uma prova. Um certo Andreas Morales, piloto destes mares, que foi amigo e companheiro de Juan de la Cosa durante sua vida, possuía um diamante que um jovem

natural de Paria em Cumaná tinha descoberto. Era da maior raridade e é descrito como tendo o comprimento de duas articulações do dedo médio. Era tão grosso quanto a primeira articulação do polegar, pontiagudo em ambas as extremidades e tinha oito facetas bem cortadas. Quando golpeado em uma bigorna, usava limas e martelos, permanecendo intacto. Este jovem de Cumaná o usava pendurado no pescoço e o vendeu a Andreas Morales por cinco contas de vidro verde porque a cor o agradou. Os espanhóis também encontraram topázios na praia, mas como só pensam em ouro, viram as costas a essas pedras preciosas; pois somente o ouro os atrai, somente o ouro eles buscam. Assim, a maioria dos espanhóis despreza as pessoas que usam anéis e pedras preciosas, considerando quase uma coisa desprezível enfeitar-se com pedras preciosas. Nosso povo, acima de tudo, tem essa opinião. Às vezes, os nobres, para uma cerimônia de casamento ou festa real, gostam de exibir joias em seus colares de ouro, ou de bordar seus trajes com pérolas misturadas com diamantes; mas em todas as outras ocasiões eles se abstêm, pois é considerado efeminado se enfeitar dessa maneira, assim como seria ser perfumado com os odores da Arábia. Qualquer um que eles encontrem cheirando a almíscar ou mamona, eles suspeitam de ser dado a paixões culposas.

Frutos colhidos de uma árvore argumentam que a árvore dá frutos; um peixe tirado de um rio justifica a afirmação de que os peixes vivem no rio. Da mesma forma, um pouco de ouro ou uma única pedra preciosa justifica a crença de que a terra onde se encontram produz ouro e pedras preciosas.

Isso certamente deve ser admitido. Já relatamos o que os companheiros de Pedro Arias e alguns oficiais descobriram no porto de Santa Marta, na região de Cariaí, quando ali penetraram com toda a frota. Todos os dias a colheita aumenta e supera a do último. As façanhas de Saturno e Hércules e outros heróis, glorificados pela antiguidade, são reduzidas a nada. Se os esforços incessantes dos espanhóis resultarem em novas descobertas, daremos nossa atenção a elas. Que Vossa Santidade se despeça bem e dê-me a conhecer a

sua opinião sobre estes engrandecimentos da sua Cátedra Apostólica, encorajando-me assim nos meus futuros trabalhos.

LIVRO V

Toda criatura neste mundo sublunar, Santíssimo Pai, que dá à luz algo, ou imediatamente depois fecha o útero ou descansa por um período. O novo continente, porém, não se rege por esta regra, pois a cada dia cria sem cessar e traz novos produtos, que continuam a fornecer aos homens dotados de poder e entusiasmo por novidades, material suficiente para satisfazer sua curiosidade. Sua Santidade pode perguntar: "Por que este preâmbulo?" A razão é que eu mal acabara de compor e ditar a história das aventuras de Vasco Nunez e seus companheiros durante a exploração do Mar do Sul, e mal havia despachado essa narração a Vossa Santidade por Giovanni Ruffo di Forli, Arcebispo de Cosenza e Galeazzo Butrigario, núncios apostólicos e estimuladores dos meus espíritos sonolentos, que chegaram novas cartas[1] de Pedro Arias, cuja saída no ano passado como comandante de uma frota com destino ao novo continente já anunciamos. O General chegou devidamente com seus soldados e seus navios. Estas cartas são assinadas por Juan Cabedo que Vossa Santidade, a pedido do Rei Católico, nomeou Bispo da província de Darien, e sua assinatura é acompanhada pelas dos principais funcionários enviados para administrar o governo, a saber: Alonzo de Ponte , Diego Marques e Juan de Tavira. Que Vossa Santidade, portanto, se digne a aceitar a narrativa desta viagem.

[Nota 1: Se ainda existirem, essas letras ainda não foram encontradas.]

Na véspera dos idos de abril de 1514, Pedro Arias deu sinal de partida e zarpou do porto de San Lucar de Barrameda, lugar fortificado na foz do Boetis, chamado pelos espanhóis de Guadalquivir. Desde a foz do Boetis, até as sete ilhas Canárias, a distância é de cerca de quatrocentas milhas. Algumas pessoas pensam que essas ilhas correspondem às Ilhas Afortunadas, mas outras têm uma opinião contrária. Estas ilhas são assim denominadas: Lancelota e Fortaventura são as primeiras avistadas, depois a Grande Canária, seguida de Tenerife: Gomera fica a pouca distância a norte de Tenerife e as ilhas de Palma e Ferro parecem formar uma retaguarda. Após uma viagem de oito dias, Pedro Arias desembarcou em Gomera. Sua frota consistia em dezessete navios, transportando mil e quinhentos homens, número ao qual ele havia sido restrito; pois ele deixou para trás mais de dois mil homens descontentes e desconsolados, que imploraram para embarcar às suas próprias custas; tal era a sua avidez pelo ouro e tal o seu desejo de contemplar o novo continente.

Pedro Arias parou dezesseis dias em Gomera, para se abastecer de madeira e água, e consertar seus navios danificados por uma tempestade, principalmente a nau capitânia, que havia perdido o leme. O arquipélago das Canárias é de facto um porto muito conveniente para os navegadores. A expedição deixou as Canárias nas nonas de maio e não avistou terra até o terceiro dia das nonas de junho, quando os navios se aproximaram da ilha dos canibais comedores de gente chamada Domingo. Nesta ilha, que dista cerca de oitocentas léguas de Gomera, Pedro Arias permaneceu quatro dias e reabasteceu-se de

água e lenha. Nenhum homem ou vestígio de ser humano foi descoberto. Ao longo da costa havia muitos caranguejos e enormes lagartos. O curso depois passou pelas ilhas de Madanino e Guadalupe e Maria Galante, das quais falei longamente em minha primeira década. Pedro Arias também navegou por vastas extensões de água cheias de erva[2]; nem o almirante Colombo, que primeiro descobriu estas terras e atravessou este mar de ervas, nem os espanhóis que acompanharam Pedro Arias são capazes de explicar a causa deste crescimento. Algumas pessoas pensam que o mar é lamacento por ali e que as ervas, crescendo no fundo, chegam à superfície; fenômenos semelhantes sendo observados em lagos e grandes rios de águas correntes. Outros não pensam que as ervas crescem naquele mar, mas são arrancadas pelas tempestades dos numerosos recifes e depois flutuam; mas é impossível provar qualquer coisa porque ainda não se sabe se eles se prendem às proas dos navios que seguem ou se flutuam depois de puxados para cima. Estou inclinado a acreditar que eles crescem nessas águas, caso contrário os navios os recolheriam em seu curso - assim como as vassouras recolhem todo o lixo da casa - o que retardaria seu progresso.

[Nota 2: O _Mare Sargassum_ dos antigos: também chamado _Fucus Natans_, e pelos espanhóis _Mar de Sargasso_. Um curioso prado marinho quase sete vezes maior que a França, em extensão, situando-se entre 19 graus. e 34 graus. latitude norte. Há um banco _Fucus_ menor entre as Bahamas e as Bermudas. Consulte Aristóteles, _Meteor_, ii., I, 14; _De mirabilibus auscutationibus_, p. 100; Teofrasto, _História Plantarum_, iv., 7; Arienus, _Ora Maritima_, v., 408; Humboldt, _Cosmos_, tom. ii.; Gaffarel, _La Mer des Sargasses_; Leps, _Bulletin de la Soc. Geog_., Set., 1865.]

No quarto dia dos idos de março, foram observadas montanhas cobertas de neve. O mar corre forte para o oeste e sua corrente é tão rápida quanto uma torrente de montanha. No entanto, os espanhóis não traçaram seu curso diretamente para o oeste, mas desviaram-se ligeiramente para o sul. Espero poder demonstrá-lo por uma das tábuas da nova cosmografia que pretendo escrever, se Deus me der a vida. O rio Gaira, celebrado pelo massacre dos espanhóis durante a viagem de Roderigo Colmenares, que já relatei em outro lugar, nasce nessas montanhas. Muitos outros rios banham esta costa. A província de Caramaira tem dois portos célebres, sendo o primeiro Cartagena e o segundo Santa Marta, sendo estes os seus nomes espanhóis. Uma pequena província desta última é chamada pelos nativos de Saturma. O porto de Santa Marta está muito perto das montanhas cobertas de neve; na verdade, está aos seus pés. O porto de Cartagena fica a cinquenta léguas dali, a oeste. Coisas maravilhosas se escrevem sobre o porto de Santa Marta, e todos os que voltam as contam. Entre os últimos está Vespucci,[3] sobrinho de Amerigo Vespucci de Florença que, em sua morte, legou seu conhecimento de navegação e cosmografia a seu sobrinho. Este jovem foi, de fato, enviado pelo rei como piloto da nau capitânia e encarregado de fazer as observações astronômicas. A direção foi confiada ao piloto principal, Juan Serrano, castelhano, que navegou muitas vezes por aquelas paragens. Frequentemente convidei este jovem Vespúcio para minha mesa, não apenas porque ele possui um talento real, mas também porque ele tomou notas de tudo o que observou durante sua viagem.[4]

[Nota 3: Ele foi nomeado cartógrafo da _Casa de Contractacion_ em Sevilha, em 1512. Henry Harrisse faz menção frequente aos Vespucci em seu trabalho sobre os Cabots.]

[Nota 4: Um dos muitos exemplos de hospitalidade de Pedro Mártir para com homens de funções e atividades, de cujas conversas e narrações ele se pôs a colher o material para seus escritos. Suas informações vinham de primeira mão e eram frequentemente transmitidas a ele em sua mesa hospitaleira, sob a qual os aventureiros que voltavam para casa ficavam felizes em esticar as pernas, enquanto seu anfitrião genial estimulava suas memórias e soltava suas línguas com os vinhos generosos de sua família. país adotado.]

Segundo as cartas de Pedro Arias e as narrações de Vespúcio, o que aconteceu foi o seguinte: Acredita-se que os nativos pertencem à mesma raça dos caribes ou canibais, pois são igualmente autoritários e cruéis. Eles procuram repelir de suas costas todos os espanhóis que se aproximam, pois os consideram inimigos e estão determinados a impedir seu desembarque, apesar de suas tentativas. Esses bárbaros nus são tão determinados e corajosos que se aventuraram a atacar todo o esquadrão e tentaram expulsá-lo de suas costas. Atiraram-se ao mar como loucos, não demonstrando o menor temor pelo número e tamanho de nossas embarcações. Eles atacaram os espanhóis com todos os tipos de dardos; protegidos pelas laterais dos navios e pelos seus escudos, estes últimos resistiram, embora dois deles estivessem mortalmente feridos. Decidiu-se então disparar canhão, e assustados com o barulho e o efeito dos projéteis, os indígenas

fugiu, acreditando que os espanhóis comandavam o trovão; pois são freqüentemente expostos a tempestades devido ao caráter de seu país e à vizinhança de altas montanhas. Embora o inimigo tenha sido conquistado e disperso, os espanhóis hesitaram em desembarcar ou permanecer a bordo de seus navios. Foi realizada uma consulta em que diferentes opiniões foram expressas. O medo os aconselhou a parar onde estavam, mas o respeito humano os incitou a pousar. Eles temiam as flechas envenenadas que os nativos disparavam com tanta certeza, mas por outro lado parecia vergonhoso, indigno e infame navegar com uma frota tão grande e tantos soldados sem desembarcar. O respeito humano venceu e, após o desembarque em barcas leves, eles perseguiram os nativos dispersos.

Segundo o relato de Pedro Arias e a narrativa de Vespúcio, o porto tem três léguas de circunferência. É seguro, e suas águas são tão claras que, a uma profundidade de vinte côvados, podem ser contadas as pedras em seu fundo. Os riachos desaguam no porto, mas não são navegáveis para grandes navios, apenas para canoas nativas. Existe uma abundância extraordinária de peixes de água doce e salgada, de grande variedade e bom sabor. Muitos barcos de pesca nativos foram encontrados neste porto, e também uma quantidade de redes engenhosamente feitas de ervas robustas desgastadas pelo atrito e entrelaçadas com cordas de algodão fiado. Os nativos de Caramaira, Cariai e Saturma são todos hábeis pescadores, e é vendendo seus peixes para as tribos do interior que eles obtêm os produtos de que precisam e desejam.

Quando os bárbaros se retiraram da costa, os espanhóis entraram em seus boios, isto é, em suas casas. Os nativos freqüentemente atacavam nossos homens com fúria, procurando matá-los a todos com vôos de flechas envenenadas. Quando perceberam que suas casas seriam invadidas e roubadas, e principalmente quando viram suas mulheres e a maioria de seus filhos serem levados para o cativeiro, sua fúria aumentou. Descobriu-se que os móveis encontrados nessas casas eram feitos de grandes juncos reunidos ao longo da costa ou de

várias gramíneas semelhantes a cordas. Foram encontrados tapetes tecidos de várias cores e cortinados de algodão, sobre os quais leões, águias, tigres e outras figuras foram executados com grande cuidado e bom gosto. As portas das casas e dos cômodos internos eram penduradas com conchas de caracóis amarradas em cordões finos, que o vento balançava com facilidade, produzindo um barulho de conchas chocalhando que os deliciava.

De várias fontes histórias surpreendentes dos nativos me foram contadas. Entre outros, Gonzales Fernando Oviedo,[5] oficial régio com o título de inspetor, vangloria-se de ter feito muitas viagens pelo interior do país. Ele encontrou um pedaço de safira maior que um ovo de ganso e, nas colinas que explorou com cerca de vinte homens, afirma ter visto uma grande quantidade de matriz de esmeralda, calcedônia, jaspe e grandes pedaços de âmbar da montanha.

[Nota 5: _Sommario dell'Indie Occidenti_, cap. lxxxii., em Ramusio.]

Presas às tapeçarias tecidas com ouro que os caribes deixaram para trás em suas casas quando fugiram, estavam pedras preciosas: Oviedo e seus companheiros afirmam que as viram. O país também possui florestas de madeira escarlate e ricos depósitos de ouro. Por toda parte ao longo da costa e nas margens dos rios existem marcassitas[6] que indicam a presença de ouro. Oviedo afirma ainda que em uma região chamada Zenu, situada a noventa milhas a leste de Darien, é feito um tipo de negócio para o qual se encontram nas casas dos nativos enormes jarros e cestos, habilmente feitos de juncos adaptados para esse fim. Esses recipientes estão cheios de gafanhotos secos e salgados, caranguejos, lagostins e gafanhotos, que destroem as colheitas. Quando questionados sobre o propósito dessas provisões, os nativos responderam que eram destinados a serem vendidos ao povo do interior e, em troca desses preciosos insetos e peixes secos, obtêm os produtos estrangeiros de que precisam. Os nativos vivem de forma dispersa, suas casas não sendo construídas juntas. Esta terra, habitada pelo povo de Caramaira, é um país elísio, bem cultivado, fértil, não exposto nem aos rigores do inverno nem aos grandes calores do verão. O dia e a noite têm aproximadamente a mesma duração.

[Nota 6: Uma variedade de piritas de ferro.]

Depois de expulsar os bárbaros, os espanhóis entraram em um vale de duas léguas de largura e três de comprimento, que se estendia até as encostas relvadas e arborizadas das montanhas. Dois outros vales, cada um regado por um rio, também se abrem à direita e à esquerda no sopé dessas montanhas. Um é o Gaira, e o outro ainda não recebeu um nome. Existem, nestes vales, jardins cultivados e campos irrigados por valas engenhosamente planejadas. Nossos milaneses e toscanos cultivam e regam seus campos exatamente da mesma maneira.

A alimentação comum desses nativos é a mesma dos demais - agos, mandioca, milho, batata, frutas e peixes. Eles raramente comem carne humana, pois não costumam capturar estranhos. Às vezes eles se armam e vão caçar nas regiões vizinhas, mas não comem uns aos outros. Há, no entanto, um fato triste de ouvir. Esses imundos comedores de homens teriam matado miríades de sua espécie para satisfazer sua paixão. Nossos compatriotas descobriram mil ilhas belas como o Paraíso,

mil regiões elísias que esses bandidos despovoaram. Por mais encantadores e abençoados que sejam, eles são, no entanto, desertos. A partir desta única instância, Vossa Santidade pode julgar a perversidade desta raça brutal. Já dissemos que a ilha de San Juan fica perto de Hispaniola e é chamada pelos nativos de Burichena. Agora se conta que em nosso tempo mais de cinco mil ilhéus foram levados de Burichena para se alimentar, e foram comidos pelos habitantes dessas ilhas vizinhas que agora se chamam Santa Cruz, Hayhay, Guadaloupe e Queraqueira. Mas já foi dito o suficiente sobre os apetites dessas criaturas imundas.

Falemos agora um pouco das raízes destinadas a tornar-se o alimento dos cristãos e substituir o pão de trigo, os rabanetes e os nossos outros vegetais. Já dissemos várias vezes que a mandioca era uma raiz com a qual os nativos fazem um pão que gostam tanto nas ilhas quanto no continente; mas ainda não falamos de sua cultura, seu crescimento ou de suas diversas variedades. Ao plantar mandioca, eles cavam um buraco no chão até os joelhos e empilham a terra em montes de nove pés quadrados, em cada um dos quais plantam uma dúzia de raízes de mandioca com cerca de seis pés de comprimento, de tal maneira que todas as pontas se unem. no centro do monte. De sua junção e mesmo de suas extremidades brotam raízes jovens, finas como um cabelo, e, crescendo pouco a pouco, atingem, quando adultas, a espessura e o comprimento do braço de um homem e, muitas vezes, de sua perna. Os montes de terra são assim convertidos pouco a pouco em uma rede de raízes. Segundo a descrição deles, a mandioca leva pelo menos meio ano para atingir a maturidade, e os nativos também dizem que se for deixada mais tempo em

a terra, por exemplo, durante dois anos, melhora e produz um pão de qualidade superior. Ao cortar, as mulheres quebram e amassam em pedras preparadas para esse fim, assim como entre nós se espreme o queijo; ou colocam-no num saco feito de capim ou junco da beira do rio, depois colocam uma pedra pesada no saco e penduram-no durante um dia inteiro para deixar escorrer o sumo. Esse suco, como já dissemos ao falar dos ilhéus, é perigoso; mas, se cozido, torna-se saudável, como é o caso do soro do nosso leite. Observemos, porém, que esse suco não é fatal para os nativos do continente.

Há diversas variedades de mandioca, uma das quais, mais cara e agradável, é reservada para fazer o pão dos caciques. Outras variedades são reservadas para os nobres e algumas outras para as pessoas comuns. Escorrido todo o sumo, estende-se a polpa e coze-se sobre placas de barro feitas para o efeito, tal como o nosso povo faz com o queijo. Este tipo de pão é o mais utilizado e chama-se _cazabi_. Diz-se que também existem vários tipos de agoes e batatas, e os nativos os usam mais como vegetais do que para fazer pão, assim como fazemos rabanetes, nabos, cogumelos e outros alimentos semelhantes. Acima de tudo, os nativos gostam de batatas, que de fato são preferíveis aos cogumelos, por causa de seu sabor e maciez, principalmente quando de qualidade superior. Já falamos o suficiente de raízes, então vamos a outro tipo de pão. Os nativos têm outro tipo de grão semelhante ao milheto, só que os grãos são maiores. Quando há escassez de mandioca, eles a transformam em farinha esmagando-a entre as pedras; o pão feito com isso é mais grosso. Este grão é semeado três vezes ao ano, pois a fertilidade do solo corresponde à regularidade das estações. Já falei sobre isso em lugares anteriores. Quando os espanhóis chegaram, todas essas

raízes, grãos e milho, bem como vários outros tipos de árvores frutíferas, eram cultivados.

Em Caramaira e Saturma há estradas tão largas e retas que se pode pensar que foram desenhadas a lápis. Entre esse povo encontram-se xícaras com alças, jarras, jarras, travessas compridas e pratos de barro, além de ânforas de diversas cores para manter a água fresca.

Quando ordenados a obedecer ao rei de Castela e abraçar nossa religião, ou sair, os índios responderam com vôos de flechas envenenadas. Os espanhóis capturaram alguns deles, que imediatamente puseram em liberdade depois de lhes dar algumas roupas. Alguns outros eles levaram a bordo dos navios e exibiram nossa grandeza diante deles, para que pudessem contar a seus compatriotas; após o que eles os libertaram, esperando assim ganhar sua amizade. Provou-se que existe ouro em todos os rios. Aqui e ali, nas casas nativas, foi encontrada carne fresca de veado e javali; um alimento que eles comem com muito prazer. Esses nativos também mantêm um grande número de pássaros que criam para alimentação ou prazer. O clima é saudável; Posso citar como prova o fato de que os espanhóis dormiam à noite nas margens dos rios e ao ar livre, sem que ninguém sofresse de dores de cabeça ou dores.

Os espanhóis também encontraram enormes bolas de algodão fiado e cachos de penas de diversas cores com as quais são feitos cocares, semelhantes aos de nossos couraceiros, ou mantos de estado. Estas são elegâncias entre os nativos. Havia também um grande número de arcos e flechas. Às vezes os corpos de seus antepassados são queimados e os ossos enterrados, e às vezes são preservados inteiros em seus boios, isto é, casas, e tratados com grande respeito; ou ainda, podem ser ornamentados com ouro e pedras preciosas. Observou-se que os ornamentos do peito, que eles chamam de guaninas, eram feitos de cobre em vez de ouro, e presumiu-se que eles lidavam com estranhos astutos que lhes vendiam essas guaninas, trocando-as por ouro. Nem os espanhóis descobriram o truque até derreterem esses supostos objetos de valor.

Alguns arquitetos que vagaram a uma curta distância da costa encontraram alguns fragmentos de mármore branco e acham que estranhos devem ter desembarcado ali em algum momento e extraído esse mármore das montanhas, deixando esses fragmentos espalhados pela planície. Foi neste local que os espanhóis aprenderam que o rio Maragnon flui das montanhas cobertas de neve, sendo seu volume aumentado por numerosos riachos que fluem para ele. Seu grande tamanho se deve ao fato de seu curso ser longo, e de só chegar ao mar depois de ter percorrido regiões bem irrigadas.

O sinal para a partida foi finalmente dado. Novecentos homens que haviam desembarcado, reunidos gritando alegremente, marchando em ordem, carregados de pilhagem e bastante vistosos com coroas, mantos, penas e ornamentos militares nativos. A âncora foi içada no décimo sexto dia das calendas de julho. As naus, avariadas em frequentes vendavais, tinham sido reparadas, tendo a nau capitânia sobretudo sofrido a perda do leme, como já referimos. A frota partiu para o mar na direção de Cartagena e, em obediência às instruções do rei, devastou algumas ilhas habitadas por canibais ferozes que estavam no curso. As fortes correntes enganaram Juan Serrano, piloto-chefe da nau capitânia, e seus colegas, embora eles se

gabassem de conhecer bem a natureza dessas correntes. Numa noite, e contrariando a expectativa geral, percorreram quarenta léguas.

LIVRO VI

Chegou a hora, Santíssimo Padre, de filosofar um pouco, deixando a cosmografia para buscar as causas dos segredos da Natureza. As correntes oceânicas nessas regiões correm para o oeste, como torrentes que descem a encosta de uma montanha. Sobre este ponto, o testemunho é unânime. Assim, fico incerto quando perguntado para onde vão essas águas que correm em um movimento circular e contínuo de leste a oeste, para nunca mais voltar ao seu ponto de partida; e como acontece que o oeste não é consequentemente dominado por essas águas, nem o leste esvaziado. Se é verdade que essas águas são atraídas para o centro da terra, como acontece com todos os objetos pesados, e que esse centro, como alguns afirmam, está na linha equinocial, qual pode ser o reservatório central capaz de conter tal massa de águas? E qual será a circunferência cheia de água, que ainda será descoberta? Os exploradores dessas costas não oferecem nenhuma explicação convincente. Há outros autores que pensam que existe um grande estreito na extremidade do golfo formado por este vasto continente e que, como já dissemos, é oito vezes maior que o oceano. Este estreito pode estar a oeste de Cuba, e conduziria essas águas furiosas para o oeste, de onde voltariam novamente para o nosso leste. Alguns eruditos pensam que o golfo formado por este vasto continente é um mar fechado, cujas costas se curvam para o norte atrás de Cuba, de tal forma que o

continente se estenderia ininterruptamente para as terras do norte abaixo do círculo polar banhado pelo mar glacial. As águas, rechaçadas pela extensão da terra, são desenhadas em círculo, como se vê nos rios cujas margens opostas provocam redemoinhos; mas esta teoria não está de acordo com os fatos. Os exploradores das passagens do norte, que sempre navegaram para o oeste, afirmam que as águas são sempre puxadas nessa direção, não porém com violência, mas por um movimento longo e ininterrupto.

Entre os exploradores da região glacial é citado um certo Sebastiano Cabotto, de origem veneziana, mas trazido pelos pais na infância para a Inglaterra. É comum que os venezianos visitem todas as partes do universo, para fins de comércio. Cabotto equipou dois navios na Inglaterra, às suas próprias custas, e primeiro navegou com trezentos homens para o norte, a tal distância que encontrou numerosas massas de gelo flutuante em meados do mês de julho. A luz do dia durou quase vinte e quatro horas e, como o gelo derreteu, a terra ficou livre. Segundo sua história, ele foi obrigado a virar e tomar a direção oeste-sul. A costa curvava-se quase no mesmo grau do estreito de Gibraltar. Cabotto não navegou para o oeste até chegar ao lado de Cuba, que ficava à sua esquerda. Ao seguir esta linha de costa a que chamou Bacallaos,[1] diz ter reconhecido as mesmas correntes marítimas que fluíam para ocidente que os castelhanos notaram quando navegavam nas regiões meridionais que lhes pertenciam. Não é apenas provável, portanto, mas torna-se mesmo necessário concluir que entre esses dois continentes até então desconhecidos se estendem grandes aberturas através das quais a água flui de leste a oeste. Acho que

essas águas correm ao redor do mundo em um círculo, obedientemente à Lei Divina, e que não são expelidas e depois absorvidas por algum ofegante Demogorgon. Essa teoria forneceria, até certo ponto, uma explicação do fluxo e refluxo.

[Nota 1: Acredita-se que a palavra _Bacallaos_ seja de origem basca. Esta designação de bacalhau é extremamente antiga, e a terra assim denominada aparece nos primeiros mapas da América.]

Cabotto chama essas terras de Terra de Bacallaos, porque as águas vizinhas fervilham de peixes semelhantes a atuns, que os nativos chamam por esse nome. Esses peixes são tão numerosos que às vezes atrapalham o andamento dos navios. Os nativos dessas regiões usam peles e parecem ser inteligentes. Cabotto relata que há muitos ursos no país, que vivem de peixes. Esses animais mergulham no meio de espessos cardumes de peixes e, agarrando um deles com suas garras, arrastam-no para a praia para ser devorado. Eles não são perigosos para os homens. Ele afirma ter visto os nativos em muitos lugares em posse de cobre. Cabotto frequenta minha casa e às vezes o tenho em minha mesa.[2] Ele foi chamado da Inglaterra por nosso Rei Católico após a morte de Henrique, Rei daquele país, e vive conosco na corte. Ele espera, dia após dia, ser abastecido com navios com os quais poderá descobrir esse mistério da natureza. Creio que partirá nesta expedição por volta do mês de março do próximo ano de 1516. Se Deus me der vida, Vossa Santidade saberá de mim o que lhe acontecer. Não faltam na Espanha quem afirme que Cabotto não é o primeiro descobridor da Terra de Bacallaos; eles apenas concedem a ele o mérito de ter avançado um pouco mais para o oeste.[3] Mas isso é o suficiente sobre o estreito e Cabotto.

[Nota 2: Novamente vemos o sistema de coleta de informações de Peter Martyr ilustrado. As descobertas de Cabot nesta viagem estão indicadas no mapa de Juan de la Cosa, de 1500. Henrique VII. deu pouco apoio e Cabot, portanto, retirou-se da Inglaterra. Em 1516 foi nomeado pelo rei Fernando, com 50.000 maravedis anuais e uma propriedade na Andaluzia.]

[Nota 3: A costa de Bacallaos foi descoberta pelos escandinavos no século X e era conhecida pelos venezianos no século XIV. Pescadores bascos, bretões e normandos o visitaram no século seguinte.]

Voltemos agora aos espanhóis. Pedro Arias e seus homens percorreram a extensão do porto de Cartagena e as ilhas habitadas pelos caribes, denominadas Ilhas de São Bernardo. Deixaram para trás todo o país de Carameira, sem se aproximarem dele. Eles foram levados por uma tempestade sobre uma ilha que já mencionamos como Fuerte, e que fica a cerca de cinquenta léguas da entrada do golfo de Uraba. Nesta ilha encontraram, nas casas dos ilhéus, vários cestos feitos de plantas marinhas e cheios de sal. Esta ilha é realmente famosa por suas salinas e os nativos obtêm tudo o que precisam com a venda de sal.

Um enorme pelicano, maior que um abutre e notável pelas dimensões de sua garganta, caiu sobre a nau capitânia. É a mesma ave que, segundo o testemunho de vários escritores, viveu outrora domesticada nos pântanos de Ravena. Não sei se ainda é assim. Este pelicano deixou-se apanhar facilmente, após o que o levaram de uma embarcação para outra: logo morreu. Um bando de vinte desses pássaros foi visto na costa à distância.

A nau capitânia era maior do que as outras embarcações, mas como havia sido danificada e não podia mais ser reparada, foi deixada para trás; ela se juntará à frota quando o mar estiver mais calmo. No décimo primeiro dia das calendas de julho, a frota chegou a Darien, a nau capitânia chegando quatro dias depois, mas sem carga. Os colonos de Darien, sob a liderança de Vasco Nunez Balboa, sobre quem já escrevemos longamente, desceram para receber os recém-chegados cantando o salmo _Te Deum Laudamus_. Cada um deles ofereceu hospitalidade voluntária em sua casa, construída segundo o plano de cabanas nativas.

Este país pode muito bem ser chamado de província, porque foi conquistado e todos os seus chefes destronados. Os espanhóis se refrescavam com frutas nativas e pão feito de raízes ou de milho. A frota trouxe outras provisões, por exemplo salgadinhos, salgadinhos de peixe e barris de farinha de trigo.

Eis a frota real ancorada nesses países estranhos e eis os espanhóis estabelecidos, não apenas no Trópico de Câncer, mas quase no equador, contrariamente à opinião de muitos cientistas, prontos para se estabelecer e fundar colônias.

No dia seguinte ao desembarque, quatrocentos e cinquenta colonos de Darien foram convidados para uma reunião. Tanto em público como em privado, em grupo ou a sós, foram interrogados sobre o relatório de Vasco, Almirante dos Mares do Sul, ou, como é denominado em espanhol este oficial, o Adelantado. A verdade de tudo o que ele havia relatado ao rei sobre este mar do sul foi admitida. Segundo a opinião do próprio Vasco, a primeira coisa a fazer era construir fortes nos territórios de Comogre, Pochorrosa e Tumanama, que mais tarde formariam centros de colonização. Um fidalgo de Córdoba, o capitão Juan Ayora, foi escolhido para executar este plano, para o qual ele recebeu quatrocentos homens, quatro caravelas e um pequeno barco. Ayora primeiro desembarcou no porto de Comogra, descrito em cartas que foram recebidas, distante cerca de vinte e cinco léguas de Darien. Daquele ponto despachou cento e cinqüenta de seus homens por uma estrada mais direta do que a indicada, na direção do Mar do Sul. Dizia-se que a distância entre o porto de Comogra e o golfo de São Miguel era de apenas vinte e seis léguas. A outra companhia de duzentos e cinquenta homens permaneceria em Comogra para prestar assistência aos que iam e vinham. Os cento e cinquenta homens escolhidos para marchar para o Mar do Sul levaram consigo intérpretes, alguns dos quais espanhóis que aprenderam a língua falada na região do Mar do Sul, com escravos capturados por Vasco quando este explorou o país; enquanto outros eram escravos que já entendiam a língua espanhola. O porto de Pochorrosa fica a sete léguas do de Comogra. Ayora, tenente de Pedro Arias, devia deixar em Pochorroso cinquenta homens e o bote que serviria de correio, para que estes servissem de notícias ao tenente e aos colonos de Darien, como retransmissores estão dispostos em terra. Pretendia-se também formar uma estação no território de Tumanama, cuja capital dista vinte léguas da de Pochorrosa.

Dos cento e cinquenta homens designados para Ayora, cinquenta foram escolhidos entre os colonos mais velhos de Darien, sendo eles pessoas de grande experiência que se encarregariam dos recém-chegados e os serviriam como guias.

Adotadas essas providências, resolveu-se informar ao Rei, e ao mesmo tempo anunciar-lhe como fato positivo, que existia nas redondezas um cacique chamado Dobaíba, em cujo território havia ricas jazidas de ouro, que até então respeitado porque era muito poderoso. Seu país se estendia ao longo do grande rio que mencionamos em outro lugar. Segundo relato comum, todos os países sob sua autoridade eram ricos em ouro. Cinquenta léguas separavam Darien da residência de Dobaiba. Os nativos afirmavam que o ouro seria encontrado assim que a fronteira fosse atravessada. Já relatamos em outro lugar que a apenas três léguas de Darien os espanhóis já possuíam minas de ouro bastante importantes, que estão sendo exploradas. Além disso, em muitos lugares o ouro é encontrado ao romper o solo, mas acredita-se que seja mais abundante nos territórios de Dobaiba. Na Primeira Década que dirigi a Vossa Santidade, havia mencionado este Dobaíba, mas os espanhóis se enganaram a respeito dele, pois pensaram ter encontrado pescadores de Dobaíba e acreditaram que Dobaíba era a região pantanosa onde haviam encontrado esses homens. Pedro Arias, portanto, decidiu liderar uma tropa selecionada para aquele país. Esses homens deveriam ser escolhidos de toda a companhia e deveriam estar na flor da idade, abundantemente equipados com dardos e armas de todos os tipos. Eles deveriam marchar contra o cacique e, se ele recusasse a aliança, eles deveriam atacá-lo e derrubá-lo. Além disso, os espanhóis não se cansam de repetir, como prova da riqueza com que sonham, que apenas raspando a terra em quase qualquer lugar se encontram grãos de ouro. Apenas repito aqui o que eles escreveram.

Os colonos também aconselharam o rei a estabelecer uma colônia no porto de Santa Marta, no distrito chamado pelos indígenas Saturma. Este serviria de local de refúgio para as pessoas que chegavam da ilha de Domingo. De Domingo a este porto de Saturma a viagem podia ser feita em cerca de quatro ou cinco dias, e de Santa Marta a Darien em três dias. Isso vale para a viagem até lá, mas

o retorno é muito mais difícil por causa da corrente que mencionamos, e que é tão forte que a viagem de volta parece escalar montanhas íngremes. Os navios que retornam de Cuba ou Hispaniola para a Espanha não encontram toda a força dessa corrente; embora tenham que lutar contra um oceano turbulento, ainda assim a largura do mar aberto é tal que as águas correm livremente. Ao longo da costa de Paria, pelo contrário, as águas são apertadas pelo litoral continental e pelas costas das numerosas ilhas. O mesmo acontece no estreito da Sicília, onde existe uma corrente que Vossa Santidade bem conhece, formada pelas rochas de Charybdis e Scylla, em um lugar onde os mares Jônico, Líbio e Tirreno se juntam em um espaço estreito.

Escrevendo sobre a ilha de Guanassa e as províncias chamadas Iaia, Maia e Cerabarono, Colombo, que primeiro notou o fato, disse que seguindo essas costas e tentando se manter a leste, seus navios encontraram tanta resistência que às vezes ele podia não faça sondagens, a corrente adversa arrastando o cabo antes de tocar o fundo. Mesmo com o vento na popa, às vezes ele não conseguia percorrer mais de uma milha por dia. É isso que obriga os marinheiros que retornam à Espanha a primeiro se dirigirem para a parte superior de Hispaniola ou Cuba, e depois partirem para o norte em alto mar para aproveitar os ventos do norte, pois não fariam nenhum progresso navegando em linha reta. . Mas várias vezes já falamos suficientemente sobre as correntes oceânicas. Agora é o momento de relatar o que está

escrito sobre Darien e a colônia fundada em suas margens que os colonos chamaram de Santa Maria Antigua.

O local é mal escolhido, insalubre e mais pestilento do que Sardenha. Todos os colonos parecem pálidos, como homens doentes de icterícia. Não é exclusivamente o clima do país que é responsável, pois em muitos outros lugares situados na mesma latitude o clima é saudável e agradável; nascentes claras de água brotam da terra e rios velozes correm entre margens que não são pantanosas. Os nativos, porém, fazem questão de viver entre as colinas, e não nos vales. A colônia fundada nas margens do Darien está situada em um vale profundo, completamente cercada por altas colinas, de tal forma que os raios diretos do sol batem sobre ela ao meio-dia, enquanto quando o sol se põe, seus raios são refletidos nas montanhas. , na frente, atrás e ao redor, tornando o local insuportável. Os raios do sol são mais ferozes quando são refletidos, em vez de diretos, nem são perniciosos, como podem ser observados entre as neves nas altas montanhas. Vossa Santidade não ignora isso. Por esta razão, os raios do sol que brilham sobre as montanhas descem, caindo gradualmente até sua base, assim como faria uma grande pedra redonda lançada de seu cume. Os vales recebem, portanto, não apenas os raios diretos, mas também os refletidos das colinas e montanhas. Se, portanto, o local de Darien é insalubre, não é culpa do país, mas do próprio local escolhido pela colônia. A insalubridade do lugar é ainda aumentada pelo pântano malcheiroso que o cerca. Para dizer a verdade, a cidade não passa de um pântano. Quando os escravos borrifam o chão das casas, sapos nascem das gotas d'água que caem de suas mãos, assim como em outros lugares vi gotas d'água transformadas em pulgas. Onde quer que um buraco de um palmo de profundidade seja cavado, a água brota; mas é imundo e contaminado por causa do rio que corre por um vale profundo sobre um leito estagnado até o mar. Os espanhóis, portanto, cogitaram mudar o local. A necessidade os obrigara antes de tudo a parar ali, pois as primeiras chegadas eram tão reduzidas

fome que eles nem pensaram em movê-lo. No entanto, eles são atormentados neste lugar infeliz pelos raios do sol; as águas são impuras e pestilentas, os vapores maléficos e, consequentemente, todos ficam doentes. Não há nem mesmo a vantagem de um bom porto para compensar esses inconvenientes, pois a distância da aldeia até a entrada do golfo é de três léguas, e a estrada que leva até lá é difícil e até penosa quando se trata de trazer provisões de o mar.

Mas passemos a outros detalhes. Mal os espanhóis desembarcaram, diversas aventuras os alcançaram. Um excelente médico de Sevilha, a quem a autoridade do bispo[4] e também o seu desejo de obter ouro impediam de terminar pacificamente os seus dias na sua pátria, foi surpreendido por um raio quando dormia sossegado com a sua mulher. A casa com todos os seus móveis foi queimada e o médico desnorteado e sua esposa escaparam por pouco, quase nus e meio assados. Certa vez, quando um cachorro de oito meses vagava pela praia, um grande crocodilo o agarrou, como um falcão agarrando uma galinha como sua presa; ele engoliu este cachorro miserável sob os olhos de todos os espanhóis, enquanto o infeliz animal uivava para seu mestre pedindo ajuda. Durante a noite os homens eram torturados por morcegos, que os mordiam; e se um desses animais mordesse um homem enquanto ele dormia, ele perdia o sangue e corria o risco de perder a vida. Afirma-se até que algumas pessoas morreram por causa dessas feridas. Se esses morcegos encontram um galo ou uma galinha à noite ao ar livre, eles os golpeiam em seus pentes e os

matam. O país está infestado de crocodilos, leões e tigres, mas já foram tomadas medidas para matar um grande número deles. É relatado que as peles de leões e tigres mortos pelos nativos são encontradas em suas cabanas. Cavalos, porcos e bois crescem rapidamente e se tornam maiores que seus pais. Este desenvolvimento é devido à fertilidade do solo. Os relatos sobre o tamanho das árvores, diferentes produtos da terra, vegetais e plantas que aclimatamos, os cervos, quadrúpedes selvagens e as diferentes variedades de peixes e pássaros estão de acordo com minhas descrições anteriores.

[Nota 4: Referindo-se sem dúvida a Juan de Fonseca bispo de Burgos.]

O cacique Careta, governante de Coiba, foi hóspede dos espanhóis por três dias. Ele admirou os instrumentos musicais, as armadilhas dos cavalos e todas as coisas que nunca havia conhecido. Ele foi dispensado com belos presentes. Careta informou aos espanhóis que crescia em sua província uma árvore, cuja madeira era própria para a construção de navios, pois nunca foi atacada por vermes marinhos. Sabe-se que os navios sofriam muito com essas pragas nos portos do Novo Mundo. Essa madeira em particular é tão amarga que os vermes nem tentam roê-la. Há outra árvore peculiar a este país cujas folhas produzem inchaços se tocarem a pele nua e, a menos que a água do mar ou a saliva de um homem que está jejuando não sejam aplicadas imediatamente, essas bolhas produzem uma morte dolorosa. Esta árvore também cresce em Hispaniola. Afirma-se que cheirar sua madeira é fatal, e não pode ser transportado para lugar nenhum sem risco de morte. Quando os ilhéus de Hispaniola procuraram em vão livrar-se do jugo da servidão, seja por resistência aberta ou por tramas secretas, tentaram sufocar os espanhóis durante o sono com a fumaça dessa madeira. Espantados ao ver a madeira espalhada sobre eles, os espanhóis obrigaram os miseráveis nativos a confessar sua conspiração e puniram seus autores. Os nativos também conhecem uma planta cujo cheiro os fortifica e serve de remédio contra o odor dessa árvore, possibilitando-lhes o manuseio da madeira. Esses detalhes são inúteis; e isso o suficiente sobre este assunto.

Os espanhóis esperavam encontrar riquezas ainda maiores nas ilhas do Mar do Sul. Quando começou o mensageiro que trouxe esta notícia, Pedro Arias preparava uma expedição[5] a uma ilha situada no meio do golfo que os espanhóis chamaram de São Miguel, e que Vasco não tocou por causa do mar agitado. Já falei longamente sobre isso ao descrever a expedição de Vasco ao Mar do Sul. Esperamos diariamente ouvir novas façanhas que superam as anteriores, pois várias outras províncias foram conquistadas, e esperamos sinceramente que elas não se mostrem inúteis ou desprovidas de motivos para nossa admiração.

[Nota 5: Esta expedição sob o comando de Gaspar Morales não teve sucesso.]

Juan Diaz Solis de Nebrissa, que já mencionamos, foi enviado para o cabo duplo San Augustin, que pertence aos portugueses e fica sete graus abaixo da linha equinocial. Ele deve ir para o sul, abaixo de Paria, Cumana, Coquibacoa e dos portos de Cartagena e Santa Marta, para que nosso conhecimento do continente seja mais preciso e extenso. Outro comandante, Juan
Pons, foi enviado com três navios para devastar as ilhas dos Caribes e reduzir à escravidão esses ilhéus imundos, que se alimentam de

homens. As outras ilhas da vizinhança, habitadas por pessoas de boas maneiras, ficarão assim livres dessa praga e poderão ser exploradas e o caráter de seus produtos descoberto.

Outros exploradores foram enviados em diferentes direções: Gaspar de Badajoz, para oeste; Francisco Bezarra e Vallejo, o primeiro pela extremidade do golfo e o outro pela margem ocidental da sua entrada, procurarão desvendar os segredos daquele país onde outrora Hojeda procurou, em tão infelizes circunstâncias, instalar-se. Eles construirão ali um forte e uma cidade. Gaspar de Badajoz, com oitenta homens bem armados, foi o primeiro a sair de Darien; Ludovico Mercado o seguiu com cinquenta outros; Bezarra tinha oitenta homens sob suas ordens, e Vallejo setenta. Se eles terão sucesso ou cairão em lugares perigosos, apenas a providência do Grande Arquiteto sabe. Nós, homens, somos forçados a aguardar a ocorrência dos eventos antes de podermos conhecê-los. Passemos a outro assunto.

LIVRO VII

Pedro Arias, o governador do que se supõe ser um continente, mal havia deixado a Espanha e desembarcado em Darien, com o maior número de seus homens, quando recebi a notícia da chegada à corte de Andreas Morales. Este homem, que é piloto de navio, familiarizado com estas costas, veio a negócios. Morales havia explorado cuidadosa e atentamente a terra que se supunha ser um continente, bem como as ilhas vizinhas e o interior de Hispaniola. Foi comissionado pelo irmão de Nicolau Ovando, Grande Comandante da Ordem de Alcântara e governador da ilha, para explorar Hispaniola. Ele foi escolhido por seu conhecimento superior e também por estar mais bem equipado do que os outros para cumprir essa missão. Além disso, ele compilou itinerários e mapas, nos quais todos que entendem do assunto confiam. Morales veio me ver, como costumam fazer todos aqueles que voltam do oceano. Vamos agora examinar os detalhes até então desconhecidos que aprendi com ele e com vários outros. Uma descrição detalhada de Hispaniola pode servir de introdução a esta narrativa, pois não é Hispaniola a capital e o mercado onde se acumulam os mais preciosos dons do oceano?

Ao redor da ilha jazem mil e mais ninfas Nereidas, belas, graciosas e elegantes, servindo como seus ornamentos como a outra Tétis, sua rainha e sua mãe. Por Nereidas quero dizer as ilhas espalhadas ao redor de Hispaniola, sobre as quais daremos algumas breves informações. Depois virá a ilha das pérolas que nossos compatriotas chamam de Rico, e que fica no golfo de San Miguel no Mar do Sul. Já foi explorado e coisas maravilhosas encontradas; e ainda mais maravilhas são prometidas para o futuro, pois suas pérolas brilhantes são dignas de figurar nos colares, pulseiras e coroa de uma Cleópatra. Não será fora de lugar no final desta narrativa dizer algo sobre as conchas que produzem essas pérolas. Passemos agora a esta elísia Hispaniola e comecemos por explicar o seu nome; após o que descreveremos sua conformação, seus portos, clima e concluiremos pelas divisões de seu território.

Falamos na nossa Primeira Década da ilha de Matanino, palavra pronunciada com acento na última sílaba. Para não voltar muito ao mesmo assunto, Vossa Santidade notará que o acento que marca

todas essas palavras nativas é colocado onde deveria cair. Afirma-se que os primeiros habitantes de Hispaniola foram ilhéus de Matanino, que haviam sido expulsos daquele país por facções hostis e ali chegaram em suas canoas escavadas em um único tronco de árvore, ou seja, em suas barcas. Assim chegou Dardanus de Corythus e Teucer de Creta, na Ásia, na região mais tarde chamada Trojade. Assim, os tiranos e os sidônios, sob a liderança do fabuloso Dido, chegaram às costas da África. O povo de Matanino, expulso de suas casas, estabeleceu-se naquela parte da ilha de Hispaniola chamada Cahonao, às margens de um rio chamado Bahaboni. Da mesma forma, lemos na história romana que o troiano Enéias, depois de chegar à Itália, estabeleceu-se nas margens do Tibre latino. Do outro lado da foz do rio Bahaboni encontra-se uma ilha onde, segundo a tradição, estes imigrantes construíram a sua primeira casa, chamando-lhe Camoteia. Este lugar foi consagrado e desde então considerado com grande veneração. Até a chegada dos espanhóis, os nativos renderam-lhe a homenagem de seus presentes contínuos; o mesmo que fazemos com Jerusalém, o berço de nossa religião; ou os turcos, Meca ou os antigos habitantes das Ilhas Afortunadas veneravam o cume de uma rocha alta na Grande Canária. Muitos destes últimos, cantando alegres cânticos, se jogaram do cume desta rocha, pois seus falsos sacerdotes os haviam persuadido de que as almas daqueles que se jogaram da rocha por amor a Tirana eram abençoadas e destinadas a um eternidade de prazer. Os conquistadores das Ilhas Afortunadas descobriram essa prática ainda em uso em nosso tempo, pois a lembrança desses sacrifícios é preservada na linguagem comum, e a própria rocha mantém seu nome. De resto, soube recentemente que ainda existe naquelas ilhas desde a sua colonização pelo francês Bethencourt com autorização do rei de Castela, um grupo de betencourtenses, que ainda usa a língua e os costumes franceses. No entanto, seus herdeiros, como afirmei acima, venderam a ilha aos castelhanos, mas os colonos que vieram com Bethencourt construíram casas no arquipélago e mantiveram suas famílias com prosperidade. Eles ainda vivem lá misturados com espanhóis e se consideram afortunados por não estarem mais expostos aos rigores do clima francês.

Voltemos agora ao povo de Matanino. Hispaniola foi inicialmente chamada por seus primeiros habitantes de Quizqueia, e depois de Haiti. Esses nomes não foram escolhidos ao acaso, mas derivados de características naturais, pois Quizqueia em sua língua significa "algo grande" ou maior do que qualquer coisa, e é sinônimo de universalidade, o todo; algo no sentido de que [grego: pan] foi usado entre os gregos. Os ilhéus realmente acreditavam que a ilha, sendo tão grande, compreendia todo o universo, e que o sol não aquecia outra terra senão a deles e as ilhas vizinhas. Assim resolveram chamar-lhe Quizqueia. O nome Haiti[1] em sua língua significa _altitude_, e porque descreve uma parte, foi dado a toda a ilha. O país se eleva em muitos lugares em altas cadeias de montanhas, é coberto por densas florestas ou dividido em vales profundos que, por causa da altura das montanhas, são sombrios; em qualquer outro lugar é muito agradável.

[Nota 1: Significado na língua caribenha _montanhoso_. Colombo, como mencionamos, chamou a ilha de Hispaniola, e é assim chamada no início da história americana; mas desde 1803, o nome nativo de Haiti ou Hayti foi aplicado tanto a toda a ilha quanto a um dos dois estados em que se divide, sendo o outro estado chamado Santo Domingo.]

Permita neste ponto, Santíssimo Padre, uma digressão. Sem dúvida, Vossa Beatitude perguntará com espanto como é possível que homens tão incivilizados, desprovidos de qualquer conhecimento das letras, tenham preservado por tanto tempo a tradição de sua origem. Isso foi possível porque desde os tempos mais remotos, principalmente nas casas dos caciques; os bovitas, isto é, os sábios, treinaram os filhos dos caciques, ensinando-lhes de cor sua história passada. Ao transmitir seus ensinamentos, eles distinguem cuidadosamente duas classes de estudos; a primeira é de interesse geral, relacionada com a sucessão dos acontecimentos; a segunda é de particular interesse, tratando dos feitos notáveis realizados em tempos de paz ou de guerra por seus pais, avós, bisavós e todos os seus ancestrais. Cada uma dessas façanhas é comemorada em poemas escritos em sua língua. Esses poemas são chamados de _arreytos_. Tal como connosco o violeiro, também com eles os bateristas acompanham estes arreytos e conduzem coros cantores. Seus tambores são chamados _maguay_. Alguns dos areytos são canções de amor, outros são elegias e outros são canções de guerra; e cada uma é cantada em um tom apropriado. Eles também adoram dançar, mas são mais ágeis do que nós; primeiro, porque nada os agrada mais do que dançar e, segundo, porque estão nus e desimpedidos de roupas. Alguns dos arreytos compostos por seus ancestrais previram nossa chegada, e esses poemas semelhantes a elegias lamentam sua ruína. "Magnacochios [homens vestidos] desembarcarão na ilha armados com espadas e com um golpe cortarão um homem em dois, e nossos descendentes se curvarão sob seu jugo."

Eu realmente não estou muito surpreso que seus ancestrais previram a escravidão de seus descendentes, se tudo o que foi dito sobre suas relações familiares com os demônios for verdade. Discuti esse assunto longamente no nono livro de minha Primeira Década, ao tratar dos zemes, isto é, dos ídolos que eles adoram. Desde que seus zemes foram levados, os nativos admitem que não veem mais espectros; e nossos compatriotas acreditam que isso se deve ao sinal da cruz, com o qual todos estão armados quando lavados nas águas do batismo.

Todos os ilhéus atribuem grande importância ao conhecimento das fronteiras e limites das diferentes tribos. Geralmente são os mitaines, isto é, os nobres, como são chamados, que atendem a esse dever e são muito hábeis em medir suas propriedades e propriedades. O povo não tem outra ocupação senão semear e colher. São pescadores habilidosos, e todos os dias durante todo o ano mergulham nos riachos, passando tanto tempo na água quanto em terra. Não se descuidam, porém, da caça, têm, como já dissemos, utias, que se assemelham a pequenos coelhos, e serpentes iguanas, que descrevi em minha Primeira Década. Estes últimos assemelham-se a crocodilos e têm 2,5 metros de comprimento, vivem em terra e têm bom sabor. Inúmeros pássaros são encontrados em todas as ilhas: pombos, patos, gansos e garças. Os papagaios são tão abundantes aqui quanto os pardais entre nós. Cada cacique atribui diferentes ocupações a seus diferentes súditos, alguns sendo enviados para caçar, outros para pescar, outros para cultivar os campos. Mas voltemos aos nomes.

Já dissemos que Quizqueia e Haiti são os nomes antigos da ilha. Alguns nativos também chamam a ilha de Cipangu, nome de uma cordilheira rica em ouro. Da mesma forma, nossos poetas chamaram a Itália _Latium_, depois de uma de suas províncias, e nossos ancestrais também chamaram a Itália _Ausonia_ e _Hesperia_, assim como esses ilhéus deram os nomes de Quizqueia, Haiti e Cipangu ao seu país. No início, os espanhóis chamavam a ilha de Isabella em

homenagem à rainha Isabella, tomando esse nome da primeira colônia que ali fundaram. Já falei bastante disso em minha primeira década. Posteriormente, chamaram-lhe Hispaniola, um diminutivo de Hispania. Isso é o suficiente em relação aos nomes; passemos agora à conformação da ilha.

Os primeiros exploradores da ilha a descreveram para mim como semelhante na forma de uma folha de castanheiro, dividida por um golfo no lado oeste oposto à ilha de Cuba; mas o capitão, Andreas Morales, agora me dá outra descrição um tanto diferente. Ele representa a ilha como sendo cortada, nas extremidades leste e oeste, por grandes golfos, [2] tendo pontos de terra que se estendem muito. Ele indica portos grandes e seguros no golfo voltados para o leste. Farei com que algum dia uma cópia deste mapa de Hispaniola seja enviada a Vossa Santidade, pois Morales o desenhou da mesma forma que os da Espanha e da Itália, que Vossa Santidade examinou frequentemente, mostrando suas montanhas, vales, rios, cidades e colônias. Comparemos corajosamente a Hispaniola com a Itália, outrora a dona do universo. Em termos de tamanho, a Hispaniola é um pouco menor que a Itália. De acordo com as declarações de exploradores recentes, estende-se quinhentas e quarenta milhas de leste a oeste. Como já notamos em nossa Primeira Década, o Almirante havia exagerado em seu comprimento. Em certos lugares, a largura de Hispaniola chega a trezentas milhas. É mais estreita no ponto onde a terra se prolonga em promontórios, mas é muito mais favorecida que a Itália porque, na maior parte de sua extensão, goza de um clima tão agradável que nem os rigores do frio nem os calores excessivos são conhecidos. [3] Os dois solstícios são aproximadamente iguais aos equinócios. A diferença entre o dia e a noite é de apenas uma hora, consoante se viva na costa sul ou na costa norte da ilha.

[Nota 2: A leste está o golfo ou baía de Samana, a oeste a de Gonaires.]

[Nota 3: A área superficial do Haiti é de 77.255 quilômetros quadrados. As condições climáticas já não correspondem às descrições de Pedro Mártir, pois são reconhecidas quatro estações, duas
chuvoso e dois secos. Na serra, a temperatura é revigorante e saudável.]

Em várias partes da ilha, no entanto, o frio prevalece; Vossa Santidade compreenderá que isso se deve à posição das serras, como demonstrarei mais adiante. O frio, no entanto, nunca é suficientemente forte para incomodar os ilhéus com a neve. A primavera perpétua e o outono perpétuo prevalecem nesta ilha afortunada. Durante todo o ano as árvores ficam cobertas de folhas e as pradarias de capim. Tudo na Hispaniola cresce de forma extraordinária. Já relatei em outro lugar que os vegetais, como repolhos, alfaces, saladas, rabanetes e outras plantas semelhantes, amadurecem em dezesseis dias, enquanto abóboras, melões, pepinos, etc., requerem apenas trinta dias. Também afirmamos que os animais trazidos da Espanha, como os bois, atingem um tamanho maior. Ao descrever o crescimento desses animais, afirma-se que os bois se assemelham a elefantes e os porcos a mulas; mas isso é um exagero. A carne de porco tem sabor agradável e é saudável, porque os porcos se alimentam de mirobolanes e outras frutas da ilha, que crescem selvagens nas florestas, assim como na Europa comem nozes de faia, bagas de ilex e bolotas. As vinhas também crescem de

forma extraordinária, apesar da ausência de todas as atenções. Se alguém escolhe semear o trigo em uma região montanhosa exposta ao frio, ele floresce maravilhosamente, mas menos na planície, porque o solo é muito fértil. Para uma coisa inédita, as pessoas juraram; que as espigas são tão grossas quanto o braço de um homem e têm uma palma de comprimento, e que algumas delas contêm até mil grãos de trigo. O melhor pão encontrado na ilha é o de mandioca, chamado cazabi. É mais digerível, e a iúca é cultivada e colhida em maior abundância e com grande facilidade. Qualquer tempo livre que resta depois, é empregado na busca de ouro.

Os quadrúpedes são tão numerosos que já começou a exportação para a Espanha de cavalos e outros animais e de peles; assim a filha auxilia em muitas coisas a mãe. Já dei em outro lugar detalhes sobre madeira vermelha, mástique, perfumes, corantes verdes, algodão, âmbar e muitos outros produtos desta ilha. Que maior felicidade alguém poderia desejar neste mundo do que viver em um país onde tais maravilhas podem ser vistas e apreciadas? Haverá existência mais agradável do que a que se leva num país onde não se é obrigado a fechar-se em quartos estreitos para escapar ao frio que arrepia ou ao calor que sufoca? Uma terra onde não é necessário carregar o corpo com roupas pesadas no inverno, ou queimar as pernas em fogo contínuo, uma prática que envelhece as pessoas em um piscar de olhos, esgota suas forças e provoca mil doenças diferentes. O ar de Hispaniola é considerado salubre e os rios que correm sobre leitos de ouro, saudáveis. De fato, não há rios, nem montanhas, nem muito poucos vales onde não se encontre ouro. Terminemos agora com uma breve descrição do interior desta afortunada ilha.

Hispaniola possui quatro rios, cada um fluindo de fontes montanhosas e dividindo a ilha em quatro partes quase iguais. Um desses riachos, o Iunna, flui para o leste. Outro, o Attibunicus, a oeste; o terceiro, o Naiba, ao sul, e o quarto, o Iaccha, ao norte. Já relatamos que Morales propõe uma nova divisão, pela qual a ilha seria dividida em cinco distritos. Daremos a cada um desses pequenos estados seu antigo nome e enumeraremos o que há de digno de nota em cada um deles.

O distrito mais oriental da ilha pertence à província de Caizcimu, e é assim chamado porque _cimu_ significa em sua língua a _frente_ ou começo de qualquer coisa. Em seguida vêm as províncias de Huhabo e Cahibo; a quarta é Bainoa, e o extremo oeste pertence à província de Guaccaiarima; mas a de Bainoa é maior que as três anteriores. Caizcimu se estende desde a ponta da ilha até o rio Hozama, que passa por Santo Domingo, a capital. Sua fronteira norte é marcada por montanhas escarpadas,[4] que, devido à sua inclinação, levam especialmente o nome de Haiti. A província de Huhabo fica entre as montanhas do Haiti e o rio Iacaga. A terceira província, Cahibo, inclui todo o país compreendido entre os rios Cubaho e Dahazio até a foz de Iaccha, um dos rios que divide as ilhas em quatro partes iguais. Esta província se estende até as montanhas Cibao, onde se encontra muito ouro. Nestas montanhas nasce o rio Demahus. A província também se estende até as nascentes do rio Naíba, o terceiro dos quatro riachos e o que corre para o sul, em direção à outra margem do rio Santo Domingo.

[Nota 4: Agora chamada de Sierra de Monte Cristo, da qual o pico mais alto, Toma Diego Campo, tem 1220 metros de altura.]

Bainoa começa na fronteira de Cahibo e se estende até a ilha de Cahini, quase tocando a costa norte de Hispaniola no local onde a colônia foi fundada. O restante da ilha ao longo da costa oeste forma a província de Guaccaiarima, assim chamada por ser a extremidade da ilha. A palavra _Iarima_ significa pulga. Guaccaiarima significa, portanto, a pulga da ilha; _Gua_ sendo o artigo em seu idioma. Existem muito poucos de seus nomes, particularmente aqueles de reis que não começam com este artigo _gua_., como Guarionex e Guaccanarillus; e o mesmo se aplica a muitos nomes de lugares.

Os distritos ou cantões de Caizcimu são Higuey, Guanama, Reyre, Xagua, Aramana, Arabo, Hazoa, Macorix, Caicoa, Guiagua, Baguanimabo e as montanhas escarpadas do Haiti. Observemos a esse respeito que não há aspirações pronunciadas em Hispaniola, como entre os povos latinos. Em primeiro lugar, em todas as suas palavras a aspirada produz o efeito de consoante, e é mais prolongada que a consoante _f_, entre nós. Nem é pronunciado pressionando o lábio inferior contra os dentes superiores. Ao contrário, a boca está bem aberta, _ha, he, hi, ho, hu_. Eu sei que os judeus e os árabes pronunciam seus aspirados da mesma maneira, e os espanhóis fazem o mesmo com palavras que tomaram dos árabes que foram por muito tempo seus mestres. Essas palavras são suficientemente numerosas; _almohada_ = um travesseiro; _almohaza_ = um pente de cavalo, e outras palavras semelhantes, que são pronunciadas prendendo a respiração. Insisto neste ponto porque acontece frequentemente entre os latinos que um aspirado muda o significado de uma palavra; assim _hora_ significa uma divisão do dia, _ora_ que é o plural de _os_, a boca, e _ora_ significando região, como na frase _Trojae qui primus ab oris_. O sentido muda de acordo com o acento: _occ[=i]do_ e _occ[)i]do_. Conseqüentemente, é preciso atentar para os sotaques e não descuidar do aspirante ao falar a língua desse povo simples. Já falei acima sobre o sotaque e o artigo _gua_.

[Nota: [=i] é um 'i' longo e [)i] é um 'i' curto.]

Os cantões da província de Hubabo são Xamana, Canabaco, Cubao, e outros cujos nomes desconheço. Os cantões de Magua e Cacacubana pertencem à província de Cahibo. Os nativos desta província falam uma língua totalmente diferente da falada pelos outros ilhéus; eles são chamados Macoryzes. No cantão de Cubana se fala outra língua que não se assemelha a nenhuma outra; também é usado no cantão de Baiohaigua. Os outros cantões de Cahibo são Dahaboon, Cybaho, Manabaho, Cotoy, este último situado no centro da ilha e atravessado pelo rio Nizaus e, finalmente, pelas montanhas Mahaitin, Hazua e Neibaymao.

Bainoa, a quarta província, tem os seguintes cantões dependentes: Maguana, Iagohaiucho, Bauruco, Dabaigua e Attibuni que leva este nome do rio; Caunoa, Buiaz, Dahibonici, Maiaguarite, Atiec, Maccazina, Guahabba, Anninici, Marien, Guarricco, Amaquei, Xaragua, Yaguana, Azzuei, Iacchi, Honorucco, Diaguo, Camaie, Neibaimao. Na última província, Guaccaiarima, encontram-se os cantões de Navicarao, Guabaqua, Taquenazabo, Nimaca, Little Bainoa, Cahaymi, Ianaizi, Manabaxao, Zavana, Habacoa e Ayqueroa.

Vamos agora dar alguns detalhes sobre os próprios cantões: o primeiro golfo[5] encontrado na província de Caizcimu corta uma rocha onde escavou uma imensa caverna situada no sopé de uma montanha elevada a cerca de dois estádios do mar. Sua vasta entrada em arco lembra os portões de um grande templo. Obedecendo a uma ordem do governo, Morales tentou entrar nesta caverna com os

navios. Vários córregos se juntam ali por canais desconhecidos, como em um ralo. Costumava ser um mistério o que aconteceu com vários rios de noventa milhas de comprimento, que de repente desapareceram sob a terra para nunca mais serem vistos. Acredita-se que eles foram de alguma forma engolidos pelas profundezas da montanha rochosa, continuando seu curso subterrâneo até chegarem a esta caverna. Tendo conseguido entrar na caverna, Morales quase se afogou. Ele relata que lá dentro existem redemoinhos e correntes em conflito incessante, sobre os quais sua barca era lançada para lá e para cá como uma bola, em meio ao rugido horrível dos redemoinhos e correntes ao seu redor. Ele se arrependeu de ter vindo, mas não conseguiu encontrar uma maneira de sair. Ele e seus companheiros vagavam na obscuridade, não apenas por causa da escuridão que prevalecia na caverna, que se estende até as profundezas das montanhas, mas também por causa da névoa perpétua que subia das águas constantemente agitadas e se transformava em vapores úmidos. . Morales comparou o barulho dessas águas com o das quedas do Nilo, onde brota das montanhas da Etiópia. Tanto ele quanto seus companheiros estavam tão ensurdecidos que não conseguiam ouvir um ao outro falar. Ele finalmente conseguiu encontrar a saída e emergiu da caverna, tremendo, sentindo que havia deixado as regiões infernais e retornado ao mundo superior.[6]

[Nota 5: O golfo de Samana; sua extensão é de 1300 quilômetros quadrados.]

[Nota 6: _Evasit tandem pavidus de antro, veluti de Tartaro, putans rediisse ad superos_.]

A cerca de sessenta milhas da capital Santo Domingo, o horizonte é fechado por altas montanhas, em cujo cume está um lago inacessível, ao qual nenhuma estrada leva. Nenhum dos colonos a visitou por causa da inclinação da montanha. Obedecendo às ordens do governador, Morales, tomando como guia um cacique vizinho, subiu a montanha e encontrou o lago. Ele relata que lá fazia muito frio e, como prova da baixa temperatura, trouxe de volta algumas samambaias e silvas, plantas que não crescem em países quentes. As montanhas são chamadas de Ymizui Hybahaino. As águas do lago, que tem três milhas de circunferência, estão cheias de vários tipos de peixes. É alimentado por vários riachos e não tem saída, pois é cercado por todos os lados por picos elevados.

Digamos agora algumas palavras sobre outro, o mar Cáspio ou Hircaniano (com o que quero dizer um mar cercado por terra) e outros lagos de água doce.

LIVRO VIII

A província de Bainoa, que tem três vezes o tamanho das três províncias de Caizcimu, Huhabo e Caihabon, abrange o vale de Caionani, no meio do qual existe um lago salgado[1] de água amarga e desagradável, semelhante a o que lemos sobre o Mar Cáspio. Vou, portanto, chamá-lo de Cáspio, embora não esteja na Hircânia. Há profundidades neste lago de onde as águas salgadas brotam e são absorvidas nas montanhas. Supõe-se que essas cavernas sejam tão vastas e profundas que até mesmo os maiores peixes do mar passam por elas para o lago.

[Nota 1: A laguna de Enriquillo nas planícies de Neyba.]

Entre esses peixes está o tubarão, que corta um homem em dois com uma mordida e o engole. Esses tubarões vêm do mar pelo rio Hozama, que passa pela capital da ilha. Eles devoram muitos nativos, pois nada impedirá que estes se banhem e se lavem no rio. Muitos riachos correm para o lago; o Guaninicabon, que flui do norte, é sal; o Haccoce flui do sul, o Guannabi do leste e o Occoa do oeste. Estes são os rios mais importantes e estão sempre cheios. Além deles, vários outros menores também caem neste Mar Cáspio. A não mais de um estádio de distância e em sua margem norte estão cerca de duzentas nascentes, dispostas em forma de círculo, de onde brota água fresca e potável, formando um riacho intransponível, que se mistura com os demais do lago.

O cacique daquele país, encontrando um dia sua esposa rezando em uma capela construída pelos cristãos em seu território, desejou ter relações com ela; mas a esposa, alegando a santidade do local recusou, falando assim, _Tei toca, tei toca_, que significa "Fique quieto"; _Techeta cynato guamechyna_ que significa "Deus ficaria descontente." O cacique ficou muito irritado com este _Techeta cynato guamechyna_, e com um gesto ameaçador de seu braço disse: _Guayva_, que significa "Saia", _Cynato machabucha guamechyna_, significando: "O que me importa a raiva de seu Deus?" Com o qual ele dominou sua esposa, mas ficou mudo no local e quase perdeu o uso de seu braço. Impressionado com este milagre e tomado pelo arrependimento, ele viveu o resto de sua vida como religioso e não permitiu que a capela fosse varrida ou decorada por outras mãos que não as suas. Este milagre causou grande impressão em muitos nativos e em todos os cristãos, e a capela era frequentada e respeitada por eles. Quanto ao

cacique, suportou submisso e sem reclamar o castigo de seu insulto. Mas voltemos ao Mar Cáspio.

Este lago salgado é varrido por furacões e tempestades, de modo que os barcos dos pescadores muitas vezes correm perigo e freqüentemente afundam com todos a bordo. Nem jamais um corpo afogado foi encontrado flutuando sobre as águas ou jogado na praia, como acontece com os que foram tragados pelo mar. Essas tempestades fornecem banquetes generosos para os tubarões. Os nativos chamam esse Mar Cáspio de Haguygabon. No meio dela fica uma ilha estéril chamada Guarizacca, que serve de refúgio aos pescadores. O lago tem trinta milhas de comprimento e doze ou, talvez, até quinze de largura.

Outro lago fica na mesma planície e bem próximo ao primeiro, cujas águas são agridoces, isto é, não são agradáveis de beber, mas podem ser consumidas em caso de absoluta necessidade. Tem vinte e cinco milhas de comprimento por nove ou dez de largura e é alimentado por vários rios. Não tem saída, e a água do mar também chega até ela, embora em pequena quantidade; isso explica suas águas salobras. O terceiro lago de água doce, chamado Painágua, existe na mesma província. Fica não muito longe a oeste do Mar Cáspio. Ao norte deste mesmo Cáspio existe um quarto lago, de pequena importância, pois mede apenas quatro milhas de comprimento e pouco mais de uma de largura; chama-se Guacca e suas águas são potáveis. Ao sul do Cáspio encontra-se um quinto lago, chamado Babbareo; é quase circular e tem cerca de três milhas de comprimento. Suas águas são frescas como as das outras duas. Como não tem saída e suas águas não são sugadas para dentro de

cavernas, ela transborda de suas margens quando cheia por torrentes. O Lago Babbareo fica no distrito de Zamana, na província de Bainoa. Há ainda outro lago chamado Guanyban, perto e a sudoeste do Mar Cáspio; tem dez milhas de comprimento e é quase redondo. Ao longo da ilha existem inúmeros outros pequenos lagos, que não mencionamos por medo de serem cansativos por muita insistência no mesmo assunto. No entanto, há mais um detalhe sobre os lagos e este é o último: todos eles estão cheios de peixes e abrigam muitos pássaros. Eles estão situados em um imenso vale que se estende de leste a oeste por uma distância de cento e vinte milhas e uma largura, no ponto mais estreito de dezoito e no ponto mais largo, de vinte e cinco milhas. Olhando para o oeste, a cadeia montanhosa de Duiguni faz fronteira com este vale à esquerda e, à direita, ergue-se a cordilheira de Caigun, que dá nome ao vale em sua base. Na encosta norte começa outro vale maior que o anterior, pois se estende por uma distância de duzentas milhas e uma largura de trinta milhas na parte mais larga, e vinte milhas na parte mais estreita. Este vale é chamado Maguana e às vezes Iguaniu ou Hathathei. Já que mencionamos esta parte do vale chamada Atici, devemos fazer uma digressão para apresentar um peixe de mar milagroso.

[Nota 2: _Lago de Fondo ... aquarum salsodulcium_...]

Um certo cacique da região, de nome Caramatexius, gostava muito de pescar. Certa vez, um peixe jovem da espécie gigantesca chamado pelos nativos de _manati_ foi capturado em suas redes. Acho que essa espécie de monstro é desconhecida em nossos mares. Tem a forma de uma tartaruga e tem quatro pés, mas é coberto por escamas em vez de carapaça. Sua pele é tão dura que não teme flechas, pois é protegida por mil pontas. Esta criatura anfíbia tem costas lisas, cabeça parecida com a de um touro, e é mais mansa do que feroz. Como o elefante ou o golfinho, gosta da companhia

dos homens e é muito inteligente. O cacique alimentou esse peixe jovem por vários dias com pão de mandioca, milho e as raízes que os nativos comem. Ainda jovem, ele o colocou em um lago perto de sua casa, como se fosse um viveiro de peixes. Este lago, que se chamava Guaurabo. passou a se chamar Manati. Por vinte e cinco anos este peixe viveu em liberdade nas águas do lago, e cresceu até um tamanho extraordinário. Tudo o que se conta sobre o lago de Baias ou sobre os golfinhos de Arion não se compara com as histórias deste peixe. Deram-lhe o nome de Matu, que significa generoso ou nobre, e sempre que um dos servos do rei, especialmente conhecido por ele, chamava da margem Matu, Matu, o peixe, lembrando-se dos favores recebidos, levantava a cabeça e vinha em direção à margem para comer da mão do homem. Quem quisesse atravessar o lago fazia apenas um sinal e o peixe avançava para recebê-lo nas costas. Um dia ele carregou dez homens em suas costas, transportando-os com segurança, enquanto eles cantavam e tocavam instrumentos musicais. Se percebesse um cristão quando levantasse a cabeça, mergulharia na água e se recusaria a obedecer. Isso porque certa vez foi espancado por um jovem cristão rabugento, que lançou um dardo afiado nesse peixe amável e domesticado. O dardo não lhe fez nenhum mal por causa da espessura de sua pele, que é toda áspera e coberta de pontas, mas o peixe nunca esqueceu o ataque e, daquele dia em diante, sempre que ouvia seu nome ser chamado, primeiro olhava atentamente para veja se viu alguém vestido como os cristãos. Adorava brincar na margem com os criados do cacique, principalmente com o filhinho que

costumava alimentá-lo. Era mais divertido do que um macaco. Este manati foi por muito tempo uma alegria para toda a ilha, e muitos nativos e cristãos visitavam diariamente este animal.

Diz-se que a carne dos manatis é de bom sabor, sendo encontrados em grande número nas águas da ilha. O manati Matu finalmente desapareceu. Foi levado ao mar pelo Attibunico, um dos quatro rios que dividem a ilha em partes iguais, durante uma inundação acompanhada de horríveis tufões que os ilhéus chamam de furacões. O Attibunico transbordou e inundou todo o vale, misturando suas águas com as de todos os lagos. O bom, inteligente e sociável Matu, seguindo a maré da torrente, juntou-se à sua mãe anterior e às águas de seu nascimento; nunca mais foi visto. Mas chega dessa digressão.

Vamos agora descrever este vale. O vale do Atici é limitado pelas montanhas Cibao e Cayguana, que o fecham na direção sul até o mar. Além das montanhas de Cibao, ao norte, abre-se outro vale chamado Guarionexius, porque sempre pertenceu, de pai para filho e por direito hereditário, aos caciques chamados Guarionexius. Já falei longamente sobre esse cacique em meus primeiros escritos sobre Hispaniola e em minha Primeira Década. Este vale tem cento e noventa milhas de comprimento de leste a oeste, e entre trinta e cinquenta milhas de largura em sua parte mais larga. Começa no distrito de Canabocoa, atravessa as províncias de Huhabo e Cahibo e termina na província de Bainoa e no distrito de Mariena. Ao longo de suas fronteiras estendem-se as montanhas de Cibao, Cahanao, Cazacubana. Não há uma província ou distrito que não seja digno de nota pela majestade de suas montanhas, a fertilidade de seus vales, as florestas em suas colinas ou o número de rios que a irrigam. Nas encostas de todas as montanhas e colinas, e nos leitos dos rios, encontra-se ouro em abundância; e neste último, peixes de sabor delicioso; apenas um deve ser excetuado, que desde sua nascente nas montanhas até o mar é perpetuamente salgado. Este rio chama-se Bahaun e corre através de Maguana, um distrito da província de Bainoa. Isto

Pensa-se que este rio passa por estratos de giz e salinos, dos quais existem muitos na ilha, e dos quais falarei mais tarde mais detalhadamente.

Vimos que Hispaniola pode ser dividida em quatro ou cinco partes, por rios ou por províncias. Ainda outra divisão pode ser feita; a ilha inteira pode ser dividida pelas quatro cadeias montanhosas que a dividem em duas de leste a oeste. Em toda parte há riqueza e ouro é encontrado em toda parte. Das cavernas e desfiladeiros dessas montanhas brotam todos os riachos que atravessam a ilha. Existem cavernas assustadoras, vales escuros e rochas áridas, mas nenhum animal perigoso jamais foi encontrado; nem leão, nem urso, nem tigre feroz, nem raposa astuta, nem lobo selvagem. Tudo ali fala de felicidade e ainda mais, Santíssimo Padre, quando todos esses milhares de pessoas estiverem reunidas entre as ovelhas do seu rebanho, e aquelas imagens diabólicas, os zemes, tiverem sido banidas.

Não vos deveis aborrecer, Santíssimo Padre, se de vez em quando, no decurso da minha narrativa, repito certas particularidades ou me permito algumas digressões. Sinto-me arrebatado por uma espécie de alegre excitação mental, uma espécie de hálito délfico ou sibilino, quando leio essas coisas; e sou, por assim dizer, forçado a repetir o

mesmo fato, especialmente quando percebo até que ponto a propagação de nossa religião está envolvida. No entanto, em meio a todas essas maravilhas e fertilidade, há um ponto que me causa pouca satisfação; esses nativos simples e nus estavam pouco acostumados ao trabalho, e as imensas fadigas que agora sofrem, trabalhando nas minas, estão matando-os em grande número e reduzindo os outros a tal estado de desespero que muitos se matam ou se recusam a procriar seus filhos. tipo. Alega-se que as mulheres grávidas usam drogas para produzir aborto, sabendo que os filhos que terão se tornarão escravos dos cristãos. Embora um decreto real tenha declarado que todos os ilhéus são livres, eles são forçados a trabalhar mais do que é adequado para homens livres. O número desses infelizes diminui de maneira extraordinária. Muitas pessoas afirmam que anteriormente somavam mais de doze milhões; quantos existem hoje não ouso dizer, tanto estou horrorizado.[3] Acabemos com este triste assunto e voltemos aos encantos desta admirável Hispaniola.

[Nota 3: A _Brevissima Relacion de la Destruycion de las Indias_, de Fray B. de las Casas, contém a acusação mais contundente do governo colonial espanhol já escrita. Quando todas as concessões foram feitas para o zelo apostólico, ou mesmo fanático, com que Las Casas defendeu seus protegidos e denunciou seus algozes, o caso contra os colonos espanhóis continua sendo um dos mais negros da história. O que a população nativa do Haiti e de Cuba originalmente contava é difícil de determinar; doze milhões é sem dúvida uma estimativa excessiva; mas vinte e cinco anos após a descoberta da América, os ilhéus foram reduzidos a 14.000. Entre 1507 e 1513, seu número caiu de 14.000 para 4.000, e em 1750 não restava nenhum. Consultar Fabie, _Vida y Escritos de Fray Bartolome de Las Casas_ (Madrid, 1879); MacNutt, _Bartholomew de las Casas, his Life, his Apostolate, and his Writings_, Nova York, 1910.]

Nas montanhas de Cibao, situadas mais ou menos no centro da ilha, e na província de Cahibo, onde dissemos que mais ouro foi encontrado, fica um distrito chamado Cotohi. Está entre as nuvens, completamente cercada por cadeias de montanhas, e seus habitantes são numerosos. Consiste em um grande planalto vinte e cinco milhas em

comprimento e quinze de largura; e este planalto fica tão alto acima das outras montanhas que os picos que o cercam parecem dar origem às montanhas menores. Quatro estações podem ser contadas neste planalto: primavera, verão, outono e inverno; e as plantas ali murcham, as árvores perdem suas folhas e os campos secam. Isto não acontece no resto da ilha, que só conhece a primavera e o outono. Samambaias, grama e arbustos de bagas crescem ali, fornecendo uma prova inegável do frio. No entanto, o país é agradável e o frio não é severo, pois os nativos não sofrem com isso, nem há tempestades de neve. . As encostas vizinhas contêm ricas jazidas de ouro, mas essas minas não serão exploradas por causa do frio, o que tornaria necessário dar roupas até para os mineiros acostumados a esse trabalho.

Os nativos se contentam com muito pouco; são delicados e não suportariam o inverno, pois vivem ao ar livre. Dois rios atravessam esta região, fluindo das altas montanhas que a margeiam. A primeira, chamada Comoiaixa, corre para oeste e perde o nome onde desagua

no Naíba. O segundo, chamado Tirechetus, flui para o leste e deságua no Iunna.

Quando passei pela ilha de Creta em minha jornada para o Sultão,[4] o Os venezianos me disseram que havia uma região semelhante no cume do Monte Ida; esta região, mais do que o resto da ilha, produz uma colheita de trigo melhor. Protegidos pelas estradas intransitáveis que levavam a essas alturas, os cretenses se revoltaram e por muito tempo mantiveram uma independência armada contra o Senado de Veneza. Finalmente, quando cansados de lutar, eles decidiram se submeter, e o Senado decretou que seu país deveria permanecer um deserto. Todas as avenidas que levavam a ela eram vigiadas para que ninguém pudesse passar por lá sem o seu consentimento.

[Nota 4: _De Legatione Babylonica_.]

Foi nesse mesmo ano, 1502, que os venezianos permitiram novamente que este distrito fosse cultivado, mas por trabalhadores incapazes de usar armas.

Há um distrito na Hispaniola chamado Cotoy, situado entre as províncias de Huhabo e Cahibo. É um país estéril com montanhas, vales e planícies, e é pouco habitado. O ouro é encontrado lá em quantidades, mas em vez de estar na forma de lingotes ou grãos, está em massas sólidas de metal puro, depositadas em leitos de pedra mole nas fendas das rochas. Os veios são descobertos quebrando as rochas, e uma delas pode ser comparada a uma árvore viva, pois de sua raiz ou ponto de partida ela lança ramos pelos poros macios e passagens abertas, até o cume das montanhas, nunca parando até atingir a superfície da terra. Banhada no esplendor da atmosfera, ela produz seus frutos, compostos por grãos e pepitas. Estes grãos e pepitas são depois arrastados pelas fortes chuvas e arrastados montanha abaixo, como todos os corpos pesados, para se espalharem por toda a ilha. Pensa-se que o metal não é produzido no local onde se encontra, sobretudo se for a céu aberto ou no leito dos rios. A raiz da árvore dourada parece sempre descer em direção ao centro da terra, crescendo cada vez mais; pois quanto mais fundo se cava nas entranhas da montanha, maiores são os grãos de ouro desenterrados. Os galhos da árvore dourada são em alguns lugares finos como um fio, enquanto outros são grossos como um dedo, de acordo com as dimensões das fendas. Às vezes acontece que bolsos cheios de ouro são encontrados; sendo estas as fendas por onde passam os galhos da árvore dourada. Quando esses bolsos são preenchidos com a saída do tronco, o galho avança em busca de outra saída em direção à superfície terrestre. Muitas vezes é detido pela rocha sólida, mas noutras fissuras parece, de certo modo, alimentar-se da vitalidade das raízes.

Perguntar-me-ás, Santíssimo Padre, que quantidade de ouro se produz nesta ilha. A cada ano, Hispaniola sozinha envia entre quatrocentos e quinhentos mil ducados de ouro para a Espanha. Isso se sabe pelo fato de que o quinto real produz oitenta, noventa ou cem mil castelhanos de ouro, e às vezes até mais. Explicarei mais adiante o que se pode esperar de Cuba e da ilha de San Juan, igualmente ricas em ouro. Mas já falamos bastante sobre ouro; passemos agora ao sal, com o qual se tempera tudo o que compramos com ouro.

Em um distrito da província de Bainoa, nas montanhas de Daiagon, situada a doze milhas do lago salgado do Cáspio, existem minas de

sal-gema, mais branco e mais brilhante que o cristal, e semelhante aos sais que tanto enriquecem a província de Laletânia. , também chamada de Catalunha, pertencente ao Duque de Cardona, que é o principal nobre daquela região. As pessoas, em condições de comparar os dois, consideram os sais de Bainoa mais ricos. Parece que é necessário usar ferramentas de ferro para extrair o sal da Catalunha. Também se desfaz com muita facilidade, como sei por experiência, nem é mais dura que a pedra esponjosa. O sal de Bainoa é duro como o mármore. Na província de Caizcimu e ao longo dos territórios de Iguanama, Caiacoa e Quatiaqua encontram-se nascentes de caráter excepcional. À superfície as suas águas são doces, um pouco mais para baixo são salgadas e no fundo são fortemente carregadas de sal. Pensa-se que a água salgada do mar os alimenta parcialmente, e que as águas doces à superfície fluem das montanhas através de passagens subterrâneas. As águas salgadas, portanto, permanecem no fundo enquanto as outras sobem à superfície, e as primeiras não são suficientemente fortes para corromper totalmente as últimas. As águas dos estratos médios são formadas por uma mistura das duas outras, e compartilham as características de ambas.

Ao encostar o ouvido no chão perto da abertura de uma dessas fontes, percebe-se facilmente que a terra é oca por baixo, pois pode-se ouvir os passos de um cavaleiro a uma distância de três milhas e de um homem a pé a uma distância de uma milha. . Diz-se que existe um distrito de _savana_ na província mais ocidental de Guaccaiarima, habitado por pessoas que vivem apenas em cavernas e comem apenas os produtos da floresta. Eles nunca foram civilizados nem tiveram relações sexuais com quaisquer outras raças de homens. Eles vivem, dizem, como as pessoas viviam na idade de ouro, sem casas fixas, colheitas ou cultura; nem eles têm uma linguagem definida. São vistos de vez em quando, mas nunca foi possível capturá-los, pois se, sempre que vêm, avistam alguém que não seja nativo se aproximando deles, fogem com a celeridade de um cervo. Dizem que são mais rápidos que os cães franceses.

Ouça, Santíssimo Padre, uma façanha muito divertida de um desses selvagens. Os próprios espanhóis cultivavam campos ao longo de bosques e densas florestas, que alguns deles foram visitar, como em uma viagem de lazer, no mês de setembro de 1514. De repente, um desses homens mudos emergiu repentinamente do bosque e sorridente apanhou do meio dos cristãos um menino, filho do dono do campo, cuja mulher era nativa. O selvagem fugiu, fazendo sinais

para que o povo o seguisse, vários espanhóis e alguns nativos nus correram atrás do ladrão, sem, porém, conseguirem apanhá-lo. Assim que o selvagem brincalhão percebeu que os espanhóis haviam desistido da perseguição, deixou a criança em uma encruzilhada por onde passam os criadores de porcos conduzindo rebanhos para pastar. Um desses criadores de porcos reconheceu a criança e, pegando-a nos braços, trouxe-a de volta ao pai, que estava desesperado, pensando que esse selvagem pertencia à raça caribe e lamentando a morte da criança.

O breu, de qualidade muito mais dura e amarga do que o obtido das árvores, é encontrado nos recifes de Hispaniola. Conseqüentemente, serve melhor para proteger os navios contra os roedores dos vermes chamados bromas, dos quais já falei longamente em outro lugar. Existem também duas árvores produtoras de piche; um é o pinheiro e o outro é chamado _copeo_. Não direi nada sobre os pinheiros, pois

eles crescem em toda parte; mas vamos falar um pouco sobre a árvore do copeo e dar alguns detalhes sobre o breu e os frutos que produz. O piche é obtido da mesma maneira que dos pinheiros, embora seja descrito como sendo colhido gota a gota da madeira queimada. Quanto ao fruto, é pequeno como uma ameixa e muito bom para comer; mas é a folhagem das árvores que possui uma qualidade muito especial. Acredita-se que esta árvore é aquela cujas folhas foram utilizadas pelos caldeus, os primeiros inventores da escrita, para transmitir as suas ideias aos ausentes antes da invenção do papel. A folha é tão grande quanto uma palmeira e quase redonda. Usando uma agulha ou alfinete, ou um ferro afiado ou ponta de madeira, os caracteres são traçados tão facilmente quanto no papel.

É ridículo considerar o que os espanhóis disseram aos nativos sobre essas folhas. Essa boa gente acredita que as folhas falam em obediência ao comando dos espanhóis. Um ilhéu fora enviado por um espanhol de Santo Domingo, capital da Hispaniola, a um de seus amigos que vivia no interior da colônia. O mensageiro também trazia algumas utias assadas que, como dissemos, são coelhos. No caminho, seja de fome ou ganância, ele comeu três; esses animais não são maiores que ratos. O amigo escreveu em uma dessas folhas o que havia recebido. "Bem, meu homem", o mestre então disse, "você é um bom rapaz em quem confiar! Então você foi tão ganancioso a ponto de comer as utias que eu lhe dei?" Tremendo e espantado, o nativo confessou sua culpa, mas perguntou a seu mestre como ele a havia descoberto. O espanhol respondeu: "A folha que você mesmo me trouxe me contou tudo. Além disso, você chegou à casa de meu amigo a tal hora e a deixou em outra." Assim nosso povo se diverte em mistificar esses pobres ilhéus, que se julgam deuses, com o poder de fazer com que as próprias folhas revelem o que acreditam ser segredo. Assim se espalhou pela ilha a notícia de que as folhas falam em resposta a um sinal dos espanhóis; e isso obriga os ilhéus a terem muito cuidado com tudo o que lhes é confiado. Ambos os lados dessas folhas podem ser usados para escrever, assim como é o caso do nosso papel. Essa folha é mais grossa do que um pedaço de papel dobrado em dois e é extraordinariamente resistente; tanto é assim que, quando recém arrancado, as letras se destacam brancas sobre um fundo verde, mas quando seca fica branco e duro como um pedaço de madeira, e então esses caracteres mudam para amarelo; mas permanecem indeléveis até que seja queimado, nunca desaparecendo, mesmo quando a folha está molhada.

Há outra árvore chamada _hagua_, cujo fruto, quando verde, exala um suco que tinge tudo tão rápido que atinge um preto esverdeado, que nenhuma lavagem pode destruir essa cor em vinte dias. Quando a fruta amadurece, o suco não tem mais essa qualidade; torna-se comestível e tem um sabor agradável. Há também uma erva cuja fumaça produz a morte, como a madeira que mencionamos. Alguns caciques decidiram matar os espanhóis; mas não ousando atacá-los abertamente, planejaram colocar numerosos cachos dessa erva em suas casas e incendiá-los, para que os espanhóis, que vieram extinguir as chamas, respirassem na fumaça os germes de uma doença fatal. . Essa trama, porém, foi contornada e os instigadores do crime punidos.

Já que Vossa Santidade se dignou a escrever que se interessa por tudo o que diz respeito ao novo continente, vamos agora inserir, independentemente do método, uma série de fatos. Já explicamos suficientemente como o milho, o agoes, a mandioca, a batata e

outras raízes comestíveis são semeadas, cultivadas e usadas. Mas ainda não relatamos como os índios aprenderam as propriedades dessas plantas; e é isso que vamos explicar agora.

LIVRO IX

Diz-se que os primeiros habitantes das ilhas subsistiram durante muito tempo de raízes, palmeiras e magueys. O maguey[1] é uma planta pertencente à classe vulgarmente chamada de perene.

[Nota 1: ..._magueiorum quae est herba, sedo sive aizoo, quam vulgus sempervivam appellat, similis_. (Jovis-barba, joubarbe, etc.)]

As raízes do _guiega_ são arredondadas como as dos nossos cogumelos, e um pouco maiores. Os ilhéus também comem _guaieros_, que se assemelham às nossas pastinagas; _cibaios_, que são como nozes; _cibaioes_ e _macoanes_, ambas semelhantes à cebola, e muitas outras raízes. Conta-se que alguns anos depois, um bovite, isto é, um velho erudito, tendo notado um arbusto semelhante ao funcho crescendo em uma margem, o transplantou e desenvolveu a partir dele uma planta de jardim. Os primeiros ilhéus, que comiam iúca crua, morriam cedo; mas como o sabor é requintado, eles resolveram tentar usá-lo de maneiras diferentes; cozida ou assada esta planta é menos perigosa. Finalmente ficou claro que o suco era venenoso; extraindo esse suco, faziam da farinha cozida cazabi, um pão mais adequado ao estômago humano do que o pão de trigo, por ser mais facilmente digerido. O mesmo acontecia com outros alimentos e o milho, que escolhiam entre os produtos naturais. Foi assim que Ceres descobriu cevada e outros cereais entre as sementes, misturadas com lodo, trazidas pelo alto Nilo das montanhas da Etiópia e depositadas na planície quando as águas baixaram, e propagaram sua cultura.

Por ter assim indicado as sementes a serem cultivadas, os antigos prestaram-lhe honras divinas. Existem inúmeras variedades de agoes, distinguíveis por suas folhas e flores. Uma dessas espécies é chamada de guanagax; por dentro e por fora, é de uma cor esbranquiçada. O guaraná é violeta por dentro e branco por fora; outra espécie de agoes é o zazaveios, vermelho por fora e branco por dentro. Os quinetes são brancos por dentro e vermelhos por fora. A turma é arroxeada, o vagabundo é amarelado e o atibunieix tem casca violeta e polpa branca. O aniguamar também é violeta por fora e branco por dentro e a guaccaracca é exatamente o contrário; branco por fora e violeta por dentro. Existem muitas outras variedades, sobre as quais ainda não recebemos nenhum relatório.

Estou ciente de que, ao enumerar essas espécies, provocarei pessoas invejosas, que rirão quando meus escritos chegarem até elas, ao enviar detalhes tão minuciosos a Vossa Santidade, que é encarregado de interesses tão pesados e em cujos ombros repousa o fardo de todo mundo cristão. Gostaria de saber desses invejosos se Plínio e outros sábios famosos por sua ciência procuravam, ao comunicar detalhes semelhantes aos homens poderosos de seu tempo, ser úteis apenas aos príncipes com quem se correspondiam. Misturavam relatos obscuros e conhecimentos positivos, coisas grandes e pequenas, generalidades e detalhes; para que a posteridade, igual aos príncipes, aprenda tudo junto, e também na esperança de que aqueles que

anseiam por detalhes e se interessam por novidades, saibam distinguir entre países e regiões diferentes, produtos da terra, costumes nacionais, e a natureza das coisas. Deixe, portanto, o invejoso rir das dores que eu fiz; de minha parte, rirei, não de sua ignorância, inveja e preguiça, mas de sua deplorável esperteza, compadecendo-me de suas paixões e recomendando-as às serpentes das quais a inveja extrai seu veneno. Se posso acreditar no que me foi relatado por Vossa Santidade por Galeazzo Butrigario e Giovanni Ruffo, Arcebispo de Cosenza, que são os nunzios de sua cátedra apostólica, estou certo de que estes detalhes irão agradá-lo. São os últimos adornos com que me vesti, sem procurar enfeitá-los, coisas admiráveis; meramente indicações e não descrições; mas você não os rejeitará. Compensarei ter queimado o óleo da meia-noite em seu interesse, para que a lembrança dessas descobertas não se perca. Cada um pega o dinheiro que lhe convém. Quando uma ovelha ou um porco são cortados, nada resta deles à noite; pois um homem pegou a espádua, outro a garupa, outro o pescoço, e há até quem goste das tripas e dos pés. Mas chega dessa digressão sobre o assunto dos homens invejosos e sua fúria; descrevamos antes como os caciques felicitam seus semelhantes quando nasce um filho; e como eles moldam o começo de sua existência até o fim, e por que cada um deles tem o prazer de ter vários nomes.

Quando nasce uma criança, todos os caciques e vizinhos se reúnem e entram no quarto da mãe. O primeiro a chegar saúda a criança e dá-lhe um nome, e os seguintes fazem o mesmo; "Salve, lâmpada brilhante", diz alguém; "Salve, tu que brilha", diz outro; ou talvez "Conquistador de inimigos", "Valente herói", "Mais resplandecente que ouro" e assim por diante. Desta forma, os romanos carregavam os títulos de seus pais e ancestrais: Adiabenicus, Particus, Armenicus, Dacicus, Germanicus. Os ilhéus fazem o mesmo, adotando os nomes que lhes são dados pelos caciques. Tomemos, por exemplo, Beuchios Anacauchoa, o governante de Xaragua, de quem e sua irmã, a prudente Anacaona, já falei longamente em minha primeira década. Beuchios Anacauchoa também era chamado de _Tareigua Hobin_, que significa "príncipe resplandecente como o cobre". Assim também _Starei_, que significa "brilhante"; _Huibo_, significando
"arrogância"; _Duyheiniquem_, significando "rio rico". Sempre que Beuchios Anacauchoa publica uma ordem, ou faz seus desejos conhecidos por proclamação dos arautos, ele toma muito cuidado para que todos esses nomes e mais quarenta sejam recitados. Se, por descuido ou descuido, um único fosse omitido, o cacique sentir-se-ia gravemente ultrajado; e seus colegas compartilham dessa opinião.

Vamos agora examinar suas práticas peculiares ao redigir seus últimos testamentos. Os caciques escolhem como herdeiro de suas propriedades, o filho mais velho de sua irmã, se houver; e se a irmã mais velha não tem

filho, escolhe-se o filho da segunda ou terceira irmã. A razão é que esta criança é obrigada a ser do sangue deles. Eles não consideram os filhos de suas esposas como legítimos. Quando não há filhos de suas irmãs, eles escolhem entre os de seus irmãos e, na falta destes, eles se voltam para os seus. Se eles próprios não tiverem filhos, eles passarão suas propriedades para quem quer que seja na ilha considerado mais poderoso, para que seus súditos possam ser protegidos por ele contra seus inimigos hereditários. Eles têm quantas esposas quiserem e, depois que o cacique morre, a mais amada de suas esposas é enterrada com ele. Anacaona, irmã de Beuchios

Anacauchoa, rei de Xaragua, que tinha fama de talentosa na composição de areytos, isto é, de poemas, foi enterrada viva com seu irmão, a mais bela de suas esposas ou concubinas, Guanahattabenecheua; e ela teria enterrado outros, não fosse a intercessão de um certo frade franciscano de sandálias, que por acaso estava presente. Em toda a ilha não havia outra mulher tão bonita quanto Guanahattabenecheua. Enterraram com ela os seus colares e enfeites preferidos, e em cada túmulo foram depositados uma garrafa de água e um bocado de pão cazabi.

Chove muito pouco em Xaragua, o reino de Beuchios Anacauchoa, ou no distrito de Hazua do país chamado Caihibi; também no vale dos lagos de água doce e salgada e em Yacciu, distrito ou cantão da província de Bainoa. Em todos esses países existem valas antigas, por meio das quais os ilhéus irrigam seus campos com tanta inteligência quanto os habitantes de Nova Cartago, chamados Spartana, ou os do reino de Múrcia, onde raramente chove. A Maguana divide as províncias de Bainoa da de Caihibi, enquanto a Savana a divide de Guaccaiarima. Nos vales mais profundos, a chuva é mais forte do que os nativos exigem, e a vizinhança de Santo Domingo também é mais bem irrigada do que o necessário, mas em todos os outros lugares a chuva é moderada. As mesmas variações de temperatura prevalecem em Hispaniola como em outros países.

Eu enumerei em minha primeira década as colônias estabelecidas em Hispaniola pelos espanhóis, e desde então eles fundaram as pequenas cidades de Porto de la Plata, Porto Real, Lares, Villanova, Assua e Salvatiera. Vamos agora descrever estas das inúmeras ilhas vizinhas que são conhecidas e que já comparamos com as Nereidas, filhas de Tétis, e o ornamento de sua mãe. Vou começar com o mais próximo, que é notável por causa de outra fonte de Arethusa, mas que não serve para nada. Distante seis milhas da costa da ilha-mãe fica uma ilha que os espanhóis, ignorando seu antigo nome, chamam de Dos Arboles [Duas Árvores], porque apenas duas árvores crescem lá. É perto deles que uma fonte, cujas águas fluem por canais secretos no fundo do mar de Hispaniola, assim como Alfeu deixou Eridus para reaparecer na Sicília na fonte de Arethusa. Este fato é estabelecido pela descoberta de folhas de _hobis_, mirobolane e muitas outras árvores que crescem em Hispaniola, que são levadas para lá pelo riacho desta fonte, pois nenhuma dessas árvores é encontrada na ilha menor. Esta fonte nasce no rio Yiamiroa, que flui do distrito de Guaccaiarima, perto do país Savana. A ilha não tem mais de uma milha de circunferência e é usada como mercado de peixe.

A leste, nossa Tétis é protegida de certa forma pela ilha de San Juan,[2] que descrevi em outro lugar. San Juan possui ricas jazidas de ouro e seu solo é quase tão fértil quanto o de sua mãe, Hispaniola. Os colonos já foram levados para lá e estão empenhados na busca de ouro. No noroeste, Tétis é protegida pela grande ilha de Cuba, que por muito tempo foi considerada um continente devido ao seu comprimento. É muito mais longo que Hispaniola e é dividido ao meio de leste a oeste pelo Trópico de Câncer. Hispaniola e as outras ilhas situadas ao sul de Cuba ocupam quase todo o espaço intermediário entre o Trópico de Câncer e o equador. Esta é a zona que muitos dos antigos acreditavam ser despovoada por causa do forte calor do sol: em cuja opinião eles estavam enganados. Afirma-se que as minas, mais ricas que as de Hispaniola, foram encontrados em Cuba e no presente escrito afirma-se que ouro no valor de cento e oitenta mil castellanos foi obtido lá e convertido em lingotes; certamente uma prova positiva de opulência.

[Nota 2: Porto Rico.]

A Jamaica fica ainda mais ao sul e é uma ilha próspera, fértil, de excepcional fecundidade, na qual, porém, não existe uma só montanha. Adapta-se a todo tipo de cultivo. Seus habitantes são formidáveis por causa de seu temperamento guerreiro. É impossível estabelecer autoridade dentro do breve período desde sua ocupação. Colombo, o primeiro descobridor, anteriormente comparou a Jamaica com a Sicília em termos de tamanho, mas na verdade é um pouco menor, embora não muito. Esta é a opinião de quem o explorou cuidadosamente. Todas essas pessoas concordam quanto ao seu caráter convidativo. Acredita-se que nem ouro nem pedras preciosas serão encontrados lá; mas no começo a mesma opinião foi mantida sobre Cuba.

A ilha de Guadalupe, antigamente chamada pelos nativos de Caraqueira, fica ao sul de Hispaniola, quatro graus mais próxima do equador. Tem trinta e cinco milhas de circunferência e sua linha costeira é quebrada por dois golfos, que quase a dividem em duas ilhas diferentes, como é o caso da Grã-Bretanha e da Caledônia, agora chamada Escócia. Tem vários portos. Ali se reúne uma espécie de goma chamada pelos boticários _animen album_, cujos vapores curam dores de cabeça. O fruto desta árvore tem um palmo de comprimento e se parece com uma cenoura. Quando aberto, descobre-se que contém uma farinha adocicada, e os ilhéus preservam essas frutas, assim como nossos camponeses armazenam castanhas e outras coisas semelhantes para o inverno. A própria árvore pode ser uma figueira. O abacaxi comestível e outros alimentos que estudei cuidadosamente acima também crescem em Guadalupe, e até se supõe que foram os habitantes desta ilha que originalmente levaram as sementes de todas essas frutas deliciosas para as outras ilhas.

Ao conduzir suas caçadas humanas, os caribes vasculharam todos os países vizinhos; e tudo o que eles achavam que poderia ser útil para eles, eles traziam de volta para o cultivo. Esses ilhéus são inóspitos e desconfiados, e sua conquista só pode ser realizada com o uso da força. Ambos os sexos usam flechas envenenadas e são muito bons atiradores; de modo que, sempre que os homens saem da ilha em expedição, as mulheres se defendem com coragem masculina contra qualquer assaltante. É sem dúvida esse fato que deu origem à crença explodida de que existem ilhas neste oceano habitadas inteiramente por mulheres. O almirante Colombo me induziu a acreditar nessa história e eu a repeti em minha primeira década.

Na ilha de Guadalupe existem montanhas e planícies férteis; é regada por belos riachos. O mel encontra-se nas árvores e fendas das rochas e, tal como em Palma, uma das Ilhas Afortunadas, o mel é colhido entre sarças e silvas.

A ilha recentemente denominada La Deseada fica a dezoito milhas de distância da antiga ilha e tem vinte milhas de circunferência.

Há outra ilha encantadora situada a dezesseis quilômetros ao sul de Guadalupe, chamada Galante; sua superfície é plana e tem trinta milhas de circunferência. Seu nome foi sugerido por sua beleza, pois, em espanhol, os dândis são chamados de _galanes_.[3]

[Nota 3: A ilha recebeu, na verdade, o nome de um dos navios de Colombo.]

Nove milhas a leste de Guadalupe encontram-se seis outras ilhas chamadas Todos Santos e Barbadas. Estes são apenas recifes estéreis, mas os marinheiros são obrigados a conhecê-los. A trinta e cinco milhas ao norte de Guadalupe surge a ilha chamada Montserrat, que tem quarenta milhas de circunferência e é dominada por uma montanha muito elevada. Uma ilha chamada Antígua, distante trinta milhas de Guadalupe, tem uma circunferência de cerca de quarenta milhas.

O Almirante Diego Colombo, filho do descobridor, disse-me que quando obrigado a ir ao tribunal deixou sua esposa em Hispaniola, e que ela lhe havia escrito que uma ilha com ricas jazidas de ouro havia sido descoberta no meio do arquipélago do caribes, mas que ainda não havia sido visitado. Ao largo da costa esquerda de Hispaniola fica ao sul e perto do porto de Beata uma ilha chamada Alta Vela. As coisas mais surpreendentes são ditas sobre os monstros marinhos encontrados lá, especialmente sobre as tartarugas, que são, segundo se diz, maiores do que um grande escudo peitoral. Quando chega a época de reprodução, saem do mar e cavam um buraco fundo na areia, onde depositam trezentos ou quatrocentos ovos. Quando todos os seus ovos são postos, eles cobrem o buraco com uma quantidade de terra suficiente para escondê-los e voltam para suas áreas de alimentação no mar, sem prestar mais atenção à sua progênie. Quando chega o dia, fixado pela natureza, para o nascimento desses animais, um enxame de tartarugas vem ao mundo, sem a ajuda de seus progenitores, e apenas auxiliados pelos raios do sol. Parece um formigueiro. Os ovos são quase tão grandes quanto os de um ganso, e o sabor da carne de tartaruga é comparado ao da vitela.

Há um grande número de outras ilhas, mas elas ainda são desconhecidas e, além disso, não é necessário peneirar toda essa farinha com tanto cuidado. Basta saber que temos sob nosso controle imensos países onde, ao longo dos séculos, florescerão nossos compatriotas, nossa língua, nossa moral e nossa religião. Não foi de um dia para o outro que os teucrios povoaram a Ásia, os tírios a Líbia, ou os gregos e fenícios a Espanha.

Não menciono as ilhas que protegem o norte de Hispaniola; eles têm uma pesca extensa e podem ser cultivados, mas os espanhóis os evitam porque são pobres. E agora adeus, antiga Tétis:

Jam valeant annosa Tethys, nymphaeque madentes,
Ipsius comites; veniat coronata superbe
Australis pelagi cultrix, mergulhos re ac nomine.[4]

[Nota 4: A seguinte tradução em inglês para essas linhas foi

foi sugerido:

Adeus, velha Tétis, velha deusa do oceano;
Adeus tua companhia, o bando de Nereidas;
E venha tu, rico em nome e pérolas e ouro
Coroada com realeza, Rainha da costa sul.]

No volume de cartas que enviei a Vossa Santidade no ano passado, por um dos meus servidores, e que Vossa Santidade leu na íntegra perante os Cardeais da Sé Apostólica e a sua querida irmã, relatei que no mesmo dia a Igreja celebra o festa de São Miguel Arcanjo, Vasco Nunez

de Balboa, o líder dos homens que haviam atravessado a alta cadeia montanhosa, foi informado de que uma ilha notável pelo tamanho de suas pérolas estava à vista da costa e que seu rei era ricos e poderosos e muitas vezes fizeram guerra contra os caciques cujos estados ficavam na costa, especialmente Chiapes e Tumaco. Escrevemos que os espanhóis não atacaram a ilha por causa das grandes tempestades que tornam perigoso aquele mar do Sul, durante três meses do ano. Esta ilha já foi conquistada e nós domesticamos seu orgulhoso cacique. Que Vossa Santidade se digne aceitá-lo e a todos os seus ricos principados, visto que já recebeu as águas do baptismo. Não será fora de lugar lembrar sob que ordens e por quem essa conquista foi efetuada. Que Vossa Santidade acompanhe com fronte serena e ouvido benigno ao relato deste empreendimento.

LIVRO X

Assim que desembarcou, o governador Pedro Arias confiou a um certo Gaspar Morales uma expedição a Isla Rica.[1] Morales passou primeiro pelo país de Chiapes, chamado Chiapeios, e de Tumaco, esses dois caciques do Mar do Sul que eram amigos de Vasco. Ele e seus homens foram recebidos magnificamente como amigos, e uma frota foi equipada para atacar a ilha. Esta ilha chama-se Rica e não Margarita, embora nela se encontrem muitas pérolas; pois o nome Margarita foi dado pela primeira vez em outra ilha perto de Paria e na região chamada Boca de la Sierpe, onde muitas pérolas também foram encontradas. Morales desembarcou na ilha com apenas sessenta homens, as dimensões de seus barcos, chamados culches, não lhe permitiram levar um número maior. O orgulhoso e formidável rei da ilha, cujo nome não aprendi, avançou para enfrentá-los, escoltado por um grande número de guerreiros e proferindo ameaças. Guazzaciara é seu grito de guerra; quando eles proferem este grito, eles lançam seus dardos; eles não usam arcos. Guazzaciara significa uma batalha; então eles se engajaram em quatro guazzaciaras, nas quais os espanhóis, auxiliados por seus aliados de Chiapes e Tumaco, que eram inimigos daquele chefe, foram vitoriosos. O ataque deles foi uma surpresa. O cacique desejava reunir um exército maior, mas foi dissuadido por seus vizinhos da costa de continuar a luta. Alguns, por seu exemplo, e outros, ameaçando-o com a ruína de um país próspero, demonstraram que a amizade dos espanhóis traria glória e lucro para ele e seus amigos. Recordavam-lhe os infortúnios que no ano anterior se abatera sobre Poncha, Pochorroso, Quarequa, Chiapes, Tumaco e outros que tentaram resistir. O cacique desistiu de lutar e veio ao encontro dos espanhóis, que conduziu ao seu palácio, que era uma verdadeira residência real maravilhosamente decorada. Ao chegarem em sua casa, ele os presenteou com uma cesta muito bem trabalhada, cheia de

pérolas de dez libras de peso, a oito onças por libra.

[Nota 1: A descrição neste ponto é imprecisa e enganosa. As ilhas peroladas totalizam cento e oitenta e três, formando um arquipélago. Existem trinta e nove ilhas de tamanho considerável, das quais as principais são San Jose, San Miguel e Isla del Rey; as outras são pequenas, algumas não passando de recifes ou rochas isoladas que se elevam acima da superfície do mar.]

O cacique ficou muito feliz quando eles o presentearam com suas ninharias habituais, como contas de vidro, espelhos, sinos de cobre e

talvez alguns machados de ferro, pois os nativos valorizam essas coisas mais do que montes de ouro. Na verdade, eles até zombam dos espanhóis por trocarem artigos tão importantes e úteis por tão pouco ouro. As machadinhas podem ter mil usos entre eles, enquanto o ouro é apenas um luxo não indispensável. Satisfeito e encantado com suas barganhas, o cacique pegou o capitão e seus oficiais pela mão e os conduziu ao alto de uma das torres de sua casa de onde a vista abrangia um imenso horizonte em direção ao mar. Olhando ao seu redor, ele disse: "Eis o oceano infinito que não tem fim em direção ao sol nascente." Ele apontou para o leste e, depois, virando-se para o sul e para o oeste, deu-lhes a entender que o continente, no qual as vastas cadeias de montanhas eram perceptíveis à distância, era muito grande. Olhando mais perto deles, ele disse: "Estas ilhas situadas à esquerda e à direita ao longo das duas costas de nossa residência pertencem a nós. Elas são todas ricas; todas são felizes, se você chamar de felizes as terras que abundam em ouro e pérolas. . Neste lugar em particular não há muito ouro, mas as costas de todas estas ilhas estão repletas de pérolas, e eu darei a você quantas quiser se você for meu amigo. Prefiro suas manufaturas a minhas pérolas, e eu desejo possuí-los. Portanto, não imagine que desejo romper relações com você."

Tais foram as palavras, entre tantas outras semelhantes, que trocaram. Quando os espanhóis planejaram partir, o cacique prometeu enviar todos os anos como presente ao grande rei de Castela cem libras de pérolas, a oito onças a libra. Ele fez essa promessa voluntariamente, dando pouca importância a ela e de forma alguma se considerando tributário deles.

Há tantos coelhos e veados naquela ilha que, sem sair de casa, os espanhóis podiam matar quantos quisessem com suas flechas. A vida deles ali era luxuosa e nada faltava. A residência real fica a apenas seis graus do equador. Yucca, pão de milho e vinho feito de grãos e frutas são os mesmos de Comogra ou de outras tribos continentais e insulares.

O cacique, Santíssimo Padre, foi batizado com todo o seu povo que se tornou como ovelha sob o seu pastor para aumentar o seu rebanho. Pedro Arias, o governador, quis dar-lhes o seu nome. A amizade estabelecida aumentou, e o cacique, para ajudar os espanhóis a reconquistar mais facilmente o continente, emprestou-lhes os seus culches de pescadores, isto é, barcas escavadas em troncos de árvores à moda nativa. Ele também os acompanhou até a praia.

Depois de reservar o quinto para os funcionários reais, os espanhóis dividiram entre si as pérolas que haviam conseguido. Eles dizem que são extremamente valiosos. Aqui está uma prova do grande valor das pérolas daquela ilha. Muitos deles são brancos e têm um belo oriente, e são tão grandes ou até maiores que uma noz. O que acelerou minha lembrança foi a lembrança de uma pérola que o Soberano Pontífice Paulo, predecessor de Vossa Santidade, comprou de um mercador veneziano por intermédio de meu parente Bartolomeu, o Milanês, por quarenta e quatro mil ducados. Agora, entre as pérolas trazidas da ilha, há uma igual em tamanho a uma noz comum. Foi vendido em leilão e comprado em Darién por doze mil castelhanos de ouro, ficando nas mãos do governador Pedro Arias. Esta pérola preciosa agora pertence a sua esposa, de quem já falamos no momento de sua partida. Podemos supor, portanto, que esta pérola era a mais preciosa de todas, já que era tão valorizada entre aquela massa de pérolas que

eram compradas, não individualmente, mas por onça. É provável que o comerciante veneziano não tenha pago tal preço no Oriente pela pérola do Papa Paulo; mas ele viveu numa época em que tais objetos eram procurados avidamente e um amante de pérolas estava esperando para engoli-los.

Vamos agora dizer algo sobre as conchas nas quais as pérolas crescem. Vossa Beatitude não ignora o fato de que Aristóteles e Plínio, que seguiram o primeiro em suas teorias, não tinham a mesma opinião sobre o crescimento das pérolas. Eles mantinham apenas um ponto em comum, e em todos os outros eles diferiam. Nenhum dos dois admitiria que as ostras perlíferas se movessem depois de serem formadas. Eles declaram que existem no fundo do mar prados, por assim dizer, sobre os quais cresce uma planta aromática semelhante ao tomilho; eles afirmam ter visto esses campos. Em tais lugares, esses animais semelhantes a ostras nascem e crescem, gerando em torno deles uma progênie numerosa. Eles não estão satisfeitos em ter uma, três, quatro ou até mais pérolas, pois até cento e vinte pérolas foram encontradas em uma concha na pesca daquela ilha; e o capitão, Caspar Morales, e seus companheiros os contaram cuidadosamente. Enquanto os espanhóis estavam lá, o cacique mandou seus mergulhadores trazerem pérolas. A matriz dessas ostras perlíferas pode ser comparada ao órgão no qual as galinhas formam seus numerosos ovos. As pérolas são produzidas da seguinte maneira: assim que amadurecem e saem do ventre de sua mãe, encontram-se desprendidas dos lábios da matriz. Elas seguem uma a uma cada uma se desprendendo, após um breve intervalo. No início, as pérolas estão encerradas, por assim dizer, no ventre da ostra, onde crescem como uma criança, enquanto no ventre de sua mãe vivem da substância de seu corpo. Mais tarde, eles saem do asilo materno, onde estavam escondidos. As ostras perlíferas encontradas - como eu mesmo tenho visto de tempos em tempos - na praia e enterradas na areia em diferentes costas atlânticas, foram lançadas das profundezas do mar por tempestades e não chegam lá por si mesmas . Por que o brilhante orvalho da manhã dá uma tonalidade branca às pérolas; por que o mau tempo faz com que fiquem amarelos; por que eles gostam de um céu claro e permanecem imóveis quando troveja, são questões que não podem ser examinadas com precisão por esses nativos ignorantes. Não é um assunto que possa ser tratado por mentes limitadas. Diz-se ainda que as ostras perlíferas maiores ficam no fundo, as mais comuns nas meias profundidades e as menores perto da superfície; mas as razões dadas para sustentar esta teoria são pobres. O molusco imóvel não raciocina sobre a escolha de seu lar. Tudo depende da determinação, da habilidade e da respiração dos mergulhadores. As grandes ostras perlíferas não se mexem; eles são criados e encontram seu sustento nos lugares mais profundos, pois são poucos os mergulhadores que se aventuram a penetrar no fundo do mar para recolhê-los. Eles têm medo dos pólipos, que são ávidos por carne de ostra e estão sempre agrupados nos locais onde estão. Eles também têm medo de outros monstros marinhos e, acima de tudo, temem

sufocam se ficarem muito tempo debaixo d'água. As ostras perlíferas nas profundezas do mar, conseqüentemente, têm tempo para crescer, e quanto maior e mais velha a concha se torna, maiores são as pérolas que abrigam, embora em número sejam poucas. Acredita-se que os nascidos no fundo do mar se tornem comida para os peixes; quando colhidos pela primeira vez, são macios e o formato da orelha é diferente dos maiores. Alega-se que nenhuma pérola adere à concha à medida que envelhece, mas cresce na própria concha uma espécie de protuberância redonda e brilhante que adquire brilho

ao ser limada. Isso, no entanto, não é valioso e tira sua natureza mais da concha do que da pérola. Os espanhóis chamam o tímpano de _pati_.[2] Às vezes, ostras perlíferas foram encontradas crescendo em pequenas colônias sobre rochas, mas não são valorizadas. É crível que as ostras da Índia, Arábia, Mar Vermelho e Ceilão existam da maneira descrita por autores célebres, nem as explicações dadas por tais escritores eminentes devem ser totalmente rejeitadas; Falo daqueles que estiveram por muito tempo em contradição uns com os outros.

[Nota 2: _Pati appellat Hispanus tympanum_; uma frase para a qual o tradutor não encontrou um significado satisfatório.]

Já falamos o suficiente sobre esses animais marinhos e seus ovos, que os amantes do luxo estupidamente preferem aos ovos de galinhas ou patos. Vamos adicionar alguns detalhes adicionais fora do nosso assunto.

Descrevemos acima a entrada do Golfo de Uraba e dissemos que os diferentes países banhados por suas águas eram estranhamente diferentes uns dos outros. Não tenho nada de novo a relatar sobre a costa ocidental, onde os espanhóis estabeleceram sua colônia nas margens do rio Darien.

O que aprendi recentemente sobre a costa leste é o seguinte: todo o país situado a leste entre o promontório e a costa que se estende para o mar e recebe a força das ondas, até Boca de la Sierpe e Paria, é chamado pelo nome geral de Caribana. Os caribes são encontrados em todos os lugares e são chamados pelo nome de seu país, [3] mas é bom indicar de onde os caribes têm sua origem e como, depois de deixar seu país, eles se espalharam por toda parte como um contágio mortal. A nove milhas da primeira costa encontrada vindo do mar onde, como dissemos, hojeda se estabeleceu, fica na província de Caribana uma aldeia chamada Futeraca; três milhas adiante fica a aldeia de Uraba, que dá nome ao golfo e foi antigamente a capital do reino. Seis milhas adiante está a vila de Feti, e na nona e na décima segunda milhas, respectivamente, estão as vilas de Zeremoe e Sorachi, todas densamente povoadas. Todos os nativos dessas regiões se dedicam à caça ao homem e, quando não há inimigos para lutar, eles praticam suas crueldades uns contra os outros. A partir deste local, a infecção se espalhou para os infelizes habitantes das ilhas e do continente.

[Nota 3: Existem mais teorias do que uma sobre a origem dos caribes e seu nome. Entre outros escritores que trataram deste assunto podem ser citados Reville, em um artigo publicado na _Nouvelle Revue_, 1884, e Rochefort em sua _Histoire naturelle et morale des isles Antilles_.]

Há outro fato que acho que não devo omitir. Um douto advogado chamado Corales, que é juiz em Darien, relatou que encontrou um fugitivo das províncias do interior do oeste, que buscou refúgio com o cacique. Este homem, ao ver o desembargador lendo, ficou surpreso e perguntou por meio de intérpretes que conheciam a língua do cacique: "Você também tem livros? Você também entende os sinais pelos quais se comunica com os ausentes?" Ele pediu ao mesmo tempo para olhar o livro aberto, esperando ver os mesmos caracteres usados entre seu povo; mas ele viu que as letras não eram as mesmas. Ele disse que em seu país as cidades eram muradas e os cidadãos usavam roupas e eram governados por leis. Eu não aprendi a natureza de sua religião, mas é sabido pelo exame deste fugitivo, e

pelo seu discurso, que eles são circuncidados.[4] O que, Santíssimo Padre, você acha disso? Que augúrio você, a cuja dominação o tempo submeterá todos os povos, atrai para o futuro?

[Nota 4: ..._recutiti tamen dispraeputiatique, ab exemplo et sermone fugitivi contulerunt_. O homem pode ter sido peruano ou do povo civilizado do planalto de Cundinamarca. Wiener, em sua interessante obra _Perou et Bolivie_, estuda o sistema de escrita peruano.]

Acrescentemos a essas imensas considerações alguns assuntos de menor importância. Acho que não devo deixar de mencionar a viagem de Juan Solis,[5] que partiu do porto oceânico de Lepe, perto de Cádiz, com três navios, no quarto dia dos idos de setembro de 1515, para explorar as costas meridionais de o que deveria ser um continente. Também não quero deixar de mencionar Juan Ponce,[6] encarregado de conquistar os caribes, antropofagos que se alimentam de carne humana; ou de Juan Ayora de Badajoz, ou Francisco Bezerra, e de Valleco, já citados por mim. Solis não teve sucesso em sua missão. Ele partiu para dobrar o cabo ou promontório de San Augustin e seguir a costa do suposto continente até o equador. Já indicamos que este cabo está no sétimo grau do pólo antártico. Solis continuou seiscentas léguas adiante e observou que o cabo San Augustin se estendia tão além do equador ao sul que ultrapassava o trigésimo grau do hemisfério sul. Ele, portanto, navegou por uma longa distância além da Boca de la Sierpe e da Paria espanhola, que enfrentam o norte e a estrela polar. Nestas partes são encontrados alguns desses abomináveis antropofagos,
Caribs, que já mencionei antes. Com astúcia de raposa, esses caribes fingiam sinais amigáveis, mas enquanto isso preparavam seus estômagos para uma refeição suculenta; e desde o primeiro vislumbre dos estranhos, suas bocas salivaram como os taberneiros. O desafortunado Solis desembarcou com tantos de seus companheiros quanto pôde amontoar-se no maior dos barcos, e foi traiçoeiramente atacado por uma multidão de nativos que o mataram e a seus homens com paus na presença do restante de sua tripulação.[7] Nenhuma alma escapou; e depois de matá-los e cortá-los em pedaços na praia, os nativos se prepararam para comê-los à vista dos espanhóis, que de seus navios testemunharam essa visão horrível. Assustados com essas atrocidades, os homens não se aventuraram a desembarcar e executar vingança pelo assassinato de seu líder e companheiros. Carregaram seus navios com madeira vermelha, que os italianos chamam de verzino e os espanhóis de pau-brasil, e que é própria para tingir lã; após o que eles voltaram para casa. Aprendi esses detalhes por correspondência e os repito aqui. Relatarei ainda o que os outros exploradores realizaram.

[Nota 5: Juan Diaz de Solis, natural de Sebixa, navegou com Vincente Yanez Pinzon em 1508, quando foram descobertas as fozes do Amazonas. Em 1512, o rei nomeou ele e Giovanni Vespucci seus cartógrafos.]

[Nota 6: Governador em 1508 de Porto Rico e mais tarde, em 1512, descobridor da Flórida, de cujo país foi nomeado Adelantado pelo rei Fernando. Morreu em Cuba em 1521, em consequência de um ferimento recebido durante sua expedição à Flórida naquele ano.]

[Nota 7: A cena deste massacre foi entre Maldonado e Montevidéu.]

Juan Ponce também sofreu um forte controle dos canibais na ilha de Guadalupe, que é a mais importante de todas as ilhas do Caribe. Quando essas pessoas avistaram os navios espanhóis, esconderam-se num local de onde pudessem espiar todos os movimentos das pessoas que porventura desembarcassem. Ponce enviara algumas mulheres a terra para lavar camisas e linho, e também alguns soldados de infantaria para obter água potável, pois ele não avistou terra depois de deixar a ilha de Ferro nas Canárias até chegar a Guadalupe, uma distância de quatro mil e dois. cem milhas. Não há ilha no oceano em toda a distância. Os canibais atacaram repentinamente e capturaram as mulheres, dispersando os homens, alguns dos quais conseguiram escapar. Ponce não se aventurou a atacar os caribes, temendo as flechas envenenadas que esses bárbaros devoradores de homens usam com efeito fatal.

Este excelente Ponce que, enquanto estava em um lugar seguro, havia se gabado de que exterminaria os caribes, foi obrigado a deixar suas lavadeiras e retirar-se diante dos ilhéus. O que ele fez desde então, e quais descobertas ele pode ter feito, eu ainda não aprendi. Assim Solis perdeu sua vida, e Ponce sua honra, na realização de suas expedições.

Outro que falhou miseravelmente em seu empreendimento no mesmo ano é Juan Ayora de Cordova, um nobre enviado como juiz, como já dissemos em outro lugar, e que estava mais interessado em acumular uma fortuna do que em administrar seu cargo e merecer elogios. Sob algum pretexto ou outro, roubou vários caciques e extorquiu-lhes ouro, desafiando toda a justiça. Conta-se que os tratou com tanta crueldade que, de amigos, tornaram-se inimigos implacáveis, e levados ao extremo massacraram os espanhóis, ora abertamente, ora armando armadilhas para eles. Em lugares onde antes as relações comerciais eram normais e os caciques amigáveis, tornou-se necessário lutar. Quando, dizem, ele acumulou uma grande quantidade de ouro por tais meios, Ayora fugiu a bordo de um navio que ele adquiriu repentinamente, e não se sabe até o momento onde ele desembarcou. Não falta quem acredite que o próprio governador, Pedro Arias, fechou os olhos a esta fuga secreta; pois Juan Ayora é irmão de Gonzales Ayora, o historiógrafo real, que é um homem erudito, um excelente capitão e tão íntimo do governador que ele e Pedro Arias podem ser citados entre os raros pares de amigos que conhecemos. Tenho relações muito próximas com ambos, e que ambos me perdoem; mas em meio a todos os problemas das colônias, nada me desagradou tanto quanto a cupidez desse Juan Ayora, que perturbou a paz pública das colônias e alienou os caciques.

Passemos agora às trágicas aventuras de Gonzales de Badajoz e seus companheiros. No início, a sorte sorriu para eles, mas mudanças bastante tristes rapidamente se seguiram. Gonzales deixou Darien com quarenta soldados no mês de março do ano anterior, 1515, e marchou direto para o oeste, sem parar em lugar nenhum até chegar à região que os espanhóis chamaram de Gracias a Dios, como já dissemos. Este lugar fica a cerca de cento e oitenta milhas, ou sessenta léguas de Darien. Passaram ali vários dias sem fazer nada, porque o comandante não podia, nem por convites, nem por subornos, nem por ameaças, induzir o cacique a aproximar-se dele, embora desejasse muito fazê-lo. Enquanto acampava aqui, ele se juntou a quinze aventureiros de Darien, sob a liderança de Luis Mercado, que havia deixado aquela colônia em maio, desejando se juntar a Gonzales na exploração do interior. Assim que os dois grupos se encontraram, decidiram cruzar a cadeia montanhosa do

sul e tomar posse do Mar do Sul já descoberto. O mais extraordinário de tudo é que, em um continente de tamanho comprimento e largura, a distância até o Mar do Sul não ultrapassava cinqüenta e uma milhas, ou dezessete léguas. Na Espanha, as pessoas nunca contam por milhas; a légua terrestre equivale a três milhas e a légua marítima a quatro milhas. Quando chegaram ao cume da serra, que é o divisor de águas, encontraram ali um cacique chamado Javana. Tanto o país quanto seu governante levam o nome de Coiba, como já dissemos é o caso, em Careta. Como o país de Javana é o mais rico de todos em ouro, é chamado de Coiba Rica. E de fato, onde quer que alguém cave, seja em terra seca ou no leito dos rios, a areia contém ouro. O cacique Javana fugiu quando os espanhóis se aproximaram, nem foi possível alcançá-lo. Eles então começaram a trabalhar para devastar o bairro de sua cidade, mas encontraram muito pouco ouro, pois o cacique levara consigo na fuga tudo o que possuía. Eles encontraram, no entanto, alguns escravos que foram marcados de forma dolorosa. Os nativos cortavam linhas no rosto dos escravos, usando uma ponta afiada de ouro ou de espinho; eles então preenchem as feridas com uma espécie de pó umedecido com suco preto ou vermelho, que forma uma tinta indelével e nunca desaparece. Os espanhóis levaram esses escravos com eles. Parece que esse suco é corrosivo e produz uma dor tão terrível que os escravos não conseguem comer por causa de seus sofrimentos. Tanto os reis que originalmente capturaram esses escravos na guerra quanto os espanhóis os colocaram para trabalhar na caça de ouro ou no cultivo dos campos.

Deixando a cidade de Javana, os espanhóis seguiram o divisor de águas por dez milhas e entraram no território de outro chefe, a quem chamaram de "Velho", porque não se importavam com seu nome e só se importavam com sua idade. Por toda a terra desse cacique, tanto no leito dos rios quanto no solo, foi encontrado ouro. Os riachos eram abundantes e o condado era rico e fértil em todos os lugares. Saindo daquele lugar, os espanhóis marcharam durante cinco dias por um país desértico que pensavam ter sido devastado pela guerra, pois embora a maior parte fosse fértil, não era habitado nem cultivado. No quinto dia, eles perceberam à distância dois nativos pesadamente carregados, aproximando-se deles. Marchando sobre eles, capturaram os homens e descobriram que carregavam sacos de milho nos ombros. Pelas respostas desses homens deduziram que havia dois caciques nessas regiões, um no litoral, chamado Periqueta, outro no interior, chamado Totonogo; o último sendo cego. Esses dois homens eram pescadores que haviam sido enviados por seu cacique Totonogo, a Periquetá, com uma carga de peixes, que haviam trocado por pão.[8] O comércio é realizado por troca em espécie, e não por meio de ouro, que faz tantas vítimas. Conduzidos por esses dois nativos, os espanhóis chegaram ao país de Totonogo, o cacique cujo país se estende ao longo do lado oeste do golfo de San Miguel, no mar do sul. Este chefe deu-lhes seis mil castellanos de ouro, parte em lingotes e parte trabalhada; entre os primeiros estava um que pesava dois castellanos, provando que o ouro existe em abundância nesta região. [Nota 8: Evidentemente, em algum momento houve um erro de transcrição: o cacique Totonogo, que é mencionado pela primeira vez como governante ao longo da costa marítima, agora é descrito como enviando peixes para seu vizinho Periqueta.]

Seguindo pela costa oeste, os espanhóis visitaram o cacique Taracuru, de quem obtiveram oito mil pesos; um peso, como já dissemos, corresponde a um castellano não cunhado. Em seguida, eles marcharam para o país de

seu irmão Pananome, que fugiu e não foi mais visto. Seus súditos declararam que o país era rico em ouro. Os espanhóis destruíram sua residência. Seis léguas adiante chegaram à terra de outro cacique chamado Tabor, e depois à de outro chamado Cheru. Este recebeu os espanhóis amigavelmente e ofereceu-lhes quatro mil pesos. Ele possui depósitos de sal valiosos e o país é rico em ouro. Doze milhas adiante, eles encontraram outro cacique chamado Anata, de quem obtiveram doze mil pesos, que o cacique havia capturado dos chefes vizinhos que ele havia conquistado. Este ouro foi até queimado, porque havia sido retirado das casas em chamas de seus inimigos. Esses caciques roubam e massacram uns aos outros, e destroem suas aldeias, durante suas guerras atrozes. Eles não dão trégua, e os vitoriosos limpam tudo.[9]

[Nota 9: Este foi o caso em todo o continente; embora não justifique as crueldades infligidas pelos espanhóis às populações nativas em sua voraz luta pela riqueza, pode moderar a simpatia indiscriminada do emocional para refletir essa opressão, tortura, extorsão e escravidão, para não mencionar sacrifícios humanos e canibalismo foram praticados entre eles com uma engenhosidade hedionda sobre a qual nenhum refinamento introduzido pelos espanhóis poderia melhorar.]

Assim vagaram o excelente Gonzales de Badajoz e seus companheiros, sem plano fixo, até chegarem ao território de Anata; e durante sua jornada eles coletaram pilhas de ouro, cintos, enfeites de peito femininos, brincos, cocares, colares e pulseiras, no valor de oitenta mil castellanos a mais. Isso eles adquiriram, seja negociando suas mercadorias ou por pilhagem e violência; pois a maioria dos caciques se opôs à sua

passagem e procurou resistir a eles. Além disso, tinham quarenta escravos, que usavam como animais de carga para carregar suas provisões e bagagens, e também para cuidar dos enfermos.

Os espanhóis atravessaram o país de um cacique, Scoria, e chegaram à residência de outro chamado Pariza. Não esperavam ser atacados, mas o cacique cercou-os com grande número de homens armados, surpreendendo-os no momento em que estavam desprevenidos e dispersos. Eles não tiveram tempo de pegar suas armas; setenta deles foram feridos ou mortos, e o resto fugiu, abandonando seu ouro e todos os seus escravos. Muito poucos deles voltaram para Darien.

A opinião de todos os sábios sobre as vicissitudes da fortuna e a inconstância dos assuntos humanos seria infundada se esta expedição tivesse terminado de forma lucrativa e feliz; mas a ordem dos acontecimentos é inevitável, e quem arranca as raízes, ora encontra doce alcaçuz, ora amargo berbigão. Ai, porém, de Pariza! pois ele não descansará por muito tempo em silêncio. Este grande crime em breve será vingado.

O governador se preparava para liderar uma campanha contra ele pessoalmente à frente de trezentos e cinquenta homens quando adoeceu. O douto jurisconsulto Caspar Espinosa, juiz real de Darien, ocupou seu lugar e atuou como seu lugar-tenente; ao mesmo tempo, os espanhóis enviaram à ilha chamada Rica para coletar o tributo de pérolas imposto ao seu cacique. No devido tempo, saberemos o que aconteceu.

Outros líderes marcharam contra os moradores do outro lado do golfo; um deles, Francisco Bezerra, cruzou a cabeceira do golfo e a foz do rio Dabaíba. Seu bando consistia em dois oficiais e cento e cinquenta soldados bem armados. Seu plano era atacar os caribes no próprio país de Caribana. Ele marchou primeiro contra a aldeia de Turufy, da qual falei ao descrever a chegada de Hojeda. Ele foi equipado com máquinas de guerra, três canhões disparando balas de chumbo maiores que um ovo, quarenta arqueiros e vinte e cinco mosqueteiros. Foi planejado atirar contra os caribes à distância porque eles lutam com flechas envenenadas. Ainda não se sabe onde Bezerra desembarcou nem o que fez; mas temia-se em Darien, quando os navios estavam partindo para a Espanha, que sua expedição tivesse resultado mal.

Outro capitão, chamado Vallejo, fazia operações na parte baixa do golfo, atravessando por outro caminho que não o de Bezerra; assim, um deles ameaçou Caribana pela frente e o outro por trás. Vallejo voltou, mas dos setenta homens que levou consigo, quarenta e oito feridos ficaram nas mãos dos caribes. Esta é a história contada por aqueles que chegaram a Darien, e eu a repito.

Na véspera dos idos de outubro deste ano de 1516, Roderigo Colmenares, que mencionei acima, e um certo Francisco de la Puente, pertencente à tropa comandada por Gonzales de Badajoz, vieram me ver. Este último estava entre os que escaparam do massacre executado pelo cacique Pariza. O próprio Colmenares deixou Darien para a Espanha depois que os vencidos chegaram. Ambos relatam, um por boato e outro por observação, que várias ilhas ficam no Mar do Sul a oeste do golfo de San Miguel e da Ilha Rica e que nessas ilhas árvores, dando os mesmos frutos que em o país de Calicut, crescem e são cultivados. É dos países de Calicut,
Cochin e Camemor que os portugueses compram especiarias. Assim, acredita-se que não muito longe da colônia de San Miguel começa o país onde crescem as especiarias. Muitos dos que já exploraram essas regiões aguardam apenas a autorização para navegar daquela costa do Mar do Sul; e eles se oferecem para construir navios às suas próprias custas, desde que sejam comissionados para procurar as terras das especiarias. Esses homens pensam que os navios devem ser construídos no próprio golfo de San Miguel, e que a idéia de seguir a costa em direção ao cabo San Augustin deve ser abandonada, pois essa rota seria muito longa, muito difícil e muito perigosa. Além disso, os levaria além do quadragésimo grau do hemisfério sul.

Este mesmo Francisco, que partilhou os trabalhos e os perigos de Gonzales, diz que, ao explorar aquelas terras, viu verdadeiras manadas de veados e javalis, dos quais capturou muitos à maneira nativa, cavando fossos nas trilhas seguidas por esses animais e cobrindo-os com galhos; este é o método nativo de capturar esses quadrúpedes selvagens. Ao pegar pássaros, eles usam pombas, assim como nós. Eles amarram uma pomba mansa nas árvores, e os pássaros de cada espécie que voam ao redor dela são atirados com flechas. Outra maneira é

espalhando uma rede em um espaço aberto, espalhando comida em volta dela e colocando a pomba mansa no meio. O mesmo sistema é usado com papagaios e outras aves. Os papagaios são tão estúpidos que, enquanto um tagarela em uma árvore em cujos galhos o apanhador de pássaros está escondido, os outros se reúnem para lá e se deixam apanhar com facilidade. Eles não se assustam quando

veem o caçador de pássaros, mas ficam sentados olhando até que o laço seja jogado em seus pescoços. Mesmo quando veem um de seus companheiros capturado e jogado na bolsa do caçador, eles não fogem.

Existe outro sistema de caça de pássaros que é bastante original e divertido de relatar. Já dissemos que existem nas ilhas, e especialmente em Hispaniola, lagos e lagoas estagnadas em cujas águas flutua todo um mundo de aves aquáticas, porque essas águas estão cobertas de ervas, peixinhos e mil variedades de sapos, vermes , e os insetos vivem nessa lama líquida. A obra de corrupção e geração ordenada pelo decreto secreto da providência é promovida nessas profundezas pelo calor do sol. Nestas águas fervilham várias espécies de aves: patos, gansos, cisnes, mergulhadores, gaivotas, miados marinhos e inúmeras outras semelhantes.

Já relatamos em outro lugar que os nativos cultivam uma árvore em seus jardins, cujo fruto se assemelha a uma grande cabaça. Os nativos jogam uma grande quantidade dessas cabaças nas lagoas, depois de tapar cuidadosamente os buracos por onde a água é introduzida nelas, para evitar que afundem. Essas cabaças, flutuando na água, inspiram confiança aos pássaros; o caçador então cobre a cabeça com uma espécie de barril feito de cabaça, no qual há pequenos orifícios para os olhos, como em uma máscara. Ele entra na água até o queixo, pois desde a infância todos estão acostumados a nadar e não temem ficar muito tempo na água. À medida que os pássaros encontram a cabaça que esconde o caçador semelhante a todas as outras que flutuam por aí, o homem consegue se aproximar do bando. Imitando com a cabeça os movimentos da cabaça flutuante, ele segue as pequenas ondas produzidas pelo vento e, aos poucos, se aproxima dos pássaros. Estendendo a mão direita, ele agarra um pássaro pelo pé e, sem ser visto, rapidamente o joga sob a água e o enfia em uma bolsa que carrega. Os outros pássaros, imaginando que seu companheiro mergulhou em busca de comida, como todos fazem, continuam seus movimentos sem medo e, por sua vez, tornam-se vítimas do caçador.

Interrompi minha narrativa com esta descrição da caça de pássaros e de outros esportes, para que essas histórias inofensivas pudessem desviá-lo do horror que você deve ter sentido ao ler a história de tantos crimes. Eu ainda gostaria de falar com você sobre uma nova teoria da corrente que impulsiona as águas do golfo de Paria para o oeste; e também do sistema de mineração de ouro em Darien. Estes são detalhes que recentemente me foram fornecidos. Após este duplo relatório, que não será de forma alguma trágico, despeço-me de Vossa Santidade.

O capitão Andreas Morales e Oviedo, que mencionei acima, vieram me visitar em Madri, ou para ser mais preciso, em Mântua Carpetana; e na minha presença eles tiveram uma discussão sobre o assunto desta corrente. Eles concordam que as possessões espanholas se estendem sem interrupção para as terras do norte atrás de Cuba e das outras ilhas, e ao noroeste de Hispaniola e Cuba; mas eles não têm a mesma opinião sobre a corrente. Andreas afirma que a força dessas águas é quebrada pelo grande corpo de terra que se acredita ser um continente e que, como dissemos, se curva para o norte,

de tal maneira que, quebrando esses obstáculos, as águas giram em círculo e se dirigem para as costas do norte de Cuba e para as outras

terras situadas fora do Trópico de Câncer. Assim, estas águas, que brotam de estreitos estreitos, absorvem-se, por assim dizer, na imensidão do oceano, e a sua força diminui à medida que se espalham por espaços imensos onde acabam por desaparecer. Eu poderia comparar essa corrente aos redemoinhos de água em uma corrida de moinho. A água que flui, não importa quão rapidamente, através de um canal estreito, e depois caindo em um lago, imediatamente se espalha; o volume está quebrado e, embora um instante antes fluísse desenfreadamente e parecesse capaz de varrer todos os obstáculos, ele se acalmou. Mesmo a direção da corrente não é mais perceptível. Uma vez interroguei o almirante Diego Colombo, filho e herdeiro do descobridor, que havia cruzado estes mares, indo e vindo, quatro vezes. Quando questionado sobre sua opinião, ele respondeu: "É difícil voltar como se foi; mas ao navegar para o norte em mar aberto para retornar à Espanha, o movimento nas águas que dirigem para o leste é muito perceptível. Acho que isso provavelmente se deve à influência comum de fluxo e refluxo, e não deve ser atribuído a esses redemoinhos das águas. O continente é aberto e deve existir entre os dois corpos um estreito através do qual essas águas turbulentas escapam para o oeste. Em obediência a um decreto do Céu, eles circulam por todo o universo."

Oviedo concorda com Andreas em pensar que o continente está fechado, mas não acredita que esta massa ocidental do continente rompa a corrente, empurrando-a para o vasto oceano. Ele também afirma que observou cuidadosamente que a corrente que corre para o oeste nasce no mar aberto; ao seguir ao longo da costa em pequenos navios, é a corrente que corre para o leste que é atingida, de modo que se pode ser transportado em duas direções opostas no mesmo local. Este é um fenômeno que pode ser observado com frequência em rios, onde a conformação das margens dá origem a redemoinhos. Se palhas ou pedaços de madeira são jogados no rio em tal lugar, aqueles que caem no meio são levados pela corrente; pelo contrário, aqueles que caem em alguma curva ao longo da costa ou em uma margem inclinada, sobem a corrente até que novamente flutuem para o meio do rio.

Tais são suas opiniões, e as repito, embora estejam em contradição. Não formaremos nenhuma opinião bem fundamentada até que a verdadeira causa desse fenômeno tenha sido verificada. Enquanto isso, só é possível expor essas diferentes teorias, até que chegue o dia marcado e o momento astronômico para a descoberta desse segredo da Natureza. Mas chega de falar dessas correntes pelágicas.

Mais algumas palavras sobre as minas de ouro em Darien e teremos cumprido nossa tarefa.

Dissemos que a nove milhas de Darien começam as colinas e planícies contendo depósitos de ouro, seja na terra ou no leito ou nas margens dos rios. Quem foi mordido pela febre do ouro costuma fazer o seguinte: os diretores lhe distribuem um terreno de doze passos quadrados, que ele pode escolher como quiser, desde que não se trate de terrenos já ocupados ou abandonados. por seus companheiros. Depois de fazer sua escolha, ele se instala naquele local com seus escravos, como se estivesse dentro de um templo, cujos limites os áugures traçaram com seus bastões sagrados. Os cristãos usam mão de obra nativa tanto nas minas quanto na agricultura. Este lote de terreno pode ser mantido enquanto o ocupante desejar; e caso nenhum ouro, ou muito pouco, seja encontrado lá, um pedido de um novo quadrado de

dimensões semelhantes são apresentadas, e a parcela de terreno abandonado reverte para a propriedade comum. Esta é a ordem seguida pelos colonos de Darien que estão engajados na busca de ouro. Acho que é o mesmo para os outros, mas não questionei todos eles. Às vezes, tal parcela de doze passos quadrados rendeu ao seu possuidor a soma de oitenta castelhanos. Tal é a vida que as pessoas levam para satisfazer a sagrada fome de ouro; [10] mas quanto mais rico se torna com esse trabalho, mais se deseja possuir. Quanto mais lenha é jogada no fogo, mais ela estala e se espalha. O sofredor de hidropisia, que pensa em saciar sua sede bebendo, apenas a excita ainda mais. Omiti muitos detalhes aos quais posso voltar mais tarde se souber que eles agradam a Vossa Santidade, encarregado do peso das questões religiosas e sentado no cume das honras a que os homens podem aspirar. Não é para meu prazer pessoal que coletei esses fatos, pois apenas o desejo de agradar a Vossa Beatitude me induziu a empreender este trabalho.

[Nota 10: _Sic vivitur in sacra fama auri explenda_.]

Que a Providência, que vela por este mundo, conceda a Vossa Santidade muitos anos felizes.

FIM DO VOL. EU.

COISA com eBooks de domínio público. A redistribuição está sujeita à licença de marca registrada, especialmente a redistribuição comercial.

*** INÍCIO: LICENÇA COMPLETA ***

A LICENÇA COMPLETA DO PROJETO GUTENBERG
POR FAVOR, LEIA ISSO ANTES DE DISTRIBUIR OU USAR ESTE TRABALHO

Para proteger a missão do Project Gutenberg-tm de promover a distribuição gratuita de trabalhos eletrônicos, usando ou distribuindo este trabalho (ou qualquer outro trabalho associado de alguma forma com a frase "Project Gutenberg"), você concorda em cumprir todos os termos da Licença Full Project Gutenberg-tm (disponível com este arquivo ou online em http://gutenberg.net/license).

Seção 1. Termos Gerais de Uso e Redistribuição de obras eletrônicas do Project Gutenberg-tm

1.A. Ao ler ou usar qualquer parte deste trabalho eletrônico do Project Gutenberg-tm, você indica que leu, entendeu, concordou e aceitou todos os termos desta licença e contrato de propriedade intelectual (marca registrada/direitos autorais). Se você não concordar em cumprir todos os termos deste contrato, deverá interromper o uso e devolver ou destruir todas as cópias dos trabalhos eletrônicos do Project Gutenberg-tm em sua posse. Se você pagou uma taxa para obter uma cópia ou acesso a um trabalho eletrônico do Project Gutenberg-tm e não concorda em ficar vinculado aos termos deste contrato, poderá obter um reembolso da pessoa ou entidade a quem pagou o taxa conforme estabelecido no parágrafo 1.E.8.

1.B. "Projeto Gutenberg" é uma marca registrada. Ele só pode ser usado ou associado de alguma forma a um trabalho eletrônico por pessoas que concordam em cumprir os termos deste contrato. Existem algumas coisas que você pode fazer com a maioria das obras eletrônicas do Project Gutenberg-tm, mesmo sem cumprir todos os termos deste contrato. Consulte o parágrafo 1.C abaixo. Há muitas coisas que você pode fazer com as obras eletrônicas do Project Gutenberg-tm se seguir os termos deste contrato e ajudar a preservar o acesso gratuito futuro às obras eletrônicas do Project Gutenberg-tm. Consulte o parágrafo 1.E abaixo.

1.C. A Fundação do Arquivo Literário do Projeto Gutenberg ("a Fundação" ou PGLAF) detém direitos autorais de compilação na coleção de obras eletrônicas do Projeto Gutenberg-tm. Quase todas as obras individuais da coleção estão em domínio público nos Estados Unidos. Se um trabalho individual estiver em domínio público nos Estados Unidos e você estiver localizado nos Estados Unidos, não reivindicamos o direito de impedi-lo de copiar, distribuir, executar, exibir ou criar trabalhos derivados com base no trabalho, desde que todas as referências ao Projeto Gutenberg são removidas. Claro, esperamos que você apoie a missão do Project Gutenberg-tm de promover o livre acesso a trabalhos eletrônicos, compartilhando livremente os trabalhos do Project Gutenberg-tm em conformidade com os termos deste acordo para manter o nome do Project Gutenberg-tm associado ao trabalho . Você pode facilmente cumprir os termos deste contrato mantendo este trabalho no mesmo formato com sua licença completa do Project Gutenberg-tm em anexo quando você o compartilha sem custos com outros.

você fornecer acesso ou distribuir cópias de um trabalho do Project Gutenberg-tm em um formato diferente de "Plain Vanilla ASCII" ou outro formato usado na versão oficial publicada no site oficial do Project Gutenberg-tm (www.gutenberg. net), você deve, sem nenhum custo adicional, taxa ou despesa para o usuário, fornecer uma cópia, um meio de exportar uma cópia ou um meio de obter uma cópia mediante solicitação da obra em seu original "Plain Vanilla ASCII" ou outra forma. Qualquer formato alternativo deve incluir a licença completa do Project Gutenberg-tm conforme especificado no parágrafo 1.E.1.

1.E.7. Não cobre uma taxa pelo acesso, visualização, exibição, execução, cópia ou distribuição de qualquer obra do Project Gutenberg-tm, a menos que você cumpra o parágrafo 1.E.8 ou 1.E.9.

1.E.8. Você pode cobrar uma taxa razoável por cópias ou fornecer acesso ou distribuir obras eletrônicas do Project Gutenberg-tm desde que

- Você paga uma taxa de royalties de 20% dos lucros brutos obtidos com o uso das obras do Project Gutenberg-tm calculadas usando o método que você já usa para calcular seus impostos aplicáveis. A taxa é devida ao proprietário da marca registrada Project Gutenberg-tm, mas ele concordou em doar os royalties sob este parágrafo para a Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Os pagamentos de royalties devem ser pagos no prazo de 60 dias após cada data em que você prepara (ou é legalmente obrigado a preparar) suas declarações fiscais periódicas. Os pagamentos de royalties devem ser claramente marcados como tal e enviados para a Fundação do Arquivo Literário do Projeto Gutenberg no endereço especificado na Seção 4, "Informações sobre doações para a Fundação do Arquivo Literário do Projeto Gutenberg."

- Você fornece um reembolso total de qualquer dinheiro pago por um usuário que o notificar por escrito (ou por e-mail) dentro de 30 dias após o recebimento de que ele/ela não concorda com os termos da licença completa do Project Gutenberg-tm. Você deve exigir que tal usuário devolva ou destrua todas as cópias das obras possuídas em um meio físico e interrompa todo o uso e acesso a outras cópias das obras do Project Gutenberg-tm.

- Você fornece, de acordo com o parágrafo 1.F.3, um reembolso total de qualquer dinheiro pago por um trabalho ou uma cópia de substituição, se um defeito no trabalho eletrônico for descoberto e relatado a você dentro de 90 dias após o recebimento do trabalho.

- Você cumpre todos os outros termos deste acordo para distribuição gratuita das obras do Project Gutenberg-tm.

1.E.9. Se desejar cobrar uma taxa ou distribuir um trabalho eletrônico do Project Gutenberg-tm ou um grupo de trabalhos em termos diferentes dos estabelecidos neste contrato, você deve obter permissão por escrito da Project Gutenberg Literary Archive Foundation e de Michael Hart, o proprietário da marca registrada Project Gutenberg-tm. Entre em contato com a Fundação conforme estabelecido na Seção 3 abaixo.

1.F.

1.F.1. Os voluntários e funcionários do Project Gutenberg despendem
esforços consideráveis para identificar, fazer pesquisa de direitos
autorais, transcrever e revisar obras de domínio público na criação da
coleção do Project Gutenberg-tm. Apesar desses esforços, as obras
eletrônicas do Project Gutenberg-tm e o meio em que podem ser
armazenadas podem conter "Defeitos", como, mas não limitado a, dados
incompletos, imprecisos ou corrompidos, erros de transcrição, direitos
autorais ou outros direitos intelectuais violação de propriedade, um disco
ou outro meio defeituoso ou danificado, um vírus de computador ou
códigos de computador que danifiquem ou não possam ser lidos por seu
equipamento.

1.F.2. GARANTIA LIMITADA, ISENÇÃO DE DANOS - Exceto pelo "Direito de
Substituição ou Reembolso" descrito no parágrafo 1.F.3, a Project Gutenberg
Literary Archive Foundation, proprietária do Projeto
A marca registrada Gutenberg-tm e qualquer outra parte que distribua
um trabalho eletrônico do Project Gutenberg-tm sob este contrato,
isentam-se de todas
responsabilidade perante você por danos, custos e despesas, incluindo
tarifas. VOCÊ CONCORDA QUE NÃO TEM RECURSOS PARA NEGLIGÊNCIA,
RESPONSABILIDADE ESTRITA, QUEBRA DE GARANTIA OU QUEBRA DE CONTRATO,
EXCETO AQUELES
PREVISTO NO PARÁGRAFO F3. VOCÊ CONCORDA QUE A FUNDAÇÃO, O
O PROPRIETÁRIO DA MARCA E QUALQUER DISTRIBUIDOR SOB ESTE CONTRATO NÃO
SERÃO
RESPONSÁVEL PERANTE VOCÊ POR REAIS, DIRETOS, INDIRETOS, CONSEQUENCIAIS,
PUNITIVOS OU
DANOS INCIDENTAIS MESMO SE VOCÊ AVISAR DA POSSIBILIDADE DE TAIS DANOS.

1.F.3. DIREITO LIMITADO DE SUBSTITUIÇÃO OU REEMBOLSO - Se você descobrir um
defeito neste trabalho eletrônico no prazo de 90 dias após recebê-lo, você
pode receber um reembolso do dinheiro (se houver) que você pagou
enviando uma explicação por escrito para a pessoa de quem você
recebeu o trabalho. Se você recebeu o trabalho em meio físico, deverá
devolver o meio com sua explicação por escrito. A pessoa ou entidade
que lhe forneceu o trabalho defeituoso pode optar por fornecer uma cópia
de substituição em vez de um reembolso. Se você recebeu o trabalho
eletronicamente, a pessoa ou entidade que o forneceu pode optar por lhe
dar uma segunda oportunidade de receber o trabalho eletronicamente em
vez de um reembolso. Se a segunda cópia também estiver com defeito,
você pode exigir um reembolso por escrito sem mais oportunidades de
corrigir o problema.

1.F.4. Exceto pelo direito limitado de substituição ou reembolso
estabelecido
no parágrafo 1.F.3, este trabalho é fornecido a você 'COMO ESTÁ' SEM OUTRO
GARANTIAS DE QUALQUER TIPO, EXPRESSAS OU IMPLÍCITAS, INCLUINDO, SEM
LIMITAÇÃO, GARANTIAS DE COMERCIALIZAÇÃO OU ADEQUAÇÃO PARA QUALQUER
FINALIDADE.

1.F.5. Alguns estados não permitem isenções de certas garantias
implícitas ou a exclusão ou limitação de certos tipos de danos. Se
qualquer isenção de responsabilidade ou limitação estabelecida
neste contrato violar a lei do estado aplicável a este contrato, o
contrato deverá ser interpretado de modo a incluir a isenção de
responsabilidade ou limitação máxima permitida pela lei estadual
aplicável. A invalidade ou inexequibilidade de qualquer disposição
deste contrato não anulará as demais disposições.

Seção 4. Informações sobre doações para a Fundação de Arquivo Literário do Projeto Gutenberg

O Project Gutenberg-tm depende e não pode sobreviver sem amplo apoio público e doações para realizar sua missão de aumentar o número de obras de domínio público e licenciadas que podem ser distribuídas gratuitamente em formato legível por máquina acessível pela mais ampla gama de equipamentos, incluindo equipamentos desatualizados . Muitas pequenas doações (US$ 1 a US$ 5.000) são particularmente importantes para manter o status de isenção de impostos junto ao IRS.

A Fundação está empenhada em cumprir as leis que regulam instituições de caridade e doações de caridade em todos os 50 estados dos Estados Unidos. Os requisitos de conformidade não são uniformes e é preciso um esforço considerável, muita papelada e muitas taxas para atender e acompanhar esses requisitos. Não solicitamos doações em locais onde não recebemos confirmação por escrito de conformidade. Para ENVIAR DOAÇÕES ou determinar o status de conformidade para qualquer estado específico, visite http://pglaf.org

Embora não possamos e não solicitemos contribuições de estados onde não cumprimos os requisitos de solicitação, não conhecemos nenhuma proibição de aceitar doações não solicitadas de doadores nesses estados que nos abordam com ofertas de doação.

Doações internacionais são aceitas com gratidão, mas não podemos fazer declarações sobre o tratamento tributário de doações recebidas de fora dos Estados Unidos. Somente as leis dos EUA inundam nossa pequena equipe.

Por favor, verifique as páginas da Web do Project Gutenberg para métodos e endereços de doação atuais. As doações são aceitas de várias outras formas, incluindo cheques, pagamentos online e doações com cartão de crédito. Para doar, visite: http://pglaf.org/donate

Seção 5. Informações gerais sobre obras eletrônicas do Project Gutenberg-tm.

O professor Michael S. Hart é o criador do conceito do Projeto Gutenberg-tm de uma biblioteca de obras eletrônicas que podem ser compartilhadas livremente com qualquer pessoa. Por trinta anos, ele produziu e distribuiu eBooks do Projeto Gutenberg-tm com apenas uma rede frouxa de apoio voluntário.

Os eBooks do Project Gutenberg-tm são geralmente criados a partir de várias edições impressas, todas confirmadas como Domínio Público nos EUA, a menos que um aviso de direitos autorais seja incluído. Portanto, não mantemos necessariamente os eBooks em conformidade com qualquer edição em papel específica.

Cada eBook está em um subdiretório com o mesmo número que o número do eBook do eBook, geralmente em vários formatos, incluindo ASCII simples, compactado (zipado), HTML e outros.

EDIÇÕES corrigidas de nossos eBooks substituem o arquivo antigo e assumem o nome do arquivo antigo e o número do etext. O antigo arquivo substituído está renomeado. VERSÕES baseadas em fontes separadas são

tratadas como novos eBooks recebendo novos nomes de arquivo e
números de texto eletrônico.

A maioria das pessoas começa em nosso site da Web, que possui o

recurso de pesquisa principal do PG: http://www.gutenberg.net

Este site da Web inclui informações sobre o Project Gutenberg-tm,
incluindo como fazer doações para a Project Gutenberg Literary
Archive Foundation, como ajudar a produzir nossos novos eBooks e
como assinar nosso boletim informativo por e-mail para saber sobre
novos eBooks.

EBooks postados antes de novembro de 2003, com números de eBook ABAIXO de #10000,
são arquivados em diretórios com base na data de lançamento. Se
você deseja baixar qualquer um desses eBooks diretamente, em vez
de usar o sistema de pesquisa regular, pode utilizar os seguintes
endereços e fazer o download apenas pelo ano do etext.

http://www.gutenberg.net/etext06

(Ou /etext 05, 04, 03, 02, 01, 00, 99,
98, 97, 96, 95, 94, 93, 92, 92, 91 ou 90)

EBooks postados desde novembro de 2003, com números de texto eletrônico
ACIMA de #10000, são arquivados de maneira diferente. O ano de uma data
de lançamento não faz mais parte do caminho do diretório. O caminho é
baseado no número do etext (que é idêntico ao nome do arquivo). O caminho
para o arquivo é composto de um único

dígitos correspondentes a todos, exceto o último dígito no nome do
arquivo. Por exemplo, um eBook com o nome de arquivo 10234 seria
encontrado em:

http://www.gutenberg.net/1/0/2/3/10234

ou o nome de arquivo 24689 seria encontrado em:
http://www.gutenberg.net/2/4/6/8/24689

Um método alternativo de localização de eBooks:
http://www.gutenberg.net/GUTINDEX.ALL